

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E SISTEMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

***A ATITUDE HOLÍSTICA DO TRABALHADOR NO AMBIENTE
DE TRABALHO E SUA QUALIDADE DE VIDA***

ADOLFO KUHN PFEIFER

FLORIANÓPOLIS

2003

ADOLFO KUHN PFEIFER

***A ATITUDE HOLÍSTICA DO TRABALHADOR NO AMBIENTE
DE TRABALHO E SUA QUALIDADE DE VIDA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientadora: Profa. ZULEICA MARIA PATRÍCIO, Dra.

FLORIANÓPOLIS

2003

ADOLFO KUHN PFEIFER

**A ATITUDE HOLÍSTICA DO TRABALHADOR NO AMBIENTE DE TRABALHO
E SUA QUALIDADE DE VIDA**

Esta dissertação foi julgada aprovada para a obtenção de título de **Mestre em Engenharia de Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção** da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 27 de março de 2003

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.
Coordenador do Curso

BANCA EXAMINADORA

Profa. Zuleica Maria Patrício, Dra.
Orientadora

Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.

Profa. Maria Terezinha Angeloni, Dra.

Prof. Selvino José Assmann, Dr.

Dedicatória

**Ao amigo Ricardo Lindemann,
atual presidente da Sociedade Teosófica no Brasil,
pelo incentivo nas primeiras leituras sobre filosofia esotérica
e à amiga Zuleica Patrício, orientadora holística-ecológica, pela
especial atenção e cuidado ao longo desse anos de estudo.**

Agradecimentos

À minha mãe Lourdes, pelas inúmeras oportunidades e pelo apoio sempre presentes.

À minha esposa Marina e meus filhos Ricardo e André pelo apoio afetivo.

À empresa SERPRO, em que atuo, e aos meus colegas de Florianópolis e do Brasil, pelo apoio que possibilitou a flexibilização necessária à execução deste trabalho. Em especial, à amiga e gerente Sarah, grande incentivadora do crescimento profissional dos colegas.

Aos colegas idealistas da qualidade das organizações públicas em Santa Catarina - CGU, Correios, DRT, Eletrosul, Celesc, Polícia Federal, Tribunal de Justiça, Casan, entre outras - que oportunizaram diversos momentos de troca de idéias.

Ao amigo e presidente da Sociedade Teosófica no Brasil, Ricardo Lindemann, por colocar-me em contato e orientar as primeiras leituras sobre a Tradição-Sabedoria, e aos amigos do Grupo de Estudo de Florianópolis, pela inspiração sempre presente em nossos encontros.

Aos colegas e amigos do Núcleo de Estudos TRANSCRIAR da UFSC, pelas inúmeras idéias, incentivos e apoios recebidos ao longo de 2 anos de convivência.

Aos professores e colegas, novos amigos, da Pós-Graduação em Engenharia de Produção, pelos conhecimentos, experiências, idéias e momentos agradáveis que passamos juntos.

Ao pioneirismo das instituições Ethos, Amana-Key e Unipaz no esforço de promover uma visão mais solidária no mundo organizacional, na sociedade e para com o meio-ambiente.

Aos maravilhosos trabalhadores com atitude holística, participantes deste estudo, conscientes de sua atuação, e que mais uma contribuição deram para o bem da humanidade.

Aos amigos da família que sempre se fizeram presentes nos momentos mais difíceis.

À maravilhosa Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, cidade do meu coração, onde as transformações significativas se tornam possíveis.

Aos grandes mestres pelos inúmeros momentos intuitivos.

À minha orientadora e amiga Zuleica, pelo idealismo, pela orientação persistente, pelo rigor científico, pela atenção carinhosa, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

“Eu fiz apenas um ramalhete de flores escolhidas, e nele nada existe de meu a não ser o laço que as prende.”
Montaigne

SUMÁRIO

RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1.1. Problematização	10
1.2. Gênese do Tema	22
1.3. Objetivos e Finalidades da Pesquisa	24
1.4. Estrutura do Trabalho	25
2 MARCO TEÓRICO: A Visão Holística no Ambiente de Trabalho e a Qualidade de Vida do Trabalhador	27
2.1. A Visão Holística	27
2.2. Ambiente de Trabalho e a Qualidade de Vida do Trabalhador	49
3 MÉTODO	61
3.1. Pressupostos do Estudo	61
3.2. Escolha da Abordagem do Estudo	62
3.3. Etapas da Pesquisa	68
3.3.1. Entrando no campo: do projeto a entrevista-piloto	68
3.3.2. Ficando no campo: os encontros, o registro e a análise dos dados	73
3.3.3. Saindo do campo: a discussão e a devolução dos dados	82
4 DESCRIÇÃO DA REALIDADE ENCONTRADA: a atitude holística no ambiente de trabalho	85
4.1. O que é Atitude Holística?	95
4.2. A Atitude Holística no Ambiente de Trabalho	123
5 DISCUSSÃO DOS DADOS: dando significado à percepção dos outros e a repercussão na qualidade de vida como um todo	138
6 REFLEXÕES FINAIS: síntese e sugestões	160
REFERÊNCIAS	176
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	181
APÊNDICES	183

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender a repercussão da atitude holística, desenvolvida pelo trabalhador no ambiente de trabalho, na sua qualidade de vida. Participaram dessa pesquisa sete trabalhadores residentes em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. A pesquisa foi desenvolvida com a abordagem qualitativa – permitindo a flexibilidade, a abertura e a profundidade requeridas para o tema – por meio de entrevistas com pessoas que desenvolvem atitudes holísticas no ambiente de trabalho. O estudo foi embasado no Referencial Holístico-Ecológico que sustenta uma visão de qualidade de vida construída a partir do processo das interações humanas no cotidiano, integrando prática e teoria, ciência e senso comum, visando a diversidade e a complexidade das relações individuais e coletivas, sob uma perspectiva inter e transdisciplinar. A pesquisa identificou o conceito de atitude holística na literatura e nas percepções dos sujeitos, bem como a origem desta construção no seu cotidiano. Também identificou atitudes holísticas desenvolvidas pelos trabalhadores participantes do estudo no seu ambiente de trabalho. Os dados mostraram como a atitude holística é desenvolvida nas relações pessoais e profissionais e qual a repercussão na qualidade de vida dos participantes. O processo de análise-reflexão-síntese dos dados possibilitou, após vários movimentos, a emergência de um grande tema sintetizando as diversas categorias que emergiram das falas dos sujeitos: as possibilidades de fraternidade no individual-coletivo pela interação holística – espiritual, comunitária e ecológica - no cotidiano do ambiente de trabalho, microcosmo organizacional, e com todos os outros seres vivos do macrocosmo planetário.

Palavras-chave: Atitude Holística; Ambiente de Trabalho; Qualidade de Vida do Trabalhador

ABSTRACT

This work had as objective to understand the repercussion of the holistic attitude, developed for the worker in the work environment, in its quality of life. They had participated of this research seven diligent resident in Florianópolis, capital of the state of Santa Catarina. The research was developed with the qualitative boarding - allowing the required flexibility, opening and the depth for the subject - by means of interviews with people who develop holistic attitudes in the work environment. The study it was based in the Holistic-Ecological Reference that a vision of quality of life constructed from the process of the interactions supports human beings in the daily one, integrating practical and theory, science and common sense, aiming at the diversity and the complexity of the individual and collective relations, under a perspective inter and transdisciplinary. The research identified the concept of holistic attitude in the literature and the perceptions of the workers, as well as the origin of this construction in its daily one. Also it identified holistic attitudes developed by the participant workers of the study in its environment of work. The participants had told as the holistic boarding is developed in its personal and professional relations and which the repercussion in its quality of life. The process of analysis-reflection-synthesis of the data made possible, after some movements, the emergency of a great subject synthecizing the diverse categories that had emerged of say them of the workers: the fraternity possibilities of the individual-collective one for the holistic interaction - spiritual, communitarian and ecological - in the daily one of the environment of work, organizacional microcosm, and with all the other beings livings creature of macrocosmo planetary.

Key-words: Holistic Attitude; Environment of Work; Quality of Life of the Worker

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 Problematização

Weil (2000, p.174), afirma que a nossa época está dominada por um fato essencial, **a fragmentação**: “em todos os domínios, a mente tem traçado fronteiras, movida em última instância pela visão de um mundo dividido em blocos compactos e independentes”.

Essa visão, segundo o autor, reforça a existência de um eu e de um mundo exterior sólidos, assim como a de uma relação objetiva. É dessa divisão que emanam os principais fatores psicológicos geradores de estresse, responsável pela maioria das doenças psicossomáticas. Todas as nossas reações destrutivas, tais como a raiva e a agressão, o ciúme e a inveja, o orgulho paranóico, o apego e a possessividade, o medo e a angústia, a tristeza e a depressão, são males que afetam a maior parte da humanidade, e que tem suas raízes numa fantasia: a fantasia da separatividade.

Para Weil (2000), a fragmentação do conhecimento atinge a economia, a sociologia e a axiologia, isto é, o sistema de valores. O desvinculamento quase total da economia e da psicologia tem resultados lamentáveis sobre o conceito de trabalho humano e o tipo de atividade profissional imposto à maioria da população do mundo.

Aprofundando a discussão, o autor afirma que o ser humano, na sua mente, se separa do Universo e, por conseqüência, ela também o separa da sociedade e da natureza, se esquecendo que o planeta, a sociedade e o indivíduo são indissociáveis. Extrapolando ainda, a consciência individual se acha separada da consciência universal. E, dentro dele mesmo, a sua mente (informações), se separa das emoções (vida) e do corpo (matéria).

Então começa o processo de destruição da ecologia pessoal: a fragmentação atinge a pessoa como ser - razão, intuição, sentimento, sensação. Na mente do ser humano, a fantasia da separatividade gera um paradigma de fragmentação e reducionismo. Porque se acha separado de tudo, ele gera emoções destrutivas no plano da vida, como o apego e a possessividade de coisas, pessoas e idéias que lhe dão prazer. E, em contrapartida, surgem o orgulho, a raiva, o ódio, o ciúme, o medo e a

indiferença.

Por causa dessas emoções destrutivas, surge o estresse que destrói o equilíbrio do corpo, provocando respiração inadequada, tensões, carências, fome, sofrimento físico e doenças.

Porque o ser humano se acha separado da sociedade, ele criou uma cultura fragmentada onde: os consensos são dualistas; existe uma fragmentação multidisciplinar; ocorre o desaparecimento dos valores éticos e, por outro lado, prevalecem os valores de segurança, prazer e poder, com as conseqüentes leis destrutivas.

Essa mesma separatividade da sociedade criou uma vida social e política violenta com: competições; lutas pelo poder; desemprego e exclusão; corrupção; delinqüência infanto-juvenil; guerra e fanatismos ideológicos.

Criou também, na sociedade, condições econômicas de exploração e miséria como: o consumo insustentável; ricos e pobres; fome; mortalidade infantil; desnível Norte e Sul; aumento dos orçamentos militares e a superprodução de armamentos.

A fragmentação da pessoa se projeta no conhecimento: ciência e religião; filosofia e arte; razão e intuição. E a própria ciência se fragmenta também: a física da matéria; a biologia da vida; a informática e a informação.

Toda essa desarmonia social, por sua vez, reforça o sofrimento do indivíduo. A sociedade possessiva de exploração do ser humano pelo ser humano, estende a sua separatividade na exploração desenfreada da natureza. O ser humano intervém na noosfera com: a programação nuclear e a programação genética; destruindo os ecossistemas e ameaçando a vida no planeta. Na biosfera, com: a desagregação da biodiversidade; os agrotóxicos e os desflorestamentos; a extinção de espécies animais e vegetais; a explosão demográfica e a esterilização do ser humano. Essa intervenção se estende à geosfera, pela poluição dos elementos da matéria - ar, água e terra - como, por exemplo, com os incêndios florestais, resultando em mudanças climáticas, como o efeito estufa, o degelo da calota polar, a redução da camada de ozônio e, ainda, pelo perigo nuclear.

O desequilíbrio da ecologia da natureza ameaça, por sua vez, o equilíbrio do ser humano. E assim está montado o círculo vicioso auto-reforçador da autodestruição do

ser humano e da vida planetária (WEIL, 2000).

Seguindo esse reflexão, Capra (1989, p.20) relata que as últimas duas décadas vêm registrando um estado de profunda **crise mundial**: “é uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida - a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais”.

Segundo o autor, o ecossistema global e a futura evolução da vida na Terra estão correndo sério perigo e podem muito bem resultar num desastre ecológico em grande escala. Além da poluição atmosférica, nossa saúde também é ameaçada pela água e pelos alimentos, uma e outros contaminados por uma grande variedade de produtos químicos tóxicos.

A deterioração de nosso meio ambiente natural tem sido acompanhada de um correspondente aumento nos problemas de saúde dos indivíduos. Enquanto as doenças nutricionais e infecciosas são as maiores responsáveis pela morte no Terceiro Mundo, os países industrializados são flagelados pelas doenças crônicas e degenerativas apropriadamente chamadas "doenças da civilização", sobretudo as enfermidades cardíacas, o câncer e o derrame. Quanto ao aspecto psicológico, a depressão grave, a esquizofrenia e outros distúrbios de comportamento parecem brotar de uma deterioração paralela de nosso meio ambiente social. Existem numerosos sinais de desintegração social, incluindo o recrudescimento de crimes violentos, acidentes e suicídios; o aumento do alcoolismo e do consumo de drogas; e um número crescente de crianças com deficiência de aprendizagem e distúrbios de comportamento (op. cit.).

A par dessas patologias sociais, continua o autor, temos presenciado anomalias econômicas que parecem confundir nossos principais economistas e políticos. Inflação elevada, desemprego maciço e uma distribuição grosseiramente desigual da renda e da riqueza passaram a ser características estruturais da maioria das economias nacionais. Um sinal do nosso tempo é o fato de as pessoas que se têm como especialistas em vários campos já não estarem capacitadas a lidar com os problemas urgentes que surgem em suas respectivas áreas de especialização: a inflação e o desemprego, as causas do câncer, a esquizofrenia, a criminalidade crescente, e outros tantos.

As teorias econômicas de hoje perpetuam configurações passadas de poder e

distribuição desigual de riqueza, no seio de economias nacionais e entre os países desenvolvidos e o 'terceiro mundo'. As companhias gigantescas dominam as cenas nacionais e a global. Seu poderio econômico e político impregna virtualmente todas as facetas da vida pública. Muitas dessas companhias são agora instituições obsoletas que geram tecnologias poluidoras e socialmente desintegradoras (op.cit.).

Para Capra, nossa sociedade tem favorecido sistematicamente o conhecimento racional sobre a sabedoria intuitiva, a ciência sobre a religião, a competição sobre a cooperação, a exploração de recursos naturais em vez da conservação. Essa ênfase, sustentada pelo sistema patriarcal e encorajada pelo predomínio da cultura sensualista durante os três últimos séculos, acarretou um profundo desequilíbrio cultural que está na própria raiz de nossa atual crise - um desequilíbrio em nossos pensamentos e sentimentos, em nossos valores e atitudes e em nossas estruturas sociais e políticas. Ela ameaça a saúde dos indivíduos, da sociedade e dos ecossistemas de que somos parte integrante.

Uma pessoa que age exclusivamente segundo a maneira 'cartesiana' pode estar livre de sintomas manifestos, mas não pode ser considerada mentalmente saudável. Alguns indivíduos levam tipicamente uma vida egocêntrica, competitiva, orientada para determinadas metas. Excessivamente preocupados com seu passado e o futuro, estão propensos a ter uma consciência limitada do presente e, assim, uma capacidade limitada para se satisfazer com as atividades ordinárias da vida cotidiana. Concentram-se na manipulação do mundo externo e medem seu padrão de vida pela quantidade de bens materiais, ao passo que se tornam cada vez mais alienados de seu mundo interior e incapazes de apreciar o processo da vida. As pessoas cuja existência é dominada por esse tipo de experiência sentem-se invadidas por um sentimento de insignificância, futilidade e até de absurdo, que nenhum tipo de êxito externo consegue dissipar (op. cit.).

Os sintomas dessa loucura cultural preponderam em todas as nossas instituições acadêmicas, empresariais e políticas.

Em nossa civilização, segundo Capra, modificamos a tal ponto nosso meio ambiente durante essa evolução cultural que perdemos o contato com nossa base ecológica mais do que qualquer outra cultura e qualquer outra civilização no passado.

Essa separação manifesta-se numa flagrante disparidade entre o desenvolvimento do poder intelectual, o conhecimento científico e as qualificações tecnológicas, por um lado, e a sabedoria, a espiritualidade e a ética, por outro.

E a maior dificuldade está em que esses problemas são sistêmicos, o que significa que estão intimamente interligados e são interdependentes. Desse modo, não podem ser entendidos no âmbito da metodologia fragmentada que é característica de nossas disciplinas acadêmicas e de nossos organismos governamentais. Tal abordagem não resolverá nenhuma de nossas dificuldades, limitar-se-á a transferi-las de um lugar para outro na complexa rede de relações sociais e ecológicas. Uma solução só poderá ser implementada se a própria estrutura for mudada, o que envolverá transformações profundas em nossas instituições sociais, em nossos valores e idéias (op. cit.). Pois vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes.

Precisamos, pois, de **uma nova visão da realidade**, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. Os primórdios dessa mudança, da transferência da concepção 'mecanicista' para a '**holística**' da realidade, já são visíveis em todos os campos. Essa nova visão inclui a emergente visão sistêmica de vida, mente, consciência e evolução; a correspondente abordagem holística da saúde e da cura; a integração dos enfoques ocidental e oriental da psicologia e da psicoterapia; uma nova estrutura conceitual para a economia e a tecnologia; e uma perspectiva ecológica e feminista, que é espiritual em sua natureza essencial (op. cit.).

Uma tão profunda e completa mudança na mentalidade da cultura ocidental deve ser naturalmente acompanhada de uma igualmente profunda alteração nas relações sociais e formas de organização social. Segundo o autor nos relata, estamos testemunhando o começo de um grande **movimento de mudança**. Há uma preocupação crescente com a ecologia, expressa por movimentos de cidadãos que estão se organizando em torno de questões sociais e ambientais, apontando os limites para o crescimento, advogando uma nova ética ecológica e desenvolvendo apropriadas tecnologias 'brandas'. Ao mesmo tempo, observa-se o começo de uma significativa mudança de valores - passamos do consumo material à simplicidade voluntária, do crescimento econômico e tecnológico para o crescimento e o desenvolvimento

interiores. O antigo sistema de valores está sendo modificado pelo surgimento da consciência feminista que se originou no movimento das mulheres. Esses novos valores estão sendo promovidos pelo movimento do 'potencial humano', pelo movimento da 'saúde holística' e vários movimentos espirituais.

Os psicólogos humanistas concentraram-se nas necessidades não-materiais de auto-realização, altruísmo e relações interpessoais ditadas pelo amor. Assim fazendo, eles traçaram uma imagem diferente da natureza humana, que os psicólogos transpessoais ampliaram ao enfatizar o valor de uma compreensão direta, experimental, da unicidade com toda a família humana e com o cosmo em geral. Da mesma forma, o movimento holístico da saúde está assinalando o impacto do sistema materialista de valores sobre nosso bem-estar e pregando atitudes e hábitos de vida saudáveis, em conjunto com uma nova base conceitual e novos enfoques práticos de assistência à saúde.

Até agora, muitos desses movimentos vêm atuando separadamente e ainda não se deram conta de como seus objetivos se interrelacionam. É de se prever que, uma vez reconhecido o caráter comum de seus objetivos, todos eles passem a fluir juntos e formem uma poderosa força de **transformação social**.

Transformação social que perpassa a ciência, pois, conforme Morin (2000, p.9), descobrimos que a ciência não é científica, pois sua realidade é multidimensional. A ciência é histórica, sociológica e eticamente complexa. Contrariamente ao dogma clássico de separação, "as ciências avançadas do século passado reacenderam as questões filosóficas fundamentais (o que é o mundo? a natureza? a vida? o homem? a realidade?)" Esperamos que as transformações que começaram a contestar, e a transmutar, a concepção clássica de ciência vão continuar em verdadeira metamorfose.

Atualmente muitas organizações, nos países desenvolvidos do ocidente, nessa mesma linha de transformação social, preocupam-se com a responsabilidade das grandes empresas e com a influência que elas exercem sobre a política governamental. Estreitamente relacionadas com seus esforços estão as atividades de numerosas organizações que formam, em seu conjunto, o chamado movimento ecológico. Esses grupos divulgam notícias sobre proteção ambiental, lavoura orgânica, reciclagem de lixo e fornecem também assistência prática no desenvolvimento e na aplicação de

tecnologias brandas. Os movimentos civis e de consumidores são também as fontes de contra-economias nascentes, baseadas em estilos de vida descentralizados, cooperativos e ecologicamente harmoniosos, envolvendo o intercâmbio de qualificações profissionais e de bens e serviços produzidos em casa.

Nesses países, é cada vez maior o número de pessoas que estão tentando abandonar a economia monetarizada, trabalhando apenas algumas horas por semana a fim de ganhar um mínimo de dinheiro, e adotando modos de vida mais comunitários, recíprocos e cooperativos para satisfazer suas outras necessidades não-monetárias. Registra-se um interesse crescente por economias domésticas baseadas mais no valor de uso do que no valor de mercado, e um significativo aumento no número de pessoas que optaram pelo trabalho autônomo. No campo organizacional, desenvolveram-se os movimentos de participação dos trabalhadores e de autogestão.

Apesar da palavra holística parecer estranha, à primeira vista, nas últimas duas décadas, diversas **instituições brasileiras** surgiram buscando implantar essa abordagem, por meio do resgate da consciência dos administradores para uma atuação mais ética, ecológica e com responsabilidade social. Entre elas, podemos destacar o instituto Ethos (2002), com mais de 600 empresas associadas no Brasil, e que empregam aproximadamente 1 milhão de pessoas, cujo faturamento somado é de cerca de 28% do PIB¹ brasileiro. Em Santa Catarina, são 9 organizações associadas.

O Ethos, fundado em 1998 por iniciativa de um grupo de empresários, foi criado para ajudar os empresários a compreender e incorporar o conceito de responsabilidade social no cotidiano de sua gestão. Para esse instituto, a prática da responsabilidade social se caracteriza pela permanente preocupação com a qualidade ética das relações da empresa com seus colaboradores, clientes e fornecedores, com a comunidade, com o poder público e com o meio ambiente.

Dentro de uma filosofia de criação de redes, através de parcerias estratégicas para a difusão e conscientização do tema, o Ethos atua na mobilização do setor privado, com a produção de ferramentas para a gestão empresarial, produção de informação, pesquisa e indicadores na área da responsabilidade social empresarial em nível nacional e internacional, bem como na mobilização da sociedade em geral, com a

¹ Produto Interno Bruto

participação e promoção do diálogo com outros interlocutores - imprensa, entidades, associações, federações, ONG² - instituições de ensino e governo para identificar e ampliar potenciais linhas de ação.

Convergindo nesse mesmo caminho, também podemos mencionar a organização Amana-Key (2002). O propósito dessa organização, criada em 1980 e com núcleo em São Paulo, é servir como referência mundial em inovações em gestão que sejam capazes de gerar desenvolvimento genuíno de pessoas, organizações, comunidades e do todo maior.

Seus organizadores acreditam que os processos conscientes de gestão que harmonizam poder, sabedoria e amor com o que de melhor existe nas pessoas e organizações são os únicos meios para a criação de melhores condições para a vida no planeta. Suas atividades estimulam os líderes, em todas as áreas da atividade humana, a refletirem mais profundamente sobre tudo o que vivem. Sua experiência é que livres do jogo de ilusões dos modelos baseados em controle, luta por poder e competição predatória, as pessoas tendem naturalmente a usarem seus talentos, vocações e conhecimentos em novas formas de gestão, cada vez mais conscientes e éticas.

Desde 1993, cerca de 27 mil executivos de organizações públicas e privadas, de todo o país, já participaram dos cursos de gestão avançada, voltado para a alta liderança (5.500 participantes), e de gestão intermediária. Entre eles, administradores de empresas como Johnson&Johnson, Cia. Vale do Rio Doce, C&A, Imap, Serpro, TV Bahia, Banco Central, Banco do Brasil, Prefeitura de Curitiba, entre inúmeras outras.

Buscando o mesmo ideal, podemos citar a Unipaz – Universidade Holística da Paz (2002). Criada em Brasília em 1989, sob a coordenação de Weil e Crema, em continuidade à universidade holística, iniciada na França em 1970, por Thoenig, com apoio de Leloup, e que teve um importante papel na introdução da visão holística na Europa.

A Unipaz fomentou, nesses quinze anos de atividades, uma visão holística, buscando inspirar os diversos organismos dos três setores, com uma proposta transdisciplinar de conhecimento aplicado às diversas áreas do saber humano, a partir do enfoque de uma ecologia profunda. Hoje são quinze campus avançados com

² Organizações Não Governamentais

programas voltados para a paz e não-violência, através de uma ecologia pessoal (a paz consigo mesmo), uma ecologia social (a paz com o outro) e uma ecologia ambiental (a paz planetária).

A Unipaz já realizou várias parcerias com diferentes empresas públicas e privadas, ministrando o seminário 'a arte de viver em paz'³, entre elas, com a Petrobrás, a Telerj, os Correios, a Eletrobrás, a Capemi, o Senai e o Senac, a Escola Militar de Santa Maria/RS, a Secretaria de Justiça do DF, em presídios e em universidades (UFRN, FURG), entre outras. Em Santa Catarina, registram-se trabalhos realizados junto à UNESCO e empresas em Criciúma.

As empresas que procuram esse tipo de capacitação, para melhorar sua gestão, buscam incorporar o "trabalhar de modo solidário". De Masi (2000, p.241) aponta para a necessidade de retomar o caminho de uma economia social baseada na solidariedade e afirma que a lição que nos vem do chamado 'terceiro setor' pode ser "preciosa". Teríamos que pensar nas organizações pós-industriais como 'cérebros' de cérebros. Aprender a apreciar as virtudes como flexibilidade de deveres, possibilidade de intercâmbio de funções, primazia do sistema informativo e da criatividade, a colaboração, a solidariedade, a capacidade de operar de outros modos. Entender que as tecnologias hoje disponíveis permitem redesenhar a organização para adequá-la às nossas necessidades de amizade, jogo e convívio, em vez de obrigar-nos à atual competitividade agressiva com que milhões de pessoas disputam o poder, a posse e o dinheiro.

Segundo Druker (apud DE MASI, 2000), as organizações sem fins lucrativos ganham das que visam lucro no que toca às igualdades e oportunidades, à ética da responsabilidade partilhada, à cooperação, à motivação, à flexibilidade e à disponibilidade para mudança. Dessa relação resulta uma notável superioridade ética e produtiva das organizações 'non-profit' sobre aquelas que visam lucro. À medida que as organizações pós-industriais têm necessidade de colaboradores pensantes, flexíveis, inovadores, esse modelo exerce seu 'fascínio'.

Os **trabalhos acadêmicos**, buscando investigar essa nova realidade, recentemente começaram a evidenciar o uso do termo 'holismo' e "holística". Ao

³ Uma metodologia de educação para a paz, publicada em diferentes idiomas, com apoio da UNESCO.

realizarmos ‘buscas’ (*search*) em alguns dos ‘sítios’ (*sites*) da internet⁴, pudemos verificar que:

- na ProQuest/UMI Digital Dissertations (2002) - um dos maiores arquivos de trabalhos de mestrado e doutorado das mais conceituadas universidades no mundo, com mais de 1 milhão e 600 mil títulos - de 2000 até julho/2002, com os termos “holism” e “holistic”, como palavras-chave, já haviam sido registrados 263 trabalhos, entre dissertações e teses;
- no Brasil, no banco de teses da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2002), as palavras “holística” ou “holismo”, aparecem em 60 trabalhos, de 2000 à 2001 (ano mais atual disponível para consulta). São pesquisas na área da Saúde (enfermagem, saúde pública e coletiva, odontologia), do Meio Ambiente (agricultura, ciência ambiental, geologia, agronomia, geografia, eng. florestal), na Sociologia e na Educação, na Religião, em Tecnologia e Organizações (administração, engenharia, informática);
- na base de informações do Programa de Pós-Graduação da Engenharia de Produção da PPGEP – UFSC (2002), com teses e dissertações disponíveis desde 1970, aparecem 15 trabalhos com as palavras ‘holismo’ ou ‘holística’ como assunto ou título.

A abordagem holística, na maioria das teses pesquisadas, bem como proposto nas organizações anteriormente citadas, está voltada para formas de ação sobre os grupos ou pessoas, ou seja, a gestão, a educação, o cuidado em saúde, o ambiente. Em nenhuma delas encontramos, em seus títulos ou assuntos, os termos ‘atitude holística no trabalho’, bem como nenhuma relação dessa com a ‘qualidade de vida do trabalhador’.

Entre os estudos pesquisados, queremos destacar algumas **teses e dissertações que adotaram o referencial holístico-ecológico**, a partir da tese ‘a dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica’ de Patrício (1995), na linha de pesquisa qualidade de vida do trabalhador, realizadas por pesquisadores vinculados ao

⁴ Rede internacional de computadores

Núcleo de Estudos Participantes do Processo de Viver e Ser Saudável – TRANSCRIAR/UFSC, como:

- o processo de viver de trabalhadores dependentes químicos: um movimento de 'busca de ser feliz', de Haviaras (1999);
- a qualidade de vida de trabalhadores da construção civil numa perspectiva holístico-ecológica: vivendo necessidades no mundo trabalho-família, de Colombo (1999);
- o cotidiano de trabalho de trabalhadores de saúde de uma maternidade hospitalar e a sua qualidade de vida, de Faria (2001);
- satisfação com o trabalho: do desejo à realidade de ser médico, de Grossemann (2001);
- a dor nas costas e o processo de viver de trabalhadores da enfermagem na visão holístico-ecológica, de Duarte (2001);
- a qualidade de vida de trabalhadores brasileiros que participam de práticas externas de cidadania empresarial: possibilidade de transformações individuais e coletivas, de Gaspar (2001);
- a relação de práxis de comunidade orgânica nas organizações com a sua performance e a qualidade de vida de seus trabalhadores: um estudo de caso numa empresa de Santa Catarina, de Casagrande (2002).

São trabalhos que, com um 'olhar bioético', se propõem a um movimento de mudança de mentalidade para transformações pessoais e sociais, num exercitar, conforme Patrício (1999, p.14), que "privilegie a síntese, a cooperação e a cumplicidade entre as pessoas e as coisas, a sabedoria intuitiva, o imaginário, o poético, enfim, o intercâmbio entre vida e idéias", e que buscam nos impelir para uma ordem nova e mais elevada.

Especificamente falando, como estudantes e **pesquisadores em ergonomia, estamos interessados nos trabalhadores em si e na relação que esse ser humano, que incorporou a visão holística**, independente de sua organização ter uma gestão holística, **estabelece no seu ambiente de trabalho, consigo mesmo, com outros e com a natureza, bem como nas repercussões pessoais** daí advindas. Queremos investigar o que esse trabalhador tem para nos informar sobre as repercussões da

'atitude holística' situacionada no ambiente de trabalho.

Queremos investigar um **ambiente de trabalho**, que ao impor normas e tarefas que podem não fazer parte do sistema de valores desse ser humano, influencia esse trabalhador com atitude holística. Esse espaço onde o profissional desenvolve o seu trabalho e que vai além do geográfico, conforme Patrício (1995), sendo concebido também como sociocultural, afetivo, intelectual e espiritual, e onde se processam as interações. Ele costuma modificar nossas sensações, no sentido de provocar bem-estar ou mal-estar, mesmo quando não temos consciência desse processo. Podendo, esse ambiente de trabalho, ser limitador do desenvolvimento criativo ou recurso para o desenvolvimento das potencialidades desse trabalhador.

Queremos compreender os significados atribuídos por esses trabalhadores com relação a forma como entendem suas atitudes holísticas sendo percebidas por seus colegas de trabalho, seu gerente, pelas demais pessoas da organização em que atua, por seus clientes, pelos fornecedores, pela comunidade com a qual se relaciona e consigo mesmo, na relação com as suas tarefas.

Por fim, e em particular, como estudantes em Ergonomia com o enfoque na linha de pesquisa **Qualidade de Vida do Trabalhador**, estamos interessados nas repercussões na vida, como um todo, desses trabalhadores, antes de tudo pessoas, para além do próprio trabalho, e que pode ser resumida na seguinte pergunta de pesquisa:

Qual a repercussão da atitude holística desenvolvida pelo trabalhador no ambiente de trabalho na sua qualidade de vida?

1.2 Gênese do Tema

Em 1997, começamos a estudar e atuar em dois ramos do conhecimento, que monopolizaram nossa atenção e tempo, pessoal e profissional. No plano pessoal, estabelecemos o hábito do estudo daquilo que é conhecido como 'Tradição-Sabedoria' ou 'Filosofia Esotérica'. Os objetivos da Sociedade Teosófica Internacional, que a representa, são: formar um núcleo da fraternidade universal da humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor; encorajar o estudo comparado da religião, filosofia e ciência; e investigar as leis não-explicadas da natureza e os poderes latentes no homem.

No plano profissional, a atuação como instrutor do Programa da Qualidade no Serviço Público – PQSP, de incentivo à gestão pela qualidade nas organizações públicas, possibilitou-nos o contato com centenas de trabalhadores de diversas organizações. Nesses treinamentos e nas palestras de sensibilização, foi estimulante observar o entusiasmo das pessoas e ouvir as declarações sobre a motivação para o assunto. A gestão pela qualidade tornava-se vivamente debatido, com grande participação, em sala e após os encontros, em função da 'abordagem holística' que era dada ao tema. Subliminarmente, sem jamais falar abertamente sobre as questões da unicidade cósmica e da interdependência e das interações de todos os seres vivos, da ética cósmica ou da espiritualidade, os fundamentos e critérios da qualidade eram esclarecidos tendo essa nova abordagem como 'pano de fundo'. Faziam-se conexões e analogias entre a natureza, a sociedade, a organização, o profissional e o ser humano.

Considerando a centralidade do trabalho na nossa (brasileira) sociedade ocidental capitalista, cresceu, em 1999, o desejo de aprofundar os estudos sobre a possibilidade da adoção da atitude holística naquele ambiente em que passamos a maior parte do tempo de nossa vida cotidiana adulta atual, naquele em que mais tempo agimos e interagimos: o ambiente de trabalho.

O convívio, à época, com um cliente, hoje amigo, que buscou re-orientar seu trabalho para atuar em uma organização que possibilitasse uma abordagem mais holística, serviu como incentivo adicional. Entretanto, para ele, ao mesmo tempo que a motivação aumentava com a descoberta de uma nova possibilidade de relação com o

mundo do trabalho, apareciam outros conflitos na antiga organização a qual ainda estava vinculado, pois era orientada pelo paradigma da segmentação e da competição.

Em um dos treinamentos da qualidade, um aluno da pós-graduação da Engenharia de Produção da UFSC, incentivou-nos a aprofundar esse estudo no mestrado. O contato com alguns professores da Ergonomia evidenciou a possibilidade de concretização desse projeto. Em particular, o enfoque da professora Zuleica Patrício, com a abordagem holístico-ecológica, na linha de pesquisa qualidade de vida do trabalhador, possibilitou a sintonia com o tema a ser pesquisado.

Queremos pois explicitar que, pessoalmente e como pesquisadores, temos afinidade de idéias com a abordagem holística perante a vida e o mundo.

Queremos também ressaltar aqui que o desenvolvimento da pesquisa, escrito na primeira pessoa do plural, “nós”, evidencia nosso entendimento de que esse processo é um trabalho coletivo. É o resultado da grande interação, em especial, com a orientadora, e com os diversos professores, colegas, amigos, autores, sujeitos participantes da pesquisa e, até mesmo, de momentos intuitivos, e que pode ser evidenciada por meio da participação nos vários eventos ao longo do mestrado:

- disciplinas, com ênfase nos aspectos psicológicos do trabalhador, cursadas na Engenharia de Produção da UFSC;
- bancas de doutorado (03), qualificação (04) e mestrado (16) assistidas;
- reuniões quinzenais de estudo do Núcleo TRANSCRIAR-UFSC com a coordenação da Profa. Zuleica Patrício, com atividades como ‘Workshops (4)’ e ‘Bancas Solidárias (8)’;
- participação no Laboratório de Psicologia da UFSC, em re-orientação profissional, sob coordenação da Profa. Dulce Soares;
- participação em três congressos (ergonomia, psicologia social e holística) relacionados ao tema.

Todos esses eventos possibilitaram a convivência e o diálogo com pessoas especiais, com riqueza de experiências, profissionais e de vida, e a construção conjunta das idéias que nortearam esse estudo.

1.3 Objetivos e Finalidades da Pesquisa

Os objetivos e as finalidades que pretendemos atingir com a realização deste estudo orientam a construção de um ponto de partida teórico embasado em referenciais de outros autores, bem como sugerem a abordagem e o método de investigação mais apropriados a sua consecução.

Nosso **objetivo principal** é **compreender a repercussão da atitude holística do trabalhador no ambiente de trabalho na sua qualidade de vida**. Para tanto, é necessário que determinados objetivos específicos sejam atingidos.

O primeiro de nossos **objetivos específicos** é **identificar o conceito de 'Atitude Holística' na literatura e nas percepções dos sujeitos, bem como a origem desta construção no seu cotidiano**.

O segundo objetivo específico é **identificar atitudes holísticas dos trabalhadores desenvolvidas no ambiente de trabalho**.

O terceiro e último objetivo específico é **analisar a repercussão da atitude holística do trabalhador na sua qualidade de vida**.

Em alcançando os objetivos anteriormente apresentados, entendemos que o presente estudo poderá colaborar para algumas **finalidades**.

Uma delas é constituir uma unidade de conhecimentos acerca do tema 'Atitude Holística do Trabalhador', fornecendo insumos para auxílio de pesquisadores, empresários e demais profissionais que tenham neste estudo fonte de informações para suas atividades.

O estudo também poderá contribuir para uma maior compreensão sobre as possibilidades de construção, pelo trabalhador, da atitude holística no seu ambiente de trabalho.

Esperamos ainda contribuir para a formação de uma visão de viver mais saudável e de unidade nas abordagens da Ergonomia relacionadas à Psicologia do Trabalho, alimentando menos uma visão patológica e segmentária das relações de trabalho, e privilegiando o enfoque das possibilidades de integração e inteireza do ser humano pelo trabalho, permitindo uma relação menos desfavorável no balanço de forças dos 'olhares quânticos' dos 'observadores pesquisadores'.

Esperamos também evidenciar a aplicabilidade do Método Qualitativo Holístico-Ecológico de Pesquisa ao estudo dos fenômenos sociais e, mais particularmente, do trabalhador com atitude holística no seu ambiente de trabalho.

Por fim, pretendemos que o estudo possa contribuir para a ampliação da consciência dos Ergonomistas para outros paradigmas, e dos estudos e pesquisas da Academia relacionados ao Trabalho, a partir de uma abordagem holística.

1.4 Estrutura do Trabalho

No capítulo 1, contextualizamos o estudo com a ‘problematização’ e a pergunta de pesquisa, o resgate das origens das idéias que conduziram ao tema, na seção ‘gênese do tema’ e, ainda, com a apresentação dos ‘objetivos e finalidades da pesquisa’.

No capítulo 2, estabelecemos o ‘marco teórico’ da pesquisa, onde trazemos alguns questionamentos que possibilitam a abertura para o novo paradigma, discorremos sobre a visão holística e algumas de suas implicações, bem como a ergonomia, e seu estudo da relação do homem com o trabalho, a atitude, o ambiente de trabalho e finalmente a qualidade de vida.

No capítulo 3, apresentamos os ‘pressupostos’ que fundamentam nosso olhar de pesquisadores e, principalmente, o ‘método’ utilizado: sua escolha, as etapas da pesquisa, a escolha dos sujeitos e os processos de coleta, registro, análise-reflexão-síntese e devolução dos dados.

No capítulo 4, discorremos sobre a ‘atitude holística’ da forma como é abordada na literatura, bem como apresentamos, de forma estruturada, as percepções dos trabalhadores em relação a atitude holística e a ‘atitude holística no ambiente de trabalho’.

No capítulo 5, discutimos os dados relativos aos significados atribuídos pelos trabalhadores com relação às repercussões da percepção dos outros e na qualidade de vida como um todo, em função das atitudes holísticas desenvolvidas por eles no ambiente de trabalho.

No capítulo 6, sintetizamos as diversas categorias que emergiram no estudo e tecemos algumas sugestões com relação à necessidade urgente da adoção da visão holística para mediar a transformação do trabalho e da vida individual e coletiva, comunitária e planetária. Nesse capítulo, agregamos também as considerações da banca de doutores.

Por fim, seguem-se as 'referências', a 'bibliografia complementar' e os 'apêndices' com a 'carta-convite' aos sujeitos participantes, o 'formulário de pesquisa', o 'instrumento de registro/análise dos dados das entrevistas' e as 'reflexões dos participantes sobre a devolução dos dados da pesquisa'.

2 - MARCO TEÓRICO: A Visão Holística no Ambiente de Trabalho e a Qualidade de Vida do Trabalhador

“Os cientistas serão levados a abandonar suas posições não por fenômenos espirituais, místicos, por qualquer fenômeno físico ou mental, mas simplesmente pelos enormes abismos que se abrem diariamente e que continuarão a abrir-se diante deles, à medida que uma descoberta segue-se à outra, até que eles serão finalmente derrubados por uma simples questão de bom senso.” (BLAVATSKY em a Doutrina Secreta - 1887 apud CRANSTON, 1997, p.477)

2.1 – A Visão Holística

Vivemos o dia-a-dia caminhando com passos largos e firmes, calcados em nossas ‘certezas’. E nos surpreendemos quando algo de inesperado atrapalha nossos planos tão linear, e exatamente, traçados. Entretanto, não estariam estas certezas fundamentadas no pouco conhecimento do mundo que nos cerca? Não estariam nossas convicções baseadas nas limitações de nossas consciências em relação a tudo que existe de astronomicamente maior, de infinitamente pequeno e de profundamente interior a nós mesmos?

Aproveitaremos uma breve incursão, com a abordagem quântica⁵, no macrocosmo e no microcosmo, proposta por Betto (1995), com informações sobre esse ‘mundo’ maior que vivemos, chamado Universo, para nos levar a questionamentos que predisponham a reflexões sobre o nosso viver.

Aquilo que vemos no cosmos, não é aquilo que é, mas aquilo que foi. A luz do Sol leva cerca de 8 minutos para chegar até nós. As galáxias do aglomerado de Coma, se mostram como eram há 700 milhões de anos. Nas profundezas do Universo, o espaço nos revela o tempo. Portanto, ao olharmos para o céu à noite, estamos vendo, naquele instante presente, momentos muito distintos do passado da história do universo.

⁵ As partículas de luz foram chamadas ‘quanta’ por Einstein, de onde o termo ‘teoria quântica’. Hoje, ‘fótons’.

Einstein demonstrou que o universo é quadridimensional, no 'continuum' espaço-tempo. Não se pode separar espaço e tempo. Esta separação é estritamente subjetiva. Todas as medições de tempo são, de fato, medições no espaço, e vice-versa. E segundo sua teoria da gravitação, a expansão do cosmo não ocorreu num espaço pré-determinado. O próprio espaço se dilatou, como as bolas azuis gravadas na superfície de um balão amarelo sendo soprado. Portanto, no 'Big Bang', a matéria não se espalhou num espaço preexistente, mas foi a explosão primordial que criou o espaço e, com ele, o tempo. Ainda hoje, espaço e tempo continuam a se expandir. Isso nos faz refletir sobre a evolução da natureza em suas interações macrocósmicas com relação aos aspectos materiais, energéticos e temporais.

Mas voltemos ao nosso planeta, no qual nos sentimos tão estaticamente estáveis. A Terra gira a 1600 km/h e rodopia em torno do sol a 108000 km/h; o sistema solar gira em torno do centro da Via Láctea a 830000 km/h; e nossa galáxia viaja rumo ao 'Grande Atrator' a uma velocidade de mais de 2 milhões de quilômetros por hora. Por analogia, estamos como crianças, brincando alienadas no banco de trás de um carro em alta velocidade, levando nossas vidas inconscientes da dinâmica do Universo. Mas a natureza é essencialmente dinâmica e, como veremos, fundamentalmente interdependente. Ela existe na inter-relação dinâmica de todos os seus constituintes.

Mas essas altíssimas velocidades não estão somente lá fora, mas dentro de tudo, inclusive de nós mesmos, por meio dos elétrons dos átomos dos quais somos feitos. E que oscilam em frequências da ordem de 100 sextilhões de vezes por segundo, se dilatando e se contraindo, e a temperaturas altíssimas de mais de 100 bilhões de graus centígrados (BETTO, 1995). Será que conseguimos imaginar nossos corpos constituídos desses elementos?

A visão de nossa interdependência com o cosmos pode ser estendida à relação da Sol com a Terra e com as nossas vidas. O Sol fornece a energia, mas a matéria-prima é produzida nas estrelas, e os tijolos das moléculas orgânicas advém dos mares e da primitiva atmosfera. Quase todas as fontes de energia utilizadas pelo ser humano, com exceção da nuclear e do movimento da Lua, derivam diretamente do Sol. À propósito, existem carbono, nitrogênio e oxigênio no Sol quase na mesma proporção que são encontrados nos nossos corpos (op. cit.). Seríamos seres solares?

O autor nos leva a refletir que, com exceção do hidrogênio, todos os átomos vêm do forno das estrelas. As estrelas usam o hidrogênio para fabricar os diferentes átomos, que dependendo da temperatura, viram átomos de hélio, oxigênio, carbono, nitrogênio. Na ampliação da pele de nossa mão, veremos, no interior das células, o DNA e os átomos que compõem essas moléculas. Todas as células são tecidas por moléculas feitas de átomos engendrados no Big Bang e cozinhados no calor das estrelas. Somos feitos de matéria estelar. Ao nascer nos integramos no ciclo holístico da natureza (op.cit.).

Nos aceleradores de partículas se comprovam as teorias sobre as partículas subatômicas. Seu princípio se baseia na equação de Einstein ($E=mc^2$). A quantidade de energia concentrada numa porção de matéria equivale à sua massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz. É algo que modifica a nossa idéia de mundo, pois toda a matéria, do Sol aos nossos olhos, é energia condensada (op.cit.). Enfim sabemos que matéria é energia e energia é matéria, como gelo, chuva e nuvem são diferentes estados da mesma água. E todas essas formas de energia, em seus 'diferentes estados', estão interrelacionadas e em interação constante.

O cosmo é muito maior do que até então se suspeitava. As galáxias seriam tão numerosas quanto as estrelas da Via Láctea – de 100 a 200 bilhões de galáxias. Entretanto, mais de 90% da matéria do Universo ainda é desconhecida, invisível para nós. Ou seja, os astrônomos admitem que seus telescópios captaram apenas uma fração da matéria do Universo (op. cit.).

Que matéria tão sutil é esta que, mesmo sendo a maior parte, escapa aos nossos refinados instrumentos tecnológicos de observação? Que interações energéticas estarão ocorrendo sem que tenhamos percepção delas?

A propósito, algumas observações da física quântica desafiam a nossa lógica. Quando um fóton – que é um quantum – atinge um átomo e obriga o elétron a passar instantaneamente da órbita inferior para a superior, o elétron o faz sem atravessar o espaço intermediário. É o que se chama de 'salto quântico'. E ficamos a nos perguntar: como 'ele' fez para ir de um lugar ao outro sem usar um caminho intermediário? Existiria uma realidade na qual essa dinâmica e suas interações seriam observáveis, e que ainda não pudemos perceber? Se existe ou não, ainda não podemos afirmar, mas

podemos inferir que, apesar do nosso desconhecimento, nem por isso deixamos de influenciá-la e ser influenciados por ela.

A noção de integração também está presente quando discutimos sobre as forças que atuam na natureza, nos fazendo perceber o macrocosmo e o microcosmo ainda mais próximos. Conforme nos alerta Betto (op.cit.), a eletricidade e o magnetismo podem ser considerados uma mesma força. Excetuando a gravitação, são de natureza eletromagnética quase todas as forças que atuam na estrutura da matéria: forças de fricção, forças químicas, forças de elasticidade e forças de coesão. E, ainda, há muita semelhança entre os fenômenos eletromagnéticos e os de gravitação. Os planetas gravitam em torno do Sol e os elétrons percorrem o campo eletromagnético do núcleo atômico. A Terra e as estrelas possuem um campo magnético. Apesar de ainda terem fracassadas as tentativas de identificar a atração gravitacional como efeito eletromagnético.

Conforme Betto (1995, p.226), “percebemos, hoje, que existe uma unidade indelével em todo o Universo, da galáxia de Andrômeda à nossa Terra (...) Graças à astrofísica e à física quântica, temos hoje uma nova visão do Universo, mais holística (...) O Universo aparece aos nossos olhos como um todo indivisível, de tal forma intimamente ligado que não se pode negar a estreita relação entre a fusão dos gases primevos e os atuais seres humanos. Por baixo das contradições que fazem da natureza uma inimiga de si mesma, e provocam suas mutações, há um parentesco entre todas as coisas e um sentido axial que preside a evolução”.

Como lembra o autor (op.cit., p.38), “se Paulo Freire, com seu método pedagógico, fez reconhecer a sabedoria daqueles que são considerados ignorantes e convenceu-nos de que não existem povos ou pessoas mais cultos do que outros – o que existe são culturas paralelas e distintas - não há nada de espantoso em desconfiar de que rochas, plantas e bichos também sabem. Aqueles que lidam com animais percebem que eles têm vontade, hábitos e sentimentos de tristeza e de alegria. Recentemente ganhou espaço a convicção de que vegetais também são dotados de sensibilidade, têm gostos e preferências, inclusive musicais, e estabelecem uma relação com cada pessoa. Talvez não esteja longe o dia em que essa mesma certeza se estenderá aos minerais. Nossa postura antropocêntrica quanto ao saber pode trazer,

em seu bojo, a mesma ilusão que os europeus tinham, até o século XV, de que não havia novos continentes sobre a Terra, nem povos que, vivendo em florestas, tivessem conhecimentos científicos mais avançados do que os letrados de Paris ou Gênova, em áreas como matemática e meteorologia, como foi o caso dos Maias”.

Aliás, para Nicolescu (2001, p.24), a quantidade estupificante de informação e a densificação de energia, que se descobre na escala do infinitamente pequeno, demonstram que é praticamente impossível traçar a fronteira entre o vivo e o não vivo. “Matéria inerte é uma noção sem sentido”. É portanto concebível que “a ‘partícula quântica’ possua sua própria subjetividade, sua própria inteligência” nas relações complexas, de perpétuo combate, de perpétua criação e aniquilação, que mantém com todas as outras partículas.

O filósofo e estadista sul-africano Jan Smuts pode ser considerado, pela sua obra pioneira, em 1926, o pai da **visão holística**. Na sua visão unitiva, Smuts afirma que a matéria possui o potencial da vida e da mente, postulando um ‘continuum’ evolutivo entre matéria, vida e mente. Ele cunhou o termo ‘holismo’, significando um princípio único organizador de totalidade e gerador de conjuntos, uma tendência sintética universal. Superando o enfoque mecanicista e o cego determinismo causal aplicado à natureza, a proposta de Smut aponta para um impulso natural de síntese que tudo permeia, sendo que a Vida é o Todo em expansão evolutiva na direção da inteireza e plenitude. A continuidade entre matéria, vida e mente, respaldada no fato de que a energia, não sendo fragmentada, tudo conecta, indicando a integralidade inerente a tudo o que existe (WEIL, 1993).

Essa nova visão de mundo pressupõe uma **mudança de paradigma**. Conforme Capra (1998), geralmente, não se reconhece que os valores não são periféricos à ciência e à tecnologia, mas constituem sua própria base e força motriz. Durante a revolução científica no século XVII, os valores eram separados dos fatos, e desde essa época tendemos a acreditar que os fatos científicos são independentes daquilo que fazemos, e são, portanto, independentes dos nossos valores. Porém, os fatos científicos emergem de toda uma gama de percepções - de um paradigma - dos quais não podem ser separados. Embora grande parte das pesquisas detalhadas possa não depender explicitamente do sistema de valores do cientista, o paradigma mais amplo,

em cujo âmbito essa pesquisa é desenvolvida, nunca será livre de valores. Portanto, os cientistas são responsáveis pelas suas pesquisas não apenas intelectual, mas também moralmente.

A noção de paradigma científico foi definida por Kuhn (1978) como uma constelação de realizações - concepções, valores e técnicas - compartilhada por uma comunidade científica e utilizada por essa comunidade para definir problemas e soluções legítimos. Para o autor, as mudanças de paradigma são as transformações significativas que ocorrem sob a forma de rupturas descontínuas e revolucionárias.

Para Capra (1998), o novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Essa percepção reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos).

Esse conceito de paradigma, conforme nos relata Capra (op. cit.), emergiu como resultado das discussões dos filósofos em função das grandes mudanças de pensamento que ocorreram na física no princípio do século passado. Em especial, a teoria da relatividade e a física quântica. A abordagem holística pressupõe um 'olhar quântico' da realidade.

Lovelock (apud CAPRA, 1998), químico especializado na atmosfera, fez uma descoberta que o levou a formular um modelo de que o planeta Terra, como um todo, é um sistema vivo. Considerando a 'teoria de Gaia', como uma alternativa à sabedoria convencional que vê a Terra como um planeta morto, feito de rochas, oceanos e atmosfera inanimadas, e meramente habitado pela vida, Lovelock concebeu-a como um verdadeiro sistema, abrangendo toda a vida e todo o seu meio ambiente, estreitamente acoplados de modo a formar uma entidade auto-reguladora.

Refletindo sobre a Terra como um ser vivo, poderíamos nos perguntar: seria o sistema solar, a nossa galáxia ou mesmo todo o universo, seres vivos?

A abordagem holística também pressupõe uma nova visão em relação à natureza, conforme Capra (op. cit.), denominada '**ecologia profunda**'. Fundada pelo filósofo norueguês Arne Naess, coloca uma distinção em relação à ecologia 'rasa'. A

ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de uso, à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos - ou qualquer outra coisa - do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. Toda a questão dos valores é fundamental. É uma visão de mundo que reconhece o valor inerente da vida não-humana. Quando essa percepção ecológica profunda torna-se parte de nossa consciência cotidiana, emerge um sistema de ética radicalmente novo.

Aprofundando a discussão sobre a estrutura de funcionamento do sistemas vivos, Capra (1989) nos fornece uma abordagem holística da ecologia ao esclarecer que os sistemas vivos são organizados de tal modo que formam estruturas de múltiplos níveis, cada nível dividido em subsistemas, sendo cada um deles um 'todo' em relação a suas partes, e uma 'parte' relativamente a 'todos' maiores. Assim, as moléculas combinam-se para formar as organelas, as quais, se combinam para formar as células. As células formam tecidos e órgãos, os quais formam sistemas maiores, como o aparelho digestivo ou o sistema nervoso. Estes, finalmente, combinam-se para formar os seres humanos vivos; e a 'ordem estratificada' continua. As pessoas formam famílias, tribos, sociedades, nações. Todas essas entidades das moléculas aos seres humanos e destes aos sistemas sociais podem ser consideradas 'todos' no sentido de serem estruturas integradas, e também 'partes' de 'todos' maiores, em níveis superiores de complexidade. De fato, 'partes' e 'todos', num sentido absoluto, não existem.

A questão, segundo Patrício (1999), é que, em princípio, nossa vida é ecológica. Cada um de nós é um ecossistema. Nosso ecossistema maior, a Terra, também está inserida num ecossistema ainda maior. Segundo a autora, nós, enquanto seres humanos, somos filhos de Gaia, e, como tal, integramos – interagimos – em todo esse universo de criação.

Koestler (apud Capra, 1989) criou a palavra *holons* para designar subsistemas que são, simultaneamente, todos e partes, e enfatizou que cada *holon* tem duas

tendências opostas: uma tendência integrativa, que funciona como parte do todo maior, e uma tendência auto-afirmativa, que preserva sua autonomia individual. Num sistema biológico ou social, cada *holon* deve afirmar sua individualidade a fim de manter a ordem estratificada do sistema, mas também deve submeter-se às exigências do todo a fim de tornar o sistema viável. Essas duas tendências são opostas e complementares. Em um sistema saudável - um indivíduo, uma sociedade ou um ecossistema - existe equilíbrio entre integração e auto-afirmação. Esse equilíbrio não é estático, mas consiste numa interação dinâmica entre as duas tendências complementares, o que torna todo o sistema flexível e aberto à mudança.

Temos a nossa individualidade, mas não podemos supor a nossa existência separada do todo. Para Patrício (1999, p.14), devemos buscar, e incentivar nos outros, “o pensar e o fazer com uma outra ética que se constrói quando nossa consciência é tocada e nos transporta para além do espaço individual”.

A física **quântica** suprime a barreira entre objetividade e subjetividade. Não estamos separados da natureza que nos circunda. Observador e observado são um todo. Como sugere o físico Wheeler (apud BETTO, 1995), devemos substituir o termo ‘observador’ por ‘participante’.

Ao contrário da ênfase nas partes, chamada de mecanicista ou reducionista, a holística enfatiza **o todo** que, para Capra (1998), é uma ênfase orgânica ou ecológica. Segundo o autor, na ciência do século XX, a perspectiva holística tornou-se conhecida como sistêmica. Os pioneiros do **pensamento sistêmico** foram os biólogos, que enfatizavam a concepção dos organismos vivos como totalidades integradas. Eles ajudaram a dar a luz um novo modo de pensar em termos de conexidade, de relações, de contexto. De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui.

Para Weil (1993), a abordagem holística considera cada elemento de um campo como um evento que reflete e contém todas as dimensões do campo (conforme a metáfora do holograma). Uma das propriedades do holograma é de que toda parcela, se cortada a chapa, reproduz a imagem inteira. Metaforicamente isso significa que o todo se encontra em todas as partes. Para o autor, é uma visão em que o todo e cada uma das suas sinergias estão ligados, em interações constantes e paradoxais.

Para o autor, o modelo holográfico oferece possibilidades revolucionárias para uma nova compreensão do relacionamento entre as partes e o todo. Não estando mais aprisionada a lógica limitada do pensamento tradicional, a parte cessa de ser apenas um fragmento do Todo, mas, sob certas circunstâncias, reflete e contém o todo.

Essa mesma abordagem foi primeiramente descrita pelo físico Bohm, que elaborou uma teoria 'holômica do universo'. Para Bohm (apud CAPRA, 1998), o próprio universo se conduz como um vasto holograma. Não existe nada isolado no mundo. Tudo é inter-relacionado num plano relativo, num constante movimento que Bohm chamou de holomovimento, uma ida e volta constante de um estado ou ordem implícita (a programação potencial invisível), a uma ordem explícita (o nosso mundo concreto sensível).

Nessa mesma linha, Mandelbrot (apud Capra, 1998) utilizou a geometria fractal para descrever a complexidade das formas irregulares no mundo natural, como as nuvens. Segundo o autor, a propriedade que se destaca dessas formas fractais é que seus padrões característicos são repetidamente encontrados em escala descendente, de modo que suas partes, em qualquer escala, são, na forma, semelhantes ao todo. Mandelbrot ilustrou essa propriedade da auto-similaridade arrancando um pedaço de uma couve-flor e indicando que, por si mesmo, esse pedaço se parece exatamente com uma pequena couve-flor. Repetindo essa ação, a similaridade continua sucessivamente. A forma do todo é semelhante a si mesma em todos os níveis de escala.

Outro pesquisador em biologia, Sheldrake (apud Capra, 1989), se defrontando com o problema de saber como se constitui o mundo da forma, qual a natureza da morfogênese, afirma que a causalidade formativa é um tipo diferente de causalidade energética já conhecida da física. Ele verificou experimentalmente e formulou a hipótese da existência de campos morfogenéticos que são estruturas com efeitos morfogenéticos sobre sistemas materiais. Cada unidade mórfica possuiria seu campo morfogenético específico. Cada campo morfogenético contém a forma virtual da unidade mórfica correspondente.

Ele nos mostra a existência de uma influência de sistemas mórficos anteriores, sobre a forma característica de uma unidade mórfica semelhante; o que ele chama de

ressonância mórfica. Como exemplo, citamos o da transmissão de aprendizagem, com ratos em labirintos, que após sucessivas gerações, durante anos, comunicam a grupos de ratos não submetidos a esta aprendizagem, com baixa apreciável do número de erros.

Conforme Weil (1994), holística vem do grego *Holos*, que significa todo, inteireza. É um adjetivo e refere-se ao conjunto, ao 'todo' em suas relações com suas 'partes', à inteireza do mundo e dos seres. Corroborando, Robert Muller, chanceler da ONU na Costa Rica, cita que o adjetivo 'holístico' vem da palavra grega *kath holikos*, que se refere à totalidade, ao universal.

Nesse mesmo sentido, os primeiros pensadores sistêmicos reconheceram a existência de diferentes níveis de complexidade com diferentes tipos de leis operando em cada nível: a complexidade organizada. Em cada nível de complexidade, os fenômenos observados exibem propriedades que não existem no nível inferior. Por exemplo, o sabor do açúcar não está presente nos átomos de carbono, de hidrogênio e de oxigênio, que constituem os seus componentes (CAPRA, 1998).

A concepção dos sistemas vivos como redes auto-organizadoras cujos componentes estão todos interligados, e são interdependentes, só pode ser formulada recentemente, quando novas ferramentas matemáticas se tomaram disponíveis, permitindo aos cientistas modelarem a interconexidade não-linear característica das redes.

A nova matemática da complexidade é uma matemática de relações e de padrões. É mais qualitativa do que quantitativa e, desse modo, incorpora a mudança de ênfase característica do pensamento sistêmico - de objetos para relações, da quantidade para a qualidade. O desenvolvimento de computadores de alta velocidade desempenhou um papel fundamental na nova capacidade de domínio da complexidade. Com a ajuda deles, os matemáticos puderam resolver equações complexas, antes intratáveis, e descobrir soluções sob a forma de curvas num gráfico. Dessa maneira, descobriram novos padrões qualitativos de comportamento desses sistemas complexos e um nível de ordem subjacente ao 'caos aparente' (CAPRA, 1998).

A mudança que está ocorrendo é o reconhecimento de que a natureza, como Stewart (apud CAPRA, 1998) afirma, é 'inflexivelmente não-linear'. Fenômenos não-

lineares dominam uma parcela muito maior do mundo aparentemente inanimado do que se presumia, e constituem um aspecto essencial dos padrões de rede dos sistemas vivos. Comportamentos complexos, e aparentemente caóticos, podem dar origem a estruturas ordenadas, a padrões sutis.

A holística pressupõe uma **percepção sutil** da realidade. Uma das grandes ilusões, das quais a física quântica nos livrou, foi a suposição de que os seres humanos estão separados da natureza. Dependendo do modo como 'olhamos' as partículas, elas se apresentam, à nossa visão, ora como partículas, ora como ondas. A dualidade onda-partícula derrubou o princípio filosófico de que duas afirmações contraditórias não podem aplicar-se ao mesmo objeto:

Os fótons, por exemplo, são ondas e partículas. Ondas porque formam entidades contínuas; partículas porque, também, formam unidades descontínuas. O paradoxo não está na natureza, mas em nossa linguagem incapaz de exprimir as mutações da substância primordial, a energia. As partículas não são propriamente minúsculos objetos, são feixes de energia, e só podem ser concebidas dentro de uma estrutura conceitual capaz de fundir espaço e tempo no continuum quadridimensional (BETTO, 1995, p.43).

As estruturas moléculas e átomos, descritas pela física quântica, consistem em componentes. No entanto, eles não podem ser entendidos como entidades isoladas, mas devem ser definidos por meio de suas inter-relações. Para Stapp (apud Capra, 1998), uma partícula elementar não é uma entidade não-analisável que existe independentemente. Ela é, em essência, um conjunto de relações que se dirige para fora em direção a outras coisas. No formalismo da teoria quântica, essas relações são expressas em termos de probabilidades, e as probabilidades são determinadas pela dinâmica do sistema todo. Enquanto que na mecânica clássica as propriedades e o comportamento das partes determinam as do todo, a situação é invertida na mecânica quântica: é o todo que determina o comportamento das partes.

Na esfera do infinitamente pequeno, a ciência é obrigada a ingressar no imprevisível e obscuro reino das **probabilidades**. O 'princípio da indeterminação', na mecânica quântica, descoberto por Heisenberg, introduziu o conceito de 'probabilidade' e a questão epistemológica na observação do cientista – o próprio ato de observar altera o objeto que esteja sendo observado. Para Betto (1995), isso revoluciona nossa percepção da natureza e da história. E nos faz tomar consciência de que, na natureza, a **incerteza** quântica não se faz presente apenas nas partículas subatômicas.

O que pode nos levar a refletir que há uma identidade nos seres vivos e na matéria aparentemente inerte que se perde ao tentarmos analisá-la fragmentando-a. Como Betto (1995, p.153) exemplifica:

se quiséssemos cortar um bloco de carvão, teríamos de dividi-lo em fragmentos cada vez menores até que, pelo milésimo 'corte', restaria um átomo de carbono. Este átomo tem seis prótons e seis nêutrons em seu núcleo, coroado por seis elétrons que dançam em volta dele. Se partíssemos mais uma vez o átomo de carbono, tirando-lhe dois prótons e dois nêutrons do seu núcleo, ele se transformaria em um átomo de hélio. Ou seja, teríamos dois átomos de composições químicas distintas. Cortar o átomo é modificar-lhe os elementos e, portanto, a identidade.

Para Weil (1993), a abordagem holística consiste em aceitar duas verdades como partes da mesma realidade: a verdade relativa da existência do sujeito e do objeto, do conhecedor, do conhecido e do conhecimento, e a verdade absoluta da **identidade entre sujeito e objeto**. A **integração** da identidade e da não identidade, da contradição e da não contradição implica uma nova lógica que ultrapassa a lógica formal da não-contradição, da qual a ciência até hoje está compenetrada.

Sabemos hoje que os organismos não são apenas membros de comunidades ecológicas, mas também são, em sua maior parte, eles mesmos, complexos ecossistemas contendo uma multidão de organismos menores, dotados de uma considerável autonomia, e que estão harmoniosamente integrados no funcionamento do todo. Conforme Capra (1998), os três tipos de sistemas vivos - organismos, partes de organismos e comunidades de organismos - são totalidades integradas, cujas propriedades essenciais surgem das interações e da interdependência de suas partes.

A concepção de sistemas vivos como redes fornece uma nova perspectiva sobre as chamadas hierarquias da natureza. Em todos os níveis devemos visualizar os sistemas vivos interagindo à maneira de rede com outros sistemas. **A teia da vida consiste em redes dentro de redes**. Em cada escala, os nodos da rede se revelam como redes menores. Tendemos a arranjar esses sistemas num sistema hierárquico, colocando os maiores acima dos menores. Mas isso é uma projeção humana. Na natureza, não há acima ou abaixo, e não há hierarquias. Há somente redes aninhadas dentro de outras redes (CAPRA, 1998, p.47):

Os sistemas vivos são totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas às de partes menores. Suas propriedades essenciais são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das relações de organização das partes, isto é, de uma configuração

de relações ordenadas que é característica dessa determinada classe de organismos. As propriedades sistêmicas são destruídas quando um sistema é dissecado em elementos isolados. As propriedades das partes, não são intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior. Como a física quântica nos mostrou, não há partes, em absoluto. Aquilo que denominamos parte é apenas um padrão numa teia inseparável de relações.

Num certo sentido, pode-se ver o mundo da matéria física também cheio de vida; a vida não é mais um privilégio da biologia. De fato, no mundo manifestado, **todos os fenômenos são de natureza energética**. Para Weil (2000), por trás da aparente descontinuidade do mundo físico, há uma **continuidade entre o mundo físico, biológico e psicológico**. Em última instância, eles são inseparáveis; toda a separação é apenas um produto da fragmentação da linguagem e da nossa mente provisória e utilitariamente limitada.

Penna apud Patrício (1999, p.34), citado no Dicionário de Ciências Sociais de 1986, afirma que 'Holismo' numa abordagem da psicologia é entendido como:

doutrina que sustenta o caráter global ou estruturado da realidade. Aproxima-se do organicismo que corresponde a uma perspectiva holística adotada no campo da biologia(...) Não distante da posição gestaltista ou estruturalista proposta no domínio da psicologia (...) a posição gestaltista, segundo Kohler, melhor se definirá se disser que o todo é diferente da soma das partes.

Pensar holístico é pensar **transdisciplinar**, segundo Crema, D'Ambrósio e Weil (1993). Representa a convocação para a mesa de reflexão e sinergia, ao lado dos cientistas e técnicos, dos exilados do exaltado império da razão: os artistas, os poetas, os filósofos e os místicos. Para Crema (1989), pensar holístico significa o retorno à qualificação desses navegantes da subjetividade, da alma e do absoluto.

Crema (1993, p.132), apresenta a transdisciplinaridade geral como uma abordagem holística da realidade. Para o autor, isso permite vislumbrar o alcance do seu potencial transmutador na direção de uma atitude integrativa e inclusiva frente ao real. Transdisciplinaridade, na sua acepção literal, significa transcender a disciplinaridade:

o mito da objetividade, o tabu da isenção valorativa e o método da separatividade entre o sujeito, o objeto e o conhecimento resultaram numa sofisticada ciência-tecnologia destituída de alma e espírito. Ética, estética e *pneuma* foram banidas dos domínios ditos científicos, e essa perigosa patologia dissociativa adquiriu estatuto e status(...) O humano foi reduzido a 'recurso humano', palavra injuriosa, sustentada por uma atitude filosófica mecanicista utilitarista implícita.

Cabe ressaltar que transcender as disciplinas, conforme o autor, de modo algum

significa negá-las. O enfoque transdisciplinar não é contra a especialização e reconhece sua necessidade e importância. O que é postulado é a abertura do especialista ao todo que o envolve e à dialogicidade com outras formas de conhecimento e de visões do real, visando a complementaridade. Postula também a motivação e disponibilidade para o imprescindível atuar em equipe, o desafio da convivência com a diversidade. A proposta é “transmutar o especialista fechado em especialista ‘construtor de pontes’, consciente da dinâmica todo-e-as-partes, que seja capaz também, além de fracionar, de vincular e restaurar” (CREMA, 1993, p.137).

Para Patrício (1999, p.37), “um pouco mais de humildade e amplitude em nosso olhar – visão de ‘eu-no-mundo’ e ‘eu com o mundo’ – fará com que percebamos que todos os seres vivem numa teia de relações”. A vida é toda uma relação. Fora da relação nada existe.

Para Morin (2000, p.17), “a ciência se esqueceu de que as teorias científicas são o produto do espírito humano e das suas estruturas em grande parte modeladas por contextos de natureza sócio-cultural. Assim, a ciência tornou-se incapaz de pensar a si mesma de modo científico, incapaz de prever se o que resultará do seu desenvolvimento contemporâneo será a aniquilação, a escravidão ou a emancipação”.

Leibniz (apud WEIL, 1993), predisse que a humanidade ficaria fascinada e seria absorvida pelas faculdades de análise da ciência de tal forma que, durante séculos, dissecaria a realidade e se esqueceria da síntese, do universal. Mas ele previu, também, que a complexidade de nossas descobertas nos forçaria, mais cedo ou mais tarde, a retornar ao universal, à globalidade.

Após um processo milenar de individuação, algumas pessoas começam a se sintonizar com a fase de integração e esse processo envolve o desenvolvimento de um sentido mais forte de unidade-na-diversidade, unidade além de todas as diferenças de credo, cultura, sexo e cor. Totalidade implica na unicidade e no dinamismo dessa unidade-na-diversidade. Ou seja, não basta saber que as coisas estão interconectadas, mas sim assimilar, por um processo ‘transracional’ o significado da totalidade – senso de empatia, compaixão e amor... (LEMKOW, 1992)

Patrício (1999) nos remete a discutir acerca de ciência num prisma de uma ‘nova ordem’, abordada por um número considerável de pensadores das várias áreas do

conhecimento como físicos, matemáticos, filósofos, sociólogos, biólogos. Da relação da autora, apenas citando mais alguns, não detalhados nesse estudo: Grof e seus estudos sobre a consciência e a mente holotrópica; Jung, especialmente sobre inconsciente coletivo e sincronicidade; Chardin e o desenvolvimento da condição humana na socialização, na reflexibilidade, através da lei da 'complexidade consciente da unidade espírito humano-universo'; Bohr, no 'princípio da complementaridade', incluindo manifestações de possibilidades no que se refere a estudos biológicos.

Conforme Patrício (1999, p.25), são idéias que mostram a possibilidade de fazer ciência religando: integrando em processos dinâmicos (...) conhecimento e mística, fé e razão, subjetividade e objetividade, sábios e cientistas, a cultura do Oriente e a cultura do Ocidente. Conforme a autora, "uma ciência que concebe as multiplicidades do conhecimento e de que, especialmente tratando-se de fenômenos humanos, a precisão e a certeza são ilusórias e passageiras, porquanto admite a complexidade dos fenômenos em suas interações e conexões". Pois, conforme ela, "quanto mais se tem consciência da complexidade dos eventos, mais se percebe a necessidade de integrar com outras disciplinas, outras áreas de conhecimento, num sentido de cooperação entre saberes e entre profissionais". São as abordagens inter e transdisciplinares da realidade.

Jantsch (apud WEIL, 1993), apresentou-nos um trabalho de síntese sobre a interdisciplinariedade, fazendo uma distinção entre os vários termos, e mostrando que há uma confusão entre eles. A pluri, ou multidisciplinaridade é a justaposição de várias disciplinas sem nenhuma tentativa de síntese. Conforme o autor, seria o modelo que predomina na universidade francesa. A interdisciplinaridade trata da síntese de duas ou várias disciplinas, instaurando um novo nível do discurso (metanível), caracterizado por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais.

A transdisciplinaridade, para Weil (op. cit.), é o reconhecimento da interdependência de todos os aspectos da realidade. A transdisciplinaridade é a consequência normal da síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade, quando esta for bem-sucedida.

O termo transdisciplinar, conforme o autor (op. cit., p.34), também foi forjado por Jean Piaget num encontro sobre a interdisciplinaridade promovido pela Organização da

Comunidade Européia. (OCDE), em 1970:

Enfim, na etapa das relações interdisciplinares, pode-se esperar que se suceda uma fase superior que seria transdisciplinar, a qual não se contentaria em atingir interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria tais ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre as disciplinas.

D'Ambrósio (1993) nos apresenta a transdisciplinaridade como acesso a um história holística. Para o autor, a postura ideológica é essencial na narrativa histórica. Bernard Lewis apud D'Ambrósio afirma que um dos objetivos básicos da historiografia é legitimar a autoridade. Cada disciplina ou cada saber setorial, tem sua história.

Para D'Ambrósio (1993), admitindo-se que a fonte primeira de conhecimento é a realidade na qual estamos imersos, o conhecimento se manifesta de maneira total, holisticamente, e sem seguir qualquer esquema e estruturação disciplinar. A compartimentalização do conhecimento em clubes disciplinares se faz, naturalmente, obedecendo a critérios fixados a priori e, é claro, permitindo somente a entrada de certos conhecimentos e, conseqüentemente, admitindo a abordagem apenas de certos aspectos da realidade. Esse procedimento disciplinar provoca a perda da visão global da realidade:

Daí a opção pelo transdisciplinar, indo além da organização interna de cada disciplina (cujo acúmulo atual de conhecimentos é inegável) e procurando os elos entre as peças que têm sido vistas isoladamente. Procuramos conhecer as ligações entre essas partes. Vamos além, pois num sentido de dualidade, não reconhecemos maior ou menor essencialidade das partes ou dos elos. O total é a essência. É a opção pelo enfoque transdisciplinar como acesso a uma história holística (D'AMBRÓSIO, 1993, p.81).

Conforme Schabbel (1994, p.149), mudam-se os discursos, os referenciais se alternam e, por caminhos tortuosos, qual curva senóide, é universalmente admitido que, apesar dos conflitos existentes entre ciência, religião, filosofia e tradição, o desejo do ser humano em adquirir a capacidade de compreender, interpretar, organizar, sintetizar e universalizar sua experiência, tanto pessoal quanto coletiva, permanece nos objetivos da civilização.

Para Weil (1993), a transdisciplinaridade é considerada como uma resposta e solução à crise de fragmentação que assola a epistemologia com conseqüências reparadoras dos danos e ameaças à vida deste planeta.

Na mesma linha, a noção de conhecimento científico como uma rede de

concepções e de modelos, na qual nenhuma parte é mais fundamental do que as outras, foi formalizada em física por Chew (apud Capra, 1998), em sua filosofia *bootstrap*⁶.

Nessa mesma corrente, se soma o pensamento sintético, caracterizado, conforme Schabbel (1994), pela ênfase na totalidade, na via qualitativa e de caráter organicista, tendo como principais fundamentos a emoção e a intuição, de codificação poética-metafórica, pela sincronicidade e com inclinação dedutiva.

Para Weil (1993, p.39), um evento recente recolocou a transdisciplinaridade na ordem do dia: a Declaração de Veneza de 1987, da Unesco. No terceiro item desta declaração, há uma referência a respeito:

Ao mesmo tempo em que recusamos todo e qualquer projeto globalizante, toda espécie de sistema fechado de pensamento, toda espécie de nova utopia, reconhecemos a urgência de uma pesquisa verdadeiramente transdisciplinar em um intercâmbio dinâmico entre as ciências exatas, as ciências humanas, a arte e a tradição. Num certo sentido, esse enfoque transdisciplinar está inscrito no nosso próprio cérebro através da dinâmica entre os seus dois hemisférios. O estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem, poderia nos aproximar melhor do real e nos permitir enfrentar de forma adequada os diferentes desafios de nossa época.

Essa declaração recomenda a aproximação da ciência e das tradições espirituais. Para Weil (2000, p.170), esta convergência leva a um consenso quanto a um conceito de realidade última: o espaço primordial infinito e consciencial. Deste espaço autoconsciente emana a energia de tudo.

Todos os sistemas do Universo são sistemas energéticos. Esta energia assume formas inseparáveis: noológica (informacional); sentido hermenêutica; sistêmica programática; biológica (vital) e física (material). Como consequência, há, na sua base, uma teoria não-fragmentária da energia.

A gênese da sucessão pode ser representada por uma espiral (Figura 1). Cada nível inclui os níveis seguintes.

⁶ Em analogia a impossibilidade de se erguer do chão puxando-se pelos "cadarços das botas".

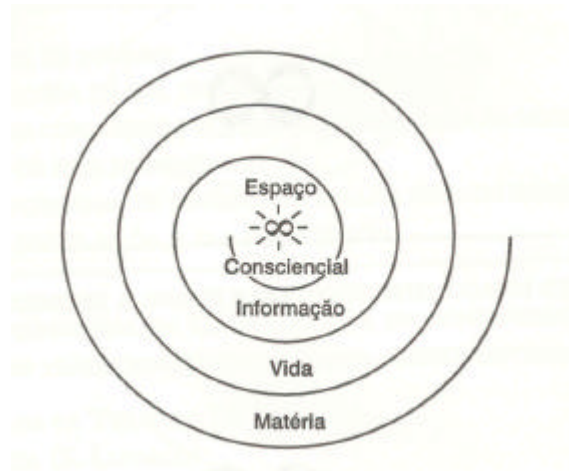


Figura 1 – Gênese da Sucessão (WEIL, 2000, p.172)

Esta matriz se distribui em todos os sistemas do Universo, especialmente no indivíduo, na sociedade e no planeta. Ou seja, o ser humano é parte integrante desse sistema. E esse sistema também integra nele (ser humano) a informação (mente), a vida (sentimentos) e a matéria (corpo).

Conforme Weil (1994, p.27), na Declaração das Responsabilidades Humanas para o Desenvolvimento Sustentável e a Paz de 1989, da Universidade da Costa Rica:

tudo que existe faz parte do desenvolvimento de um universo interdependente. Todos os seres pertence a esse universo, têm uma origem comum e seguem caminhos concomitantes. Conseqüentemente, a evolução e o desenvolvimento de toda a humanidade e de cada ser humano é parte integrante da evolução do universo.

Para o autor, os princípios básicos da abordagem holística são:

- não-dualidade: sujeito e objeto são, indissociavelmente, interdependentes e feitos da mesma energia.
- espaço-energia: no universo tudo é feito de espaço e energia indissociáveis; o conceito de evento substitui o de elemento.
- não-separatividade: matéria, vida e informação são manifestações da mesma energia, provinda e inseparável do mesmo espaço; o universo é feito de sistemas; todos os sistemas são de natureza energética, da mesma energia.
- contradição e não-contradição: há uma recursividade entre o efeito e causa ou inter-retroação; existem também fenômenos acausais, aparentemente vistos como

paradoxais dentro da lógica formal clássica.

- holograma: não somente as partes estão no todo, mas o todo está em todas as partes, como num holograma.
- integração do sujeito: o conhecimento é um produto de uma relação indissociável da mente do sujeito observador, do objeto observado e do processo de observação. As três variáveis são feitas da mesma energia.
- relativismo da consciência: a vivência da realidade é função do estado de consciência em que se encontra o sujeito.

Entendemos, entretanto, que, pelo fato de ser ampla, nem todos que usam o termo 'holística' o fazem sempre no mesmo significado. E, portanto, é necessário resgatar, nesse momento, o que Sprangler (apud CRANSTON, 1997, pg.560) fala sobre os quatro níveis da 'Nova Era', e que percebemos em associação direta com os níveis de entendimento em relação à holística:

O primeiro nível é um rótulo artificial, usado normalmente na dimensão comercial. Um rápido exame da revista New Age ou do East West Journal, ou de qualquer um dos veículos menores de divulgação da nova era, mostrará este fato: é possível comprar sapatos da nova era, fazer compras em empresas da nova era, e comer em restaurantes da nova era, com música da nova era soando suavemente no ambiente.

O segundo nível é o que se chama de "nova era como charme e ilusão". Esse é o contexto no qual grupos e indivíduos vivem as suas próprias fantasias de poder e aventura, normalmente com variantes ocultas e milenaristas. Muitos dos grupos de pesquisadores de discos voadores caem nessa categoria. A principal característica deste nível é um apego a uma busca pessoal de preenchimento do ego e um conseqüente (embora nem sempre fácil de perceber) afastamento do mundo(...) E é nesse contexto, infelizmente, que podemos encontrar as palavras Nova Era usadas com mais freqüência...

O terceiro nível é a Nova Era como uma imagem de mudança. Aqui a característica mais acentuada é a própria idéia de transformação, normalmente usada como uma mudança de paradigma ou uma mudança das premissas e valores básicos que estão no centro de uma determinada cultura. Essa imagem da Nova Era, uma das mais populares, é apresentada ao público em livros como Um Guia Incompleto para o Futuro de Willis Harman, A Conspiração Aquariana de Marilyn Ferguson e O Ponto de Mutação de Fritjof Capra. Esse é o nível habitualmente discutido em muitas conferências regionais e internacionais, debatido por futurólogos e teóricos sociais, e explorado em projetos de governo tais como o relatório Global 2000, feito pelo presidente Jimmy Carter. Neste contexto a idéia de uma nova cultura emergente é normalmente vista mais em termos sociais, econômicos e tecnológicos do que em termos espirituais...

No quarto nível, a nova era é fundamentalmente um evento espiritual, o nascimento de uma nova consciência, uma nova percepção e experiência de vida... É a nova era como um estado de ser, um modo de relacionamento com os outros que é mutuamente estimulante e enriquecedor. Mais do que uma experiência espiritual, cujo foco será mais fácil encontrar no segundo nível – aquele do charme e da ilusão espiritual – neste quarto nível está centrada a função espiritual, que é a do serviço altruísta.

Nosso entendimento é de que estamos nos referindo há algo que transita entre o terceiro e o quarto níveis acima referenciados. Pois, conforme Lemkow (1992, p.120), paradoxalmente, vivenciamos nossa unidade com os outros quando olhamos dentro de nós mesmos, com profundidade suficiente, surgindo em nós pelo processo de integração da nossa unicidade com nossa universalidade. Da perspectiva holística, a unidade essencial entre todos os seres e humanos, segundo a autora, é uma realidade espiritual, psicológica e prática: “somos uma família, um ‘todo’, mas ainda não sabemos, nem agimos assim.”

Estamos falando de razão e sensibilidade se complementando, através das **interações** transpessoais e transculturais. Em estudos, conforme Patrício (1999, p.23) que concebem “as multiplicidades do conhecimento e de que, especialmente, tratando-se de fenômeno humano, a precisão e as certezas são ilusórias e passageiras, porquanto admite a complexidade dos fenômenos e suas interações e conexões, em seus padrões de energia e também a inconstância e as diferentes probabilidades de um fenômeno acontecer, a partir das interações no contexto em que está sendo construído (...) Uma ciência mais alicerçada em pressupostos éticos e estéticos, tendo em vista o indivíduo e o coletivo”.

Esses pressupostos, segundo a autora, trazidos para **o cotidiano**, se assemelham ao evento indivíduo-social, representando o coletivo em todas as suas particularidades, construído através das diversas interações humanas, num dado ambiente, no tempo histórico passado e presente, integrado em projetos individuais e coletivos.

Todos os seres estão interligados e, por isso, um precisa do outro para existir.

E uma hipótese é formulada por Weil (1993), da mesma forma que há identidade entre matéria e vida, dentro e fora do ser humano, também há identidade entre a mente humana e seu equivalente na sociedade e na natureza.

Dessa forma, nas escolhas que fazemos como indivíduos e como sociedade, podemos criar um mundo melhor. Melhores escolhas implicam mudanças em nossos motivos e valores, os quais, por sua vez, dependem de nosso estado de consciência (LEMKOW, 1992). Uma transformação da consciência que reconheça tanto a unicidade

como a pluralidade do mundo em que vivemos. Cada um de nós tem esse poder de transcender as circunstâncias. O insight, conforme a autora, de que somos uma parte indispensável de todo um mundo, que se recria continuamente devido as nossas próprias ações, nos dá um imenso sentido de responsabilidade, mas também de irmandade em um grande trabalho.

Podemos começar, de acordo com Pelizzoli (1999, p.158), aprendendo a refletir sobre nossos hábitos, sobre a nossa condição no mundo, a partir do cotidiano. Este processo pode ser iniciado com o reconhecimento do ambiente de outro modo: “não mais como que é nosso, mas como o ambiente em que somos.”

Conforme o autor, é uma vivência de uma relação com a natureza capaz de suscitar o significado da sensibilização, enquanto conhecimento fundado no amor: um modo de conhecer que relaciona, no contato com a natureza, dada emoção com os sentidos corporais, conduzindo reflexivamente à unidade e à contemplação estética; confere um valor intrínseco ao estar vivo, ao estar participando da vida, que nos transcende; que, indo além das palavras, suscita admiração; que funda uma ética do respeito e não-dominação, propiciando uma convicção que conduz a mudanças de comportamento.

Alguns já descobriram, reforça Pelizzoli (op. cit.), que esse é o tempo onde se clareia a atenção para os efeitos de cada ação minúscula. Um tempo para suplantar o individualismo e as concepções unilaterais e redutoras da vida, isto sem elidir a dignidade mínima do indivíduo humano. Urgência que é grito de todos aqueles que fazem a opção pela vida, conscientes de que o sentido da vida não se resume a algumas mortais vidas humanas felizes, mas numa comunidade em longa história, onde cada um depende dos passos que se vão dando. Pessoas que trazem à tona a discussão sobre o próprio sentido dos modelos de socialização e civilização que nos regem. Que propõem uma postura ética que aproxima-se da postura hermenêutica no tocante à compreensão dos discursos históricos das localidades; apontando, por exemplo, para uma educação ambiental como processo de reconstrução compreensiva de valores e modos de inserção nos ambientes e culturas de forma orgânica e sustentável.

E que, continua o autor, nos remete, necessariamente, e mais proximamente,

aos estilos de vida, às práticas de consumo, às formas de organização das localidades, enfim às demandas dos indivíduos na sociedade atual. Uma questão de relação dos sujeitos entre si e com seu mundo – nomeadas a partir da questão da qualidade de vida, da cidadania e da educação e cultura como um todo, em vista da possibilidade de emancipação para os excluídos.

2.2 Ambiente de Trabalho e a Qualidade de Vida do Trabalhador

Acho que antes era bem melhor do que a de hoje. Porque a gente vivia uma vida bem simples, a gente comia o necessário, pescava o necessário. Não tinha quase dinheiro, não comprava quase nada... Então acho que aquilo que era qualidade de vida. Um ambiente cheio de vida. Tatu passeava na praia, tainha brincando. Tudo isso fazia com que tu vivesses num ambiente com qualidade de vida. Hoje eu não tenho qualidade de vida assim. Hoje, tenho conforto para mim, mas num ambiente falido. Se eu vivo super estressado, não só eu como toda a sociedade, com medo da violência (...) Vivo num ambiente aonde o jet-ski passa em alta velocidade em cima do peixe, siri, camarão... Aonde os pássaros não tem mais comida para comer. Foram enchendo de residência em volta, de construção. Eles escaparam, desapareceram. Então o que é qualidade de vida? Qualidade de vida era aquela que eu tinha antes. Aonde tinha uma família na Lagoa, que conheci, uma delas com cento e oito anos, cento e seis a outra, cento e quatro a outra... Nessa cidade estressada a gente não pode ter (...) A casa aqui mesmo, rodeada de flor, de vida, de pássaros, de plantas, de frutas (...) Não sinto que seja uma grande qualidade de vida. Mas se eu não posso dormir a noite, descansar. O barulho me atrapalha. Se eu vou di na frente tarrafejar. Mataram o camarão, peixe, siri. Se eu não consigo tomar um banho de mar. A água que eu tomo é poluída. Antigamente, nunca, na minha vida, eu imaginava comprar uma garrafa de água. Hoje eu vivo comprando água. Antes tinha água da bica (...) Mas eu acho que qualidade de vida é isso. Porque tinha um ambiente bom, dormia feliz. Tinha pouquinho dinheiro, mas comia um camarãozinho bom, peixe bom, uma tainha gostosa, pescava, tomava banho, brincava, fazia uma balsa, saía brincando pela Lagoa. Hoje com essa super população, não sei o que é qualidade de vida (...) O homem produziu bomba atômica, produziu arma química, encheu minha casa de baterias, não sei (...) A gente vai chegar num ponto, mais na frente, que a gente vai destruir praticamente tudo. E a maioria da sociedade vai começar a repensar um novo modelo, vai ser uma sociedade mais holística, mais humana (...) Sempre falo do medo da velocidade da tecnologia, é tanta (...) Sou refém do processo, muito mesmo. Vou aqui comprar pão, no lado da minha casa, de carro. Absurdo, poderia ir a pé, conversando com as pessoas. Vou para o centro sozinho. Às vezes tem gente pedindo carona. Não dou carona, pode me assaltar. Poderia ir de ônibus (...) Essa velocidade assusta... E esse conceito de qualidade de vida de concentrar e ter riqueza. Para mim, não é qualidade de vida (...) Porque nós praticamente estamos exaurindo tudo, acabando com tudo, para benefício nosso, não da totalidade do ambiente, né? (Guerreiro Ecológico).

A transformação do trabalho em um processo adaptado à condição humana é o foco de atuação da **Ergonomia**. Indo além das questões físicas, como iluminação, ruído e esforços, a Ergonomia é hoje um campo de estudos que se encontra com outras disciplinas imbuídas de um mesmo espírito de buscar compreender como é possível tornar o trabalho mais adequado ao ser humano, tais como a Psicologia do Trabalho, as ciências da Administração, a Sociologia e a Antropologia (WISNER, 1994).

Ergonomia deriva das palavras gregas 'ergon' (trabalho) e 'nomos' (leis, regras). A definição poderia, portanto, resumir-se simplesmente ao fato de ser uma "ciência do trabalho" (MONTMOLLIN, 1990, p.57). Pela Sociedade de Ergonomia de Língua

Francesa, a ergonomia foi definida como disciplina que agrupa os conhecimentos da fisiologia, da psicologia e das ciências conexas, aplicadas ao trabalho humano em vistas a uma melhor adaptação dos métodos, dos meios e do ambiente de trabalho ao homem (WISNER, 1994).

A ergonomia, quando determinada como ciência, possui como perspectiva posição de ultrapassar as oposições acadêmicas entre as diferentes disciplinas científicas que nos dias de hoje pretendem fazer do trabalho e do trabalhador o seu objeto de estudo: anatomia, fisiologia, psicossociologia, lingüística, sociologia, economia, gestão, entre outras. A unidade do seu objeto - o trabalhador- deverá ser considerado como um todo no seu trabalho e não parcialmente (MONTMOLLIN, 1990). Entendemos como uma proposta de uma abordagem interdisciplinar que oportuniza avançar para um estudo transdisciplinar.

Discorrendo, na mesma linha, Wisner (1994, p.44) acrescenta:

É realmente a um modelo multidimensional do homem no trabalho que devemos apelar, ressaltando que por trás das reflexões teóricas existe uma necessidade social considerável, a necessidade de uma mudança radical das relações do homem com seu trabalho. Essa mudança não poderia limitar-se às recomendações ergonômicas atuais, mesmo que elas constituam um grande progresso relativamente às representações *a priori* do Homem que atualmente dominam a concepção dos sistemas técnicos e a organização do trabalho.

É uma disciplina que busca a melhoria das condições de trabalho. Ela se apresenta como a 'adaptação do trabalho ao homem', sendo operacionalizada a partir de diversas disciplinas, fundamentalmente naquelas que abordam o conhecimento sobre o homem e a dinâmica do cotidiano de seu trabalho. Tem como finalidade perceber e solucionar situações sociais relacionados com saúde, segurança, participação do trabalhador na vida da organização, satisfação, conforto e eficiência no trabalho (FIALHO e SANTOS, 1997).

Conforme Montmollin (1990), cada vez mais ergonomistas reconhecem a evidência de que melhorar as condições de trabalho poderá igualmente significar a melhoria da produção. Uma concepção eficaz da organização do trabalho não opõe à produtividade.

A adequação do trabalho ao ser humano se fundamenta na criação de ambientes saudáveis, seja nos aspectos físicos, seja nas esferas psicológicas e sociais. Para De

Masi (2000), a questão da saúde do ser humano trabalhador está cada vez mais em foco, pois hoje se reconhece que um indivíduo saudável tende a ser mais produtivo. Segundo o autor, essa perspectiva, muito embora mais interessada na produção do que propriamente na saúde do trabalhador, tem provocado mudanças significativas nas formas que as organizações estabelecem as relações de trabalho com seus empregados.

Até porque, segundo Montmollin (1990, p.101), cada vez mais os responsáveis pela produção, incluindo os ergonomistas, são confrontados com uma contradição. A automatização dos processos exige dos trabalhadores que resolvam problemas de natureza intelectual. A rotina é executada pelos automatismos. O que estes não foram capazes de programar será, portanto, mais ou menos inesperado, excepcional e, de certa forma, uma novidade:

Já não se exige que o trabalhador tenha que seguir a risca as instruções. É indispensável que seja inteligente, o que lhe permitirá adaptar-se aos novos problemas. A contradição está no fato que se é levado a exigir deste trabalhador que seja capaz de resolver problemas para os quais não existem soluções previstas, sem no entanto lhe dar as informações, as formações e as responsabilidades que lhe permitiriam compreender melhor os problemas que lhe são postos.

E o campo de ação da ergonomia ampliou-se substancialmente com as transformações operadas no processo de trabalho, principalmente pela introdução de novas tecnologias, evidenciando a necessidade de considerar a atividade cognitiva dos trabalhadores (FIALHO e SANTOS, 1997).

Aprofundando essa análise, Fialho (1998) declara que, a partir dos postulados de Hegel sobre os 'movimentos da consciência', o trabalhador passou do estado 'imediato' – aquele da não-consciência diante da realização de sua tarefa – para o da 'percepção', seguida do 'discernimento', onde, aí sim, deu-se o início a uma linguagem mais sensitiva e estética, principalmente, no que concerne ao ambiente de trabalho.

Entendemos que para compreender esse trabalhador é necessária uma abordagem holística, no sentido da necessária abrangência disciplinar do olhar do pesquisador e na sua postura ética de respeito à singularidade de cada ser humano trabalhador. Essa visão também é expressa por Montmollin (1990, p.58) quando ele afirma:

Ser científico em ergonomia não significa contar com uma ciência homogênea, pois o trabalho e o trabalhador são imagens da sociedade e do homem, complexos demais para uma abordagem unitária e harmoniosa. Cada ser humano é um ser particular, com sua história de vida.

Então poderíamos nos perguntar se a ergonomia estaria se ‘arvorando’ a grandeza de uma das principais transformadoras da vida humana em nossa época atual. Acreditamos que apenas podemos inferir sua importância, se considerarmos a preponderância econômica na maneira de olhar o mundo da maioria das pessoas e a centralidade do **trabalho** na nossa sociedade como produtora e distribuidora de riqueza, como afirma Ro lle (apud KRAWULSKI, 1991, p.10):

O estudo do trabalho não pode ignorar o seu aspecto econômico. O trabalho é, por essência, criador de riquezas e desempenha na nossa sociedade o papel de um princípio de distribuição de riquezas.

Em seu estudo sobre a evolução do conceito de trabalho, Krawulski (1991) afirma que a verificação das formas predominantes pelas quais o trabalho se processou nos diferentes momentos históricos permitiu constatar o quanto elas identificam e sedimentam a ordem social vigente. Mais ainda, a presença da historicidade na evolução do trabalho humano mostra como suas manifestações atuais decorrem de formas anteriores e remetem a novas tendências.

Na linguagem cotidiana, segundo a autora, a palavra trabalho possui muitos significados, quase sempre conotando a ação do homem para sobreviver e realizar-se. Etimologicamente a literatura evidencia que a maioria das línguas de cultura européia apresenta mais de uma significação para trabalho:

Na sua origem, a palavra trabalho possui um sentido de constrangimento e de sofrimento. Este sentido provém do Latim - *tripalium* (trabalho, instrumento de tortura) e *tripaliare* (trabalhar, torturar). Já para os gregos a palavra trabalho possuía dois sentidos: *panos* (esforço e penalidade) e *ergon* (criação, obra de arte) (...) Conforme Arendt (apud KRAWULSKI, 1991), em todas as línguas indo-européias e, conseqüentemente em suas derivadas, as palavras equivalentes a “labor” possuem conotação de dor, atribulação, esforço e cansaço, enquanto “work” representam criação (...) Em português encontram-se as palavras labor e trabalho como sinônimas. No entanto, na palavra trabalho estão igualmente implicados os dois significados: a realização de uma obra expressiva, criadora e permanente, por um lado, e o esforço rotineiro, repetitivo e consumível, por outro (KRAWULSKI, 1991, p.8).

A contradição entre esses dois sentidos de trabalhar - pensar e criar - continua central na concepção moderna de trabalho (FIALHO e SANTOS, 1997). Conforme declara Dejours (1988, p.32), “não há uma relação direta entre trabalho e prazer (...) O prazer no trabalho é construído, uma vez que, no decorrer da história, foi sendo consolidada uma relação, entre o ser humano e sua atividade, muito mais embasada em um sofrimento do que em uma satisfação”. E acrescenta que, por outro lado, o sofrimento criativo nasce como possibilidade de realização do trabalhador, na medida que se esforça para encontrar soluções satisfatoriamente favoráveis a sua saúde e à produção em si.

Segundo Albornoz (apud KRAWULSKI, 1988) assinala, o sentido de padecimento, castigo, teria sido, após o século XV, gradativamente abandonado, como resultado de um processo evolutivo no qual, da idéia de sofrer, passou-se para a de esforçar-se, até chegar à de trabalhar simplesmente.

Na economia industrial capitalista dos últimos dois séculos, segundo Gomez (apud KRAWULSKI, 1991, p.10), “o trabalho passou a ser definido em função da produção social. Ou seja, o trabalho deve ultrapassar o nível de subsistência, produzindo um suscetível de transformar-se em riqueza. Portanto, subordinado a determinadas formas sociais historicamente limitadas”. Foi nesse contexto de produção - tendo a organização, num quadro social, da relação do homem com a natureza, como característica marcante do trabalho - que Marx analisou o trabalho. Para Marx (apud BONAZINA, 1999, p.7), “a dinâmica do trabalho humano é entendida como sendo movida por uma intencionalidade, uma direção ou um projeto a partir de uma forma de ver o objeto. Ao passar de projeto para ação, há necessidade da presença de uma ‘força de trabalho’, de um objeto passível de transformação e de instrumentos de trabalho concretos”. Segundo o autor, “o processo de trabalho humano é guiado pela consciência que está presente pela percepção (carência) de uma necessidade, o que vai permitir gerar conhecimentos de caráter objetivo e subjetivo”.

Patrício (1995) reforça essas idéias ao afirmar que “o trabalho é uma atividade vital própria do ser humano, pois é essa atividade que ele vende a outro ser humano para conseguir os necessários meios de subsistência. Geralmente essa atividade vital não é mais do que um meio para poder existir. O trabalho neste ponto de vista é antes

de tudo um sacrifício, é uma mercadoria que outros utilizarão, mas entende-se que o trabalho também possa causar prazer ao homem, até pelo próprio ato de trabalhar. Portanto, dependendo do trabalhador que o executa e de sua elaboração mental, o trabalho tanto pode se manifestar como sofrimento, significando apenas uma fonte de rendimento para a sobrevivência, como se manifestar por satisfação e prazer pelo convívio social e pela própria atividade desempenhada”.

Abordando a visão do aspecto social do trabalho, Ferreti (apud KRAWULSKI, 1991, p.14) nos fala sobre a importância dos vínculos de cooperação:

Os aspectos biológico e psicológico, em conjunto, conferem ao trabalho um caráter sociológico, na medida em que indivíduos e grupos se congregam em esforço comum, favorecendo, a um só tempo, o progresso e os vínculos de cooperação e solidariedade, uma vez que o trabalho, além de gerar os artefatos necessários à subsistência do homem, engendra a vida social, sendo simultaneamente por ela determinado. Em outras palavras, é requerido do trabalho que sirva às necessidades humanas e as satisfaça em seus diferentes e progressivos níveis.

Portanto, podemos entender o processo laboral como uma teia, onde se entrelaçam o individual e o coletivo, o material e o criativo, conforme nos afirma Codo (1998):

Trabalho enquanto valor de uso é o ato de depositar significado humano à natureza, construção de significado pessoal e intransferível, individual. Se trabalhamos em cooperação, se o nosso trabalho implica na transmissão de um significado social à natureza, então traçamos nossa individualidade nesta extensa trama de espelhamentos que se desenha a cada momento, se igualando e se diferenciando de cada um de todos.

Entretanto essa mesma organização social é fonte de conflitos para o trabalhador, pois para Dejours (1988, p.34), “a idéia de sofrimento na relação trabalho-trabalhador acontece mediante o choque entre a história pessoal deste trabalhador e a organização do trabalho, na maioria das vezes, portadora de um contorno despersonalizante”.

Schumacher (apud KRAWULSKI, 1980) afirma estar subjacente ao sistema de trabalho do homem, seu sistema de valores: o trabalho de uma pessoa é uma das mais decisivas influências formativas de seu caráter e de sua personalidade, tendo em vista o lugar central que ocupa na vida humana. Ele identifica três objetivos para o trabalho humano: produzir bens e serviços necessários e úteis, permitir a utilização e o

aperfeiçoamento dos talentos naturais e habilidades, e servir aos demais, colaborando com eles, para a libertação do egocentrismo inato.

Conforme Dejours (1988), trata-se da vivência qualitativa da tarefa. É o sentido, a significação do trabalho que importam nas suas relações com o desejo. Não é mais questão de necessidade, como no caso do corpo, mas dos desejos ou motivações. Isto depende do que a tarefa veicula do ponto de vista simbólico.

Como pesquisadores, cabe destacar, estamos interessados na qualidade de vida do trabalhador, entendo esse ser humano não apenas como profissional, ocupante de um emprego ou realizando um trabalho. Entendemos o trabalhador como um ser que interage em múltiplos ambientes, sendo o seu ambiente de trabalho uma entre as diversas dimensões de seu viver. Desta forma, estamos nos referindo à qualidade de vida em seu todo, não nos restringindo à qualidade de vida no trabalho, normalmente conhecida por QVT.

Normalmente, os autores que trabalham com 'qualidade de vida no trabalho' restringem-se às questões da qualidade de vida relacionadas diretamente ao trabalho, ao desempenho e à produtividade ou às questões ergonômicas e de segurança operacional (RODRIGUES, 1995), ou seja, de uma forma não tão abrangente como a utilizada nesse estudo.

A perspectiva da qualidade de vida do trabalhador que estamos falando é aquela que foi encontrada nos estudos de caso do livro 'Qualidade de Vida do Trabalhador: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas', de Patrício (1999) e nas diversas dissertações e teses anteriormente citadas (seção 1.1).

Para Patrício (1995), o trabalho tanto pode ser um componente destruidor da qualidade de vida do trabalhador como um produtor do homem holístico em relação consigo, com o ambiente e com outros trabalhadores, pelas interações que se estruturam no cotidiano de trabalho.

A **interação no trabalho** é um processo entre os seres humanos no ambiente de trabalho e se concretiza pela troca de energia e de universos culturais e afetivos, a partir da realidade de idéias e na concretude do corpo em relação ao ambiente (PATRÍCIO, 1995, p.71). Segundo a autora, "representa também um processo dialógico no desenvolvimento da consciência reflexiva individual-coletiva, no sentido de repensar

suas percepções, sentimentos, crenças, valores e práticas sobre o trabalho e as relações da equipe. Processos interacionais no trabalho são caracterizados como influências mútuas entre duas ou mais pessoas mediante comunicação verbal e expressões corporais como gestos, olhares, mímica que se manifestam durante o cotidiano de trabalho. O produto dessa troca energética, afetiva, cultural e profissional influencia na qualidade de vida dos seres humanos envolvidos nesse processo interacional”.

Segundo a autora (1999), no contexto da ergonomia, compreender o trabalho para adaptá-lo ao homem exige uma reflexão interdisciplinar sobre o seu significado, objetivos, finalidades e o produto que ele possa gerar para o indivíduo-coletivo e para a sociedade maior. Especificamente o que buscamos compreender, como pesquisadores, são as atitudes dos trabalhadores nas suas interações no ambiente de trabalho.

Conforme Rodrigues (1976, p.341), “o estudo das **atitudes** tem sido objeto de especial consideração por parte dos psicólogos sociais, pois elas constituem bons preditores de comportamentos, desempenham funções específicas para cada um de nós, ajudando-nos a formar uma idéia mais estável da realidade em que vivemos e são a base de uma série de situações sociais importantes, tais como as relações de amizade e de conflito.

Segundo o autor, podemos definir atitude social como sendo “uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto”. Aprofundando a discussão:

As atitudes sociais tendem a se caracterizar como sendo integradas por três elementos: o cognitivo (o objeto tal como conhecido), o afetivo (o objeto como alvo de sentimento pró ou contra) e o comportamental (a combinação de cognição e afeto como instigador de comportamentos dadas determinadas situações).

Para que se tenha uma atitude em relação a um objeto é necessário que se tenha alguma representação cognitiva deste objeto. As crenças e demais componentes cognitivos (conhecimento, maneira de encarar o objeto, etc.) relativos ao objeto de uma atitude constituem o componente cognitivo da atitude. Quando a representação cognitiva que a pessoa tem de um objeto social é vaga, seu afeto em relação ao objeto tenderá a ser pouco intenso; quando errônea, em nada influirá na intensidade do afeto, o qual será consistente com a representação cognitiva que a pessoa faz do objeto, seja ela correspondente à realidade ou não.

Dos três, o componente mais característico das atitudes é o afetivo. O componente afetivo é definido como sentimento pró ou contra um determinado objeto social. Rosenberg (apud RODRIGUES, 1976, p.346) demonstrou que os componentes cognitivo e afetivo das atitudes tendem a ser coerentes entre si: “a destruição da congruência afetivo-cognitiva através da

alteração de qualquer um destes componentes põe em movimento processos de restauração da congruência os quais, sob certas circunstâncias, conduzirão a uma reorganização atitudinal através de uma mudança complementar no componente não alterado previamente”.

Dessa forma, para o autor, as atitudes possuem um componente ativo, instigador de comportamentos coerentes com as cognições e os afetos relativos aos objetos atitudinais. Dado o caráter instigador à ação quando a situação o propicia, as atitudes podem ser consideradas como bons preditores de comportamento manifesto.

Entretanto, para Triandis (apud RODRIGUES, 1976, p.347), nem sempre se verifica absoluta coerência entre os componentes cognitivo, afetivo e comportamental das atitudes: “Porque as atitudes envolvem o que as pessoas pensam, sentem, e como elas gostariam de se comportar em relação a um objeto atitudinal. O comportamento não é apenas determinado pelo que as pessoas gostariam de fazer, mas também pelo que elas pensam que devem fazer, isto é, normas sociais, pelo que elas geralmente têm feito, isto é, hábitos, e pelas conseqüências esperadas de seu comportamento”.

Mesmo assim, Rodrigues (1976, p.341) reforça o interesse da psicologia social pelas atitudes, pois, para o autor, a promoção do bem-estar geral requer mudança de atitudes: “qualquer atividade que vise à promoção do bem comum necessariamente envolverá mudança de atitudes no sentido de tornar as atitudes dos indivíduos compatíveis com a obtenção do bem-estar coletivo”.

Visando esse bem comum, Patrício (1996, p.15), enfatiza a importância do meio ou ambiente de vida do ser humano que “toma-se recurso quando oferece ao ser humano as possibilidades de desenvolvimento de suas potencialidades de criar, buscar, desenvolver e manter recursos para os componentes desse ambiente, ou seja, as dimensões do seu espaço, essenciais para uma qualidade de vida saudável”. Por outro lado, a autora reforça seu papel limitante também, “quando impõe normas e tarefas que não fazem parte do sistema de valores do ser humano”. No entanto, segundo a autora, “mesmo com as limitações do ambiente, o ser humano, pela sua propriedade de ser livre, é capaz de pensar por si próprio, de se sensibilizar, de desejar, de criar e recriar a sua qualidade de vida, desenvolvendo potencialidades para atender suas necessidades de sobrevivência e de transcendência”.

Esse ambiente, quando transportado para o mundo do trabalho, é o **ambiente de trabalho**: contexto com seus microambientes, o espaço onde o profissional

desenvolve o seu trabalho. Para Patrício (1995), esse espaço vai além do geográfico, sendo concebido também como energético - o clima percebido pelas trocas interacionais estabelecidas entre as pessoas - sociocultural, afetivo, intelectual, espiritual. Compõe-se de elementos afetivos, espirituais e culturais que se processam no contexto onde se processam os encontros. A qualidade ambiental costuma modificar nossas sensações, no sentido de provocar bem-estar ou mal-estar, mesmo quando não temos consciência desse processo. Reforçando a idéia acrescenta:

As trocas são interdependentes e inter-relacionadas, influenciando e sendo influenciadas pelos outros ambientes: a própria organização em sua totalidade, a família, os outros ambientes de trabalho onde o trabalhador está também inserido, o universo. Conforme vão sendo construídas as interações no trabalho, esse ambiente tanto pode limitar o trabalhador em seu desenvolvimento intuitivo e criativo como pode se tornar um recurso de desenvolvimento das potencialidades de ser, estar, fazer e ter, em favor da qualidade de vida para viver saudável (PATRÍCIO, 1995, p.32).

Como vimos anteriormente, o trabalho passou a figurar como um dos contextos inter-relacionais de maior importância para o ser humano. Entretanto, conforme Dejours (1988), se houver a existência de uma falta de significação, concomitante a uma frustração e a uma inutilidade dos gestos no trabalho, a qualidade de vida do trabalhador poderá ser afetada, com prováveis repercussões em sua família, no grupo de amigos e no âmbito social.

Conforme Patrício (1999), a **qualidade de vida** do ser humano representa o processo de satisfação de suas necessidades primitivas e culturais, de sobrevivência e transcendência. A qualidade de vida expressa a qualidade das interações que o ser humano desenvolve no decorrer de todo o seu processo de viver, desde o útero materno. Ele mesmo pode ser possibilidade ou limitação para o viver saudável de seus semelhantes, na interação direta ou indireta, através de repercussões no ambiente.

De onde podemos inferir a importância do ambiente de trabalho para a qualidade de vida desse ser humano trabalhador.

Para a autora (op, cit.), a construção da qualidade de vida, individual e coletiva do ser humano, é mediada pela qualidade dos encontros que ele vai fazendo ao longo do processo de viver. Pois, se entendemos 'vida' como um 'movimento de troca socialmente construído'; como um movimento que expressa energias, crenças, valores,

conhecimentos, sentimentos, desejos, sonhos e práticas; como uma diversidade de processos e produtos de interações biológico-sócio-espiritual, em constante possibilidade de transformação, assim também precisamos entender a qualidade de vida, pois esta expressa a qualidade da participação social nos ambientes micro e macro que compõem seu ambiente físico-histórico, principalmente aqueles que promovem interações mais constantes, como, por exemplo, o contexto familiar, de trabalho e dos grupos pares.

Para Chanlat (1992), as mudanças que ocorreram no processo de organização e conteúdo do trabalho foram possíveis graças ao reconhecimento das próprias organizações de que, ao contrário da obsessão pela produtividade, pelo desempenho e rendimento de curto prazo, o espaço organizacional também é importante objeto de investimentos cognitivos, profissionais e afetivos, que vão muito além da preocupação com o mercado e com a máquina mercantilista; mesmo que tais investimentos tenham sido importantes para fins de mercado.

Segundo o autor, é indispensável reabilitar o ponto de vista do sujeito, seu desejo em face de suas atividades profissionais e a contribuição essencial do trabalho para a construção equilibrada do seu ser.

Qualidade de vida diz respeito "aos atributos e às propriedades que qualificam essa vida, e ao sentido que tem para cada ser humano; diz respeito às 'características do fenômeno da vida', ao 'como esta se apresenta', ao 'como se constrói' e 'como o indivíduo sente' o constante movimento de tecer o processo de viver nas interações humanas". (PATRÍCIO, 1999, p.50)

Assim, qualidade de vida do ser humano constitui processo e produto das **interações** deste ser com diversos ambientes e das suas possibilidades e limitações de satisfazer as suas necessidades, individuais e coletivas, dado que as necessidades são geradas ou ativadas, no diálogo do sujeito, consigo mesmo e com outros seres e a natureza (PATRÍCIO, 1996).

Vida, segundo Patrício (1999, p.48), nessa abordagem, "representa uma rede de interações, desde as mais interna do nosso microcosmo em movimento com outros microcosmos dos ambientes cotidianos, até aquelas mais distantes desse planeta e universo (...) Cada movimento, cada vida, tem seu ciclo próprio integrado a outros

ciclos, a outras histórias. É construído através das interações que desenvolve em diferentes cotidianos, durante todo o processo de viver (...) Por essas conexões cada ser humano vai criando seus próprios padrões e mantendo outros significativos à sua particularidade biológica e cultural (...) Todo esse movimento é composto de situações que envolvem interações do cotidiano interdependentes das situações da sociedade e do ambiente natural. Através dessas diferentes trocas, o ser humano recebe e fornece energias, crenças, valores, conhecimentos, sentimentos e práticas, influenciando outros movimentos – outras vidas – e sendo influenciado; transformando e sendo transformado”.

Para Patrício (1999, p.53), “quando consciente desse movimento, o ser humano pode perceber que tudo o que faz na vida está fazendo com ele mesmo, pessoa-cidadão, e com os outros humanos e a natureza. Passa a ter consciência de que ele, concretamente pelo corpo, mostra a qualidade de todo o seu viver individual-coletivo, de dores e prazeres, de felicidades e insatisfações e de que a qualidade de vida individual expressa a qualidade da participação social no ambiente como um todo, seja natural ou cultural”.

3 MÉTODO

3.1 Pressupostos do Estudo

Partindo da nossa visão, enquanto pesquisadores, e com base no marco teórico anteriormente apresentado, elaboramos um conjunto de pressupostos - característica da abordagem qualitativa – para orientar nossa pesquisa:

- A compreensão dos fenômenos que cercam o ser humano são de tal forma complexos que esforços interdisciplinares e transdisciplinares são necessários para que possamos agregar conhecimentos bem fundamentados a seu respeito.
- Somente o trabalhador - sujeito da história – por meio de sua linguagem verbal e não-verbal é capaz de expressar os significados de razão e sensibilidade sobre sua vida.
- A abordagem holística é uma necessidade para a passagem do paradigma clássico reinante ao da complexidade que, não propondo vantagens nem exclusões, visa a complementaridade.
- A vida do trabalho está interconexa com as outras dimensões do processo de viver individual-coletivo do ser humano trabalhador.
- A atitude holística do trabalhador, no ambiente de trabalho, interfere na sua qualidade de vida e na qualidade de vida dos seres humanos, com os quais se relaciona, e dos outros seres e na natureza.

3.2 Escolha da Abordagem do Estudo

Este estudo utilizou o método qualitativo, buscando o processo de construção dos significados atribuídos pelos sujeitos à sua experiência de vida, em complementação ao paradigma racional-mecanicista. Dessa forma, como ressaltam Lüdke e André (1986, p.12), “o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador”.

Conforme Bogdan e Biklen (1994, p.60), a investigação qualitativa tem como características: “na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; a investigação qualitativa é descritiva; os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados; os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; e o significado é de importância vital na abordagem qualitativa”.

A pesquisa qualitativa não pressupõe a existência de hipóteses, com o intuito de verificação empírica, mas, baseada nos pressupostos que orientam apenas o ‘início de sua caminhada’, busca descrever, compreender e interpretar os significados atribuídos aos fenômenos observados, considerando seu contexto. Conforme Triviños (1987), na pesquisa qualitativa a interpretação dos resultados surge como totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, coerente, lógica e consistente.

A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, conforme Minayo (1993, p.241), um lado não perceptível e não captável em equações e estatísticas:

É no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa. A compreensão das relações e atividades humanas com os significados que as animam é radicalmente diferente do agrupamento dos fenômenos sob conceitos e categorias genéricas dadas pelas observações e experimentações e pela descoberta de leis que ordenariam o social. A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto.

Reforçando ainda as particularidades do sensível e do criativo, na sociedade e na natureza, Minayo (1993, p.256) afirma que:

Pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nos métodos qualitativos de pesquisa, a participação do pesquisador é ativa e não apenas de observador. Assim como não se concebe a total neutralidade do pesquisador, o sujeito pesquisado também não é reduzido a um objeto. Vê-lo como ser humano possibilita nos aprofundarmos na intimidade de suas crenças e valores, de seus sentimentos. Podemos então acessar uma riqueza de vivências que dificilmente poderia ser atingida por outro tipo de método.

Conforme reforça Patrício (1999, p.67), “por terem como foco a compreensão da realidade através dos significados humanos, os métodos de pesquisa qualitativa tornam possível engendrar, em seus caminhos e instrumentos, elementos que conduzam a descobertas de conhecimentos básicos e aplicados sobre qualidade de vida”.

Utilizamos, por nos parecer mais adequado, o referencial do ‘Cuidado Holístico-Ecológico’ (Patrício, 1996), na medida em que este privilegia a interdisciplinaridade e possibilita a transdisciplinaridade, como forma de se poder alcançar uma compreensão mais satisfatória acerca de um dado fenômeno social.

Patrício (1999, p.20), percebendo a necessidade de um método que abordasse princípios dos novos paradigmas, elaborou um método de pesquisa a partir desse referencial. Esse método é identificado, pela autora, como a ‘Ciência da Vida’:

Modo de conhecer e compreender o processo de viver e ser saudável através da identificação da história de vida e do cotidiano presente dos sujeitos enquanto indivíduo e coletivo. Tem como referencial a visão e a abordagem transdisciplinar das dinâmicas transpessoal e transcultural. Integra concepções da ciência, tradição, filosofia e arte, traduzindo-se num movimento de reconstrução pessoal-profissional. É um método voltado para as questões de bioética, mas a partir de uma visão sistêmica, pois considera a individualidade humana na complexidade de suas múltiplas interações(...) Busca analisar, refletir e fazer sínteses sobre os fenômenos humanos, num dado contexto, para conhecer e compreender o sujeito em seus valores, desejos e suas crenças, seus mitos e conhecimentos, suas emoções de prazer e dor e as práticas que expressam sua linguagem particular e coletiva(...) Compreender a qualidade de vida do ser humano trabalhador através de princípios de paradigmas de abordagem holístico-ecológica.

Com foco na qualidade de vida do trabalhador, tem como perspectiva “ampliar a visão de ergonomia para além do espaço ‘processo de trabalho e organização’”. Para Patrício (1999, p.23):

Buscamos exercitar a possibilidade de produzir conhecimento fundamental e aplicado, considerando a subjetividade do trabalhador (...) Tem o propósito de compreender a qualidade de vida a partir da análise dos próprios dados do sujeito do estudo, sem a preocupação de interpretar à luz da literatura, deixando esse procedimento para um segundo momento, quando o pesquisador aprofundará os temas gerados (...) Tem a perspectiva de gerar outros produtos de conhecimento, com a finalidade então de provocar e incitar o leitor a refletir, a ampliar sua consciência e ir em busca de outros conhecimentos.

Em se tratando do fenômeno humano, dada a sua complexidade e criatividade no cotidiano, fomos levados a nos perguntar da validade de uma intervenção qualitativa. Demo (1985, p.42) falando a respeito dessa qualidade, no sentido de melhorá-la, nos esclarece:

Qualidade representa o desafio de fazer história humana com o objetivo de humanizar a realidade e a convivência social. Não se trata apenas de intervir na natureza e na sociedade, mas de intervir com sentido humano: ou seja, dentro de valores e fins historicamente considerados desejáveis e necessários, eticamente sustentáveis. A intensidade da qualidade não é da força, mas da profundidade, sensibilidade, criatividade.

Devido as particularidades do objetivo da pesquisa, escolhemos, conforme Bogdan e Biklen (1994), o ‘Estudo de Casos Múltiplos’, como instrumento, por ser um tipo de pesquisa qualitativa que, retratando a realidade de maneira contextualizada, enfatiza a importância descritiva dos dados.

O estudo de caso visa a análise de uma unidade social – sujeito, ambiente ou situação específica – considerada dentro de um contexto de vida real. A denominação múltiplos se dá em razão de termos investigado mais de um sujeito.

Uma característica fundamental do estudo de caso é a possibilidade de construir a teoria à medida que elementos importantes da pesquisa venham à tona, conforme nos esclarecem Lüdke e André (1986, p.18):

Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo. O quadro teórico inicial servirá assim de esqueleto, de estrutura básica a partir da qual

novos aspectos poderão ser detectados, novos elementos ou dimensões poderão ser acrescentados, na medida em que o estudo avance.

Para Patrício (1999, p.67), a qualidade do produto pesquisa depende da qualidade do processo pesquisar. Dessa forma, a riqueza da pesquisa depende do instrumento e do próprio pesquisador, com seu olhar e escuta atentos, com sua intuição. Conforme a autora, as indagações levantadas pelo pesquisador são produto da qualidade de suas interações no cotidiano, fruto de diversas informações, emoções, tecnologias e serviços. E alerta que os métodos qualitativos:

concebem a não neutralidade do pesquisador no processo de pesquisa, valorizando a objetivização e não a objetividade dos dados, pois, em seus princípios, tal como explica a física quântica, fica claro que isso é impossível. O que se concebe é a necessidade do pesquisador ter consciência das possíveis interferências que possa haver pela sua subjetividade e que o mesmo busque, já na fase exploratória da pesquisa, se subsidiar através de estratégias que impeçam, na medida do possível, o viés de sua participação no contexto estudado. Com isso, os métodos qualitativos valorizam o processo de produção de conhecimento tanto quanto seus resultados.

Como pesquisadores, objetivamos perceber aquilo que os sujeitos experimentam, o modo como interpretam suas experiências e o como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem. É o “entrar no mundo do sujeito”, conforme Bogdan & Biklen (1994), possibilitado pela abordagem qualitativa.

Outra característica desta abordagem, que corroborou com as intenções deste estudo, é a permissão explícita de elementos conflitantes ou divergentes em uma mesma situação. Contemplamos, aqui, a visão de que o ser humano é um integrante de um todo complexo e diversificado. Na medida em que o tema envolve atores diferentes, cada qual com seu respectivo ponto de vista, nem sempre uma opinião consensual emergiu da pesquisa. Sobre isso, discorrem Lüdke e André (1986, p.25):

O pressuposto que fundamenta essa orientação é o de que a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma única que seja verdadeira. Assim, são dados vários elementos para que o leitor possa chegar às suas próprias conclusões ou decisões, além, evidentemente, das conclusões do próprio investigador.

Porém, considerando que a experiência de um indivíduo pode ser apenas levemente cingida por outro, não podendo ser revivida por nenhum deles, como então, poderíamos trazer considerações acerca de um fenômeno observado, dentro de um

determinada situação, que pudessem ser extensíveis a um contexto mais amplo, genérico ? Entendemos que seria possível compreender o referencial do outro, compreender as impressões do outro sobre o fenômeno em estudo e, assim, realizar algum tipo de inferência teórica, levando-se em conta, conforme Heller (apud Patrício, 1995), o ser humano como “individual e genérico em suas ações cotidianas’.

Por meio da postura descritivo-compreensiva do método qualitativo, buscamos compreender os sujeitos a partir dos significados expressos por eles. Para Morin (1999, p.174), as noções de compreensão e de explicação parecem, numa primeira análise, justapor-se: “a primeira distinguindo-se talvez por uma conotação sintética; a segunda por uma conotação analítica. A relação compreensão/ explicação comporta uma complementaridade não menos fundamental que a sua oposição”.

Aprofundando, Morin (1999, p.176) esclarece:

Num primeiro sentido, a compreensão é o conhecimento que aprende tudo aquilo de que podemos fazer uma representação concreta, ou que podemos captar de maneira imediata por analogia. Assim, a representação é compreensiva, pois proporciona um conhecimento no próprio ato, gerando um análogo do fenômeno percebido (o que não impede de forma alguma que a representação possa ser logicamente analisada e, se for o caso, torne-se matéria de explicação). Num segundo sentido, a compreensão é o modo fundamental de conhecimento para qualquer situação humana implicando subjetividade e afetividade e, ainda mais, para todos os atos, sentimentos, pensamentos de um ser percebido como indivíduo-sujeito. (A explicação é um conhecimento adequado aos objetos, aplicável aos seres vivos quando estes são percebidos, concebidos, estudados como objetos.)

Para o autor, “a compreensão é um conhecimento empático/simpático das atitudes, sentimentos, intenções, finalidades dos outros; ela é fruto de uma mimese psicológica que permite reconhecer ou mesmo sentir o que sente outro. A compreensão, portanto, comporta uma projeção (de si para o outro) e uma identificação (com o outro), num duplo movimento de sentido contrário formando um ciclo”. Por outro lado, ressalta Morin (1999, p.177), “a compreensão não é confusão; ela comporta a distinção entre o eu e o tu em conjunção: é um ‘eu me torno tu permanecendo eu”.

Entendemos a abordagem qualitativa como a proposta adequada para esse estudo, pois seu objetivo, segundo Patrício (1996), é captar os significados do sujeito em sua cultura (crenças, valores, conhecimentos e práticas) e em seus sentimentos, num dado contexto natural e histórico.

O método qualitativo possibilita o resgate do princípio dialético, que conforme Minayo (2000, p.38), “visa abarcar o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados”.

Estas noções embasaram a escolha da técnica de entrevista semi-estruturada como forma de investigação qualitativa nesse estudo. Para Triviños (1987, p.147), o pesquisador qualitativo:

que considera a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico, apoiase em técnicas e métodos que reúnem características *sui generis*, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações. Neste sentido, talvez seja a entrevista semi-estruturada (...) o instrumento mais decisivo para estudar processos e produtos no qual está interessado o investigador qualitativo.

A pesquisa se deu através do exercício do diálogo entre os dados colhidos em campo com as idéias dos autores do referencial teórico. De forma especial, buscamos possibilitar a percepção das conexões das ‘falas’ dos sujeitos pesquisados com as categorias levantadas, de modo a dar-lhes sustentação.

3.3. Etapas da Pesquisa

Esta pesquisa foi dividida em três grandes etapas: Entrando no Campo; Ficando no Campo e Saindo do Campo, conforme Patrício (1999) e as adaptações sucessivas desenvolvidas nos estudos do Núcleo TRANSCRIAR-UFSC. A primeira, segundo a autora, compreende uma fase exploratória e engloba as atividades de seleção dos sujeitos do estudo, realização de entrevista-piloto e ajustes nos instrumentos de pesquisa. A segunda, Ficando no Campo, envolve a coleta, registro e análise dos dados. A última etapa consiste na discussão dos dados coletados e um retorno dos resultados aos sujeitos participantes. Detalhamos, a seguir, como essas etapas aconteceram no nosso estudo.

3.3.1. Entrando no campo: do projeto a entrevista-piloto

Segundo Patrício (1996), o processo de 'Entrada no Campo' consiste nas interações de aproximação com os sujeitos, assemelhando-se com um 'namoro'. Na definição do campo de pesquisa, entramos em contato com os coordenadores de instituições que se propõem a formação de uma visão holística, como a Unipaz-Sul e o curso de Naturologia da Unisul, em Florianópolis, e a Amana-Key e o Instituto Ethos, em São Paulo, para apoio na definição dos sujeitos. Essa etapa envolveu a elaboração de um projeto-piloto. Da construção do projeto à entrevista-piloto investimos quatro meses de trabalho e estudo.

Para Minayo (2000, p.28), a fase exploratória é um "tempo dedicado a interrogar-nos preliminarmente sobre o objeto, os pressupostos, as teorias pertinentes, a metodologia apropriada e as questões operacionais para levar a cabo o trabalho de campo". Como pode ser verificado no capítulo da Gênese do Tema (seção 1.2), o fator motivador para a pesquisa foram as teorizações surgidas nas diversas leituras dos últimos anos, bem como na participação nos trabalhos do grupo de estudo Transcriar/UFSC, mescladas com os questionamentos, como profissional e ser

humano, do pesquisador. Minayo (2000, p.12) esclarece: “as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano”.

A etapa Entrando no Campo foi iniciada com a elaboração do ‘projeto de pesquisa’, que consistiu na focalização do ‘tema’ da pesquisa (processo difícil que exigiu muita paciência da orientadora junto ao pesquisador), com a delimitação do problema de pesquisa - elaboração da problematização e da pergunta de pesquisa - na elaboração dos objetivos e finalidades da pesquisa, no estudo das teorias correlatas para elaboração dos pressupostos:

Este projeto de pesquisa, após a apresentação à ‘banca solidária’ – prática de estudo do grupo Transcriar/UFSC, formada por dois ou três mestrandos ou doutorandos – sofreu adaptações que buscaram aproximá-lo do referencial acadêmico (Pesquisadores).

O subsequente aprofundamento do estudo dos autores que embasaram essa pesquisa possibilitou, além da elaboração do marco teórico, a estruturação da entrevista-piloto. Essa estruturação envolveu a elaboração do formulário de pesquisa, da carta-convite, incluindo os princípios éticos, e do instrumento de registro e análise dos dados.

Para a coleta de dados, optamos pela formulação da ‘entrevista semi-estruturada’, como instrumento que possibilita um processo de interação social, favorecendo ao pesquisador captar o real, o mais isento de julgamentos de valor possível (HAGUETTE, 1999).

Os **princípios éticos** que nortearam a pesquisa, foram:

- Os sujeitos aderiram voluntariamente à pesquisa, cientes de seus objetivos e finalidades, sendo formalizada a sua participação e consentimento por meio de uma Carta-Convite (apêndice A). A desistência de participação dos sujeitos poderia ser feita a qualquer tempo.
- Como forma de resguardar os sujeitos e as organizações para as quais trabalham, o estudo não divulgou os nomes dos trabalhadores participantes e das organizações em que atuavam, sendo apenas caracterizadas as profissões e os tipos de organizações as quais estavam vinculados, bem como utilizados pseudônimos para os sujeitos.

- As entrevistas foram realizadas conforme procedimentos previamente estabelecidos e informados aos sujeitos.
- A utilização de expressões, comentários ou qualquer outra referência direta aos sujeitos de pesquisa, só foi realizada com a autorização expressa destes.
- A gravação dos diálogos durante as entrevistas, em fita cassete, se deu com o consentimento dos entrevistados.

Realizamos as entrevistas de acordo com procedimentos preestabelecidos (apêndice B) e informados aos sujeitos.

No Formulário de Pesquisa (apêndice B), constam os dados de identificação do sujeito – pseudônimo, sexo, estado civil, idade, procedência, instrução, profissão, tempo de atuação, se o trabalho é externo ou interno, com ou sem clientes – e de caracterização da organização – se pública ou privada, porte micro ou macro, de produção ou de serviços – bem como de caracterização do ambiente da entrevista – local, horário de início e término, características do ambiente.

As perguntas de apoio (apêndice B) salientavam o significado, atribuído pelos sujeitos, da atitude holística no ambiente de trabalho e da repercussão na sua qualidade de vida – o que entendiam por atitude holística; como se originara essa abordagem holística em suas vidas; que atitudes holísticas desenvolviam no seu ambiente de trabalho; como entendiam que suas atitudes, no trabalho, eram percebidas pelos outros; e qual a repercussão na qualidade de vida deles.

Os objetivos, o marco teórico, os pressupostos e o método da pesquisa, anteriormente apresentados, nos permitiram escolher os sujeitos necessários para a realização deste estudo.

Desenvolvemos a pesquisa com trabalhadores de diferentes profissões, residentes em Florianópolis, Santa Catarina. Buscamos sujeitos que “se situam na contracorrente e nas brechas do paradigma reinante, que ainda tende a operar na fragmentação do conhecimento e da vida”. Aqueles em que “o pensar e o fazer, com uma outra ética, que se constrói quando nossa consciência é tocada e nos transporta para além do espaço individual” (PATRÍCIO, 1999, p.24). E que, conforme Santos (apud PATRÍCIO, 1999, p.27), “apesar de serem diferentes, apresentam pontos de convergência”.

Buscamos trabalhadores, atuando a pelo menos dois anos, com rendimentos que possibilitassem uma relativa autonomia econômico-financeira – que proporcionasse condições dignas de subsistência - e que atuassem em um ambiente de trabalho que permitisse a interação com outras pessoas: homens e mulheres; jovens e adultos; de organizações públicas e privadas; de pequeno e grande porte; atuando interna ou externamente às organizações; com ou sem clientes definidos.

Trabalhadores com “atitude holística” não são identificáveis por pertencerem a uma organização ou estarem desempenhando determinada função. A identificação de trabalhadores, com esse perfil, é algo sutil e depende de um conhecimento mais íntimo, de uma maior proximidade, possibilitada, normalmente, pelo convívio ao longo de algum tempo.

Buscamos, no contato com coordenadores e professores de instituições que se propõem a uma formação holística, a indicação de trabalhadores que evidenciassem atitudes holísticas, por meio do convívio com esses educadores. Estabelecemos contato com essas instituições buscando a indicação dos sujeitos com o perfil pretendido da pesquisa. Infelizmente não tivemos sucesso na primeira abordagem com essa estratégia:

No contato com a Unipaz-Sul, com núcleos em Santa Catarina, sendo um deles em Florianópolis, obtivemos a indicação de três pessoas, mas eram todas empresárias. Tanto a Amana-Key, que realiza cursos em Florianópolis, quanto o Instituto Ethos, que possui empresas catarinenses associadas, não conseguiram indicar um único nome em Florianópolis – inclusive o contato da Amana-Key considerou a grande dificuldade de encontrar um profissional com essas atitudes.

Obtivemos algumas sugestões de nomes no contato com ex-professores dos cursos de graduação e pós-graduação em Naturologia da Unisul, situada em Palhoça, na grande Florianópolis. Por um processo de rede, envolvendo o próprio pesquisador e a orientadora, solicitamos aos primeiros entrevistados que indicassem trabalhadores, de seu conhecimento, que se aproximassem do perfil desejado, possibilitando assim a ampliação da quantidade de sujeitos participantes:

Cabe ressaltar que, não fosse o critério restritivo geográfico da capital (grande Florianópolis), o número de indicações conhecidas já teria ultrapassado, em muito, o número de entrevistados necessários.

Em função do caráter extensivo e aprofundado das entrevistas, desenvolvidas com os sujeitos deste estudo, e considerando nosso foco na atitude holística do trabalhador em sua qualidade humano-genérica, o número de sujeitos participantes não é extenso. Nos baseamos em uma das importantes características da abordagem qualitativa, expressa por Albarello (apud POLITO, 2001, p.37):

Nos estudos qualitativos interroga-se um número limitado de pessoas, pelo que a questão da representatividade, no sentido estatístico do termo, não se coloca. O critério que determina o valor da amostra passa a ser a sua adequação aos objetivos da investigação, tomando como princípio a diversificação das pessoas interrogadas e garantindo que nenhuma situação importante foi esquecida. Nesta ótica, os indivíduos não são escolhidos em função da importância numérica da categoria que representam, mas antes devido ao seu caráter exemplar.

Todos os participantes foram contatados pessoalmente, pelo menos, três vezes antes das entrevistas, no sentido de assegurar uma maior aproximação com o pesquisador. Inclusive, alguns dos participantes já eram conhecidos do pesquisador, sendo que um deles serviu de inspiração para a elaboração da pesquisa. Cabe registro que tivemos recusa de dois convidados: um por alegar timidez e o outro por não querer antecipar estudo semelhante que estava desenvolvendo.

Realizamos um estudo piloto para validar os instrumentos de pesquisa e também como preparação pessoal, pois, segundo Patrício (1996, p.56):

Fazer pesquisa qualitativa exige muita preparação do pesquisador, no que se refere ao seu potencial de comunicação, com a finalidade de colher dados; de saber pesquisar num movimento de interação humana repleto de subjetividades e que requer do pesquisador o exercício constante, até paradoxal, de empatia e distância com o pesquisado; de modo a desenvolver esse processo com o mínimo de interferência possível do pesquisador nos significados dos sujeitos estudados, de forma que os resultados do estudo sejam o mais próximo da realidade.

Cabe registrar, antecipadamente, as sensações contraditórias vivenciadas como pesquisador nos momentos das entrevistas, pois, de um lado, ficávamos fascinados com a riqueza de experiências relatadas e, de outro, nos policiávamos para assegurar que todas as perguntas estavam sendo respondidas. No final de quase todos os encontros, um grande cansaço.

A entrevista-piloto foi importante em relação ao instrumento de pesquisa, pois modificou parcialmente o formulário de pesquisa – modificando duas perguntas, suprimindo uma e inserindo outra – bem como o instrumento de registro de dados, em que novos dados foram solicitados. Por isso mesmo, foi necessário retomarmos a entrevista com esse participante, no sentido de complementar as informações colhidas.

3.3.2. Ficando no campo: os encontros, o registro e a análise dos dados

O segundo momento, denominado 'Ficando no Campo', é aquele em que colocamos em ação os planos do projeto de pesquisa, no que se refere **a coleta, o registro e a análise dos dados**. São momentos de interações com os sujeitos da pesquisa para a aplicação dos instrumentos de coleta de dados (PATRÍCIO, 1996). É o momento de maior interação da pesquisa. Esse processo de agendar e realizar as entrevistas demandou dois meses para ser completamente realizada.

Nosso trabalho de campo envolveu a realização de entrevistas individuais, sempre com datas e horários previamente marcados, sendo que, com três dos participantes, diversos reagendamentos tiveram de ser feitos.

Como pretendíamos um estudo aprofundado, com questões que envolviam elementos íntimos dos sujeitos, o momento e o ambiente para a entrevista tiveram de ser propícios para que uma interação de qualidade se processasse entre o pesquisador e os participantes. Ou seja, o momento ideal teve de ser buscado, para que ambos se sentissem à vontade. Desse modo, apesar de ser nossa intenção que o ambiente fosse aquele em que o trabalhador atua profissionalmente, garantidos o conforto e as menores perturbações possíveis, alguns participantes preferiram que as entrevistas fossem realizadas na suas residências.

Três das entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos sujeitos pesquisados, três em suas casas e, um outro, em um escritório conveniente para o participante.

Nos casos em que entrevistamos os trabalhadores no próprio local de trabalho, solicitamos consentimento do dirigente da organização, mostrando o projeto de pesquisa e ressaltando os princípios éticos.

Independente do ambiente em que ocorreram as entrevistas, todos os participantes receberam uma carta-convite (apêndice A), assinada pelo pesquisador e pela orientadora, solicitando a sua participação e com um local para assinatura pelo mesmo do 'consentimento informado', buscando formalizar o acordo.

No encontro para a entrevista, após a rerepresentação formal do estudo, eram reforçados os aspectos éticos envolvidos. Os encontros duraram, em média, três horas, apesar de o tempo de gravação das falas (registradas em um gravador) não ter ultrapassado nunca a uma hora:

Uma conversação inicial - com uma visita ao local e a apresentação de colegas ou familiares, com histórias de vida e leituras sendo trocadas entre sujeito e pesquisador; conversações ao final - buscando sempre deixar em aberto a possibilidade de um novo encontro, caso houvesse necessidade de complementar as informações; um encontro que teve de ser interrompido por compromisso do sujeito e que teve de ser retomado em outro dia. Todos motivos de aproximação e interação - em função da grande afinidade percebida nos primeiros minutos de conversa - entre os participantes e o pesquisador. E que, por outro lado, se estenderam para além do tempo de gravação.

A entrevista-piloto foi transcrita pelo próprio pesquisador, como forma de aprendizado e de valorização desse tipo de trabalho. As demais foram revisadas, após sua transcrição por terceiros.

O último passo foi a escolha, pelos sujeitos, dos seus pseudônimos (deixamos para o fim, no sentido de que todo o processo servisse de subsídio para inspiração na escolha).

Foram sete trabalhadores participantes do estudo no total, sendo quatro homens e três mulheres. São eles, por autodenominação, identificados como a Cornucópia, o Guerreiro Ecológico, a Busca, o Yôgi Empresário, a Esperança, o Star Rover⁷ e o Jack.

Cabe lembrar que o número de sujeitos entrevistados buscou obedecer o 'princípio de saturação' do método de pesquisa:

À propósito, se não fosse por uma entrevista previamente agendada, mas que acabou sendo postergada e gerou o compromisso com o entrevistado, talvez tivéssemos optado por ficar somente com seis sujeitos, em função do volume de informações já obtidas então (Pesquisadores).

⁷ Traduzindo = Andarilho das Estrelas

Como veremos mais adiante, a maioria das categorias encontradas, pela análise dos dados empíricos, tem, pelo menos, duas percepções relatadas semelhantes; o que possibilita evidenciar características comuns. Algumas categorias, evidenciadas por uma única fala, encontraram sustentação no marco teórico referenciado.

Com relação ao sigilo da identidade dos participantes, em função dos princípios éticos, anteriormente relatados, e conforme previamente combinado, bem como considerando que alguns deles são conhecidos de um grande número de pessoas, resolvemos apresentar as características dos trabalhadores, e as organizações em que atuam, de modo agrupado. Permitiremos, assim, o acesso a essas informações, pela importância da contextualização dos sujeitos e das situações de trabalho, sem entretanto, pela individualização, facilitar uma relação direta com cada um dos sujeitos participantes da pesquisa.

Os participantes tinham entre 26 e 56 anos de idade, sendo dois jovens adultos, três adultos e dois adultos mais experientes. Quatro deles são nascidos em Santa Catarina, com a ressalva de que um deles foi criado no Estado de onde procedem os outros três, ou seja, o vizinho Rio Grande do Sul. Quatro dos participantes são casados e os outros três são solteiros, sendo que dois deles tem a mesma namorada a, pelo menos, dois anos.

O grau de instrução dos entrevistados varia, tendo duas pessoas com 2º grau completo e os outros cinco possuem curso superior. A formação ocorreu em áreas diversas, quais sejam, psicologia, estudos sociais, educação física, administração e ciências contábeis. Sendo que dois possuem pós-graduação: um com especialização em psicopedagogia e outro com mestrado em ergonomia. Alguns buscaram cursos complementares, que os capacitaram para novos trabalhos ou possibilitaram complementar suas profissões, como lingüística, yôga, plantas medicinais, tronfoterapia, tai chi, kung fu, gui gong.

Considerando que três dos participantes possuíam, no momento da pesquisa, além da atividade principal que garante a subsistência, um trabalho adicional significativo, tanto em função do tempo alocado, quanto pela satisfação encontrada, para fins desse estudo foi necessário considerar ambos. Por isso, os números

apresentados, relativos às organizações onde atuavam e o tipo de atividade que exerciam, ultrapassam, na sua totalidade, o número de participantes.

Os sujeitos da pesquisa se caracterizam profissionalmente como: comerciante; professora e ex-coordenadora de curso universitário; professor de educação física no 2º grau de um colégio estadual e instrutor de artes marciais; funcionário público estadual e ativista ecológico comunitário; professor de línguas e consultor empresarial; consultora organizacional e professora universitária (temporariamente não exercendo).

Suas atuações profissionais variam na mesma proporção de suas capacitações, cabendo destacar porém que, além dos dois trabalhadores que se caracterizaram como professores, um do ensino médio e o outro universitário, outros três atuam também, complementarmente, como instrutores ou professores, sendo que um outro ainda continua ligado às atividades na universidade.

O tempo de atuação na atividade principal varia de 9 a 40 anos, evidenciando um tempo suficiente, para fins desse estudo, de experiência profissional de todos os entrevistados. Nos dois casos de trabalhos remunerados complementares, os tempos são de dois e sete anos.

Tendo em vista os objetivos desse estudo, com relação às organizações em que atuam os sujeitos-trabalhadores, é suficiente caracterizarmos que três deles atuam em instituições públicas e os outros quatro em empresas privadas. Com relação ao porte dessas organizações, duas são grandes organizações públicas, quatro são micro empresas privadas e uma é de porte médio. Todas elas, organizações caracterizadas como do terceiro setor, ou seja, de serviços. Além dessas, dois dos entrevistados atuam em ONG - Organizações Não Governamentais, ou também caracterizado quarto setor. Cabe ressaltar, por último, que dois dos entrevistados trabalham também como autônomos.

Por isso mesmo, a maioria dos entrevistados, cinco deles, têm clientes na sua atividade diária, sendo que os outros dois, apesar de não poder ser caracterizada assim a relação de trabalho, também possuem pessoas para as quais prestam serviços, como os alunos da sala de aula ou as pessoas das comunidades atendidas.

Ter clientes não significa atuar externamente à organização, pois este é o caso de somente quatro dos trabalhadores em sua atividade principal, acrescentando-se um

outro se considerarmos a atividade complementar. Os outros três têm sua atividade principal executada internamente à organização.

O Instrumento de Registro dos Dados, do método de pesquisa baseado no referencial Holístico-Ecológico (PATRÍCIO, 1999), nos possibilitou, como pesquisadores, anotar as impressões e sentimentos com relação ao ambiente e a interação com o sujeito.

Para complementar as informações sobre as percepções dos trabalhadores pesquisados, entendemos interessante, para a contextualização do leitor, descrever algumas características observadas nos ambientes em que foram realizadas as entrevistas.

No escritório utilizado por um dos trabalhadores, onde dá aulas de línguas, uma pequena biblioteca com cerca de 60 livros (pois a maioria já havia sido transferida para casa), sobre assuntos como administração, economia, lingüística, holística, espiritualidade. Também alguns quadros com cenários abstratos sobre cidades orientais e um microcomputador portátil na mesa.

Outro sujeito pesquisado, no seu local de trabalho, junto à mesa de escritório onde trabalha, além do microcomputador e demais objetos de escritório, tinha uma sacola de lona, um pacote com ingredientes para lanche natural, documentos sobre 'yoga nas escolas' e 'controle do estresse', e um cesto para coleta de papel reciclável.

Na escola de yoga, onde também atua, por dentro, as paredes são pintadas com cores vivas, alegres, como o laranja, com quadros de figuras do budismo, fotos de grupos e de pessoas em posições 'elásticas' de yôga. Poltronas e sofás coloridos se estendem pelos ambientes, com diversas almofadas coloridas. Um perfume de flores no ar e um fundo musical, que inspira a meditação, preenchem os ambientes da escola. Uma pequena biblioteca e uma videoteca sobre yôga na sala principal.

A casa de uma das trabalhadoras participantes, com grandes 'carrancas' na entrada, é junto a um córrego que desemboca na praia. Construída numa ladeira, com grandes pedras incorporadas à arquitetura, na parte externa e interna, cercada de muitas árvores, a casa tem, dentro, vários cachorros e alguns gatos e, no pátio, gansos. No escritório da casa, onde ocorreu a entrevista, janelas com vista para o córrego, um computador na mesa e uma biblioteca com mais de 200 livros, boa parte na área de

especialidade da entrevistada, a psicologia, bem como sobre administração e alguns outros sobre o novo paradigma holístico.

Na casa de outra das participantes, próxima à Universidade Federal de Santa Catarina, a não ser por uma 'carranca' e um 'mensageiro dos ventos' na porta de entrada, a aparência de uma casa como outra qualquer do bairro. No pátio, um grande cachorro "que costuma uivar na noite de lua cheia". Na sala, onde foi realizada a entrevista, um quadro de 'Maria, Nossa Senhora' à entrada, uma bíblia ilustrada aberta ao canto e um pequeno 'santuário', com uma grande janela voltada para o nascer do sol, velas e adornos místicos.

Na loja de produtos e alimentação naturais, onde atua uma das trabalhadoras, afora os produtos típicos da loja como cereais, vitaminas, ervas e outros, bem como o bufete de comidas com alimentos orgânicos, encontramos quadros com motivos orientais e seres do budismo, um mural com cartazes sobre cursos de terapias naturais e sobre grupos de estudo de filosofia oriental, e *folders* sobre esses assuntos no balcão do caixa da loja. Uma música de fundo misturando cantos de bichos, do vento e da água na natureza.

Sobre um dos trabalhadores, somente podemos relatar que costumava aparecer sempre com um novo livro sobre filosofia oriental ou a nova ciência, procurando sempre comentá-los em cada novo encontro.

A casa de outro dos participantes fica no fundo do terreno, cercada de mato, só se avistando, da rua, seu telhado. Para chegar na porta de entrada da casa, tem que se passar por um caminho sinuoso em meio a plantas mais altas do que uma pessoa. Uma casa com cores vivas, com portas e janelas completamente abertas onde, à sala de estar, com o entrevistado de pés descalços, a 'conversa' se realizou. Um ambiente tranqüilo, plantas para todos os lados em que se enxergava, gato na sala e o som dos pássaros entrando. Talvez pela "grande quantidade de árvores frutíferas, sendo quase auto-sustentável, e as mais de 200 plantas medicinais no terreno da casa. Todo o lixo orgânico passa por reciclagem em uma composteira".

Talvez caiba ainda, apesar de não ser o foco desse estudo, relatarmos que, na aparência física, a maioria dos participantes passaria despercebido em meio à multidão, à exceção de duas pessoas:

um por ter uma barba farta e comprida, e o outro por possuir um cabelo liso comprido até o meio das costas e normalmente amarrado no estilo 'rabo de cavalo'. O primeiro encontrado, no ambiente de trabalho, com camisas com flores estampadas e o segundo com *moletons* e camisetas com dizeres do yôga. Nunca é demais lembrar que, assim como todas as demais, essas percepções estão confinadas aos preconceitos do pesquisador, como nos lembra Morin (2000).

Podemos compartilhar, antecipadamente, nossa surpresa diante de alguns dos sujeitos que, embora na nossa maneira de perceber, se apresentavam com uma série de atitudes, pessoais e profissionais, dentro da abordagem holística, não se julgavam holísticos, nos mostrando as representações pessoais configuradas a partir das experiências de cada indivíduo:

Foram momentos de grande aprendizado e profunda gratidão para com a vida pelas oportunidades que esse trabalho estava me oferecendo, ao poder compartilhar histórias e experiências de vida cheias de riqueza, vislumbrando realizações dos outros que para o pesquisador eram ainda sonhos...

Nesses encontros, buscamos deixar em aberto a possibilidade de outros momentos com os sujeitos, visando complementarmos ou reiterarmos as informações para assegurar o atendimento das questões de pesquisa. Essa estratégia somente teve de ser utilizada para suprir necessidades relativas a dois dos participantes: o da entrevista-piloto e aquele em que tivemos de interromper o encontro.

Concomitante à coleta dos dados – por meio das entrevistas semi-estruturadas – começamos a analisar os dados registrados e as gravações transcritas. Após a leitura minuciosa das transcrições, acompanhadas pela audição das gravações – principalmente para corrigir ou digitar as expressões específicas não interpretadas pelos digitadores – buscamos identificar as categorias emergentes nas falas dos sujeitos.

Análise e interpretação dos dados, segundo Minayo (1993, p.254), “é um movimento de olhar atentamente para os dados da pesquisa, com a finalidade de compreender os dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e respostas às questões formuladas e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte”.

Inicialmente esse processo buscou contextualizar as falas dos sujeitos acompanhada de apoio em categorias de autores da literatura. Denominado por Minayo

(1993) de “hermenêutico-dialético”, ressaltando para a necessidade de compreensão da expressão dos sujeitos dentro dos seus respectivos contextos históricos.

Essa primeira leitura dos dados, buscando ordená-los, foi feita baseada num conjunto de dimensões elaboradas a partir do estudo do marco teórico. Conforme Trivinõs (1995, p.221), “o teor de qualquer enfoque qualitativo que se desenvolva será dado pelo referencial teórico no qual se apoie o pesquisador”. Esquemáticamente buscamos representar ‘o olhar’ sobre os dados, a partir de uma primeira análise, de um primeiro entendimento (Figura 2).

O aprofundamento da análise foi baseada na técnica de análise-reflexão-síntese de Patrício (1999), preconizada no método com referencial Holístico-Ecológico. A autora enfatiza que esse processo não é linear, favorecendo uma leitura intuitivo -reflexiva dos dados de maneira criativa.

Utilizamos os mesmos procedimentos aprendidos junto ao Núcleo TRANSCRIAR – UFSC, quando da elaboração de um trabalho de campo sobre terapeutas naturais:

Ao fazer a leitura do texto transcrito, buscamos sublinhar trechos - normalmente duas ou três frases que caracterizavam um assunto abordado e procurando definir palavras-chave, como que um título, para esse assunto (escrevendo nas margens laterais do texto sublinhado). Selecionamos os trechos que melhor caracterizavam as categorias que iam emergindo do processo. Juntamos todos as palavras-chave, das possíveis categorias, dos diversos sujeitos, em tabelas separadas conforme as questões de apoio (apêndice B). Buscamos relacioná-las pela semelhança ou proximidade do assunto, sempre recorrendo aos trechos específicos das falas que as originaram. Em um processo de síntese, concatenamos as palavras-chave de modo à possibilitar a construção de uma idéia, resgatando o conhecimento obtido do marco teórico (Pesquisadores).

Apenas a título de ilustração, esse processo envolveu a análise de 122 páginas transcritas das entrevistas, a elaboração de 70 páginas de trechos analisados e de 5 tabelas contendo um total de 90 linhas de palavras-chave (como subsídio para as possíveis categorias), com uma coluna para cada participante, tendo demandado três meses de estudo, sem contar o processo ir-e-vir com a orientadora.

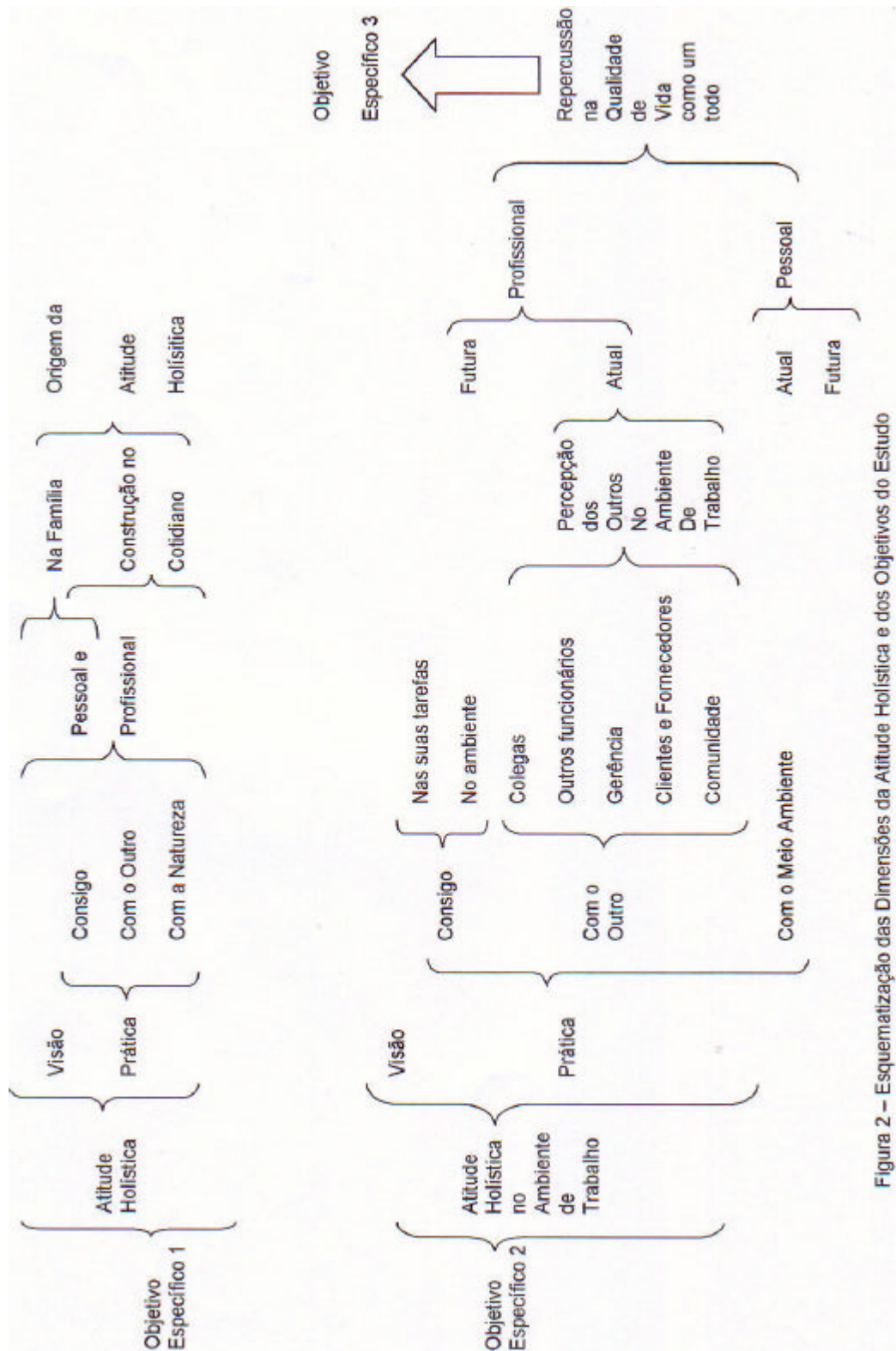


Figura 2 – Esquematização das Dimensões da Atitude Holística e dos Objetivos do Estudo

Nesse processo, cabe registrar que foram inúmeros os momentos intuitivos, fazendo aflorar idéias e sínteses a partir das falas dos sujeitos. Retomando Patrício (1995), a síntese acontece por meio de uma constante reconstrução de idéias originadas da “práxis”, em conjunto com os subsídios encontrados na literatura. Dessa forma, ora confirmamos, ora contrapomos a realidade dos dados obtidos com os conceitos científicos.

Durante todo o processo de compreensão e interpretação dos dados procuramos respostas para as perguntas de pesquisa, tendo consciência de que as respostas não passam de aproximação da realidade estudada, como também nos assegura Trivínos (1995).

3.3.3 Saindo do campo: a discussão e a devolução dos dados

Segundo Patrício (1996), ‘Saindo do Campo’ é um processo, podendo representar apenas despedidas e agradecimentos pela participação no estudo, mas também negociar possíveis retornos, incluindo validação de dados com os sujeitos do estudo e mesmo a ‘devolução dos dados’, quando o relatório da pesquisa está concluído.

No nosso caso, a finalização do processo de análise viabilizou a discussão dos dados coletados, de onde emergiu uma síntese final de todos os elementos, possibilitando a elaboração final do relatório de pesquisa.

Fizemos o convite, antecipadamente, para que os sujeitos participassem da apresentação da pesquisa no dia da defesa (um dos participantes pode prestigiar o evento).

Buscamos retornar, o que foi produzido - os resultados - aos sujeitos participantes. No período (90 dias) que decorreu da defesa dessa pesquisa até a versão final (com as considerações da banca examinadora), para entrega à Universidade, nos colocamos à disposição para eventuais dúvidas, questionamentos, críticas e sugestões referentes a todo o processo de produção da pesquisa, mediante encontros que foram agendados para as devoluções. Foram momentos de reflexão

conjunta e de sinceros agradecimentos a todos os que tornaram viável a concretização do estudo.

Para a devolução dos dados, entregamos, antecipadamente, a cada um dos participantes, uma pasta contendo o capítulo 3 (suprimida a parte teórica, ficando somente a descrição dos sujeitos participantes), o capítulo 4 (suprimida a parte teórica, ficando somente 4.1 - o conceito de atitude holística na percepção dos sujeitos, bem como a origem e a construção dessa abordagem holística em suas vidas; 4.2 – as atitudes holísticas que desenvolvem, como trabalhadores, no ambiente de trabalho), o capítulo 5 (como as outras pessoas percebem ou sentem as atitudes holísticas que eles desenvolvem e como eles percebem a sua qualidade de vida), as categorias que emergiram da sua própria fala (específica de cada um), o texto transcrito da entrevista (com as anotações e os trechos sublinhados da análise) e a fita-cassete com a gravação da entrevista.

Para uma das participantes (Esperança), que estava fora do Estado a trabalho, a vários meses, os arquivos foram repassados pela Internet e mantido contato por telefone. Com outra participante (Busca), entretanto, não conseguimos um momento propício em sua agenda, após algumas tentativas, para registrar suas impressões sobre a devolução dos dados.

Com os demais, decorrida uma semana da entrega do material, foram feitos os encontros individuais para registro das reflexões de cada participante com relação ao conjunto das falas dos participantes, inclusive a dele próprio contextualizada.

Expressões de admiração por estar recebendo o conjunto de documentos, resultado da pesquisa, foram comuns, como se isto parecesse algo raro de acontecer. No nosso entendimento, algo normal de ser feito por pesquisadores, de acordo com os princípios éticos de respeito ao sujeito participante.

Como material de apoio, considerando que nem todos conseguiram ler todos os textos (mais de 90 páginas), utilizamos algumas das transparências (39 slides) da apresentação da defesa, como forma de suscitar reflexões. Os encontros duraram desde 20 minutos (no caso de já terem lido o material) até mais de 90 minutos (com aqueles que refletiram a partir das transparências).

Durante o encontro de devolução, propriamente dito, percebemos o aprendizado,

relatado pelos participantes (apêndice D), pela reflexão propiciada com a leitura das categorias e falas comuns dos demais participantes. Considerando que quase todos os participantes declararam vontade de se conhecer, ficamos de agendar um encontro do grupo.

4 DESCRIÇÃO DA REALIDADE ENCONTRADA: a Atitude Holística no Ambiente de Trabalho

Únicos animais a preparar o seu próprio alimento, somos seres tão brilhantes quanto frágeis, pois o mesmo político que não admitiria a idéia de passar sem um legítimo *scotch*, aprova medidas que irão reduzir ainda mais o acesso de populações carentes à cesta básica. O professor de ética avança o sinal vermelho com o seu carro, assim como o padre expulsa, agressivo, o mendigo que dorme à porta de sua igreja. O homem que se uniu por amor àquela mulher humilha-a em público, enquanto o intelectual que assina manifestos contra o *apartheid* fica deprimido ao ser apresentado ao namorado negro de sua filha. Há qualquer coisa de estranho nesses bichos supostamente inteligentes conhecidos como homens e mulheres. As tênues barreiras que dividem os seres humanos continuam a provocar inúmeros conflitos: etnias, sexo, religião, nacionalidade. Chamar alguém de estrangeiro é uma ofensa. O fato de uma pessoa ter nascido xavante ou judeu, afegão ou iraquiano, polinésio ou pigmeu, e um mero acaso. Porém, esse acaso determina diferenças de culturas, de geografia, de crenças, de vínculos familiares, de valores. O mal é que nos atemos mais a essas casuais diferenças do que as infinitas identidades. Somos todos crias deste planeta. Somos todos dotados dos mesmos órgãos, dos mesmos sentidos, das mesmas conexões neurais, dos mesmos padrões de comportamento. Somos todos dependentes para nascer, viver e morrer. Se o que nos une é tão mais forte do que aquilo que nos distingue, por que fazer da diferença, divergência, e da distinção, separação? (BETTO, 1995, p.53)

Neste capítulo, tratamos dos conhecimentos que foram construídos e contextualizados a partir das falas dos sujeitos participantes da pesquisa.

Apresentamos aqui o resultado do processo de elaboração de categorias, que emergiram dos dados obtidos através das entrevistas.

Buscamos identificar, conforme o primeiro dos objetivos específicos (seção 1.3), **o conceito de atitude holística na literatura e na percepção dos sujeitos, bem como a origem e a construção dessa abordagem holística** em suas vidas.

Esclarecemos que optamos, primeiramente, por descrever os dados da atitude holística em geral e no ambiente de trabalho e depois apresentarmos a repercussão na qualidade de vida do trabalhador (capítulo 5). Para Minayo (1997, p.68), a análise e a interpretação são muito mais do que a descrição e a articulação dessa descrição, respectivamente: "... a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa".

Entendemos que descrever os dados de forma organizada, estruturada, elaborando categorias que foram emergindo das falas dos sujeitos pressupõe interpretações em movimentos de análise-reflexão-síntese (PATRÍCIO, 1996).

Precisamente falando, foram necessários quatro destes movimentos para obtermos os resultados deste capítulo, quais sejam: leitura das falas transcritas dos sujeitos com escolha dos trechos, analisando o que poderia corresponder a cada um dos objetivos da pesquisa e síntese nas respectivas palavras-chave; análise das palavras-chave e agrupamento nas respectivas tabelas por atendimento às solicitações das perguntas de apoio da pesquisa; análise das tabelas de palavras-chave buscando por semelhança, ou proximidade do assunto, de modo a evidenciar uma categoria, já elaborando uma pequena sentença sintetizadora; re-elaboração das sentenças, inclusive com a criação de novas categorias, a partir da evidência de falas distintas, em uma versão final quando as categorias puderam ser apresentadas de forma sintetizada.

Portanto, ao optarmos por esse caminho, estamos ao descrever parte da história particular de cada um dos sujeitos, permitindo 'significações diferentes' conforme o 'olhar' do leitor e, portanto, possibilitando captar informações sutis que, podendo passar despercebidas a análise do pesquisador, possam ser de interesse de outros pesquisadores com outras abordagens.

Consideramos importante a riqueza das experiências e informações das histórias dos sujeitos pesquisados e, por isso mesmo, nesta parte, bem como nas que se seguem, buscamos ser fiéis, o mais possível, às falas originais dos sujeitos. Tentamos não delimitar demais os trechos escolhidos, que evidenciam determinada categoria, sob o risco de comprometer o entendimento mais abrangente de todas as emoções e cognições particulares que somente a escuta (da fita gravada), a leitura das entrevistas literalmente transcritas ou, melhor ainda, o vivenciar o próprio processo possibilitaria.

Nunca é demais lembrar que estamos estudando uma nova abordagem, dentro de um novo paradigma e que, por isso mesmo, pode nos 'escapar entre os dedos' a profunda compreensão do que estamos lendo. À propósito, analogamente falando, e mantidas as devidas proporções, podemos citar textos místicos, como – para ficar apenas no mais conhecido entre nós – a bíblia (colocando à parte o lado religioso e dogmático), em que cada releitura de seus trechos nos remete a novos significados.

Mais ainda, como poderemos ratificar mais adiante, a holística é uma abordagem com diversas interligações e inter-relacionamentos e, como num 'hipertexto' em que determinadas palavras nos levam a assuntos diversos do que estamos lendo em

determinado trecho, as falas dos sujeitos podem abordar outras categorias em um mesmo trecho.

Retomando, conforme o primeiro objetivo específico, destacamos as categorias que emergiram da percepção dos sujeitos com relação ao **conceito de 'atitude holística'**.

Seguindo o esquema orientador de análise, proposto no método (seção 3.3.2), iniciamos descrevendo as categorias em termos de **visão** do que entendem ser a atitude holística, **consigo mesmo, com os outros e com a natureza**.

Consigo mesmo, principia com a percepção de algo sagrado que permeia todo o universo: percebendo um Eu espiritual que atua num contexto multidimensional.

E continua com outras categorias, como a busca do auto-conhecimento: se percebendo um ser integrado, em que o seu sentido da vida é construído em cima de valores onde o todo está sendo considerado.

É expandir a consciência: ampliando a abrangência da visão; enxergando as coisas numa dimensão maior; trabalhando de forma mais ampla; percebendo a realidade num contexto e a interligação de tudo; um estilo de ser, pensar e atuar de forma bastante interligada; atuando de acordo com o padrão da natureza, em rede.

Com o outro, a visão da importância da relação com o outro. Ressaltamos a categoria crescer em grupo, construindo pela prática da relação com o outro: com a moral e a ética sendo construídas na relação com os outros; praticando a paciência, a caridade, a compreensão, a tolerância com o outro.

Com a natureza, a visão é de unicidade da vida, onde a natureza, tudo, é uma coisa só: entendendo que nós fazemos parte da mãe terra; com o conceito amplo do meio ambiente, da natureza, em que o ser humano não está acima dela, mas integrado a ela; contribuindo para a sustentabilidade do meio ambiente por meio do uso mais efetivo dos recursos naturais.

E outras categorias como buscar um estilo de vida mais calmo: buscando, por exemplo, dentro da alimentação, o equilíbrio.

Bem como, procurar por uma vida junto à natureza, longe da agitação das grandes cidades: por exemplo, morando em uma comunidade orgânica; vivendo em uma sociedade alternativa intersticial com compartilhamento de recursos.

É buscar fazer a sua parte para a mudança: com posição questionadora; procurando agir de forma coerente com o que pensa; consciente de sua responsabilidade de criar a própria história em uma vida de possibilidades; atuando com criatividade e buscando ser inovador.

Também é buscar a simplicidade: libertando-se da cultura de concentração de capital; percebendo a qualidade de vida enquanto espiritual e não econômico; entendendo que não é um conceito intelectual, mas sim uma percepção profunda, intuitiva.

É o compartilhar recursos e trabalho: com o novo conceito de riqueza como satisfação e não o acúmulo de moeda.

A prática significa trazer essa visão para a sua vida diária. Os sujeitos participantes relataram as atitudes holísticas que realizam consigo, com os outros e a natureza, nos seus diversos contextos.

Consigo, uma primeira categoria que emergiu foi o morar em harmonia com a natureza: pela escolha do local, tendo a casa como um ambiente integrado com a natureza.

Outra é ter uma dieta saudável: sendo a alimentação com produtos orgânicos ou com uma alimentação vegetariana.

Ou ainda, consumir só o que necessita: sem estar acumulando.

É se permitir a contemplação, dedicando mais atenção as coisas do mundo: uma atitude de observador da vida; com reflexão diária sobre ações futuras.

Uma maneira mais leve, mais alegre, mais descontraída, menos formal, de levar a vida: permitindo um tempo para si mesmo; possibilitando a complementação com a produtividade no trabalho e na vida.

É a busca do equilíbrio emocional e o aumento do autocontrole por meio do estudo e da prática da filosofia e de técnicas orientais como o yoga e a meditação.

É a vivência mística diária: um conviver com o sagrado no cotidiano, em agradecimento.

É a percepção diferenciada em relação ao corpo, com a prática da relação sexual entendida como um ato de união cósmica e de evolução interior.

Na prática da relação com o outro, emergiram categorias que evidenciam uma interação de 'cuidado' com o outro.

É respeitar o outro, acima de tudo: amorosidade, compreensão do outro, carinho com o outro; dando importância aos significados do outro, buscando ouvi-lo, prestando mais atenção.

É descobrir a criança que brilha no outro, alegre e cheia de sonhos: resgatando o bom desse ser, a parte boa dele; percebendo o outro te entendendo como criança também.

É também aprender com o outro: aprendendo a repensar com o outro; trocando com o outro e entendendo que sempre tem algo a aprender com o outro, num processo de simbiose, num compartilhar.

Na relação com a natureza, solidariedade e companheirismo com o meio ambiente: lutando, no bom sentido, pela conscientização das pessoas para a importância do meio ambiente.

Num segundo momento, procuramos identificar, conforme a segunda parte do primeiro objetivo específico (seção 1.3), **a origem e a construção dessa abordagem holística** nas vidas dos sujeitos participantes.

Enfocar parte da história, pois relatada pelos sujeitos, da construção das crenças e conhecimentos desses trabalhadores ao longo de suas vidas, nesse momento da pesquisa, pode nos auxiliar a compreender um pouco melhor porque conceituam 'atitude holística' da forma como o fazem e como isso se expande para o seu trabalho.

Nessas histórias apareceram suas crenças e seus valores, suas necessidades, seus desejos e expectativas, aquilo que lhes dá prazer e alegria, bem como o que os deixa tristes e os incomoda (Patrício, 1996).

Seguindo o esquema de análise, explanado no método (seção 3.3.2), buscamos identificar, nas falas dos sujeitos, primeiro as **categorias relativas à família, ao contexto familiar.**

Os sujeitos participantes nasceram ou foram criados junto à natureza, em sítio ou junto à lagoa, ou passaram pela experiência de viver de modo alternativo, meio nômade.

A auto-reflexão aparece como algo inato: com uma infância marcada por questionamentos e expressões fortes; bem como o fato de nascer com a idéia fixa de construir uma comunidade alternativa.

A influência da religião da família pareceu uma categoria importante.

Outra característica marcante de alguns dos participantes é a iniciativa.

A construção dessa abordagem holística nas vidas dos sujeitos participantes, por um lado, parece demonstrar uma continuidade da influência familiar. Por outro, porém, **demonstra a consciência, a responsabilidade e a iniciativa pela elaboração de novas atitudes** holísticas que emergiram como categorias.

Apareceram uma inadaptação, um inconformismo, uma inquietação, uma rebeldia que predispôs à ação, à mudança: percebendo uma atitude de crítica consigo mesmo, de autocrítica; a existência anterior de uma busca interior; uma coragem de mudar, vista, as vezes, até como uma certa insanidade.

Sensações que encontraram espaço para expressão nas artes ou nas universidades: a visão ficando mais clara em função de leituras específicas.

O pioneirismo como manifestação das iniciativas nas atuações comunitárias: a atuação como ser político que influencia significativamente na construção da história social.

O contato com a natureza continuou sendo buscado, pelas viagens para entrar em contato com o mar ou pela permanência junto ao ambiente em que tinha sido criado, aumentando a empatia com o meio ambiente.

Cabe destaque a categoria do desenvolvimento interno da espiritualidade pelo estudo e pela vivência de diversas religiões e filosofias orientais, com a inquietação do eterno aprendiz, para além da religião da família: pelo estudo de assuntos caracterizados como ocultismo e misticismo, visando uma maior compreensão dos fenômenos e da própria vida.

Foi característica a busca por conhecimentos diversos, procurando abordar diversas visões de mundo: permitindo o conhecer pelo exercício dialético no processo de aprendizagem; o estudo da 'nova ciência'; a complementação da formação inicial com o estudo e a prática de terapias naturais; a mesclagem do conhecimento espiritual com a formação acadêmica.

Pareceu significativo também o contato com um mestre ou um professor ou um orientador: a convivência com uma pessoa que exerceu uma influência extraordinária na percepção do mundo que eles tinham, tornando a visão mais clara.

Como consequência dessa construção, relataram a re-significação do seu trabalho, de sua prática profissional, por essa visão de mundo diferenciada da cultura vigente, esses diversos conhecimentos, percepções, experiências e vivências. O que seria de se esperar, pois coerente, segundo Rodrigues (1976), em função do conjunto de pensamentos e ações relatados.

Dessa forma, os sujeitos participantes demonstraram que as atitudes holísticas que desenvolvem, como trabalhadores, no ambiente de trabalho seguem, numa continuidade, aquilo que pensam, sentem e fazem nas suas vidas pessoais. Estamos, desse ponto em diante, conforme o segundo objetivo específico (seção 1.3), **identificando atitudes holísticas dos trabalhadores desenvolvidas no ambiente de trabalho.**

Seguindo, como anteriormente citado, o esquema orientador de análise, proposto no método (Figura 2), descrevemos as categorias que evidenciam a visão do que entendem ser a atitude holística, consigo mesmo, com o outro e com a natureza, no ambiente de trabalho.

Declararam estar percebendo o trabalho, como algo que, além da remuneração e da garantia de sobrevivência, integra prazer, função social e missão existencial: interligando essa postura holística, que faz parte da sua identidade, no trabalho; trabalhando somente naquilo que acredita; um forte senso de missão no seu trabalho, evidenciando um relevante significado desse tipo de trabalho em sua vida.

Essa identidade da holística com o trabalho parece levar a ter um estilo próprio de fazer as coisas, necessitando de liberdade e tranquilidade no trabalho para atuar, para poder usar plenamente suas capacidades.

Apareceu uma necessidade de fazer bem para alguém: de sentir que está fazendo a sua parte. E de agir como exemplo do que acredita: sendo ético no trabalho, em função da sua consciência.

Evidencia uma segurança no que faz e uma capacidade de descobrir os caminhos: com autoconfiança para fazer os trabalhos; com a coragem para contestar o que acha que deve mudar na organização.

E somente quando percebe interesse das pessoas, dos seus alunos, somente quando se estabelece uma espécie de sintonia com o grupo, então consegue repassar os seus conhecimentos.

É também a atitude de promover diálogos reflexivos com os colegas: buscando ampliar visões e aprender com eles; estimulando questionamentos, gerando inquietações, promovendo reflexões a partir da visão de mundo das pessoas, para que então surgisse a procura, a busca, por outras possibilidades; fazendo seus alunos refletirem sobre as várias possibilidades para além dos conceitos pré-definidos; permitindo ao aluno imaginar, repensar; estimulando leituras mais profundas e avançadas; de se permitir vários olhares, aceitando a complexidade do ser humano e a diversidade existente em cada indivíduo, com uma abordagem inter e transdisciplinar.

É também uma atitude de orientador dos colegas, que buscam informações de trabalho: atuando, inclusive, como um terapeuta emocional e físico na organização.

Evidencia uma atitude pró-ativa e com iniciativa para novos projetos: inovando e se renovando com esses projetos, com a energia que propicia a auto-motivação no trabalho; como se fosse um catalisador para que as transformações aconteçam mais rapidamente; de fazer com que a mudança ocorra, inclusive, no próprio ambiente físico de trabalho.

E, com os outros funcionários da organização, busca estabelecer uma relação de compreensão: procurando entender do ponto de vista do outro e aceitá-lo; busca valorizar as pessoas mais simples no ambiente de trabalho, olhando-as e cumprimentando-as; procura uma convivência sem atritos e se dar bem com as pessoas.

Outra atitude marcante é uma forma alegre, com brincadeiras, possibilitando trabalhar com amor, mais leve, diferenciada de atuar no ambiente de trabalho: deixando a nossa criança interna vir à tona, dando um tempo para rir e brincar, um tempo para respirar e fazer uma ginástica, para meditar e orar, trabalhando bastante, mas sorrindo.

O trabalhar em grupo, sem sair na frente ou ficar para trás, foi destacado: sem o grupo o trabalho holístico não existe. É estar sempre junto, em parceria, com companheirismo, acolhimento e ajuda ao outro: o relacionamento baseado no respeito, começando por si mesmo, e desenvolvendo a atenção para o outro.

É o comprometimento com a equipe, com o trabalho da equipe, com tudo que está sendo envolvido naquela atividade: a responsabilidade com a comunidade e o ambiente em que ela está inserida.

Nos trabalhos em grupo ou junto à comunidade, a atitude de se chegar nas pessoas, conversar, tocar, abraçar, beijar, numa relação de amigos, de companheiros, com todas as pessoas, em um processo gostoso de viver em grupo, no coletivo: construindo um clima melhor com todos; tem que olhar com todo mundo junto.

E a hierarquia se dilui, em um grupo que todos trabalham juntos: participando de todas as etapas do trabalho, juntos, independente dos títulos ou cargos; como se fosse uma família; se respeitando o talento de cada um, buscando aproveitar o que cada um entende que faz melhor.

Alguns dos participantes que coordenam equipes, manifestaram que estão mudando a atitude com os colaboradores, passando a estimular que eles próprios busquem as soluções, que decidam por si, ou ainda, estimulando o outro para que veja de uma forma diferente e, com o retorno, o descobrimento de soluções que nem mesmo se tinha idéia antes de estabelecer o diálogo.

Especificamente um participante evidenciou, no relacionamento com um antigo professor, um senso de retribuição, se colocando à disposição para ajudar, colaborando, de forma espontânea.

O chefe é visto como amigo, em uma relação de colaboração, de suporte, buscando ajudar. O gerente não é visto como alguém que está acima, mas sim como parceiro, co-partícipe do processo, apenas com atribuições ou funções diferentes. Em cima da índole boa do dono, da intenção de acertar, é que se trabalha. É buscando estreitar o relacionamento com uma diretora rígida, enfatizando o lado espiritual dela. É buscar despertar o ser holístico, a criança interna, que existe dentro daquele gerente, possibilitando uma nova relação e, a partir daí, desse gerente com os demais colegas e a comunidade: afinal, todo mundo tem que crescer junto.

Trabalham com o cliente como se fosse uma pessoa da família, fazendo com que ele se sinta à vontade, como da casa, numa relação pessoal, com entrosamento, como os amigos fazem entre si. É uma predisposição para ser honesta e verdadeira com o cliente: procurando fazer os produtos ou serviços como se fosse para si, passando a sua energia, fazendo como as pessoas merecem. É estar sempre sorrindo, com simpatia, olhando para os clientes, conversando, percebendo o cliente como pessoa.

E estimulando os clientes para participar da construção das possibilidades de solução, em um processo de construção conjunta.

Uma das participantes destacou que procurava manter uma relação próxima também com os fornecedores, passando um tempo com eles, conhecendo eles, conversando.

É a consciência do efeito multiplicador de nossas ações: das repercussões nas comunidades, com uma grande responsabilidade e uma preocupação permanente para que o resultado do trabalho comunitário não seja manipulado. É ampliar a consciência das pessoas sobre as influências mútuas entre a empresa e a comunidade.

É a atitude de educador ecológico comunitário, num sentimento de amor e responsabilidade por trabalhar pela conscientização das crianças, dos profissionais e das comunidades com relação ao meio ambiente: aquele sentimento de paixão e profundo respeito pela natureza. É a percepção de que não se está sozinho no trabalho pela conscientização ecológica e no trabalho de preservação da dignidade e da cidadania das comunidades.

É atuar com iniciativas ecológicas, na organização, como: a reciclagem do lixo orgânico, o reaproveitamento do material, a construção de um jardim medicinal na própria instituição; se esforçando para mudar a cultura do desperdício na organização.

Enfim, cada um dos sujeitos participantes, buscam, dentro das especificidades de seu trabalho, oportunidades de atuar holisticamente, por meio das mais diversas formas: fazendo a alimentação o mais natural possível; falando em aula sobre práticas orientais; orientando para a possibilidade de compartilhar capacidades e talentos, da troca de recursos, entre as pessoas de uma comunidade ou engajando-se na construção de um sistema holístico de economia.

4.1 O que é Atitude Holística?

Na **visão holística, segundo a literatura**, e atendendo a primeira parte do primeiro objetivo específico do estudo (seção 1.3), há uma concepção do potencial humano de transformação e de evolução permanente. Conforme Weil (2000), em qualquer idade pode-se operar uma verdadeira metamorfose. Por analogia, a lagarta simboliza o homem estratificado e preso à rotina de seus hábitos cotidianos e preconceitos. A crisálida representa o processo de transformação de uma consciência: um período de crise interior, de questionamentos de valores, de obscurecimento provisório da alma – neste estágio vigoram o egoísmo, o fechamento, a limitação e o medo de uma vida harmoniosa e altruísta. A borboleta seria então a nova consciência. A maturidade vista como um estado de consciência ampliada, de harmonia, de plenitude e de paz de natureza pessoal e transpessoal.

Segundo o autor, o que deve ser buscado é transformar os obstáculos em formas construtivas de energia. A abordagem holística – ecológica, comunitária e espiritual - é o que possibilita o processo de transformação. Para que, então, seja restabelecida a 'Roda da Paz' (figura 3).

A abordagem holística é um desvelar da plena consciência, com uma vivência em que desaparecem as fronteiras entre sujeito-objeto-relação. A abordagem holística é a sabedoria primordial inseparável do amor. Utilizar a abordagem holística é buscar práticas que levem à vivência holística (WEIL, 2000).

Para o autor (op. cit.) a mudança de sentido para uma vida holística começa por uma mudança interior. A mudança interior pode acompanhar a nova forma de viver no seu cotidiano assim como na sua ação externa. A sua evolução é uma primeira forma de dar a sua contribuição.

Em primeiro lugar, você precisa cuidar do seu corpo. Você terá melhor saúde, maior longevidade e maior serenidade se praticar relaxamento e cuidar da alimentação num sentido natural e sem tóxicos. Esses benefícios serão reforçados por exercícios aeróbios diários e tomar sol de manhã cedo.

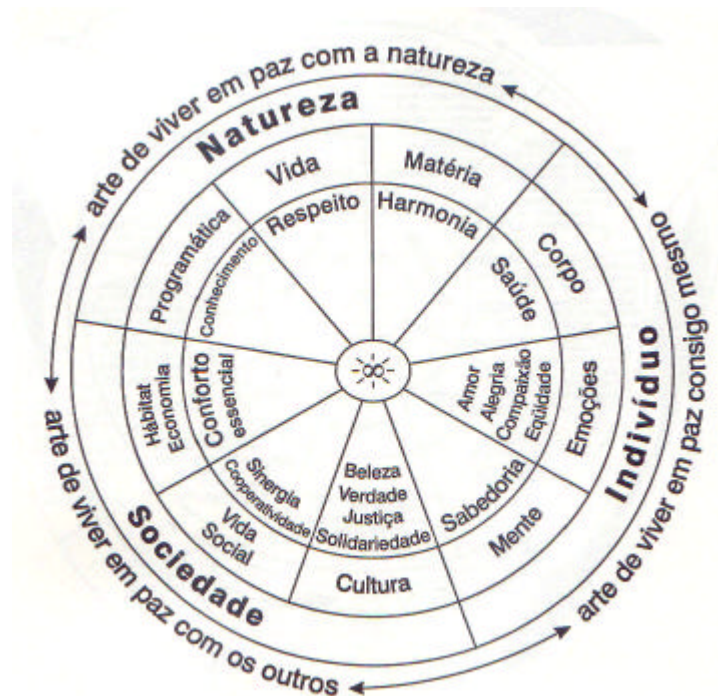


Figura 3 – A Roda da Paz (WEIL, 2000, p.182)

Você despertará paz no seu coração se cultivar o amor e a amizade para todos que encontrar, pondo música e alegria na sua vida, sobretudo a alegria de existir e de compartilhá-la com o mundo.

Você encontrará maior harmonia com você mesmo e com os outros se souber aceitar e amar dentro de você as suas partes masculina e feminina.

A vida lhe sorrirá cada vez mais e você saberá encontrar soluções criativas para os problemas que encontrar no caminho se despertar a sabedoria interior. No encontro silencioso consigo mesmo, o seu espírito ainda limitado se descobrirá como parte integrante e indissociável do grande Espírito Universal. Com a meditação ao longo do tempo, você se tornará um ser desperto.

À medida dos seus progressos você ficará cada vez mais consciente da influência da sociedade e da cultura sobre você. Saberá distinguir cada vez com mais lucidez quais entre os valores, opiniões, atitudes, hábitos e comportamentos pretende continuar a adotar, selecionando. Isso significa deixar de se envolver ou seguir normas destrutivas de vida, mesmo se em torno delas houver um consenso geral.

Você se sentirá envolvido de plenitude, se colocar todos os seus pensamentos,

sentimentos e ações a serviço de valores superiores, comuns a toda a humanidade, tais como a beleza, a verdade e o amor.

Na sua relação com os outros, parentes, amigos, colegas, parceiros de diversas naturezas, você estabelece relações francas e generosas, procurando na medida do possível expressar a sua verdade com amor. Isto implica uma atitude de abertura, em que irá praticar a cooperação e mesmo a comunhão e sinergia em vez da competição.

Existem muitas oportunidades de servir e de se abrir ao amor; isto envolve a participação de instituições de responsabilidade social e de preservação do meio ambiente.

Em caso de conflito com alguém, considerará a oportunidade de aprender e evoluir, através de soluções pacíficas e conciliadoras. Saberá se colocar no lugar do outro e compreender os seus motivos de ação. No conflito entre outras pessoas, procurará servir de mediador.

Como cidadão, procurará se inteirar da probidade dos políticos que quer eleger. Terá constantemente em mente o interesse da nação e das coletividades.

Na sua meditação, procurará orientação através da inspiração, resultado natural de tal procura.

Se quiser se sentir verdadeiramente livre e feliz, em relação aos seus amigos, parentes, colegas e mesmo bens materiais será preciso deixar de se apegar a eles. Desapego não significa abandonar as pessoas ou jogar tudo fora. É mais uma disposição de abrir mão, caso seja o momento da separação.

No plano econômico, das suas relações com aquilo que você possui, o desapego lhe proporcionará ainda mais o sentimento de liberdade. Você se sentirá mais feliz se começar a entrar no movimento mundial da simplicidade voluntária, evitando comprar coisas desnecessárias e dando objetos e roupas supérfluos para as pessoas necessitadas.

Nesse sentido, se quiser aumentar ainda mais a plenitude que lhe oferece o serviço altruísta, uma opção é a alimentação vegetariana, em função da não-violência aos animais e do aumento da oferta de grãos ao mundo.

Esta alegria poderá aumentar e se tornar duradoura, caso você escolha uma atividade profissional ou uma organização a serviço do público, cuidando e

proporcionando às pessoas mais segurança, alegria, lugar na sociedade, amor, inspiração, conhecimento ou mesmo transcendência.

Qual sua relação com a natureza? O que você está fazendo para preservá-la? Siga a sua própria consciência e a sua voz interior e terá muitas sugestões, como plantar, reciclar lixo, evitar consumo excessivo de água, colaborar com campanhas em defesa do meio ambiente e outras.

Aplicar essas recomendações requer muito tempo, esforço paciente, constância e perseverança. Quanto mais cedo começar, mais cedo virão os resultados.

Entretanto, esse processo, proposto por Weil (2000), não nos parece tão fácil de ser realizado, pois, como nos afirma Capra (1998), o vínculo entre uma percepção ecológica (em um sentido amplo) do mundo e o comportamento correspondente não é uma conexão lógica, mas psicológica. A lógica não nos persuade de que deveríamos viver respeitando certas normas, uma vez que somos parte integral da teia da vida. No entanto, se temos a percepção ecológica profunda de sermos parte da teia da vida, então estaremos (em oposição a deveríamos estar) inclinados a cuidar de toda a natureza viva. De fato, mal poderemos deixar de responder dessa maneira.

Nessa mesma corrente, Goonatilake e Nicolescu (apud CREMA, 1989) ressaltam que a vivência da realidade é função direta do estado de consciência em que nos encontramos. Portanto, seu produto não pode ser apenas uma interpretação intelectual, necessitando de uma abordagem mais ampla, de complexidade, de visão integrada a diferentes saberes.

Esse processo é dificultado pois existe uma conexão nas mudanças entre pensamento e valores. Elas podem ser vistas como mudanças da auto-afirmação para a integração. Segundo Capra (1998, p.57), essas duas tendências são aspectos essenciais de todos os sistemas vivos. Nenhuma delas é, intrinsecamente, boa ou má. O que é saudável é um equilíbrio dinâmico; o que é insalubre é o desequilíbrio, a ênfase excessiva em uma das tendências em detrimento da outra. Conforme o autor, na nossa cultura industrial ocidental, enfatizamos as tendências auto-afirmativas e negligenciamos as integrativas, tanto no nosso pensamento como nos nossos valores:

<u>Pensamento</u>		<u>Valores</u>	
<u>Auto-afirmativo</u>	<u>Integrativo</u>	<u>Auto-afirmativo</u>	<u>Integrativo</u>
racional	intuitivo	expansão	conservação
análise	síntese	competição	cooperação
reducionista	holístico	quantidade	qualidade
linear	não-linear	dominação	parceria

Capra (1998) afirma que os valores autoafirmativos, como, por exemplo, a competição, a expansão e a dominação, estão geralmente associados com homens e que, em nossa sociedade patriarcal, eles são estimulados por meio de recompensas econômicas e poder político. Por isso, segundo o autor, a mudança para um sistema de valores mais equilibrados, tão difícil para a maioria das pessoas, parece ser ainda mais para os homens.

Para Patrício (1999, p.37), “o ser humano, como animal-cultural, tem interferido progressivamente nos ecossistemas, através das ações, seja no cotidiano do trabalho remunerado, seja nos demais cotidianos de buscas de satisfação de seus desejos”. Segundo a autora, o que nos falta é aprender a conviver, a ‘usar a mãe-terra’, mas com uma ética de solidariedade, de afeto. Princípios esses encontrados nos ‘paradigmas emergentes’; naqueles que se envolvem nas questões de humanidade, espiritualidade e desenvolvimento ecológico solidário.

E afirma ainda que “um pouco mais de humildade e amplitude em nosso olhar – visão de ‘eu-no-mundo’ e ‘eu com o mundo’ – fará com que percebamos que todos os seres vivem numa teia de relações. A vida é toda uma rede. Fora da relação nada existe”.

A ética, fundamental na abordagem holística (WEIL, 2000), pressupõe atitudes baseadas em: valores, despertados pelo coração e pela alma, ligados à defesa da vida sob todas as suas formas; o cultivo dos grandes valores universais: beleza, verdade e amor; o cultivo do despertar da plena consciência; a integração da ética em todas as profissões; a oportunidade de servir e contribuir ao bem comum, no plano do indivíduo, da sociedade e da natureza.

Para o autor, a atitude com relação à ecologia e à economia implicam: na consciência da limitação dos recursos naturais e, portanto, na participação ativa na

preservação e na recuperação do meio ambiente; em uma economia ecológica visando a um desenvolvimento viável com consumo controlado; na cooperação, visando a qualidade de produtos com economia de comunhão.

Essa nova educação, segundo a abordagem holística, sinaliza para o desenvolvimento de atitudes que privilegiam: a simplicidade voluntária, onde o dinheiro é visto como um meio a serviço de valores fundamentais, e não como um fim em si mesmo (WEIL, 1993); a cooperação, a sinergia, a generosidade, a igualdade e a equanimidade; a busca da conciliação dos interesses; o equilíbrio entre o masculino e o feminino; a formação geral precedendo a especialização.

A liderança pressupõe atitudes orientadas por: uma conscientização do sentido profundo do trabalho; perceber o conflito como oportunidade de aprender e dialogar; decisões baseadas no equilíbrio entre das funções psíquicas: razão e intuição, sentimento e sensação; a ênfase em personalidades harmoniosas, porém firmes e lúcidas.

Para Weil (1993), os sentimentos de altruísmo, compaixão e amor são qualidades intrínsecas a todo o ser humano. Elas alimentam o senso de responsabilidade pessoal, social e planetária. Baseado nessa premissa, ele relaciona as atitudes holísticas associadas a cada conjunto de valores: aos valores respeito, plenitude, inteireza, boa vontade; união e lealdade estão associadas atitudes como harmonia, não-dualidade, solidariedade, sinceridade e confiança; aos valores saber, clareza e verdade estão associadas atitudes como meditação, reflexão e auto-descoberta; aos valores criatividade e beleza estão associadas atitudes como imaginação, intuição e criação; aos valores altruísmo e ternura estão associadas atitudes como compreensão, empatia e ajuda; aos valores equanimidade e responsabilidade estão associadas atitudes como cooperação e liberdade de pensamento; ao valor prazer está associada a atitude compartilhar; aos valores defesa do corpo, saúde e conforto essencial estão associadas atitudes como não-violência, coragem e paz.

Patrício (1999, p.31), considera importante abordar a amplitude e a complexidade do processo viver humano e sua relação com a saúde individual-coletiva. E, por isso, contesta as concepções que ao dizerem 'agir holístico' "somente

desenvolvem terapêuticas corporais, que, segundo crenças, tenderiam a promover a saúde integral do indivíduo. É o caso daquelas abordagens holísticas desprovidas de contextualização e reflexão crítica dos fenômenos, no que diz respeito aos componentes éticos e político-econômicos do processo de viver. É quase como um paradigma alheio às questões de cidadania, pois focalizam com ênfase a busca de harmonia individual, mas sem considerar essa conquista voltada também para satisfação de situações coletivas, ou mesmo a conquista através do coletivo”.

Mas a autora (op.cit, p.32) reconhece, naturalmente, que essas vivências individuais e grupais costumam promover, no indivíduo, situações de bem-estar, que o tornam mais saudável para a vida coletiva:

Através do diálogo reflexivo de conteúdo cultural e de terapêuticas alternativas de diferentes culturas, o cuidado holístico parte do princípio de que ‘corpomente’, ser humano consciente e energizado, pode interagir mais efetivamente – política e energeticamente – no coletivo, inclusive nas questões de cidadania.

Entendemos, como a autora, que é preciso, para melhor nos situarmos, que saibamos que existem diferentes significados atribuídos ao agir holístico em nossa cultura. Há, por exemplo, a utilização da palavra ‘holística’ para designar atividade de cunho apenas ‘esotérico’. Muitas vezes essas atividades são desenvolvidas por pessoas que, sem conhecimentos básicos e cuidados éticos com a aplicação dessa ciência, mostram apenas objetivos financeiros e acabam por explorar pessoas que estão necessitando de orientação e conforto. Existem também aqueles profissionais de recursos humanos que se especializam em ‘técnicas holísticas’ para desenvolver trabalhos com empregados de sua empresa ou vender seus serviços de consultoria, tendo como única finalidade ‘domesticar’, acalmar os empregados para o patrão e que, na nossa visão, representa manipulação do ser humano.

Infelizmente, conforme a autora (op.cit.), na medida que essas abordagens assim se expressam, acabam por promover, em nosso meio, preconceitos que prejudicam o desenvolvimento da ciência nos princípios desse paradigma.

Para Patrício (op.cit., p.36), pensar e fazer holístico significa “a vivência compartilhada de consciências que mobilizem perceber o caráter biológico e cultural do ser humano, a diversidade, a unicidade e universalidade, a integralidade e totalidade de cada ser, na relação consigo mesmo e em interações com outros seres humanos e as

outras naturezas, em movimentos de tempo e espaço, particulares e coletivos; as relações do ser humano com a vida no planeta e no universo”.

Na perspectiva de repensar a rigidez matemática da ciência, buscando na arte, na filosofia e na mística os demais espaços, para considerarmos o ser humano e o mundo como um todo integrante de um todo maior, bem como suas inter-relações, a autora (op.cit., p.38) entende que trazer esse pressuposto para o cotidiano se assemelha “ao evento indivíduo-social, representando o coletivo em todas as suas particularidades, construído nas diversas interações humanas, num dado ambiente, no tempo histórico passado e presente, integrado em projetos individuais e coletivos”.

Conforme a autora (op. cit., p.45), quando se “participa mais da construção da vida com olhar sensível, crítico - ética e esteticamente falando, mais humanitário e menos individualista, com mais prazer e menos dor – aceitando estímulos e ajuda de diferentes cientistas, poetas e sábios”, é possível vislumbrar princípios básicos e atitudes que possam mediar a transformação dessa realidade, como:

“visão universal, compreensão das diversidades e transformação social através da prática de solidariedade, de comunidade; investir-se afetivamente na luta pela qualidade de vida (...)” (McLAREN); “integração da dimensão amor, da afinidade na interação” (KUSHI); “resgate das coisas elementares, a humanidade, evitando que a produção preceda a necessidade e que incorporem o componente de ética, da solidariedade com o outro na satisfação de suas necessidades de sobrevivência e de transcendência...” (D’AMBRÓSIO); “subjetividade, envolvimento, engajamento de consciência, sem economia de afeto” (SILVA); “práticas de conhecimento e atenção, a partir de princípios da bioética, considerando os desejos, as crenças, em especial os valores dos seres humanos”. (PATRÍCIO, 1995, p.24).

Na **percepção dos sujeitos**, e atendendo a segunda parte do primeiro objetivo específico do estudo (seção 1.3), **a atitude holística** pode ser categorizada conforme **a visão** que eles têm sobre o que uma pessoa holística pensaria e faria, bem como por meio das ações que eles mesmos realizam consigo, com os outros e com a natureza. Retomando o conceito de atitude, conforme Rodrigues (1976), ressaltamos a organização duradoura de crenças e cognições, dotada de carga afetiva, predispondo a uma ação coerente com essas.

O **entendimento, pelos participantes, do que seria atitude holística**, parece se embasar, inicialmente, na **percepção de algo sagrado que permeia todo o universo**, compreensão essa possibilitada pelo coração. Para Cornucópia, “... *você começa a compreender exatamente a irmandade do universo. É ali que ela está. É*

energético. Aí você compreende: 'Nossa! É isso que é ser irmã (...) No nível racional, fica difícil de entender isso... Tem que ser aqui, tum tum, terra, coração, tum tum...'

Segundo ela, é ver em cada ser uma partícula da luz divina, buscando esse lado melhor da pessoa:

Sempre vendo nesse ser uma partícula dessa luz e desse amor maior que é Deus (...) Eu ter esse olhar de que todo ser humano tem algo muito bom (...) Então é sempre caracterizar esse lado melhor da pessoa e fazer com que esse lado, ele venha à tona com muita força.

Para ela, é confiar totalmente no processo da vida - uma fé absoluta:

Então, conflitos existem, mas se você estiver no centro, isso não vai afetar a forma como você vê o mundo, como você vê as situações... Eu ousaria, ousaria mais... Acho que é uma questão de fé. É a fé absoluta. É uma confiança total no processo (...) se há um momento de baixa, é necessário para que depois (...) um outro patamar.

Aprofundando mais, é um **perceber um 'Eu' espiritual que atua num contexto multidimensional**. Segundo Star Rover, é compreender *"um Eu que está muito além da matéria. Um Eu mais complexo, porque é físico, mental e espiritual. E ao mesmo tempo, ele procura compreender esse Eu, nesses contextos complexos: interdimensional e multidimensional"*.

Essa espiritualidade, que parece estar além da religiosidade, está relacionada com **a busca do auto-conhecimento**:

O indivíduo que busca o auto-conhecimento. Que é um indivíduo espiritualizado, que busca a espiritualidade. Que necessariamente tem que compreender algo mais do que a matéria, do que um Eu persona construído na relação sociocultural (Star Rover).

Busca reforça essa idéia quando fala daqueles que "procuram elevar a espiritualidade, deixar o ego de lado." O que, para Cornucópia, significa "encontrar esse equilíbrio, buscar a criança (interna) e o ancião (interno) que é sábio."

Uma atitude bastante reforçada pelos participantes envolve **expandir a consciência**, que para Esperança lhe possibilitou *"enxergar as coisas numa dimensão maior, numa dimensão que transcende as coisas."* Como ela mesmo reforça quando afirma que tem *"uma visão sistêmica, uma visão holística. Acho que tudo conspira, tudo está interligado (...)* **O ser é um ser integrado.**" **É ampliar a abrangência da visão**, buscando **enxergar as coisas numa dimensão maior**, percebendo a repercussão no todo:

... expansão de consciência. É você tirar o 'antolhos' (do cavalo). É você: 'Vou fazer isso. Mas por quê eu vou fazer isso? Qual a importância disso no contexto do universo?' Porque a maioria das pessoas nem sequer consegue entender a função daquilo que está fazendo no contexto do seu trabalho. Imagina se for no contexto do seu bairro, da sua cidade, da sua sociedade, do seu mundo... É você expandir a sua consciência, numa visão mais lá de cima. Quando está muito focado ali, você não consegue enxergar o que está acontecendo do lado (Yôgi).

Vejo assim o meu ponto aqui, que é o lugar que eu moro, o meu bairro como super importante, mas também penso no mundo inteiro. O que está acontecendo na África, no Oriente Médio, na América do Norte, toda a Europa é interessante para mim. Não só aqui... Faço a minha parte aqui, mas penso que qualquer coisa que a gente fizer no planeta tem uma reflexão enorme no todo (Guerreiro).

Para Jack, *"não tem como conceber uma sociedade onde o sentido da vida, o teu sentido da vida, não é construído em cima de valores onde o todo está sendo considerado. E é uma pena que esse não seja o padrão, o padrão é ao contrário..."* E aproveita para nos falar sobre o conceito de neutralidade como muito semelhante ao holismo, somente que voltada para a economia:

Uma atitude holística é toda aquela que está entendendo o sistema de uma forma não hierarquizada. Quer dizer, um neurônio, ele faz parte do sistema, do sistema neural, do organismo, mas ele hora está no topo, hora está na ponta. Hora ele é uma peça importante, hora não é. Atitude holística para o 'neuro' da sociedade é uma atitude onde ele tem consciência que ele faz parte do sistema, mas é um sistema não hierarquizado. E ele vê as outras criaturas dessa forma também (Jack).

Essa percepção de uma abrangência maior tem por consequência um atuar, **um trabalhar, de forma mais ampla, percebendo a realidade num contexto e a interligação de tudo:**

É pensar numa abrangência maior. Estar inserido dentro de um contexto e esse contexto fazer parte de uma coisa maior, tanto ao nível de pensamento, ao nível de ação, ao nível de estar no mundo. P.ex., se eu estou fazendo um trabalho, naquela dimensão específica, naquele momento, naquela necessidade, mas eu acabo já visualizando, automaticamente, a abrangência, aonde ele vai refletir. Não consigo, muitas vezes, só pensar naquela atividade específica. Eu já vejo ela numa visão maior (Esperança).

Um estilo de ser, pensar e atuar de forma "bastante interligada", conforme Esperança. Essa atitude significa um atuar de acordo com o padrão da natureza, em rede, ao contrário do que normalmente se percebe na economia, conforme Jack nos fala:

A natureza nos mostra uma arquitetura em fractais, uma arquitetura em rede, as redes autopoieticas e tal. Porque quando a gente constrói qualquer coisa, a gente não segue o padrão da natureza? Mas as nossas redes artificiais não são neurais. As nossas estruturas não são em

rede. O nosso padrão artificial vai contra o padrão da natureza. Por isso eu sinto que o capitalismo malogra. Ele só sobrevive porque é nômade. Ele vai exaurindo as sociedades por onde ele passa, porque esse sistema é anti-natural.

Como ele exemplifica quando diz perceber *“estou... na rede. Daí tu te sente parte do todo. Daí tu já não consegues passar por aquele sujeito que vende o cartão de loteria... Tu comesças a achar que ele não está muito longe de ti... Tu é ele. Não por alguma coisa espiritual ou mística. Não! Tu é ele, porque é uma conjuntura muito... Por um triz...”*

Característica da abordagem holística, a importância da **interação com o outro** foi enfatizada por Star Rover quando ele fala sobre **crescer em grupo**, construindo, para além da teoria, **pela prática da relação com o outro**:

... procuras colocar em prática isso na relação com as pessoas. Se és uma pessoa espiritual ou holística (...) Somos um ser que crescemos em grupo. Não posso pensar em mim, uma vez que eu me construo na relação. Tenho que pensar no grupo como um todo, nunca só em mim.

Conforme ele, aquele que busca o auto-conhecimento também *“encontra uma ética, uma moral. Isso naturalmente. A moral e a ética se constróem na relação com os outros. Por exemplo, eu não posso ser uma pessoa paciente sozinho. Tem que praticar a paciência com o outro, a caridade, a compreensão, a tolerância, é com o outro.”*

Essa abrangência de visão se estende ao **conceito amplo do meio ambiente, da natureza, em que o ser humano não está acima dela, mas integrado a ela**. Como relata Guerreiro, quando nos fala de educar *“a comunidade para perceber a importância do meio ambiente, sua integração (...) no conceito mais amplo. Não naquele conceito de meio ambiente como se o homem fosse mais importante do que o meio ambiente.”*

A natureza é uma só. Conforme Yôgi, isso está relacionado à **visão de unicidade da vida, onde a natureza, tudo, é uma grande coisa só**:

“Eu sigo 3 filosofias: uma comportamental (tantra), uma teórica (samkia) e uma prática (yôga). Todas elas vêem a natureza (...) como uma coisa natural. Eu procuro sempre ter uma visão (...) mais ampla possível e não segmentada, uma visão de conjunto. Porque a natureza é uma só (...) O que compõe a minha mão não é diferente do que compõe a mesa. E o que compõe a mesa não é diferente do que compõe o meu pensamento. E o que eu penso vai se tornar matéria, porque é a mesma coisa. (...) Uma visão de que tudo é uma grande coisa só.”

Contribuir para a sustentabilidade do meio ambiente por meio do uso mais efetivo dos recursos do meio ambiente e da menor necessidade do homem em relação à terra, é a maneira como Jack entende a nova relação econômica do ser humano com o meio ambiente:

O ambiente é uma consequência de tudo aquilo que fazes em relação a economia (...) Parece mentira que a gente está no século XXI e grande parte da nossa economia está voltada para a terra. No momento que deslocar o nosso enfoque econômico da terra, que deixar de ser uma necessidade para o homem, o ambiente vai ser deixado em paz (...) É o objetivo da ecologia profunda, de mudar a cabeça do homem (...) Outro tipo de economia, não tão consumista, que acaba com os recursos do ambiente (...) É a sustentabilidade. Ela passa muito mais pelo compartilhamento de recursos e com o aumento de produção.

É uma percepção ecológica mais profunda, **um entendimento de que nós fazemos parte da “Mãe Terra”** e que se ela está sofrendo, nós também vivenciamos as mesmas dores:

Vejo também que não somos nós somente chorando, e sofrendo com feridas. Eu percebo que nós fazemos parte desse todo. Se a Mãe Terra está ferida ou machucada, está chorando, está passando um processo de transformação, como nós fazemos parte dela, desse processo, nós estamos vivenciando as mesmas dores, os mesmos rompimentos. Então, às vezes, eu me vejo assim, como um rio, uma cachoeira ou como um vulcão, assim nos movimentos dessa Mãe. Como é que ela está e como é que isso é refletido em nós? Vai longe essa questão, se você for analisar em profundidade (Cornucópia).

Essa percepção de integração do ser humano e da natureza parece influir na atitude relatada de **buscar um estilo de vida mais calmo**, nas palavras de Busca, *“mais centrada, inclusive na alimentação, buscando, dentro da alimentação, o equilíbrio.”* A **procura por uma vida junto à natureza, longe da agitação das grandes cidades, de morar**, por exemplo, **em uma comunidade orgânica**:

Pessoas que tendem pra esse lado, que vão pro sítio... que formam uma comunidade (...) Tem muita comunidade orgânica, aqui mesmo na ilha (...) Querem sair dessa vida da cidade (...) Tem um rapaz que trabalhava aqui no centro, nessa loucura toda. Aí ele foi pro sítio, começou a aprimorar, e hoje ele entrega tofu, bife de soja, e vive assim. Vive numa boa, vive feliz (...) Aí, eles tendem a cultivar suas próprias verduras, suas próprias frutas, sabe? Está muito ligado à questão do estilo de vida (...) Acho que ele está mais integrado consigo mesmo.

O sonho de viver numa comunidade alternativa segue essa mesma linha, somente que mais integrada à realidade atual, quando Jack nos fala de uma ‘sociedade

alternativa intersticial⁸, com o compartilhamento de recursos e sem fugir da sociedade vigente:

Tive por meta, há dez anos atrás, construir uma sociedade alternativa (...) Hoje eu penso em sociedade alternativa intersticial, quer dizer, aquela que compartilha os recursos, a infra-estrutura da sociedade vigente, mas sabe, conscientemente, que não faz parte daquilo. É aquela idéia da conspiração da Marilyn Ferguson... da economia de insumos que o Alvin Tofler fala. Quer dizer, a gente já pratica uma economia alternativa sem necessariamente fugir da sociedade.

Parece ser conseqüência natural dessa abrangência de visão, a **posição questionadora** e a atitude de **'buscar fazer a sua parte' para a mudança**, mesmo que ainda não pareça o suficiente, como nos relata Guerreiro:

Sou um cara inquieto... Um cara que está sempre olhando e percebendo o comportamento de pessoas, olhando para o meio ambiente... Olhando para a vida. Eu vivo o tempo todo indagando as pessoas, conversando com elas (...) Estou tentando fazer... Estou estudando, olhando, pensando, inserindo. Estou fazendo a minha parte, mas acho que é muito pouco para aquilo que eu penso em fazer, que eu vivo meditando no dia-a-dia: Pô! Porque não ajudei a salvar? Porque não fui lá? E lutei, briguei também! Porque não é só essa criança que (risos...) também tem que ter essa força para lutar.

Ou seja, nas palavras de Guerreiro, um *"ativista, crítico e lutador junto às pessoas"*.

Fazer a sua parte, procurando sempre atuar **com criatividade, buscando ser inovador**. Conforme Guerreiro, *"quando a gente começa a fazer igual ao que todo mundo faz, a gente está cometendo diversos erros. Então acho que a gente tem que ser diferente. Procurar ser diferente."* Que é como ele se percebe, pois afirma: *"sempre fui metido assim. Fui inovador."*

E sempre procurando **agir de forma coerente com o que fala**, como nos exemplifica Guerreiro, quando nos fala sobre a escolha dos produtos para alimentação. Mesmo que a verdura orgânica ainda seja mais cara:

O que a gente faz tem uma influência incrível no ambiente que nos rodeia. A hora que eu saio daqui mesmo, nativo, vou ali e compro verdura orgânica para comer. O 'sacolão' é muito mais barato. Pago caro e digo para ele: 'Não! O sabor dessa verdura aqui é melhor, não tem agrotóxico. Estão protegendo a natureza no local que estão plantando. O agricultor não está se envenenando. A gente tem que incentivar.' Claro, daí o cara começa a perceber. Nunca parou para refletir, nunca ninguém disse nada para ele.

⁸ Sociedade Alternativa Intersticial = Sociedade Alternativa que não se exclui da sociedade vigente, mas que, ao contrário, convive nos interstícios da sociedade atual, atuando dentro da própria estrutura reinante (Jack).

Consciente de sua responsabilidade de criar a própria história em uma vida de possibilidades. De que *“está em nossas mãos, você escrever da forma melhor que você quiser.”* É no que acredita profundamente Cornucópia:

Agora vou por a minha criança um pouco... Vejo minha vida assim, como se eu estivesse com muita responsabilidade, mas brincando muito no arco-íris, sabe? Mas brincando mesmo, como se o arco-íris fosse um grande tobogã: posso ir para lá, mas também posso vir para cá; e se quiser também posso em círculo. Então eu vejo a vida como uma eterna possibilidade... Acredito profundamente nisso: que, ao longo da existência, você cria, você escreve a sua história.

A **busca da simplicidade** como outra atitude, relatada pelos sujeitos, é marcante na declaração de Guerreiro quando ele diz que se vê *“assim, esperneando para sair dessa amarra que tem a sociedade moderna de concentração de riqueza.”* Nas palavras de Busca, **uma vida não centrada no dinheiro:**

... mais pro simples, porque? (...) Tu não pensa muito em dinheiro, não fica centrado no dinheiro: ‘Preciso fazer uma casa. Preciso botar piscina, comprar roupas, jóias...’ Não. Um chinelo de dedo e uma saia já tá legal. Uma casa bem modesta, uma casa de ‘sapecá’.

Ou seja, um **libertar-se da cultura de concentração de capital**, buscando na sociedade, na economia, o **novo conceito de riqueza: como satisfação e não o acúmulo de moeda.** Nas palavras de Jack, significa **compartilhar recursos e trabalho:**

... num momentum da economia e da sociedade, onde riqueza vai ser um conceito diferente do que é hoje. Vai ser um conceito mais ligado à satisfação do que ao acúmulo de moeda (...) Imagina isso aplicado às grandes empresas, às cooperativas de produção (...) Para o capitalismo parar de produzir para venda e sim para o consumo, nós temos que ter uma economia neural. A economia que pare de pensar a riqueza como dinheiro, e comece a pensar a riqueza como satisfação (...) A economia neural trabalha com satisfação. Porque é que eu preciso de dinheiro para me satisfazer? Eu posso fazer isso sem dinheiro, desde que eu faça parte de uma rede onde as outras pessoas, que fazem parte dessa rede, também trabalhem da mesma forma. P. ex., eu sei inglês, tu sabes kung-fu. Tu me ensina kung-fu, eu te ensino inglês. Entendeu? (...) Poderia fazer a empresa muito mais rica... aumentando qualidade de vida das pessoas que tem lá dentro, sem aumentar a receita (...) Só com a neutralidade, só com a troca de benefícios entre os próprios trabalhadores.

Esse conceito avança ainda mais na concepção de Star Rover, quando ele nos fala de **uma percepção da qualidade de vida enquanto espiritual e não econômica:**

Via mais, na minha qualidade de vida, enquanto espiritual do que econômico. Então naturalmente não tinha aquela questão da ambição, para ganhar, em querer ter um bom status econômico, social ou cultural. Nunca tive isso, em meta, na minha cabeça.

Esse “**não é um conceito intelectual, mas sim uma percepção profunda, intuitiva**”, como nos relata Jack:

Aliás, num primeiro momento, tu chegas a essa conclusão, que é uma concepção intelectual. Depois vem a parte da intuição, a parte da percepção profunda que tu tens da coisa. Tu adota aquilo, aquilo começa a fazer parte de ti.

Essa visão holística, caracterizada por esse conjunto de categorias que emergiram, encontra sua expressão **prática nas atitudes que os sujeitos participantes declararam desenvolver consigo mesmos**, ou seja, na aplicação dessa visão ao seus próprios contextos. Como nas palavras de Star Rover, “*temos algo inato de indivíduo, que vem se construindo ao longo do tempo e caracteriza o indivíduo que possui uma visão holística. Não tem só uma base teórica, que compreende a realidade através de teoria, mas que tenha essa atitude também, que leva para sua prática.*” Corroborado por Jack quando afirma que “*praticar o equilíbrio passa pela esfera ética, pela esfera espiritual, pela econômica. (...) Mas é algo que a gente tem que trazer para nossa vida diária. Principalmente no que tange a ética e a economia.*”

A relação **com a natureza** começa pela própria **escolha do local para morar**, que, nas palavras de Esperança, “*tem a ver por estar no meio da natureza. O lugar que tu sempre sonhou, idealizou. Construí sem derrubar a natureza.*” Que para Guerreiro significa “*... sentir a terra, sentir a natureza, o ar, o vento... Tanto que se tu olhares o meu ambiente aqui, em casa, é praticamente isso que eu gosto.*” Ou seja, tendo **a casa como um ambiente integrado e em harmonia com a natureza**:

... minha casa, que é muito gostosa. A gente fez um trabalho com árvores, com frutas. Então todo mundo que vai lá fala: ‘Tu está cultivando uma selva.’ Entra lá e é outro mundo (...) Pássaros cantando (...) A gente procura ser diferente. Tudo dentro de casa é relacionado a... Acho que é uma coisa holística. Tu entra, é aquela harmonia que te preenche a alma (Busca).

E é reforçada pelo tipo de **alimentação, com produtos orgânicos, cultivada por ele mesmo**. Como Guerreiro que declara que “*a maior parte das minhas comidas é orgânica. Eu tento plantar...*” Ou seja, **uma dieta saudável**, até mesmo com **uma alimentação vegetariana**, em função também da valorização da vida dos animais, como nos fala Yôgi:

Uma filosofia saudável de vida, que a alimentação é um aspecto dela, sem dúvida... Uma dieta vegetariana... A noção muito clara de que quando você se intoxica, mesmo com uma emoção, o teu corpo responde imediatamente. (...) Que isso é um padrão muito mais profundo de

intoxicação, um padrão muito mais profundo de limpeza, do que uma limpeza física proporcionada por um banho.

Buscam a simplicidade e contribuem para a sustentabilidade, no dia-a-dia, como Guerreiro, ao informar que *“a gente é auto-suficiente. A gente **consome só o que necessita, sem estar acumulando.**”*

Essa vida mais natural, no sentido de se permitir estar junto à natureza e contribuindo para a sua preservação, inclui a possibilidade de **contemplação, dedicando mais atenção as coisas do mundo.** Nas palavras de Esperança:

Para mim é fundamental esse contato com os animais. Tem de tudo que é possibilidade (...) Tem um momento no dia que eu me dedico, nem que seja um minutinho, dois, se não dá uma hora. Dou uma passeada. Vou ali na praia, volto, olho as coisas (...) Coisa que, antes, eu achava besteira fazer isso. Falava: ‘Escuta, eu não tenho tempo para isso.’ Agora, estou fazendo ter meu tempo para isso.

Que corresponde a mesma linha da postura de *“**reflexão diária sobre ações futuras**”*, manifestada por Guerreiro, além do *“**se exigir melhorar**”*. Que corresponde ao entendimento de *“**estar em processo**”*, descrito por Busca. Nas palavras de Yôgi, é conseqüência de uma **atitude de observador da vida**, quando ele diz que *“a adoção de uma filosofia de vida implica em você estar lúcido, para perceber, se colocar na condição de observador, o tempo todo.”*

Ou ainda, **uma maneira mais alegre, mais descontraída, menos ‘formal’ de levar a vida** que, às vezes, até causa surpresa aos próprios familiares, como no relato de Cornucópia:

Não me enquadraria numa outra situação. Convencionais assim como as minhas irmãs... Acho que não daria certo... As minhas filhas são mais do que eu. Até vejo nelas, às vezes, uma certa preocupação: ‘Ai, mãe! Você parece uma criança!’ (Cornucópia).

E isso envolve um **permitir um tempo para si mesmo, possibilitando a complementação com a produtividade** no trabalho e na vida:

A gente brinca: ‘Vou jogar conversa fora. Nem que essa conversa seja comigo mesma. Sabe, porque eu estou precisando disso.’ Antes, eu não me permitia fazer isso (...) Tenho um lado mecânico que não vai sair de mim, porque sou extremamente de produzir, de fazer (...) Mas, assim... Agora eu percebo que preciso outras coisas, que é sentar, olhar... Até dizer assim: ‘Eu admiro o lugar que eu moro’ (Esperança).

A busca do equilíbrio emocional e o aumento do autocontrole por meio do estudo e da prática da filosofia e de técnicas orientais, como yoga e meditação foi

relatada por Star Rover. Nas palavras de Yôgi, envolve uma purificação logo no início do dia:

Uma rotina para começar o dia (...) de purificação. Começo o dia e faço as minhas técnicas de purificação, de limpeza, sem as quais, prá mim, o dia ainda não começou. Desde as mais básicas, como escovar os dentes, até as um pouco mais exóticas para os ocidentais comuns, como o massageamento do abdômen, a limpeza dos pulmões e das fossas nasais... Que seria um preparatório para a prática do yôga (...) E isso culminaria com uma meditação.

O que caracterizaria **uma vivência mística diária, um conviver com o sagrado no cotidiano, uma percepção de conectividade com a fonte de energia e de vida do universo, em agradecimento**, como nas palavras de Cornucópia:

Eu sou extremamente mística... É a Maria que te recebe... Cada canto da minha casa é sagrado. Eu não sei viver sem isso... diariamente. É uma questão de fórum íntimo. É estar conectada com essa fonte que me alimenta, em agradecimento. Sempre agradecendo por estar viva, por respirar, por ter a chance de estar aqui no planeta Terra, agora, participar desse momento de evolução. Tenho isso pleno, consciente, assim, a cada respirar.

A **percepção diferenciada em relação ao corpo**, de Yôgi, implica até mesmo num **entendimento diferenciado da própria relação sexual**, como algo maior. Para ele, **um ato de união cósmica e de evolução interior**:

A forma de relação sexual (...) tem a ver com a filosofia do tantra. A relação sexual, que seria um simples ato de procriação, ou até, mais ainda, um ato de amor, não é suficiente para explicar a forma como nós vemos. Que é um ato de amor cósmico. É um ato de união cósmica. Não é só uma com a outra pessoa, mas é tudo. (...) a relação sexual como uma prática de evolução interior.

Essa visão holística que implica no desenvolvimento de atitudes consigo mesmo, também leva a **uma interação diferenciada na relação com o outro**, seja em grupos específicos ou nas comunidades onde atuam.

Essa relação principia numa amorosidade, numa compreensão do outro, no carinho com o outro. Nas palavras de Cornucópia, *“seria sempre na questão do olhar amoroso em relação ao ser. É compreender o outro, é amorosidade...”* Como Guerreiro, que diz *“tento ser carinhoso com as pessoas”*. Uma empatia tão grande com o outro que possibilita, conforme Star Rover, *“uma capacidade intuitiva de perceber a causa do sofrimento das pessoas no momento”*.

É, **acima de tudo, respeitar o outro**, pois, nas palavras de Cornucópia, *“nada do que não é do meu agrado, seria colocado como prioridade pra não fazer esse*

desagrado ao outro (...) Sempre nesse sentido, o que eu não quero pra mim, eu não quero para o outro.” **É dar importância aos significados do outro, buscando ouvi-lo, prestando mais atenção:**

Não é que eu não fizesse antes, mas acho que não prestava tanta atenção. Sabe? É poder entender que isso é tão importante quanto... Ouvir as pessoas que trabalham comigo (...) O que elas pensam sobre isso. Não só na relação executiva-paga e vai embora (...) Eu era extremamente rígida (...) Então não tem um valor que eu possa dizer: ‘Vou mensurar e vou te pagar por isso.’ Então são visões diferentes de a gente conviver (Esperança).

Aprendendo a repensar com o outro, pois, conforme Esperança, *“é um repensar que não dá mais para ser sozinho”*. **É trocar e aprender com o outro**, entendo que sempre se tem algo a aprender com o outro, e **ele contigo, num processo de simbiose:**

É a troca, porque eu vou lá dentro e está ali aquela criança feliz, mas ele também está vendo a mim. E ao mesmo tempo eu estou aprendendo com aquela pessoa, essa troca que é o mais lindo... Porque você sempre vai trazer para a tua ‘casa interior’, algo que você não sabia, que você não conhecia. Esta troca que faz... É uma simbiose (Cornucópia).

É um compartilhar que *“só é possível no momento que você resgata o bom desse ser, a parte boa dele”*. Seria *“um descobrir a criança que brilha no outro, alegre e cheia de sonhos, e perceber o outro te entendendo como criança também”*:

É você olhar fundo no olho da pessoa e lá está a criança, você vê pelo brilho (...) Todos nós temos uma estrela na testa, né? E ela está ali brilhando. Vais ver quem é esse ser. E é em cima desse brilho que você vai buscar. Que todos nós temos aquela criança lá dentro, que é uma criança alegre, feliz, cheia de sonhos (...) E sentir que o outro também te olha, como a criança que realmente você tem lá, muita latente. É essa troca que é importante. As crianças se reconhecerem e os anciãos que estão dentro de nós também, se olharem com respeito (Cornucópia).

Essa relação com o outro se estende para **a relação com a natureza**, quando registramos atitudes que manifestam uma postura ecológica, por exemplo, de **‘luta’ pela conscientização das pessoas com relação à importância do meio ambiente**. Luta, no bom sentido, por questões ecológicas, buscando conscientizar, em um processo de aprendizado com o outro:

Tem várias broncas aqui, de algumas coisas que o vizinho não cuida, que o outro lá... Mas assim, eu também tenho que respeitar, porque... Ele enxerga a coisa de botar lixo ali no mangue? É uma briga, no bom sentido, que nós temos. Já chamamos tudo quanto é instituição. Mas é o jeito que ele pensa. Vou ficar brigando? Não! Percebo que o fato não é brigar, mas de expor a minha idéia,

fazer com que eles possam pensar diferente. E eles também. E repenso em cima do que eles estão colocando. Então acho que isso é uma aprendizagem (Esperança).

Um **sentimento de solidariedade e de companheirismo com o meio-ambiente**, como se traduz das palavras de Guerreiro, quando ele nos diz que tenta *“mostrar para as pessoas, ser solidário com o meio ambiente, com os animais, na minha vida (...) Ser uma criança praticamente. Uma visão de companheirismo, de companheiro mesmo, com tudo o que me cerca, desde as plantas, animais, pessoas, tudo... Meio Ambiente.”*

Num segundo momento, quando, como pesquisadores, buscamos resgatar **a origem dessa abordagem holística**, bem como **o desenvolvimento dela, construído no cotidiano de suas vidas**, a maioria dos sujeitos participantes demonstrou facilidade em discorrer sobre o assunto, pois, como vimos, essa reflexão parece fazer parte de suas vidas.

Seguindo o esquema de análise, explanado no método (seção 3.3.2), buscamos identificar, nas falas dos sujeitos, primeiro **as categorias, que emergiram, relativas à família, ao contexto familiar**, aos primeiros anos em que, em suas vidas, sinais dessa abordagem holística começaram a aparecer.

Com relação à natureza, alguns dos participantes **nasceram ou foram criados em um ambiente natural, em sítio ou junto à lagoa**. Como nos relata Guerreiro, quando diz que *“vivía sempre em ambiente natural, plantando e pescando (...) O ambiente natural que eu gostava de viver, de sentir.”* Ou quando Busca relembra que a família já vinha do sítio:

Apesar de que a minha família já vem do sítio. Então a qualidade de vida não mudou muito. Da minha adolescência, da minha infância para agora. Usava açúcar mascavo e continuo usando. Usava galinha caipira e continuo usando (...) Já fazia parte da história de família. Só aperfeiçoou...

Origens que podem ter contribuído para uma percepção diferenciada da natureza. Outro participante, passou pela **experiência de viver de modo alternativo, ‘meio nômade’**, como nos relata Jack:

Então era tudo muito incerto. O pai era artista plástico, não tinha um salário no final do mês. Por um lado era legal. Nós éramos livres, meio nômades. Era ‘bicho grilo’, a gente era alternativo. Só que, por outro lado, era agoniado. Estávamos tendo problema de dinheiro e eu ficava preocupado... O engraçado que isso não fez de mim um funcionário público. Nunca me preocupei

em fazer um concurso. Não queria abdicar dessa liberdade que o meu pai tinha de viajar, de curtir esse nomadismo dele. Mas eu queria 'segurar a onda' e ao mesmo tempo...

Cornucópia relata que teve **“uma infância marcada por expressões muito fortes, de questionamentos”**.

Papai e mamãe foram muito sábios. Eles nos criaram assim com 'approach', 'ground' e confiança. Acho que muito embasado em confiança.

Star Rover tem como fato para si, **a auto-reflexão como inata**, **“que o diferencia de outros que tiveram a mesma educação, na mesma casa e tudo.”** Como ele detalha:

Sempre, que eu me lembro como indivíduo consciente da minha existência, lá dos meus 5 anos, lembro ainda alguns detalhes. Eu via o mundo como algo não novo, como se já tivesse vivido nesse mundo. Eu olhava o mundo como se tivesse acordado do sono...

Ou com o exemplo de Jack, que considera que **nasceu com a idéia fixa de uma comunidade alternativa**, talvez influenciado pelas dificuldades econômicas de subsistência da família, que migrou para Santa Catarina, ainda na sua infância:

Sempre, desde sempre, já nasci com essa idéia de comunidade alternativa. Desde pequenino, eu já começava a fazer plano: 'Uma vaca, um açude, dez pessoas... A vaca produz dez litros de leite...' Comecei a escrever, tinha três anos, eu era um 'toco' de gente. E já ficava escrevendo esse tipo de coisa, bem louquinho assim... Mas sempre fui preocupado em ter uma comunidade justa. Sempre achei meio ruim o jeito de viver... A gente pertence a classe de gaúcho 'maluco' que veio para Santa Catarina no final dos anos 70. Uma diáspora... Essa malucada veio passar fome aqui... A gente era pobre barbaridade (...) Eu achava que se nós tivéssemos uma comunidade onde existisse um suporte mútuo, onde um desse suporte para o outro... A gente poderia se deslocar desse ambiente tão triste que era para mim... E eu pensava: 'A gente pode fazer uma coisa melhor... Alternativa, melhor...'

A iniciativa como uma característica marcante de alguns dos participantes. Destacamos Guerreiro, quando relata que **“por iniciativa minha, comecei a procurar livros. Comecei a ler bastante. Então acho esse estudo abriu esse caminho.”** Sendo decisiva no acompanhamento dos fatos marcantes da história da comunidade ou nas oportunidades de estudo que foram buscadas:

Então desde pequeno eu sou metido assim. Na inauguração da luz elétrica da Lagoa, eu estava em cima do caminhão. Queria estudar, não tinha colégio na Lagoa, eu ia para a Universidade Federal todos os dias. Não tinha ônibus, na época...

A influência da religião da família parece ter sido marcante para alguns dos participantes no início dessa construção, como no caso de Jack: **“... fui batizado no**

catolicismo ainda. Depois a mãe entrou no espiritismo...” São histórias que podem mostra porque, pessoas como Esperança declaram: *“tenho o lado espiritual muito forte (...) Vem de algumas experiências da família, de leituras e de dedicação a doutrina espírita.”*E que parecem mais evidentes na história familiar de Star Rover:

Sempre procurei compreender o mundo... Eu tinha uma vida, por parte dos meus avós, no caso, a Assembléia de Deus. Esse magnetismo pela religião (...) Depois Igreja Batista...

A partir dessas origens, **os sujeitos participantes, ao relatarem como se deu a construção dessa abordagem holística ao longo do desenvolvimento de suas vidas pessoais e profissionais**, parecem demonstrar uma certa **continuidade dos fatores originais relatados na influência familiar, porém com novas categorias**, que emergiram, e **que parecem demonstrar** a consciência, a responsabilidade e **a iniciativa nessa elaboração**.

Aquela **visão diferenciada de mundo que já possuíam**, uma consciência preexistente, em determinado momento de suas vidas, **ficou mais clara em função de uma leitura específica**. Como mostra Esperança, quando nos relata que *“de uma certa forma, eu já tinha essa leitura, essa identificação de visão de mundo. Talvez não tivesse uma leitura formal... De repente, tu te identifica com uma (...) Acho que é uma consciência que eu sempre tive, mas que está mais presente agora.”*

Nas palavras de Yôgi, antes disso acontecer, **já existia uma busca interior, até que**, determinado dia, **entrou em contato com o Yôga** e descobriu que era aquilo que estava procurando:

Aquela necessidade de procurar alguma coisa que não se sabe o que que é. Eu preciso fazer alguma coisa... Sei lá... Uma coisa que não tem explicação lógica. E que um dia eu caí no yôga. Daí eu descobri que era aquilo.

Necessidade e busca que caracterizavam também **uma certa inadaptação, um certo inconformismo, uma inquietação e uma rebeldia que predispôs à ação, à mudança**, como no caso de Yôgi:

O que eu tinha antes é aquele sentimento, que todos tem, de inconformismo com a situação atual. O ser humano está sempre insatisfeito com alguma coisa: consigo mesmo, com os demais seres, humanos e animais, ou com a natureza (...) A diferença é aquela pessoa que está insatisfeita e diz: ‘Então tá! Vou mudar.’ E aquele outro que passa o resto de sua vida reclamando (...) Era aquela ‘pulga’ de insatisfação, mas, ao mesmo tempo, aquela rebeldia de querer mudar.

Uma postura de crítica consigo mesmo, **de autocrítica**, como quando nos fala Star Rover: *“... e sempre vivi uma auto crítica... De querer construir um modelo para mim e, depois, destruir o modelo e reconstruir de novo. Isso é constante. É uma característica nata.”*

Postura crítica e inquietações que **encontraram espaço para expressão nas artes ou nas universidades**, conforme nos relatam alguns participantes:

Com 17 anos, nos anos 60, naquele período que também era de transição, não me adaptava em seguir uma carreira institucionalizada. Aquilo para mim era muito pesado. E eu não encontrava respostas. Tentei administração, por ser muito organizada. Não me encontrei (...) E por amar profundamente a arte, optei por fazer um curso de Artes Plásticas. E ali eu fui encontrando dentro de mim uma possibilidade... De descobrir mais sobre o ser humano (Cornucópia).

Na psicologia, sempre fui muito inquieta, vista como 'briguenta'. Minha turma, na época, agitou. O que a gente fez era visto meio como revolucionário. A gente nem entendia o porquê – coisa de adolescente. Aí os anos vão passando e a gente vai entendendo que eram as amarras, as formas que queriam nos moldar (Esperança).

A universidade abriu um pouco isso. Embora numa universidade estadual que era muito conservadora (...) Os meus professores eram de Escola Superior de Guerra. Uns caras 'super quadradão' (...) Na universidade, acho que todo mundo é diferente do outro e tem uma inquietação assim. Aquela inquietação de estar contestando, de estar perguntando, de estar sentindo, de estar estudando (Guerreiro).

Inconformismo que não ficou nas idéias, mas que foi forte o suficiente para implicar **numa coragem de mudar, vista, às vezes, até como uma certa insanidade.**

Pois, parece para Yôgi, que as pessoas são racionais demais:

Eu tenho para mim uma regra de conduta básica: 'Se você não está satisfeito, mude. Agora, se não quer mudar, não fique reclamando.' (...) Acho que isso não é comum, deve estar em algum gene. A maioria das pessoas faz uma busca, mas na hora que encontram, não tem coragem de mudar. Não sei se é coragem ou é um pouco de insanidade, de inconseqüência. Talvez as pessoas sejam sãs demais, sejam racionais demais (...) O medo de perder aquilo que já está garantido (...) Acho que eu também tenho esse medo. A diferença é que esse medo me motiva a trabalhar mais.

Um dos entrevistados relatou que o se permitir ter experimentado maconha pode ter sido um fator que “abriu sua cabeça”, possibilitando ir além das amarras da cultura local e do esquema de trabalho em que estava inserido:

Acho que se eu não tivesse fumado maconha não teria aberto a minha cabeça para essa possibilidade. Também não quer dizer nada, porque conheço muita gente que continua fumando e não fez. Mas acho que, talvez, se não tivesse, eu seria hoje algum empregadinho de uma empresa lá no Rio Grande do Sul. A minha decisão de vir para Floripa foi uma insanidade. Tinha um emprego bom numa empresa. Pintou um concurso: 'Vou fazer porque eu quero ir para

Floripa.' Naquela coisa... Passei e aí, na hora de decidir, é claro que eu vim. Meus pais acharam um absurdo.

Coragem que parece ter predisposto **iniciativas e o pioneirismo nas atuações comunitárias**, como afirma Guerreiro: *“Sempre fui de iniciativas (...) Fundei praticamente, o pioneiro, as organizações comunitárias aqui da comunidade.”* E que extrapolaram para uma **atuação como ser político**, como cidadão de direito, **que influencia significativamente na construção da história social**:

Na revolução de 64, na queima dos livros, na Praça XV, uma biblioteca inteirinha que tinha livro comunista. Eu estava ali vendo o fogo pegar na biblioteca. Fiz as primeiras reuniões escondidas para fundar o PT e nunca me filiei ao PT (...) Tivemos um rádio comunitária que ajudei a fundar. Tivemos um jornal comunitário, isso nos anos 70. Tivemos a televisão comunitária... O Green Peace não estava nem no Brasil e a gente mandava matéria para Holanda, em inglês, denunciando aquilo que acontecia na Lagoa. A BBC de Londres tinha um programa em português para o Brasil e a gente mandava matéria.

O contato com a natureza continuou sendo buscado ou pela permanência junto ao ambiente em que tinha sido criado, como no caso de Guerreiro, **aumentando ainda mais a empatia com o meio ambiente, ou pelas viagens para entrar em contato com o mar**, no caso de Yôgi: *“acho que o estilo de vida que eu levava, um pouco assim de surfar, gostar de natureza.”*:

Essa coisa apareceu pelo gosto ao meio ambiente. Acho que ninguém consegue ser um ambientalista, trabalhar o meio ambiente, sem ter essa visão holística. Senão se torna uma coisa super artificial (...) E tu trabalhares essa visão de mundo (...) É até a tua casa, o teu bairro, e aí vai. Acho que o que me levou foi trabalhar o meio ambiente nesta visão mais holística (Guerreiro).

Um característica marcante da história da maioria dos participantes foi **o desenvolvimento interno da espiritualidade pelo estudo e pela vivência de diversas religiões e filosofias orientais, com a inquietação do eterno aprendiz, para além da religião da família**. Ou ainda, **pelo estudo de assuntos caracterizados como ocultismo e misticismo**, visando um maior compreensão dos fenômenos e da própria vida. Nas palavras de cada um dos participantes:

... o Ramatiz vai muito buscando o processo do crescimento através das perguntas básicas. Quem sou eu? O que eu faço nessa vida? O que eu busco? Perguntas assim instigadoras, realmente o se olhar no espelho. Logo depois dele, fui encontrando uma outra linha, da Madame Blavatsky. Depois quis conhecer mais profundamente a linha espírita de Allan Kardec... Fui para o sufismo e depois para os ensinamentos budistas. Até descobrir essa força interior que nos move e que nos dá essa inquietação de sempre buscar. De você saber que aqui você é um eterno aprendiz. Então o buscar vai ser o caminho eterno... É um processo contínuo. Também

aprendi bastante com o Xamanismo... E vivência! Vivenciei bastante... Vivenciei processos e trabalhos. E viver mesmo essa experiência (Cornucópia).

... mas quando a gente é adolescente, não quer seguir os passos dos pais, a gente quer o caminho próprio (...) Pelos meus treze anos, começou a pintar o desejo de converter vontade em realidade. Daí fui buscar a magia. Comecei lá pelos 'São Ciprianos' da vida e tudo... Só que, para mim, não bastava ver o efeito da coisa. Porque a gente vê o efeito. A gente vê a coisa acontecendo mesmo. Eu queria saber porquê a coisa acontecia, queria a explicação científica do negócio. Então comecei a buscar de todos os lados e uma coisa leva a outra. Demorou muito tempo para que o meu interesse pela magia fosse desembocar em Teosofia, até voltar, por um lado, para o Kardecismo e... Engraçado, demorou um tempo para a economia, que foi o interesse da minha vida, encontrar o esoterismo e a teosofia, por fim. E isso encontrar os meus objetivos de sociedade alternativa (Jack).

"Tinha alguns livros (...) Tinha uns 16 anos, menos ainda. Eu lia sobre mistérios da natureza, me interessava. Aquela história eu lia, não compreendia, mas gostava. Depois tive um contato ligeiro com uma obra chamada 'O Inexplicado', dois volumes. São enciclopédias onde fala sobre tudo que é assunto filosófico, místico, esotérico, ufologia, espiritismo, Kardecista, teosofia (...) Antes mesmo de eu entrar em contato com o espiritismo, há uns 14 anos atrás, tive o primeiro contato com a teosofia, comecei a ler... Mais tarde, acabei entrando na Gnose. Fui à loucura. Porque parecia que eu já conhecia aquilo tudo e me identificava muito. Aquilo me sugava e, ao mesmo tempo, eu adorava. Percebia certas contradições, via que certas coisas não tinham lógica. Não conseguia aceitar conceitos prontos (...) Trabalhei muito tempo com cura espiritual, desenvolvendo essa capacidade (...) Ampliei meu dom mediúnico, curativo, nessa linguagem mais 'Kardecista'. Ampliei essa minha relação com as realidades multidimensionais dos indivíduos, interagindo em outras dimensões (...) Fazia parte de um grupo (...) Atendíamos pessoas aos montes, que vinham nos procurar. Tínhamos uma sala, um ambiente todo favorável, com luzes, cores (...) No qual usávamos curas espirituais para aliviar o sofrimento delas (...) Eu gostava de ler de tudo. Então naturalmente acabei percebendo que existiam outros caminhos. Que as coisas eram um pouquinho mais além (...) Mas, ao mesmo tempo, queria saber mais coisas, buscar mais coisas. Então a busca me levou além dos dogmas e das crenças, a buscar o saber, o compreender (...) Estudava também o pensamento oriental. Formei-me na área das artes marciais, no caso kung-fu interno e de outras áreas também, chinês e hindus, que eu fui estudando. Fui mais como autodidata. Também já participei de vários cursos e palestras nessas áreas (Star Rover).

Essa diversidade não se restringiu a espiritualidade. **A busca por conhecimentos diversos, procurando abordar diversas visões de mundo, permitindo o conhecer pelo exercício dialético no processo de aprendizagem, o estudo da 'nova ciência' é outra característica de boa parte dos participantes, que parece ser coerente com a ampliação e a abrangência da visão de mundo anteriormente relatada. A história de Star Rover novamente parece exemplar:**

Sempre busquei procurar conhecer os mecanismos dos fenômenos, o mecanismo da cura espiritual. Isso me levou não só ao estudo espiritual, da filosofia, das técnicas, mas também o estudo da própria ciência. Porque para compreender uma coisa, tem que estudar outra que é praticamente contrária (...) Dentro da minha formação, sempre busquei estudar várias linhas filosóficas (...) Nunca consegui permanecer numa visão de mundo apenas, mas sim buscar tudo que pudesse dar uma maior compreensão do mundo. Então estudei de tudo... Até hoje estudo de tudo (...) Notei que tinha dificuldade em me restringir às áreas do conhecimento que sejam lineares ou específicas demais. Matemática, p.ex. Gostei sempre de uma visão de mundo que

seja relacional. Gostava de estudar história, de compreender o contexto e também espiritualidade. E tentar relacionar tudo isso. A minha postura sempre foi de perceber as relações a minha volta, como também a minha complexidade como ser humano.

Diversidade de conhecimentos que também implica na **complementação da formação inicial com o estudo e a prática de terapias naturais**, como, por exemplo, nos relata Busca: “... os cursos que fiz (...) *Eu fiz a ‘tronfoterapia’ em uma universidade, de um ano e três meses, que abrangia a alimentação, fitoterapia, iridologia.*”

Ou mesmo a **mesclagem do conhecimento espiritual com a formação acadêmica que estava em andamento**, como no caso de Star Rover: “*Durante a minha formação acadêmica, educação desportiva, que a princípio trabalhava com a reabilitação cardíaca, doenças crônicas ou degenerativas, tive ali a oportunidade de aplicar isso, fazer esse trabalho, porque eu já tinha uma formação espiritual.*”

Uma outra categoria de construção dessa abordagem holística, que emergiu na história de vida dos participantes, foi a **convivência com uma pessoa que exerceu uma influência extraordinária na percepção de mundo que eles tinham, tornando a visão mais clara. O contato com um mestre, com um professor, com um orientador**. Nas palavras de cada um deles:

Então aos 20 anos, eu tive um grande presente que foi muito importante na minha vida. Foi o seu H., ele tem mais de vinte livros psicografados. Ele era mestre Ramatiz. É uma linha das mais radicais... Não reconhecida pelos espíritas, porque ela entrava mais profundamente nos ensinamentos da fisiologia da alma (Cornucópia).

O contato, no Yôga, com o mestre D. (...) Que abriu... Antes dele... (...) Que mudou... Mudou tudo. Mudou tudo. O Yôgi que existia antes é outro, outro, não existe mais. Mudou a forma de vestir, mudou a forma de pensar, mudou a forma de se relacionar com as pessoas... O padrão de lucidez. O estar acordado para as coisas que estão acontecendo (Yôgi).

Foi mais pelo meu ex-marido, que hoje é acunputurista. Ele transava a Gnose... Depois ele começou na outra, a Logosofia... Então eu comecei a conhecer com ele. E aí cheguei no Naturalismo. Na comida mais natural, no ambiente mais natural, na música... Comecei a adaptar isso na minha vida, nos meus filhos, a música com as crianças (...) Comecei a praticar com eles em casa. Vi que eles não ficavam doentes, não tinham problemas, não ficavam irritados, nem comigo. Porque mãe geralmente se irrita... E comecei a adaptar a música, bem suave, uma comida menos picante, tirei o açúcar (...) Naturalismo. Açúcar branco nem pensar (Busca).

A leitura sobre a questão holística comecei especificamente no mestrado. A vivência (...) nas disciplinas com professores como a Z., o F. e outras pessoas... Assim: ‘Puxa vida! Como é que alguém, de repente, está falando daquilo que a vida inteira eu pensei e achava que não tinha fundamento! (...) O mestrado, com a orientação da professora Z., pelo estilo de vida, de olhar o mundo, as leituras que a gente passou junto... Foi muito além das expectativas. Achei que iria escrever uma coisa da qual já pensava. Ela dizia: ‘Vai para campo.’ (...) Ao defrontar com a realidade que é o sujeito, a vida como ele encara, como ele pensa. Automaticamente tu começa a pensar tudo com ele. É um exercício que vai muito além do sentar, pensar e escrever uma tese.

Vai para a tua vida. Tu acabas internalizando. Pelo menos para mim aconteceu isso. E foi ajudando a ver as coisas de outra forma (Esperança).

“Conheci o Dr. L. que ficou dois anos na China, se aprofundando na medicina chinesa. Viu em mim um indivíduo no qual pudesse participar do projeto, onde ele ensinou o processo oriental de cura. Na China é uma prática normal, aceito cientificamente. Trabalhei um tempo com essa abordagem (...) Sempre procurando adaptar à realidade das pessoas. Fiquei dois anos trabalhando com isso (...) Comecei a fazer umas vivências, umas palestras. E acabei fazendo parte do grupo do médico R. (...) Uma proposta mais espiritual de saúde. Era ‘Equilíbrio Interior na Empresa’. Fizemos algumas palestras e demos alguns cursos nesse sentido, na empresa, com esses objetivos. Ele falava sobre a homeopatia. Como que o mau humor provocava alterações na saúde. Eu trabalhava mais a questão emocional, dentro de uma proposta oriental: vivências, mudanças de atitudes e posturas. Muito bom (Star Rover).

Essa visão de mundo diferenciada da cultura vigente, esses diversos conhecimentos, percepções, experiências e vivências, culminaram, para alguns dos participantes, numa re-significação do seu trabalho, de sua prática profissional, de suas atividades e tarefas no ambiente de trabalho. Como pode ser verificado nas palavras de cada um dos participantes:

Vi que tinha alguma coisa. Era como se fosse um ímã puxando. Eu já estava a um ano e meio, inquieta e não tinha me dado conta o quanto eu me identificava com essa visão (...) Eu estava ainda muito ligada ao meu estilo de trabalhar, de ir para lá e para cá, o que era antes. Foi um grande pulo, voltar para a academia depois de dezessete anos atuando no mercado. Acho que superou todas as expectativas que eu tinha. E acabei me achando. Ali mudou a minha vida no sentido profissional. Eu não tinha me imaginado dando aula. O meu papel como educadora... Quando fui ver já estava em uma dimensão tão grande que... Não consigo ser uma professora que só transmite informações. Tenho que ser uma professora que pensa, repensa, volta e vai. Muito bacana o que aconteceu (Esperança).

Na Educação Física, por eu ter uma visão mais holística e, conseqüentemente, não competitiva, naturalmente não me adequei ao desporto, ao esporte em si. Então fui obrigado a buscar outras áreas de reflexão: da educação, da pedagogia, da psicologia, da fisiologia do exercício, da reabilitação, da qualidade de vida (Star Rover).

Engraçado, demorou um tempo para a economia, que foi o interesse da minha vida, encontrar o esoterismo e a teosofia, por fim. E isso encontrar os meus objetivos de sociedade alternativa e tal... E isso começou uns 6 anos atrás... Que fechou: ‘Nossa! Posso fazer tudo isso em paralelo e ao longo da minha vida...’ E a uns 4 anos atrás, cheguei a conclusão: ‘E se dinheiro não é valor, então... Pô! Fechou tudo! Então, agora eu entendi!’ Daí veio a grande iluminação... A partir de então, comecei a botar a mão na massa para construir um sistema. Até então seria impossível construir o sistema ‘Infolk’. Não tinha uma linguagem apropriada. Na época, apareceu a linguagem certa... Chegou na hora certa, porque antes ficaria... Parece que tudo conspira no universo (Jack).

Apesar de não ser o foco de estudo deste trabalho, aproveitamos os relatos dos sujeitos participantes para abordar as repercussões, em suas vidas, das atitudes holísticas que desenvolvem no cotidiano, apenas como ilustração e complementação desta pesquisa.

Os conflitos relatados são variados e específicos, mas podem formar um conjunto de idéias coerentes como conseqüência do modo como estes sujeitos se posicionam perante a vida e o mundo.

Conflitos que ocorreram na própria construção dessa abordagem em suas vidas e profissões, como nos relata Cornucópia, declarando, entretanto, uma confiança sagrada na superação das dificuldades:

... não posso dizer que tenha sido extremamente fácil. Não foi. Tiveram momentos muito difíceis, que eu imaginava que não teria uma seqüência, que eu não teria respostas. Mas sempre 'pai e mãe do céu' foram tão generosos, que quando eu estava no fundo do poço aparecia... E o caminho era levado avante. Sempre foi...

Essa abordagem holística implica também em uma vontade, um desejo, de ver o mundo, em que vive, mais de acordo com ela, provocando de um lado uma certa ansiedade e de outro uma conseqüente desilusão por perceber um mundo ainda tão distante disso.

No caso específico de Guerreiro Ecológico, ele entende que a qualidade de vida era boa antes: *“uma vida simples – consumia o necessário”* - e integrada com a natureza – *“brincava num ambiente cheio de vida. A poluição e a violência aumentaram e a vida natural não é mais possível. A velocidade da tecnologia assusta”* e o faz se sentir *“refém do processo.”* Percebe a qualidade de vida piorando em função do modo de vida da sociedade e da extinção da vida na natureza.

Ele destaca que gostaria de ter maior desapego, de viver com maior simplicidade, fora do esquema da sociedade moderna, como em uma comunidade alternativa: *“Acho que o maior defeito meu é concentrar muita coisa. Eu não precisava viver com isso tudo que eu vivo aqui (...) Tento me adaptar. Embora seja muito difícil viver numa sociedade moderna, numa capital. Assistindo uma televisão que mostra para gente esse luxo. É muito difícil da gente fugir desse esquema, mas tento fazer. Acho que faço mais do que aquilo que é o normal. (...) Se pode ter qualidade de vida morando numa comunidade alternativa. Aonde a gente pega o necessário para sobreviver, não para concentrar renda.”*

Busca também idealiza, no futuro, viver junto à natureza, longe *“da loucura, da correria da cidade”*, por exemplo, num sítio, vivendo num outro ritmo:

Futuramente a qualidade de vida vai melhorar muito, muito mesmo. Eu penso em muita coisa, assim... Pretendo ir para um sítio... Estou economizando para isso. Uma vida bem mais 'light' do que a que eu estou vivendo: correria da cidade; loucura... Isso me deixa esse conflito (...) O ritmo daqui é diferente do ritmo de vida que gostaria de estar levando. Então eu quero ainda isso para mim... Estou nessa construção...

Yôgi, por sua vez, pretende ter mais tempo disponível, no futuro, para as atividades das outras dimensões da vida, associadas a um ritmo mais tranqüilo de viver:
“Ter mais tempo disponível para poder fazer essas coisas que são importantes para mim que é surfar, escrever, contemplar, refletir...”

Esperança, por outro lado, em função da abordagem holística em sua vida, se declara mais satisfeita na relação com a família, compreendendo melhor sua relação com o marido e os filhos, e deles com ela: *“Acho que estou mais integrada à vida, à família, ao trabalho, à natureza. Para isso, a holística é uma coisa que me ajuda a explicar... Se não eu ficaria só num segmento...”*

Explicita que hoje cuida de si mesma, que reserva um tempo para si, que se permite interagir no cotidiano com o ambiente e as pessoas do local onde mora:

Ter tempo para mim... Eu não me permitia isso, porque era muita coisa. A própria organização da minha vida me exigia: cuidar das crianças, do trabalho, da casa (...) Então, na realidade, ter um tempo para mim é ter um olhar que cuida de mim mesma. Poder até dizer: 'Hoje eu não vou fazer nada.' (...) Ver o que eu poderia aproveitar num lugar como esse, de morar. Logo quando eu vim, continuei imprimindo o ritmo de lá. A loucura da correria. Estava sempre atrasada. Quando vim para cá, achei que iria mudar tudo isso de uma vez. Utopia – tu não muda. Trás tudo junto. Agora, o lugar, o tipo de pessoa, a natureza mais próxima, coisas que antes não tinha no meu cotidiano. Se permitir caminhar ao redor, na praia, olhar, olhar...

Se sentindo com mais condições de trabalhar suas inquietações do cotidiano, pois se sente mais livre de preconceitos:

Me sinto com mais condições de trabalhar as minhas inquietações (...) Antes vivia colocando empecilho onde não tem: 'Isso aqui é uma droga, porque todo mundo é muito parado, não tem o mesmo dinamismo de lá.' (...) Foi um momento em que me queixava muito. Agora, mais claro para mim, trabalhando o processo de perda, de morte, no sentido figurativo, de um espaço diferente de vida. Em vez de ficar na queixa, comecei a olhar a coisa dissociada de um conceito. Então comecei a diminuir mais o ritmo.

4.2 A Atitude Holística no Ambiente de Trabalho

Como poderia se esperar, em função do conjunto coerente de pensamentos e ações que constituem as atitudes (RODRIGUES, 1976), os sujeitos participantes, demonstraram que **as atitudes holísticas que desenvolvem, como trabalhadores, no ambiente de trabalho** seguem, numa continuidade, aquilo que pensam e fazem nas suas vidas pessoais.

Seguindo o esquema orientador de análise, proposto no método (figura 2), e atendendo ao **segundo objetivo específico**, iniciamos descrevendo as categorias, que emergiram, que evidenciam a visão do que entendem ser a atitude holística, consigo mesmo, no ambiente de trabalho.

Esperança manifesta que está **trabalhando somente naquilo que acredita**, ao contrário de pessoas que estão “fazendo coisas que elas não acreditam”. Inclusive tendo que contrapor a própria sobrevivência ao abrir mão de certos trabalhos, mas acha que pode ser um privilégio ter conquistado esse direito:

Já teve situações que eu deixei as organizações: ‘Acho que não é a hora. E vocês vão ter um momento ainda para repensar sobre isso. Ou vocês vêem outro profissional.’ Se você vê por outro ângulo é a sobrevivência também. Então tem pessoas fazendo coisas que elas não acreditam. E isso me choca. Sabe, não sei se é um privilégio, mas construí a minha vida e a minha família, podendo, nesse momento, dizer: ‘Não vou fazer se eu não acredito.’ E isso acho que foi um adicional na minha qualidade de vida.

Percebendo o trabalho, conforme Yôgi Empresário, **como algo que, além da remuneração e da garantia de sobrevivência, integra prazer, função social e missão existencial**. Ele entende que juntar função social – missão - ‘hobby’ – prazer - e ganhar ‘grana’ é uma visão holística da profissão:

Senso de missão, senso de compromisso social, de ética: ‘Qual a função do meu trabalho? Qual a função social do meu trabalho? Para que eu faço isso? Só para ganhar dinheiro?’ Quero também ganhar dinheiro, mas tenho minha função social para cumprir, e também não quero só cumprir minha função social, quero ganhar dinheiro. Normalmente as pessoas separam isso. O cara não gosta de ser determinado profissional. Daí, nas horas vagas, ele tem um hobby. ‘Mas qual é a sua profissão?’ – ‘Ah. Eu sou ...’ – ‘Porque você não ...?’ Não, você se ‘prostitui’ todos os dias da semana e, no fim de semana, você vai lá e faz o seu hobby. O cara não consegue fazer daquilo que é o hobby, ao mesmo tempo, ser uma fonte de boa remuneração e cumprir a sua função social. Então as pessoas trabalham, tem o seu emprego, tem o seu hobby, e tem sua função social. Elas trabalham como voluntárias (...) Por quê não juntar as três coisas? Função social, missão, hobby, prazer no que está fazendo e ganhar grana? Numa visão profissional, isso é uma visão holística. Juntar tudo ao mesmo tempo (...) Esse conceito (...) passa a ser uma filosofia de vida. P. ex., tenho o ‘yoga’ como filosofia de vida, tenho também como missão

difundir o yoga, de fazer as pessoas terem uma melhor qualidade de vida e tenho isso como profissão.

Essa visão também é corroborada por Star Rover quando afirma que busca **interligar essa postura holística, que faz parte da sua identidade, no trabalho**, declarando que, se não fosse assim, se sentiria frustrado:

Na minha construção como ser e na busca da minha identidade, não consigo desvincular a minha visão do trabalho. P.ex., vou trabalhar, termino o meu trabalho, o período ali que estava exercendo como professor, depois chego em casa e vou estudar o lado espiritual, vou buscar uma postura holística. Não. Acho que tem que estar tudo interligado. Se eu não buscar essa prática holística no trabalho, vou me sentir frustrado de certa forma (...) Para me sentir realizado tenho que trabalhar no que gosto. Essa abordagem holística...

Essa identidade da holística com o trabalho parece levar a ter um estilo próprio de fazer as coisas, necessitando de liberdade e tranquilidade no trabalho para atuar, para poder usar plenamente suas capacidades, como no caso de Busca, que se declara *“sem condições de se expressar”*:

Eu faço do meu jeito. Vou fazendo do meu jeito a alimentação, vou fazendo do meu jeito a organização (...) Fazia, no outro ambiente, com mais liberdade, com mais tranquilidade (...) Agora não consigo me expressar.

É mais ainda, é **um forte senso de missão no seu trabalho, evidenciando um significado relevante desse tipo de trabalho em sua vida**, como no caso de Jack:

Eu vivo isso em tudo que eu faço. 100% do tempo eu estou pensando em como que isso poderia contribuir no processo 'neural networks'. Quer dizer, no processo de satisfação que não envolva ativos financeiros (...) Então 100% do que eu faço, tanto dando aula, como programando para 'infok', como fechando negócios, como recebendo pessoas... Eu estou pensando 100% do tempo como isso, lá na frente, vai poder contribuir num estado de economia neural (...) Tenho isso sempre em mente, em tudo o que eu faço.

Uma necessidade de sentir que está **fazendo a sua parte** e de cumprir a missão diária **de fazer bem para alguém, de agir como “exemplo do que acredita”**:

Tu vê um médico. Vai para casa, e sentiu que o dia dele, ele fez bem para alguém. Ele cumpriu a missão dele. A mesma coisa nós. A gente não tem a especialidade do médico, mas tenta de outro ângulo. Com a minha espécie de alimentação, eu sou uma terapeuta natural. Hoje em dia, o que tu comes tu és. Tu tem que fazer da tua alimentação o teu remédio. E futuramente vai ser assim. Tu vais ter que te curar, porque está cada vez mais difícil medicina ou posto de saúde. Não tem acesso à saúde, não tem (Busca).

Envolve **ser ético no trabalho, em função da sua consciência**, negando, por exemplo, favorecimentos financeiros, como no caso de Guerreiro:

Teve uma época que houve umas aposentadorias e me convidaram para me aposentar. Se eu quisesse, me arranjavam um atestado médico... Eu não quis. Disse que não queria fazer aquilo, pois minha consciência iria pesar... Não quis. Mesmo com vinte e nove anos de trabalho, eu vou todo o dia à repartição.

Com autoconfiança para fazer os trabalhos. Ou ainda, com segurança no que faz e na capacidade de descobrir os caminhos. Com a coragem inclusive para contestar o que acha que deve mudar na organização:

... mesmo que não saiba tanto. Mas é um padrão... de autoconfiança, eu acho. Tem a ver com segurança, de que eu sei que eu posso descobrir (...) As fontes que eu tenho são as mesmas de todo mundo (...) Temos aqui uma biblioteca, com um monte de livros, e alguém me pergunta: 'Como se faz tal coisa?' (...) Só que tu talvez dissesse: 'Não sei.' E eu digo que sei (Yôgi).

Eu me sinto seguro daquilo que eu faço, da contestação. Porque ninguém tem coragem de fazer. Eu faço! Esquerda, direita, seja quem for. Presidente ou não. Quando eu tenho que dizer alguma coisa, eu digo. Dentro de uma linha, né! (...) Eu sou praticamente uma figura intocável (Guerreiro)

Star Rover enfatizou a atitude de promover diálogos reflexivos com os colegas professores, buscando ampliar visões e aprender com eles:

Meu diálogo com os colegas professores é sempre, sempre nesse nível, mais reflexivo. Como no caso com o professor de Ciências da Religião, que possui uma mente aberta e com o professor de Física que também possui uma visão tendendo para o holismo.

Talvez fosse de se esperar que os sujeitos que trabalham como professores (como dissemos antes, a maioria dos participantes da pesquisa se envolve direta ou indiretamente com o ensino) **fizessem**, por exemplo, **os alunos refletirem sobre as várias possibilidades para além dos conceitos pré-definidos**. Como ressalta Esperança, "numa atividade de sala de aula, permitir que o aluno saia do seu mundo, pense, repense, das viagens e depois, amarra." Entretanto, pelas próprias declarações dos sujeitos, bem como pelas informações do pesquisador, mesmo com a pouca experiência no meio acadêmico, sabemos que isso não é o que se encontra na maioria dos educadores. Não, pelo menos, no sentido apresentado por Esperança com a turma de graduação da psicologia, **de se permitir vários olhares, aceitando a complexidade do ser humano e a diversidade existente em cada indivíduo, com uma abordagem inter e transdisciplinar:**

Estamos estudando determinada teoria (...) Como permitir que o aluno consiga perceber além, que não fique só ali? (...) Quando em sala de aula, o aluno vem muito assim: 'Então eu vou seguir tal linha... fulano de tal.' Uma opção dele. Vamos respeitar. Mas a minha preocupação, e meu intuito, é que assim não te permite explicar esse fenômeno só com essa visão, só com essa

possibilidade. O ser humano, que nós temos para cuidar, para pensar, enquanto futuros profissionais, é muito mais do que isso. Seria biológico, intelectual, espiritual. E como você vai explicar isso só dentro de um olhar? 'Então eu já não estou entendendo mais nada! Então o quê é que me segura? Não, aqui sustenta esse pezinho e sustenta aqui... Digo: 'Não, são vários pezinhos que podem sustentar. Vai depender do movimento desse indivíduo, do que ele está te trazendo dos conceitos, das possibilidades. Agora, isso está dentro dele.' A gente precisa ter tudo isso dentro da 'malinha', como eu chamo, e vai tirar fora a medida que precisa, para poder ter mais luz de compreensão disso.

Permitindo ao aluno imaginar, repensar. Estimulando leituras mais profundas e avançadas:

Professora, mas nós vamos ler uma tese de doutorado? Mas somos alunos de sexta fase.' Eles tem que escrever a monografia. 'Onde está escrito que não podes ler, que não podes produzir tão bem quanto, dentro das tuas limitações de tempo, vida e estudo? Que tu vai te liberar.' – 'Mas a senhora está exigindo como para uma tese!' – 'Não, estou dando a possibilidade de fazeres o teu julgamento, dentro do que tens condições agora.' Altas brigas no bom sentido (Esperança).

A atitude de estimular questionamentos, gerando inquietações, promovendo reflexões a partir da visão de mundo das pessoas e dos alunos, para que então surgisse a procura, a busca, por outras possibilidades:

Muitas vezes essa postura gerava inquietações dentro da sala de aula. E era também um dos meus objetivos. Porque atrás da inquietação vem toda uma procura. Nem sempre isso é compreendido dentro da academia. Porque o nosso objetivo é trabalhar determinadas linhas, mas é também fazer com que eles se permitam navegar com uma abertura maior sobre esses conceitos. Como docente sempre trabalhei isso (Esperança).

Com o tempo, fui levado a fazer palestras, onde procurava, a partir da visão das pessoas de mundo, começar a questionar (...) a história do conhecimento, da ciência, pra chegar na visão multidimensional (...) Daí eu quebrava o paradigma newtoniano cartesiano positivista. Falando que existe uma realidade mais ampla (...) De repente, aquilo que eles acreditavam como verdade, era duvidoso. O que eles tinham como solidez, como real, como verdade, era tão instável quanto uma areia movediça. Para então reconstruir uma outra visão, sempre procurando entrar, claro, no contexto escolar, no trabalho (Star Rover).

Um dos participantes ressaltou limitações na possibilidade de fazer esses tipos de reflexões. Conforme Star Rover, **somente quando percebe interesse dos alunos, somente quando se estabelece uma espécie de sintonia com o grupo, consegue repassar os seus conhecimentos**, quando, então, as palavras passam a fluir naturalmente, de forma inspirada:

... consigo passar o conhecimento a partir do momento que existe o interesse. Se tem indivíduos que não querem, não consigo passar. Mal saem, da minha boca, as palavras... Então chegava para esse grupo: 'Se vocês quiserem, vão lá jogar. Eu dou a bola...' Enquanto eu trabalhava com os que estavam interessados. Daí sim a coisa 'rolava'. Daí eu falava sobre energia, partículas, campos multifreqüenciais, da hipótese da existência de um ser multifreqüencial, interagindo em vários níveis...

Alguns dos sujeitos participantes, relataram uma atitude de **orientador dos colegas, que buscam informações de trabalho**, procurando aprender, descobrir, para poder repassar:

No ambiente de trabalho, acaba se tornando uma relação bem de orientação. Muita gente vem perguntar coisas, porque a forma como eu me comporto dá a impressão de que eu sei tudo (...) é que eu confio que eu posso aprender (...) As pessoas vem: 'Yôgi, como é que se faz tal coisa?' (...) Acaba sendo uma espécie de... Guru. O tempo todo pra tudo: seja em auditoria, seja em yoga, seja em informática... Incrível. E eu saquei que isso tem a ver com a postura, com a atitude (Yôgi).

Tomando a iniciativa de orientar os colegas de como se relacionar no ambiente de trabalho. Como Busca quando diz *“então, eu procuro fazer, e gostaria que todas pessoas que trabalhassem comigo procurassem também. É o que eu oriento”*:

O A ., por exemplo, era muito brabo, por qualquer coisinha. Não dava nem para falar com ele. Agora ele tem esse jeito 'troglodita', leigo na fala, mas dá para conviver já com ele...

Sendo procurado pelos demais funcionários que buscam apoio, **atuando, inclusive, como um terapeuta emocional e físico na organização**:

De certa forma, quando as pessoas buscam um certo conforto, se dirigem a mim. Principalmente os alunos e os funcionários (...) Quando tem alguém com problema emocional, eles vêm conversar comigo. Contando alguns problemas (...) até físicos, dor de cabeça... Vêm para eu fazer um trabalho mais energético, mais espiritual (Star Rover).

Yôgi caracterizou a relevância de sua atuação na organização, dentro daquilo que acredita, **“como se eu fosse... um catalisador” para que as transformações aconteçam mais rapidamente**: *“... então talvez fosse acontecer da mesma forma ou... mas levaria muito mais tempo ou talvez nem ocorresse”*. De acordo **com uma atitude pró-ativa, com iniciativa para novos projetos**, como no exemplo de Star Rover: *“... inclusive vou montar um projeto de psicopedagogia no colégio. A princípio como dinâmica. A diretora já vai conseguir uma sala. Vou atuar dentro dessa postura holística.” Inovando e se renovando com esses projetos, com a energia que propicia a auto-motivação no trabalho:*

Eu sempre estou assim, com a cabeça a mil pelo Brasil, imaginando e criando projetos... Mas talvez este estar, aqui e agora, que a meditação traz pra gente, é que passa essa paz, que realmente dentro do coração existe (...) E você sempre está se renovando, eu acho que esse é o alimento (Cornucópia).

Também, por exemplo, tomando a iniciativa **de fazer com que a mudança ocorra no próprio ambiente físico de trabalho**, “mudando constantemente o ambiente, tentando sempre achar o ideal”, sempre que necessário, sem postergar, como detalha Yôgi:

Sempre mudando... Quem sabe muda um pouquinho aqui, vamos ver se fica melhor. Depois muda de novo, vamos ver se fica melhor(...) Você percebe a necessidade que tem que mudar e vai lá e faz.

Com os outros funcionários da organização, buscam estabelecer uma relação de compreensão. Como no caso de Busca, *“a gente procura entender no ponto de vista do outro e aceitá-lo. Você acaba aceitando, porque você não pode mudar, dentro, a pessoa...”* **Procuram uma convivência sem atritos, “se dar bem com as pessoas”**, mesmo quando as pessoas se encontram em lados opostos:

A minha relação com os outros, com as pessoas da instituição, é uma relação de compreensão. Nunca tive atrito com ninguém. Nunca tive problema com pessoa alguma. Sempre me dei bem com as pessoas, apesar de essas pessoas, às vezes, se encontrarem em lados opostos, e de conflito (Star Rover).

Ao passar pelas **pessoas mais simples, no ambiente de trabalho, buscam valorizá-las, olhando e cumprimentando**, como nos fala Guerreiro, de que gosta mesmo daqueles que acham que é inimigo. E, às vezes, reza por eles:

Nunca tive um atrito, assim, que fosse mais grave com algum funcionário nesses vinte e nove anos de serviço. Penso que todo mundo gosta de mim e eu também das pessoas. Mesmo aqueles que acham que eu sou inimigo, eu gosto deles e, às vezes, rezo para eles (...) Valorizo as pessoas. Quando passa umas pessoas bem simples, humilde, eu tento olhar para eles, para cumprimentá-los. Quando passa um deputado, eu tento abaixar a cabeça e fazer que não o vi. Ao contrário das outras pessoas (...) Então eu tento valorizar aquelas pessoas simples.

Outra característica marcante é **uma forma alegre, com brincadeiras, possibilitando trabalhar com amor, mais leve, diferenciada de atuar no ambiente de trabalho** e que, a primeira vista, poderia ser encarada como um certo descomprometimento. Quando, como veremos mais adiante, o que ocorre, na verdade, é exatamente ao contrário. Por exemplo, transformando as viagens a trabalho em passeios, como nos conta Guerreiro: *“E saio aí para passear... Agora vou dar uma palestra em Criciúma, vou dar outra... Estou sempre por aí dando palestras sobre plantas medicinais, pela cidade, como trabalho voluntário.”* Com a equipe unida,

conforme Cornucópia, ***”deixar a nossa criança ínterna vir à tona, dar um tempo para rir e brincar, um tempo para respirar e fazer uma ginástica, para meditar e orar, trabalhando bastante, mas sorrindo”***:

E o que é que essa criança sonha? Vamos trazer à tona e fazê-la brincar e aí através desse brincar é que ela trabalha com amor, porque é a partilha (...) Porque se não for com amor... Observamos que quando existe um tempo, para você entregar determinado trabalho, no limite, e necessita trazer pro grupo outras pessoas que não estão imbuídas, daquele mesmo processo, daquela mesma amorosidade, quebra o ritmo, né? E a gente comenta muito isso, de dar-se um tempo inclusive, pra rir, pra brincar, pra fazer uma oração, pra fazer meditação, pra respirar, pra fazer uma ginástica... Mesmo que as cobranças externas sejam fortes em projetos. Normalmente se tem prazo, que cumprir uma meta, mas se você tiver a equipe unida... Meu Deus, trabalha-se de noite, de madrugada e todo mundo ainda sorrindo.

Para a maioria dos participantes, uma questão fundamental é **o relacionamento baseado no respeito, começando por si mesmo, e desenvolvendo a atenção para o outro**. Como nos fala Cornucópia:

... esse relacionamento está baseado no respeito. Sem esse respeito... E eu tenho isso como exemplo na minha vida. Alce Negro, um índio velho americano, colocava que nós não devemos absolutamente nada a quem não nos respeita. Isso é muito forte, se você for analisar em profundidade. Você vai ver que chega em nós. Se você não tiver respeito por você mesmo, ninguém vai te respeitar. E a partir daí você desenvolve, dentro do trabalho, um relacionamento de atenção.

E isso se evidencia nas várias atividades que são exercidas pelos trabalhadores participantes, como quando Star Rover nos fala em *“... explicar a técnica. Porque eu não gosto nada de passar algo, para eles fazerem, sem compreender o que estão fazendo. E vivenciarem, gostarem e sentirem o efeito depois. Porque depois gosto de ouvir os relatos...”*

Ou, por outro lado, respeitando a maneira das pessoas perceberem o mundo, fazendo com que elas cheguem as suas próprias conclusões a partir do seu próprio conhecimento, que é a técnica utilizada por Jack:

Em conclusão, não estou querendo fazer a cabeça de ninguém. É um pouco o ‘Dit-kon-do’... Parecido com a ‘Maiêutica’. É o lance de tu mostrar o conhecimento pelo o que o outro sabe e não pelo o que tu sabes. A gente tenta fazer esse construcionismo de uma forma que nunca choque o sujeito. Então ele vai chegando às suas próprias conclusões. Ele vai resolvendo esse ‘koan’ devagarinho; vai se ‘iluminando’ como no ‘zen-budismo’. Vai trabalhando com neutralidade, vai fazendo parte do sistema. Dentro da sua concepção de mundo (...) Sem querer, começa a ver que muito do dinheiro dele está indo para uma entidade assistencial. Então um dia, pensa: ‘Qual é a entidade assistencial que está ganhando 25% da minha renda? Quem é esse povo?’ Um dia, ele vai até lá (...) A gente vive tentando educar as pessoas para que elas comecem a agir de maneira diferente. Eu sempre fui mais: ‘Ages de maneira diferente, que daí isso vai te educar.

Trabalhar em grupo, sem sair na frente ou ficar para trás, conforme Cornucópia ressalta, sem o grupo o trabalho holístico não existe. É estar sempre junto, em parceria, com companheirismo, acolhimento e ajuda ao outro:

A questão de parceria, de trabalhar em grupo. Eu não vejo, no trabalho holístico, você sair na frente ou ficar para trás. Você tem que estar sempre junto. Então eu trabalho o que? Sem o grupo, ele não existe, ele não acontece (...) Porque passa a existir o companheirismo, o comprometimento, a responsabilidade e, ao mesmo tempo, faz com que quando um esteja necessitando, o outro sabe que aquele está necessitando e corre para acolhê-lo, ou ajudá-lo. Eu acho que essa parte é muito interessante.

O comprometimento com a equipe, com o trabalho da equipe, com tudo que está sendo envolvido naquela atividade. A responsabilidade pelo compromisso assumido com a comunidade e o ambiente em que ela está inserida:

Esse comprometimento de cada um, com o trabalho, com a equipe e com tudo aquilo que você tocar. Porque é tua responsabilidade... E aí está muito claro, a questão da responsabilidade, que no momento que você assume uma responsabilidade, um compromisso, uma coisa não está separada da outra (Cornucópia).

Nos trabalhos em grupo ou junto à comunidade, **se chegar nas pessoas, conversar, tocar, abraçar, beijar, numa relação de amigos, de companheiros, com todas as pessoas, em um processo gostoso de viver em grupo, no coletivo, construindo um clima melhor com todos.** Para Star Rover, *“...bastante afeto, sentimento, compreensão... Muitos alunos se apegam nesse lado.”* Estabelecendo uma relação terapêutica e de aprendizagem com todos os envolvidos. Nas palavras dos participantes:

... conversando muito. Converso muito com os meus amigos de serviço. Quando chego: ‘Bom dia! Boa tarde!’ Abraço eles, beijo um e faço aquilo ali. É parece que mudou todo um clima. Construí todo um clima (Guerreiro).

Não sei chegar numa comunidade, sem ir me chegando na pessoa, conversando, tocando. Eu sou muito de abraçar, de beijar, de pegar e ficar perguntando. De repente, tu ficas assim... São todos amigos. Sabe, fica uma relação... E ela é muito gostosa. É fundada assim em muito companheirismo (...) Não importa que seja uma criança, uma pessoa muito simples, o prefeito, uma professora. Todos são agentes de um processo muito gostoso de viver, de trabalhar (...) É praticamente um processo terapêutico (...) De sentar, de conversar... E esse é o mais gostoso, porque no sentar e no conversar, a gente está aprendendo horrores. Essa troca... (Cornucópia).

Embora a estratégia de explicar e conversar, dando atenção ao outro, seja mais difícil, que *“leve mais tempo”*, que *“custe mais”*, pois *“é um tempo que o indivíduo*

precisa”, mas, conforme Esperança, “não se consegue mais olhar diferente, não a completa mais”, “tem que olhar com todo mundo junto”.

Em outros momentos, para mim era mais fácil ir lá, fazer o que a empresa estava me pedindo. ‘Vai lá, faz e dá um recado.’ Não que estivesse errado, mas isso não me completa mais. É uma coisa assim, que foi um tempo... Agora, eu não consigo olhar diferente. Tenho que olhar com todo mundo junto. É mais difícil. Tenho dado umas tropeçadas, mas não vou largar de mão, porque é assim que eu acredito (...) Então, às vezes, nós levamos mais tempo, entendendo aquilo ali, tentando resolver. Porque esse tempo é um tempo que o indivíduo precisa (...) Então, demora mais, me custa mais. Mas eu não consigo ter uma atitude que esteja somente pensando naquela especificidade. Vejo ela, vejo que tenho que trabalhar aquele sentimento, aquela situação, mas ‘respinga’ todo o resto que está ali. E é muito cuidado que tem que se ter. Porque nós, psicólogos, lidamos com os desejos, as vontades e os pensamentos das pessoas, que muitas vezes não estão claros para eles, muito menos para nós. Então é uma mistura.

A hierarquia se dilui. Para Busca, é **como se fosse uma família:** *“... ali não tinha funcionário. A gente era uma família... Quando uma estava atendendo, elas não tinham que ficar intimidadas comigo, quando eu era a patroa. Uma coisa bem natural... Elas iam, faziam o trabalho delas, ajudavam a pessoa, como se fosse patroa... Não tinha nada de hierarquia...”* Para Cornucópia, **em um grupo que todos trabalham juntos** – todos vão a campo, todos pesquisam, todos tabulam os dados – **participando de todas as etapas do trabalho**, juntos, **independente dos títulos ou cargos:**

Aí deixam de existir títulos, cargos... E todos, porque nós sempre utilizamos nesses nossos trabalhos é pegando juntos. Não interessa quem é que está coordenando. Todos coordenam, todos vão a campo, todos pesquisam. Na hora de tabular, estão todos juntos... Essa é uma experiência nova, inclusive dentro da própria universidade. No momento de fazer pesquisa, de se tabular, de trazer resultados, você tem um grupo de companheiros, de trabalhadores, no verdadeiro sentido, irmanados. É uma irmandade (...) Chega um momento que a gente fica até na dúvida, quem é quem. Se o A que é o digitador, se o J que é o professor das engenharias, doutor, quem é quem? Porque acaba ficando um grupo, uníssono. É muito bonito. A hierarquia se dilui.

E para se conseguir a harmonia do trabalho em grupo, de modo que todos ‘peguem junto’, Cornucópia esclarece que **se respeita o talento de cada um, buscando aproveitar o que cada um entende que faz melhor:**

... não é difícil, é só esse respeito aos talentos de cada um. O que é que você faz melhor? Então você vai cuidar disso. Ah, você é bom nisso? Então é aqui... De repente, você tem uma equipe fantástica, os trabalhos sempre saem de uma forma mais incrível do que a outra.

Alguns dos participantes que coordenam equipes, manifestaram que estão **mudando a relação com os colaboradores, passando a estimular que eles próprios busquem as soluções, que decidam por si**, nas palavras de Yôgi

Empresário: “...estou mudando então a minha atitude com relação aos colaboradores. A atitude tem sido de tentar estimular o pensamento próprio. Estimular a decisão própria. Não só de dizer como se faz, mas tentar que a pessoa descubra sozinho como se faz. Tentar dar as ferramentas...” De estimular o outro **para que veja de uma forma diferente e, com o retorno, o descobrimento de soluções que nem mesmo se tinha idéia antes de estabelecer o diálogo**, como nas palavras de Esperança:

... de poder enxergar isso, de: ‘Quem sabe tu olha diferente?’ Eles falam: ‘A senhora falou isso e sabe que eu nunca imaginei.’ E eu digo: ‘Eu também não. Estou pensando junto aqui contigo. Mas vai atrás. Vai olhar.’ Então isso estreitou relações, me ajudou a compreender realidades que, às vezes, eu ficava muito indignada, que eu não estava conseguindo fazer andar diferente. Nem para os meus clientes, nem para mim mesmo.

No relacionamento com um antigo professor, especial para Yôgi, **um senso de retribuição, se colocando à disposição para ajudar, colaborando, de forma espontânea**, para auxiliar, por exemplo, na estruturação da organização:

... sempre mantive uma relação muito estreita com o meu professor (...) Essa relação se refletia também em auxílio. Em me colocar a disposição para fazer qualquer coisa. Como se eu continuasse sendo um aluno dele(...) sempre naquela visão até como uma retribuição mesmo. E aí comecei a ver que a Federação (...) não tinha estrutura, estava desorganizada. Então comecei a dar sugestões e fazê-las (...) comecei a criar (...) até então não tinha, nem a necessidade não tinha, nem passava... e tudo cooperação, colaboração.

Com **o chefe**, “*uma relação muito boa, como amigo*”, conforme Guerreiro. **Uma relação de colaboração com o chefe, de suporte, buscando ajudar. O gerente, o diretor, não é visto como alguém que está acima, mas sim como parceiro, copartícipe do processo; apenas com atribuições ou funções diferentes.** Até porque, conforme Yôgi, “*todo mundo tem que crescer junto.*” Possibilitando então, a partir dessa atitude, melhorar a comunicação líder e liderado, estabelecendo diálogos, discussões:

Em relação a este nosso diretor, que hoje é um grande amigo, um grande parceiro, que a gente pode se chamar assim. Somos parceiros, copartícipes de um processo. Essa é a parte mais bonita. Da possibilidade dessas discussões, desses diálogos (Cornucópia).

É uma relação de colaboração, de parceria, e suporte (com o chefe). O que eu puder ajudar, dar novas idéias. Mas não adianta dar as idéias se você não consegue colocá-las em prática. (...) ‘Quem sabe se eu fizesse tal coisa?’ O chefe vai me dizer: ‘Legal!’ - ‘Pois é. Eu já fiz. Está aqui. O que você acha?’ Aí você submete a aprovação... Você dá a sugestão e já dá as alternativas. E se possível já testadas (...) Se for um trabalho escrito, você já entrega, na sugestão, a proposta escrita. Porque é muito mais concreto você poder analisar uma sugestão por escrito (...) Já deixa no meio do caminho a solução (...) ... porque não é visto como chefia que está acima. E sim como

parceiro. Como se fosse no mesmo nível. Na verdade, o que difere são apenas as funções ou as atribuições. Mas são parceiros (...) Todo mundo tem que crescer junto (Yôgi).

Talvez isso esteja relacionado com o que Busca comenta em relação ao dono, quando declara que **“o dono não é uma pessoa má. Ele é um mau administrador. Não administra nada bem a loja. Só que ele tem uma índole boa. Então, em cima dessa intenção de acertar é que a gente trabalha”**. Ou quando nos fala Star Rover sobre **estreitar o relacionamento com uma diretora rígida, enfatizando o lado espiritual dela:**

A diretora é conhecida pela rigidez, professora firme (...) Tão rígida que alguns professores se ofendiam e acabavam brigando. Isso levou muita gente a temer a diretora (...) Mas ela também tem um lado espiritual. Quando entrei lá, ela percebeu em mim esse lado e simpatizou comigo. Então sou um dos que mais me dou bem com ela dentro do colégio.

Ou, conforme Cornucópia, **buscando despertar o ser holístico, a criança interna, que existe dentro daquele gerente, “antes bem restrito, falar de amorosidade, de estar junto,” possibilitando uma nova relação e, a partir daí, desse gerente com os demais colegas e a comunidade:**

Em relação ao diretor, meu chefe? Foi achar exatamente esta criança que ele é. Um ser extremamente holístico. Hoje ele assume isso. E ver esse ser que gosta de trabalhar em equipe, que tem paixão por comunidade. E hoje ele propicia um campo de trabalho imenso. E ele ama participar disso... Então é uma troca fantástica. Você poder ouvir um advogado, que antes era bem restrito em determinadas expressões, falar de amorosidade, de dar-se às mãos, de oração, de estar junto, de estar trabalhando em equipe. Hoje ele exhibe uma nova forma de diálogo ou mesmo nas próprias palestras ou discursos.

Na relação com os clientes, procura fazer os produtos ou serviços como se fosse para si, “passando a sua energia, fazendo como as pessoas merecem”, por exemplo na alimentação, como nos relata Busca. Evidenciando **uma predisposição para ser honesta e verdadeira com o cliente:**

... não vendi. Não vendo até hoje coisas velhas. Não vendo coisas velhas para ninguém. Nunca em vinte anos, eu vendi coisa velha para uma pessoa. E o velho ia fora ou eu doava (...) ... ali no meu mundo, na cozinha, eu procuro passar a minha energia total na alimentação do cliente. Que ele saia daqui com a cabeça... né? (...) ... de fazer como as pessoas merecem. Então eu faço como se fosse para mim. Inclusive, na cozinha, eu dou mais uma lavadinha porque eu vou comer também. Então eu procuro fazer e gostaria que todas pessoas que trabalhassem comigo procurassem também (...) E o resultado o cliente está sentindo, com certeza, no ambiente, na comida...

Trabalham com o cliente como se fosse uma pessoa da família, fazendo com que ele se sinta à vontade, como “da casa”, conforme Yôgi, numa relação

peçoal, com entrosamento, “como os amigos fazem entre si.” Conforme Guerreiro, *“uma relação muito boa mesmo com os que solicitam os serviços (...) Eu atendo super bem eles, sempre sorrindo, sempre com simpatia, sempre olhando para eles, conversando, dando idéias. Falo além do que eu deveria fazer, de outras atividades também.”* Entendendo e percebendo o cliente como pessoa, *“passando a se importar mais com eles como pessoas”*:

A gente trabalha com o cliente como se fosse uma pessoa da família. O cliente é mais do que um cliente. Antes de ser um cliente ele tem que ser um amigo. Então se hoje ele está com dor de cabeça. Amanhã você liga (...) Coisa que os vizinhos fazem entre si. Que os amigos fazem entre si (...) É uma relação pessoal (...) Ele entra como cliente e em cerca de um mês o cara é da casa, total (...) Você passa a ligar porque você passa realmente a achar importante que tem que ligar (...) Você vai passar a fazer isso... como algo natural. Você passa a se importar mais com as pessoas. Coisa que eu não era muito ligado (Yôgi).

... é uma coisa totalmente diferente, um contato com o público. O pessoal ia, eu ajudava: ‘Estou com dor de barriga, dor de cabeça’. A gente procurava ajudar (...) Entrosamento com o cliente (...) Uma coisa assim família: ‘Fica a vontade!’ A casa é deles, entendeu? (...) Todo tipo de cliente... O cara é louco, não tem problema. Dentro do estilo dele, ele é louco (...) É uma maneira de perceber as pessoas, entender elas como pessoas (Busca).

Busca destaca que esse tipo de relacionamento também acontecia com os fornecedores, pois **procurava manter uma relação próxima com os fornecedores, passando um tempo com eles, conhecendo eles, conversando:** *“... com os fornecedores (...) Eu já conhecia... Na outra loja, no porãozinho, a gente ia a Curitiba. Passava a manhã toda lá, tinha uma relação...”*

Estimulando os clientes para participar da construção das possibilidades de solução, que, conforme Esperança, causa surpresa ao ter de transformar suas expectativas, de receber uma solução pronta, **em um processo de construção conjunta:**

... eu paro e falo: ‘Como é que estás percebendo isso? Está claro?’ As pessoas me devolvem com uma precisão incrível: ‘Espera aí! Isso não está fazendo sentido. Isso aqui não encaixa.’ – ‘Então, tá legal. Vamos dar mais um tempo, vamos voltar. É processo, reprocesso.’ E a gente vai construindo novos pareceres... O que faz com que as pessoas (clientes), de uma certa forma, mudem as expectativas. Elas tem uma expectativa assim: ‘Com tantos anos de estudo, com tantas experiências, tu vais ter que me dar uma solução.’ (...) Eu falo: ‘Nós vamos resolver juntos.’ E eles: ‘Mas eu não te contratei para isso. Eu te contratei para tu me dares o caminho que tem que ser feito.’ Acho que estamos muito dentro ainda deste estilo de organização que tem aí.

Consciente das repercussões das ações nas comunidades, com uma grande responsabilidade com o que é levado para elas e **uma preocupação**

permanente para que o resultado do trabalho comunitário não seja manipulado.

Como no caso de Guerreiro, quando relata que “... *me convidaram, diversas vezes, para participar da esquerda, para ser candidato a vereador. E eu não fui! (...) Sempre fugi! (...) Nunca trabalhei com deputado (...) Muitos me convidaram para aproveitar o meu movimento, para levar e usar...*” Ou quando Cornucópia enfatiza: “*Porque eu já falei: ‘o dia que o nosso trabalho for manipulado politicamente, eu estou fora’ (...) Porque esse trabalho, com comunidade, a gente não pode envolver política. Eles sofrem muito, não pode.*” **É a consciência do efeito multiplicador de nossas ações,** que acabam influenciando na vida de cada uma das famílias da comunidade:

Se for fazer uma palestra, é óbvio que tens que te preparar. Quem é aquela população? Mas, assim... O quê é que aquilo ali vai levar adiante? Como é que o indivíduo pensa naquilo? Ele leva para casa, para a família. A família leva para a comunidade, onde ela interfere. Vem, volta para nós. Tudo isso, não é que seja desconhecido, já esta interligado automaticamente. Mas precisa de um espaço para ouvir, precisa de um espaço para trabalhar (Esperança).

Exercendo trabalho voluntário junto às escolas, às universidades e a sua comunidade, repassando o conhecimento adquirido sobre plantas, por meio de aulas e palestras, como no caso de Guerreiro:

Faço um grande trabalho social com plantas medicinais. Dando aula para profissionais de saúde, crianças, para médico, nas últimas fases de medicina. Tudo como trabalho voluntário, nunca cobrei nada.

Ampliando a consciência das pessoas sobre as influências mútuas entre a empresa e a comunidade, por exemplo, ao solicitar a avaliação das pessoas da comunidade quanto à importância daquela empresa para a comunidade ou, por outro lado, fazendo a empresa avaliar a importância da sua contribuição para as pessoas da região em que atua:

No trabalho, no hotel, nós envolvemos toda a comunidade. Junto a comunidade começou a conceituar como a comunidade via a importância do hotel aqui dentro da comunidade do norte da ilha (...) Outro exemplo, lá, naquela agência de curso no exterior, a importância que esse trabalho tem para a evolução das pessoas que estão na região. Como é que a gente sente isso? É importante porque interfere até na linguagem organizacional, no marketing (Esperança).

Com a percepção de que não está sozinho no trabalho pela conscientização ecológica e no trabalho de preservação da dignidade e da cidadania nas comunidades, como na declaração de Cornucópia: “*Então quando você alavanca um*

processo, você percebe que tem muita gente pensando igual. Aí você vê que realmente alguma coisa tem que ser feita...”

Nas possibilidades propiciadas pelo trabalho, de estabelecer uma **relação com a natureza, aquele sentimento de paixão e profundo respeito pela natureza**, conforme nos relata Cornucópia:

Com o meio ambiente e a natureza (...) é paixão, paixão absoluta. Toda vez que eu olho, que eu chego lá para trabalhar, que eu toco, que eu vejo aquele verde... Essas terras tem donos, mas essas paisagens os meus olhos podem ser também. É assim, de profundo respeito, de amorosidade, de você saber que o paraíso é aqui e agora. E que você tem a chance de estar ali, respirando, atendendo e percebendo que essa mãe terra, como nós, também está sofrendo um processo de transformação, de transição. E quanto nós podemos fazer? (...) Nós tivemos o nosso tempo de destruir... Nós, seres humanos, destruímos muito da natureza e somos só nós que temos capacidade para recompor isso novamente. Esse sentimento vai mais fundo. É uma questão de olhar as feridas que abrimos no planeta e, com esse sentimento de amor e de responsabilidade, ver o que nós podemos fazer.

É o atuar como educador ecológico comunitário, num sentimento de amor e responsabilidade por trabalhar pela conscientização das crianças, dos profissionais e das comunidades com relação ao meio ambiente :

... além de todo esse trabalho em relação ao meio ambiente - preservação, de mostrar, de olhar, de educar - passei muito para as crianças. Teve uma semana que eu trouxe duzentos e trinta crianças aqui em casa, mais professores, para conversar. Semana passada saí a passear com um grupo. Então, estou indo a diversos lugares que a Lagoa tem nas dunas, no canal, nas encostas, na cachoeira, mostrando o lençol freático (...) Dou aula também sobre cultura açoriana. Dou palestra, trabalho com plantas medicinais, mostrando... Não como uma pessoa que está receitando, embora seja muito difícil de fugir disso... Na hora que eu vi: ‘essa planta é tal e serve para tal coisa...’ Mostrando o valor que as plantas medicinais tem, como elas podem ser inseridas na comunidade (Guerreiro).

Se esforçando para mudar a cultura do desperdício na organização. Como nos exemplifica Guerreiro Ecológico, atuando com iniciativas ecológicas na organização como a reciclagem do lixo orgânico, o reaproveitamento do material, “a construção de um jardim medicinal na própria instituição”:

... tento trabalhar muito a questão do reaproveitamento do material e da reciclagem. Pego a sobra que tem de algum material, levo para uma cooperativa de catadores de papel, para dar a eles. Levo a sobrinha de mola de espiralzinho, para fazer bloquinho, para eles venderem. Tento fazer, porque (o espaço de atuação) é muito pequeno. Porque dentro da visão parcial, do desperdício de material, não tem essa cultura. E eu não tenho força política suficiente para (...) Faço com os meus amigos... Tento usar xerox frente e verso (...) Às vezes, eu estou dizendo: ‘Porque não compra papel reciclado? Porque a gente não cria para os papaleiros, ou com os próprios funcionários de manutenção, um local para reciclar material.’ Então, assim, dou algumas idéias, mas lá é muito difícil! (...) Até construí um jardim medicinal na Organização, no centro da cidade,

dentro de uma repartição pública, em que são totalmente fechados. Foi uma inovação! Tentei reciclar todo o lixo orgânico da Organização. Estou sempre com inovação lá dentro...

Também com atitudes específicas como fazer a alimentação o mais natural possível; falar em aula sobre práticas orientais; orientar para a possibilidade do compartilhar capacidades e talentos, da troca de recursos, entre as pessoas de uma comunidade; de engajar-se na construção de um sistema holístico de economia:

A gente procura (atuar) pela alimentação. Pelas verduras, pegar direto do produtor, da pessoa que não usa agrotóxicos... Já é outra energia... Fazer o mais naturalmente possível. Não usar essas químicas dentro da comida, aqui (Busca).

Fui desenvolvendo e montei um projeto lá dentro, chamado de grupo de estudos de práticas orientais (...) Vários grupos, durante quatro anos. Uma vez a RBS TV foi lá fazer uma entrevista comigo sobre esse trabalho (Star Rover).

Estendo essa visão para a comunidade. Estava trabalhando com uma empresa (...) de reassentamento das famílias ribeirinhas, comunidades por onde uma estrada ia passar. Teriam que se deslocar, que reformular o processo de pesca. Tinham os assistentes sociais, geógrafos (...) Vai 'sacanear' aquele povo... O cara é pescador, vai continuar pescador. O que precisa mudar? Que aquela comunidade precisa ficar mais rica, mesmo sem conseguir dinheiro. Compartilhando o que eles já tem entre eles (...) Mas a verdade é que a única forma que eles pensam em sobreviver: 'Vou pescar... Vender esse peixe... Com esse dinheiro, vou comprar as coisas que eu preciso'. Dentro da comunidade deles, eles já têm muitos recursos que não precisariam ser comprados e, eles não tomam conhecimento. Meu trabalho (...) é tornar conhecidos os recursos que estão ao alcance, disponíveis, e poderiam ser melhor utilizados, porque, às vezes, estão ociosos. Até sendo ofertados e não estão chegando ao nosso conhecimento (Jack).

Tudo o que construí é uma espécie de preparatório para a 'Neural Networks'. Então a gente criou uma cooperativa, criou uma consultoria e criou uma empresa de benefícios. E aqui já é um processo em rede. Tem por objetivo colocar em prática um sistema holístico de economia (Jack).

Enfim, cada um dos sujeitos participantes, **busca, dentro do ambiente de trabalho, e fora dele, bem como nas especificidades do seu trabalho, oportunidades de atuar holisticamente, por meio das mais diversas formas.**

5 DISCUSSÃO DOS DADOS: dando significado à percepção dos outros e a repercussão na qualidade de vida como um todo

Apresentamos, nesse capítulo, atendendo ao terceiro objetivo específico (seção 1.3), **a repercussão da atitude holística do trabalhador na sua qualidade de vida.**

A qualidade de vida relatada pelos sujeitos participantes foi permeada pelos significados que eles deram ao **como as outras pessoas**, com as quais se relacionam no ambiente de trabalho, **percebem ou sentem as atitudes holísticas que eles desenvolvem.**

As categorias que emergiram estão destacadas por parágrafo, como no capítulo anterior.

O trabalhador com atitude holística percebe o reconhecimento profissional, vendo suas idéias sendo implementadas e se sentindo percebido pelo gerente como alguém com iniciativa, em relação às demandas do trabalho; com criatividade aliada a um senso prático. Ele percebe a confiança do coordenador no seu trabalho e a amizade dele, numa relação de grandes amigos, parceiros de trabalho; chegando a se sentir constrangido de receber tantos elogios da diretora.

Também se sente visto, pelos colegas, como alguém que tem bastante conhecimento e poder de decisão: como uma espécie de referencial, que é buscado para esclarecimentos, e com conhecimentos de diversas áreas.

Sente também que as pessoas se aproximam mais, que tem lhe procurado mais para conversar, com confiança. Uma trabalhadora percebe que as pessoas gostam de interagir com ela. Tem a sensação de que os outros sentem algum carinho, de que gostam dela e de que sentem um conforto com ela, como um abraço de mãe - essa questão gostosa da anciã, fazendo com que perceba que o seu caminho tem sentido e que outras pessoas também estão nessa busca.

Esse trabalhador sente que os outros o percebem como uma pessoa calma: *uma pessoa 'zen'*, que transmite paz e tranqüilidade. Sente que os alunos, e a diretora também, percebem a paciência, a forma compreensiva de lidar com as faltas desses alunos.

Em relação a esses alunos, também a percepção do reconhecimento destes com a sua forma de atuar: se sentindo muito gratificado - não tem valor que pague - por perceber esses retornos em relação ao trabalho que vem realizando.

Ele se sente uma pessoa valorizada pelos colegas de trabalho, por todos os funcionários da organização, por ter criado um bom clima no ambiente de trabalho: elogiado por eles, sendo inclusive convidado, em função da confiança deles - de conhecerem a qualidade do trabalho dele - para 'tocarem' juntos um empreendimento.

Percebe também as pessoas vibrando com as suas idéias, e os seus serviços, e recebendo muita atenção. Percebe ainda, nas empresas, o grande interesse das pessoas, de modo geral, pela sua proposta de trabalho.

Percebe os clientes estabelecendo uma relação pessoal, dando abertura, agindo da mesma forma que ele, com reciprocidade, demonstrando que gostam desse tipo de relacionamento. Sente os clientes tratando também como amigo, pois os clientes percebem um tratamento diferente e se sentem agradecidos, sendo que alguns até falam que são seus seguidores.

Se percebe uma pessoa respeitada, muito valorizada e até meio carismática na atuação comunitária, percebendo que as pessoas, das comunidades onde atua, se sentem bem com ela, que sua presença traz paz e reconforta. Percebe uma reciprocidade de todas as pessoas das comunidades, que facilitam as coisas, que disponibilizam o que é necessário para o trabalho e uma vontade de participar, de estarem juntos, de serem importantes. Percebe também, nas outras pessoas da instituição, uma vontade de participar nas atividades do grupo.

Os significados atribuídos pelos sujeitos participantes, com relação as percepções dos outros quanto as suas atitudes holísticas no ambiente de trabalho, também foram permeados por **uma série de conflitos**, a seguir categorizadas, em cada parágrafo.

Cabe esclarecer primeiro, entretanto, o porquê de alguns dos 'aspectos positivos' parecerem ser contraditos por outros 'aspectos negativos' em dois dos sujeitos da pesquisa, em suas relações de trabalho. Cabe destacar que estes atuam, cada um, em duas organizações distintas: uma de sobrevivência, onde atuam a mais tempo, e da qual já gostariam de ter conseguido se 'libertar', e de outra de realização, oportunidade

construída a partir de motivações pessoais que encontraram resposta na demanda social e das comunidades. É evidente que os aspectos negativos estão ligados ainda ao trabalho de sobrevivência e, por isso, parecem ser contraditórios com os aspectos positivos destacados com relação ao trabalho de realização.

Esse trabalhador sente saudades do tempo em que tinha suas certezas e convicções, em que não enxergava certas coisas e que possibilitavam uma atitude menos comprometida com as conseqüências de seu trabalho.

Também faz cobranças consigo mesmo com relação a determinadas posturas que já gostaria de ver modificadas como, por exemplo, ainda não conseguir o desapego e o descarte das coisas.

Alguns dos participantes manifestaram conflitos com relação as tarefas que executam em uma das organizações em que atuam. Talvez pelas inúmeras realizações junto á comunidade, e que lhe dão muita satisfação, um deles sente o trabalho, na instituição, como não inovador, simples, e, por isso, pouco valorizado. Para o outro, a necessidade financeira, por questão de subsistência, de ainda ter de trabalhar em uma organização em que não vê o resultado do seu trabalho, que não encontra motivação pessoal, o faz se sentir agredido de tal forma que chega a somatizar. Para um terceiro, uma certa sensação de frustração no seu trabalho principal atual, por se sentir limitado, restringido, ao que demanda o tradicional da profissão.

Dois dos participantes parecem ainda estar em meio a construção dessa atitude holística em relação ao trabalho. Um deles relatou a dificuldade de conciliar o tempo necessário para o trabalho de realização com o trabalho de sobrevivência, que somado a característica de perfeccionista e de centralizador, implica na redução das atividades complementares de lazer: uma incongruência em relação a sua visão de mundo. Para outro, o excesso de serviço gera carência de tempo para relaxar e tem, por conseqüência, a sobrecarga e o estresse. Ao mesmo tempo que realiza, que é motivador, a qualidade de vida fica prejudicada, pois não encontra um meio termo.

Outra categoria que emergiu foi o se sentir limitado, não conseguindo se expressar, nem utilizar suas capacidades plenamente, em função do ambiente de trabalho, do clima criado no local de trabalho, em função da visão eminentemente financeira dos donos.

Em relação ao ambiente físico de trabalho, um trabalhador relatou o sofrimento com um ambiente fechado, com ruído, mal ventilado, com gases: não encontrando possibilidades na organização para uma adequação do ambiente, por exemplo, com plantas.

E especificamente, esse mesmo participante, por restrições da organização, não pode trabalhar em outra profissão – ser jardineiro – mais relacionada com sua visão de mundo e com aquilo que pratica voluntariamente.

Outro trabalhador diz estar encontrando dificuldades, resistências, na sua área profissional, na disciplina que leciona, para trabalhar com o novo paradigma em função do processo histórico-cultural de construção da disciplina. Resistências, no caso de outro, no ambiente profissional, que resultaram, inclusive, no fechamento de um projeto e em processos na justiça. Outro declarou não estar conseguindo mais, por seu lado, trabalhar com a orientação da academia de adotar uma linha específica, única, em contraposição à abrangência.

Outro reclama da forte hierarquia que dificulta um maior entrosamento e aprofundamento das conversas com os clientes. Sofre com o sistema de trabalho da organização que não possibilita momentos de diálogo e discussão sobre o próprio trabalho, chegando a se sentir inoportuno, com os diretores, por querer forçar as mudanças. Se sente até excluído, por eles, em função de suas contestações.

Um declarou estar sofrendo pelo afastamento de alguns antigos clientes que procuravam produtos e serviços com aquela energia especial.

E também está em conflito pelas estratégias não éticas utilizadas pela organização para reduzir custos, em função da repercussão na qualidade dos produtos ofertados aos clientes e das possíveis conseqüências em relação à saúde futura desses.

Se sente incompreendido por alguns colegas de trabalho e chateado por não ter respeito destes que não permitem um pensar diferente ou mesmo o espaço para a reflexão conjunta. Se percebe excluído, deslocado, pelos colegas de profissão que trabalham com as técnicas convencionais, com a linha tradicional. E se questiona da validade de tentar fazer com que alguns colegas se predisponham a abertura ao outro, em função das resistências e do processo trabalhoso que essa atitude implica.

Se desgasta também com alguns clientes que, ao contratarem determinado serviço, esperam fórmulas prontas e colocam em dúvida a competência profissional por não oferecer soluções rápidas. Percebendo ainda que alguns clientes das empresas desconfiam da sua capacidade de trabalhar múltiplas áreas além da sua especialidade, da sua capacidade de abarcar conhecimentos de áreas diversas.

Percebe que algumas pessoas sentem seus espaços sendo invadidos, e de que passa a idéia de que não respeita o que os outros pensam, de que é muito metido. Não se sente aceito pelos políticos da direita, nem pela maioria dos de esquerda. Com os primeiros, por discordar ideologicamente, e com os segundos, por cobrar coerência nas atitudes como pessoas.

Quando perguntados diretamente sobre como percebiam a sua qualidade de vida, emergiram categorias, separadas por parágrafo, que evidenciam que todos sentem que estão no melhor caminho.

Esse trabalhador entende que tomou a atitude certa porque está muito satisfeito, com uma sensação de realização: se sentindo totalmente diferente de como era, pessoal e profissionalmente. Se sente extremamente feliz por estar fazendo esse trabalho: tudo isso é muito recompensador. Fala do entusiasmo, da excitação por ver o trabalho, vários trabalhos, se concretizando e da vontade de querer continuar trabalhando. Se sente estimulado pela descoberta de sua capacidade criativa no trabalho.

Hoje está conseguindo integrar (mais) essa visão holística no seu trabalho. Procura, antes de aceitar fazer qualquer trabalho, analisar, conversar bem: o trabalho proposto tem que trazer satisfação, prazer.

Sente que é muito gratificante os abraços carinhosos das pessoas e se sente também gratificada pelo sucesso dos seus alunos.

Se sentindo realizado por entender que faz um grande trabalho, na sociedade, de conscientização em relação ao meio ambiente: extremamente útil, e em sintonia com pessoas super interessantes, no trabalho de preservação da vida no planeta.

Se percebe com boas perspectivas, no futuro próximo, de focar sua ação, sua energia e seu tempo, em trabalhar somente em projetos com abordagem holística. Percebe as oportunidades de atuação se ampliando em função da maior demanda das

peças por essa visão de mundo. E alimenta projetos futuros: de escrever artigos, um livro, uma tese de doutorado, todos trabalhos relacionados a essa nova visão de mundo. Com a perspectiva de expandir seus trabalhos associados ao que acredita e que estejam em sintonia com essa abordagem holística.

Em relação à **qualidade de vida como um todo, para além do ambiente de trabalho**, os sujeitos participantes relataram, conforme pode ser verificado nas categorias separadas por parágrafo que se seguem, sensações e sentimentos elevados.

Tem a sensação de valorização das experiências da vida, percebendo o crescimento ao longo dela e sentindo a riqueza dessa vida e da quietude conquistada: a serenidade e a “pacientação” trazidas pela maturidade.

Que, conforme ele, não tiram a possibilidade de aventura, pelo contrário, tendo ainda muitos sonhos, de continuar se aventurando, pois ficar estático não combina com este ser que se propõe a ser um espírito livre, integrado ao universo. Sonhos de continuar viajando, conhecendo pessoas e trocando. Entendendo que o melhor momento é aquele que se vive com plenitude.

Diz estar com mais condições de trabalhar suas inquietações, não mais colocando limitações nas situações em função de seus próprios preconceitos: se sentindo mais centrado e mais satisfeito consigo mesmo. Não acha mais que tem que dar conta de tudo.

Agora está se permitindo refletir sobre suas intenções e limitações, inclusive possibilitando uma reorientação pessoal e profissional.

A qualidade de vida conquistada é vista como o desacelerar das ações, o refletir, se permitindo um maior equilíbrio com as várias dimensões da vida, além do trabalho. É ter um tempo para si, tendo um olhar que cuida de si mesma. É se harmonizar com o lugar onde mora, com as pessoas do local, com a natureza a sua volta.

É buscar construir um estilo de vida próprio. É trabalhar a relação com a família. É, ao manter um ritmo mais lento, estar, porém, muito mais comprometido em outra dimensão.

Por fim, é a qualidade de vida proporcionada pela grande oportunidade de conviver e passar por experiências com pessoas que vivem essa abordagem holística:

ecológica, comunitária, espiritualista. É o intercâmbio com pessoas incríveis, que te atraem e que possibilitam a sensação de crescimento, percebendo que não se está só, mas que, ao contrário, existem milhares de pessoas comungando dessa mesma visão de mundo e, então, a riqueza de vida que isso tudo junto proporciona.

Detalhamos, desse ponto em diante, a forma como a qualidade de vida é percebida pelos sujeitos participantes em função dos significados que eles deram ao **como as outras pessoas**, com as quais se relacionam no ambiente de trabalho, **percebem** ou sentem as atitudes holísticas que eles desenvolvem.

Yôgi Empresário **se sente percebido pelo gerente como alguém com iniciativa, em relação às demandas do trabalho, com criatividade aliada a um senso prático**. Nas suas palavras:

Um cara que você não precisa mandar duas vezes para fazer alguma coisa. É um cara que você não precisa nem mandar, porque ele já percebe antes que tem que fazer. É um cara que você pode chamar para qualquer tipo de trabalho, no mais crítico, intelectual (...) É, de criatividade... Tipo de capacidade de concatenação das idéias, crítica, de senso prático, um senso extremamente prático (...) se não tem prática, não serve para nada.

Ele **percebe o reconhecimento profissional**, pela rápida ascensão na organização ou quando **vê suas idéias sendo implementadas**:

... rola os elogios e tal, reconhecimento, o próprio reconhecimento profissional. De você ter subido muito rápido, numa escala que levaria anos prá se chegar lá (...) Pelo menos é o que se ouve falar assim (...) Eu percebo o resultado das coisas como acontecem... Eu dei uma idéia. Daqui a pouco eu vejo essa idéia já implementada. Então quer dizer que foi boa.

Conforme Star Rover, **chega a se sentir constrangido de receber tantos elogios da diretora** que o acha uma pessoa excepcional:

Então a diretora me vê como se eu fosse uma pessoa do outro mundo (...) A diretora uma vez falou que eu era isso, era aquilo, me senti até mal. Assim dizendo que eu era uma pessoa incrível, não sei o que (...) Às vezes, ela me beneficia tanto que eu me sinto até mal (...) em relação aos outros (colegas) professores.

Percebe a confiança do coordenador no seu trabalho e a amizade dele, que, para Cornucópia, se traduz **numa relação de “grandes amigos, parceiros de trabalho”**:

... a coordenadora de outra área de trabalho: 'Ele é o homem mais difícil e mais exigente que eu conheço'. Eu disse: 'Não acho assim. (...) Acho comigo uma doçura de pessoa. Só fico ensimesmada com uma coisa que ele diz, às vezes: 'Ô professora, te vira.' Ela assim: 'Você tá

perdida.' (risos) 'Porque quando o S. chega a dizer 'te vira' é porque ele confia totalmente na pessoa.' (...) Então a relação é tão gostosa, que ele vem aqui em casa, a gente trabalha aqui, ele toma chazinho, cafezinho... Vejo a nossa relação como de grandes amigos. Sabe parceiro mesmo de trabalho e confiança, como eu confio nele, que ele não vá utilizar os trabalhos, que a gente desenvolve, nem manipular politicamente.

Ele se sente visto, pelos colegas, como alguém que tem bastante conhecimento e poder de decisão: *"... as pessoas me vêem, eu acho, como um cara que 'manja' bastante, que tem poder de decisão. Então na dúvida: 'Pergunta para o Yôgi.' Nesse aspecto, em função daquela autoconfiança."* Se sentindo **como uma espécie de referencial, que é buscado para esclarecimentos, e com conhecimentos de diversas áreas**, conforme nos fala Star Rover:

O incrível assim, que eu percebi, que eu era um referencial (...) que tem muito conhecimento que não seja da área específica, que estuda várias áreas (...) A (colega) professora de filosofia (...) busca em mim. E quer saber mais sobre Gandhi, sobre vários pensadores (...) Sempre fica falando sobre esse meu lado mais espiritual, minha reflexão (...) O (colega) professor de Física vê em mim, às vezes, alguém que possa passar muitas informações. Na busca dessa identidade existencial (...) Então quando eu estou interagindo com eles é sempre uma prática.

Alguns participantes, como Guerreiro Ecológico, sentem que *"as pessoas lhe procuram. Vão lá conversar."* Pois, como ele afirma: *"Ajudo. Estou sempre ajudando as pessoas, fazendo sempre alguma atividade. Então me sinto bem assim."* Eles **sentem que as pessoas se aproximam mais, que têm lhes procurado mais para conversar, com confiança. Fazendo com que percebam que o seu caminho tem sentido e que, conforme Esperança, outras pessoas também estão nessa busca:**

Sinto que as pessoas se aproximam mais de ti. As pessoas tem uma vontade... Claro, cada pessoa é um jeito, mas na minha experiência (...) As pessoas tem me procurado mais para sentar, para conversar. Existe uma questão de confiança muito grande (...) as pessoas se aproximaram naturalmente. Então você tem um respaldo que o teu caminho tem sentido. E não é um caminho sozinho, muito pelo contrário (Esperança).

"Os (colegas) professores vem conversar comigo, dentro dessa linguagem de reflexão que eu procuro sempre estabelecer (...) Quando des estão com algum assunto ligado aos problemas existenciais ou à saúde, eles vêm tudo a mim (Rover).

Alguns **percebem que as pessoas gostam de interagir com eles**, como quando Star Rover declara que: *"... posso perceber que eles gostam de mim, de conversar comigo, de interagir comigo, nesse sentido..."* Cornucópia declara a **sensação de que os outros sentem algum carinho, de que gostam dela e de que sentem um conforto com ela**, como *"um abraço de mãe; essa questão da mãe, da*

velha, essa questão gostosa da anciã”:

As pessoas passam uma sensação de que sentem algum carinho (...) Sentem como um abraço da mãe, muito isso. A questão da mãe, da velha, essa questão gostosa da anciã. Que daí a gente passa a valorizar esse processo da vida. Como a vida acaba sendo extremamente gratificante, a partir do momento que você vê a vida com esses olhos, de aprendizado e de estar junto dela.

Sentem que os outros o percebem como uma pessoa calma, conforme Star Rover, *“a linguagem que eles usam é que eu sou **uma pessoa ‘zen’** (risos)”, que transmite paz e tranqüilidade:*

É sempre assim; ‘Nossa, você é diferente.’ A palavra chave é: ‘Meu Deus, como você é calma.’ E eu não me acho calma. O mais incrível é isso, que eu me acho super agitada. Eu sempre estou assim, com a cabeça a mil pelo Brasil (...) Eu percebo esse retorno das pessoas: ‘Nossa, como você é calma. Como você transmite paz. Como você é diferente...’ E esse diferente sempre fica em torno das expressões calma, paz, tranqüilidade. Então isso é muito bom (Cornucópia).

Star Rover declarou que **sente que os alunos, e a diretora, percebem a paciência, a forma compreensiva de lidar com as faltas deles** e que eles gostam muito dele: *“Então as pessoas, assim como a diretora, até os alunos, percebem, em mim, a paciência que eu tenho com eles. A capacidade de, às vezes, compreender as faltas que eles fazem comigo (...) e os alunos gostam muito de mim.”*

Esperança manifestou também, **em relação aos alunos, a percepção do reconhecimento destes com a sua forma de atuar**, que fica evidenciada, segundo ela, pelo convite para ser paraninfa da primeira turma que se formou. Fazendo com que **se sinta muito gratificada, “não tem valor que pague”, por perceber esses retornos em relação ao trabalho que vem realizando:**

E o que me gratificou é o retorno dessas coisas. Pois mesmo tendo saído da universidade há um ano atrás, fiquei ligada a grupos de pesquisa com essa visão. Não recebo, mas estou ligada lá. A primeira turma que se formou me chamou para ser paraninfa. Então existem alguns retornos que te dizem que as pessoas estão começando a pensar adiante... Não necessariamente igual a ti, mas alimentou alguma coisa. Deu eco. Então isso me gratifica. E não tem valor que pague.

Guerreiro **se sente uma pessoa valorizada pelos colegas, por todos os funcionários da organização, por ter criado um bom clima no ambiente de trabalho:** *“acho que construí um ambiente super bom. Todo mundo me valoriza.”* Busca se diz **elogiada pelos colegas de trabalho, sendo inclusive convidada por eles, em função da confiança deles - de conhecerem a qualidade do trabalho dela - para ‘tocarem’ juntos um empreendimento:**

Sou elogiada pelos meus colegas de trabalho, não pelo patrão. No fundo ele até... Mas tem um lance de dinheiro. Porque não sei se eu tenho uma vida já equilibrada (...) Tanto que meus colegas de trabalho me convidaram para a gente abrir um restaurante. Elas confiam no meu trabalho. Conhecem meu trabalho.

Star Rover declara, com satisfação, que **recebia muita atenção e percebia o grande interesse das pessoas, nas empresas, pela sua proposta de trabalho:**

“Trabalhei nessa empresa de ginástica laboral. Fazia o pessoal ficar ‘zen’. Recebia atenção muito grande das pessoas, na empresa. Um efeito muito grande.” E Jack, na mesma linha, relata, com entusiasmo, que **percebe as pessoas vibrando com as suas idéias e os seus serviços:**

... o cliente que está usando, dizendo: ‘Oh, fulano adorou, ciclano tá pedindo... Ou quando vou dar minhas aulas e tudo está muito interligado. Dizem: ‘Pô! Adorei esse método, coisa inovadora... Ou quando falo de neutralidade com alguém e a pessoa diz: ‘Nossa, isso aqui é perfeito.’

Yôgi enfatiza que **percebe os clientes estabelecendo uma relação pessoal, dando abertura, agindo da mesma forma que ele, com reciprocidade, demonstrando que gostam desse tipo de relacionamento, tratando também como amigo:**

... os clientes se manifestam dando abertura para aquela forma (...) aquela relação pessoal (...) dando retorno, agindo da mesma forma (...) eles também me tratam como amigo. E isso quer dizer que há reciprocidade, que há retorno. Que eles vêem isso como uma coisa boa.

Na mesma linha de Busca, quando relembra que **os clientes percebiam um tratamento diferente, se sentiam agradecidos e alguns que até falam que são “seus seguidores”:**

...na outra semana o pessoal (o cliente) ia lá, agradecia (...) Meus clientes são os primeiros a perceber. Eu sinto. Tanto que uns falam que são meus seguidores. Onde eu vou, eles vão atrás. Meus discípulos... (risos)

Guerreiro Ecológico **se percebe respeitado, muito valorizado e até meio carismático na atuação comunitária:**

Me sinto super valorizado! Então, essa lacuna, que eu tenho lá, de fazer aquele ‘feijãozinho com arroz’... Fora daquilo ali (...) Me vejo muito respeitado mesmo (...) Me relaciono bem com as pessoas, todo mundo me conhece, me sinto até meio carismático por causa da minha figura meio exótica que sou. Todo mundo: ‘Ô, seu ‘Guerreiro’! Como é que vai? Como é que está a Lagoa?’ Então todo mundo é assim. Me sinto assim muito legal (...) Os colegas das minhas filhas, as

pessoas que se encontram com elas: 'Pô, o teu pai é olha... é dez o teu pai, hein! Pô, o cara é fogo. O cara é não sei o quê. O cara faz então isso aí.

Cornucópia relata que **percebe que as pessoas, das comunidades onde atua, se sentem bem com ela; que sua presença traz paz e reconforta:**

E de você ouvir assim: 'Ah, nossa só de você chegar perto eu já fiquei boa'. Então aí que paz que você traz. Ou aquela criança que chega e só pega na tua mão, só passa a mão em você, só te olha...

Ela afirma que sente também **uma reciprocidade de todas as pessoas das comunidades, que facilitam as coisas, que disponibilizam o que é necessário para o trabalho; uma vontade de participar, de estarem juntos, de serem importantes. Percebendo, nas outras pessoas da instituição, uma vontade de participar nas atividades do grupo** do qual faz parte:

Lá a gente tem essa resposta. É só telefonar e na hora, tudo fica acessível, fica muito. Por isso o holismo é bom, porque todos se sentem participantes daquele processo, de estar cooperando, de estarem juntos, de serem importantes (...) Esta relação é a mais bonita nesse processo. Desde o motorista do ônibus. Eles chegam a brigar, entre eles, quem é que vai levar a equipe. Querem estar com aquele grupo, porque o grupo é alegre, o grupo conta histórias, vai a fundo nas histórias deles também. Porque não é superficial... (Cornucópia).

Os significados atribuídos pelos sujeitos participantes, com relação as percepções dos outros quanto as suas atitudes holísticas no ambiente de trabalho, também foram permeados por uma série de conflitos como poderemos verificar nos relatos que seguem.

Esperança confessou **saudades do tempo em que tinha suas certezas e convicções, em que não enxergava certas coisas e que possibilitavam uma atitude menos comprometida com as conseqüências de seu trabalho:**

Eu não consigo ver as coisas em separado. Antes eu agia mais em cima, ou desistia definitivamente (...) Tenho saudade daquele tempo, que eu ia lá, resolvia e não esquentava a cabeça. Esses dias me peguei falando para o meu filho: 'Fico brava comigo mesma, porque eu queria não ver algumas coisas que vejo.' (...) É a forma de mundo que se enxerga. A gente pensa diferente, mas as afinidades estão aí.

Yôgi Empresário relatou que a autocrítica, a busca da melhoria contínua, gera **cobranças consigo mesmo com relação a determinadas posturas que já gostaria de ver modificadas como, por exemplo, ainda não conseguir o desapego e o descarte das coisas:**

Nem todas eu consigo fazer. Eu tenho um problema bem sério de guardar coisa antiga. Aquela coisa: 'Um dia eu vou precisar desse papel' (...) Para trabalhar dessa forma, seria muito melhor se eu tivesse mais capacidade do descarte. Mais capacidade do desapego com coisas antigas. Porque conseguiria manter mais organização.

Dois dos participantes manifestaram conflitos com relação as tarefas que executam em uma das organizações em que atuam. Guerreiro Ecológico, talvez pelas inúmeras realizações junto á comunidade, anteriormente relatadas, e que lhe dão muita satisfação, sente o trabalho, realizado na instituição, como não inovador, simples, e, por isso, pouco valorizado: “Acho o meu trabalho muito simples lá. É um trabalho que não tem nada que seja assim mais inovador. Me sinto pouco valorizado.”

Para Yôgi, a necessidade financeira, por questão de sobrevivência, de ainda ter de trabalhar em uma organização em que não vê o resultado do seu trabalho, que não encontra motivação pessoal, causa conflitos consigo mesmo:

Hoje isso, para mim, não faz mais sentido pessoal. Então é uma obrigação pela grana. Porque em função da desilusão que houve em relação ao funcionamento da organização (...) Depois de 2 ou 3 anos... que você não via resultado nenhum no seu trabalho... A vantagem é que achei outra coisa. Prá me dar 'tesão', porque senão... Se você vê os outros colegas aqui (...) Cada vez mais próximo está o dia de eu poder me dedicar exclusivamente a aquilo que me interessa mesmo. Que é trabalhar dessa forma...

Declarou estar se sentindo agredido de tal forma que chega a somatizar:

... (conviver em dois ambientes de trabalho tão distintos) é um pouco de agressão. Porque imagina se a minha cabeça está a mil com idéias e projetos e possibilidades novas e aí eu tenho que vir para cá. Pára! Interrompe tudo. Então agride um pouco assim. Às vezes, até somatiza um pouco isso.

De forma mais branda, uma certa **sensação de frustração no seu trabalho principal atual**, foi manifestada por Star Rover, **por se sentir limitado, restringido, ao que demanda o tradicional da profissão**. Relatou que **se sente podado em suas capacidades e potencialidades:**

Depois que passei no concurso do Estado, entrei para dar aula de Educação Física. É como se, de repente, eu abandonasse tudo isso, para me restringir somente ao desporto. Para mim isso foi um peso muito complicado, muito difícil. Por que um indivíduo que tem uma certa tendência para algo e, de repente, é 'castrado' para ficar só num... limitado a uma coisa...

Especificamente **dois dos participantes parecem ainda estar em construção dessa atitude holística em relação ao trabalho**. Pois Yôgi relatou a **dificuldade de**

conciliar o tempo necessário para o trabalho de realização com o trabalho de subsistência, potencializada pela combinação da característica de perfeccionista com a de centralizador, o que **implica na redução das atividades complementares de lazer**. Admitindo uma **“incongruência”** dessa atitude em relação à sua visão de mundo:

Outro aspecto, em termos de qualidade de vida, o lado negativo, que pegou, é o fato de, por ser centralizador, por ser perfeccionista, que é a sobrecarga. Eu acabo sobrecarregado. (...) Fico realizado com isso, mas acabo não tendo tempo para outras coisas pessoais, aquele momento seu, como ir surfar, por exemplo, que acaba ficando para terceiro plano (...) Fechar o olho, botar uma música (...) Um exemplo dessa incongruência.

Jack, de forma semelhante, relata que isso tudo **somado ao excesso de serviço, à demanda excessiva, gera carência de tempo para relaxar e tem, como consequência, a sobrecarga e o estresse**. O que também parece evidenciar uma incoerência em relação a visão holística. Conforme ele, **ao mesmo tempo que realiza, que é motivador, a qualidade de vida fica prejudicada, pois não encontra um meio termo:**

Eu tenho que subsistir, que é uma tarefa razoavelmente árdua hoje em dia. Tenho que reservar muito tempo para isso. Não posso trabalhar uma hora por dia nisso aqui (...) 15 horas que é o que eu trabalho (...) E isso todo o santo dia. E todas as horas de lazer (...) só que, de vez em quando, eu quero tocar uma guitarra, quero jogar um video-game ou quero deitar de papo para o ar. E não dá. Me sinto culpado, às vezes... Tenho muito coisa para fazer (...) Tem tanta demanda de tudo que é lado (...) Então isso tudo começa a arquivar na tua cabeça e (...) quando vê está no cúmulo do estresse (...) Tive que largar até a musculação. Nem correr na esteira posso mais (...) Depois aparecem oportunidades (...) Daí pensa assim: 'Vou pedir hora extra para Deus; vou pedir um dia de trinta horas, porque não está dando.' Sabe o que é não dormir e já acordar atrasado? (risos) Ah! Gostaria de dar uma descansada (...) Faz um bom tempo que eu não sei o que é férias. É tudo coisa que exige muito de ti, tudo coisa nova que não existe ainda (...) Então a qualidade de vida é prejudicada, mas não tem escolha (...) Ao mesmo tempo que é motivador... Mas não tem meio termo... Ou tu te entrega... Ou aquilo vira lazer também ou tu desiste...

Busca declarou estar **se sentindo limitada, não conseguindo se expressar, nem utilizar suas capacidades plenamente, em função do ambiente de trabalho, do clima no local de trabalho, da visão eminentemente financeira - “dinheirista”, econômica - criada por alguns dos donos:**

Agora não consigo me expressar (...) Os cursos que eu fiz parece que perderam-se... no passado(...) Eu levei um susto, um 'baque' aqui (...) Eu nunca tinha me deparado com esse tipo de gente, 'dinheirista', calculista, na minha vida, na minha vida toda. A minha vida era sempre equilibrada (...) Fazia, no outro ambiente, com mais liberdade, com mais tranquilidade...

Especificamente **em relação ao ambiente físico de trabalho**, talvez a maior afinidade com a natureza, de Guerreiro Ecológico, dificulte ainda mais a adaptação ao trabalho em **ambiente fechado, com ruído, mal ventilado, com gases. Potencializando assim o sofrimento dele por não encontrar possibilidades de uma adequação do ambiente, por exemplo, com plantas:**

O ambiente físico, que eu trabalho, é muito ruim. É um ambiente com máquina, mal ventilado, com muito barulho, sem praticamente... Agride... Me sinto tão mal naquele ambiente físico ali... Sem ventilação, com barulho, cheiro de tinta, é horrível esse ambiente! Não é esse ambiente que eu gostaria de trabalhar (...) Aquilo ali é praticamente um porão, uma prisão (...) Muito mal com relação ao tipo de ambiente que eu queria que fosse. Então falo: 'Olha, vamos botar umas plantas aqui dentro, para melhorar esse ambiente...'

E complementa essa dificuldade com o ambiente quando relata que, por restrições da organização em que atua, não pode trabalhar em outra profissão – ser jardineiro – mais relacionada com sua visão de mundo, com a natureza de que tanto gosta e com aquilo que pratica voluntariamente fora de seu emprego principal:

Ambiente para mim é ao ar livre. Eu gostaria de trabalhar como jardineiro! Não gosto de quatro paredes, trancado (...) É o maior conflito para mim. Porque eu gosto de ar livre, de mexer, sentir o ar, sentir o vento, sentir a chuva (...) O ambiente físico tem que ser um ambiente agradável para todo mundo. Que a gente possa se sentir feliz naquele ambiente. Descansar, olhar, ver uma borboleta passar na janela. Sentir não aquela coisa fechada.

Star Rover declarou estar **encontrando dificuldades, resistências, na sua área profissional**, na disciplina que leciona, **para trabalhar com o novo paradigma em função do processo histórico-cultural de construção da disciplina**: *“... na Educação Física é muito complexo. Ela tem um processo histórico de construção dentro do desporto (...) Esse estigma vem construído da própria área. Então eu... para vencer isso aí, é muito difícil...”*

Resistências no ambiente profissional que, como relata Cornucópia, **resultaram até mesmo no fechamento de um projeto e em processos na Justiça:**

Já passei por conflitos. Quando nós colocamos esse trabalho no Hospital Universitário... Achava estranha a questão do comportamento, a aparência dos médicos relacionados ao processo que nós estávamos vivenciando. E me perguntava: 'O que é que nós estamos fazendo aqui? Esse aqui é vinho, esse aqui é água. Casa? Mas não.' E comecei a ver as diferenças e as resistências. E realmente aconteceu um processo, mesmo, na Justiça, uma coisa bem pesada. Mas em nenhum momento aquilo me tirou do centro. E eu acredito, até hoje, que o estar no centro e acreditar que existem momentos... Os médicos fecharam o nosso trabalho, disseram que não condizia com o trabalho do Hospital Universitário (...) o processo deu em nada. Não passaram

três meses, eles nos chamaram novamente e nos deram um espaço físico pra trabalhar. E o projeto está ali até hoje.

Esperança ressalta que **não consegue mais trabalhar com a orientação da academia de adotar uma linha específica, única, em contraposição à abrangência:**

O pessoal diz: 'É como se tu fosses trabalhar num consultório, numa clínica.' Eu não separo. A psicologia separa: área clínica, organizacional e educacional (...) A própria academia diz: 'Tens que seguir uma linha, aquela linha de pesquisa, aquele raciocínio.' Eu até entendo didática e pedagogicamente, mas, na minha cabeça, eu não consigo trabalhar isso.

Guerreiro declara estar **sofrendo com o sistema de trabalho da organização que não possibilita momentos de diálogo e discussão (reuniões) sobre o próprio trabalho:**

... 'Vamos fazer uma reunião para conversar.' Nesse tempo que estou lá, nunca fizemos uma reunião de trabalho. Então, chega lá para fazer um 'feijãozinho com arroz' e voltar. E a gente não avança. Se a gente não fizer isso, não avança. É uma coisa que eu estou sempre falando.

Que, de outra forma, também aparece na fala de Busca, que **reclama da forte hierarquia que dificulta um maior entrosamento e aprofundamento das conversas com os clientes:** *"E aqui tá ficando difícil, tá difícil esse entrosamento com o cliente (...) hierarquia... E é o que eu estou encontrando aqui... Aí eu não posso aprofundar muito o meu trabalho."*

Guerreiro especificamente afirma que **chega a se sentir inoportuno, com os diretores, por querer forçar as mudanças. Se sente excluído por eles em função de suas contestações:**

Embora com os diretores e os políticos a minha relação seja super ruim. Não é boa porque eu estou sempre contestando. E eles não gostam disso (...) Eles fizeram até agora uma reunião. O presidente convidou diversas pessoas para irem lá, diversos gabinetes, diversos setores para conversar com ele. E almoçar com ele – cada dia um setor. No meu dia, parece que não quiseram me convidar. Porque sabiam que, quando eu fosse lá, eu ia chegar e dizer: 'Olha senhor presidente, é isso... que eu gostaria que acontecesse.' Então, no fim, mesmo tendo essa relação boa, me torno uma pessoa inoportuna por querer mudar, e eles, porque é uma repartição pública (...) Acho que, em outra empresa, eu conseguiria fazer uma grande revolução. Lá, eu não consigo avançar muito...

Com relação aos clientes, alguns antigos clientes que procuravam produtos e serviços com aquela "energia" especial, Busca se diz sofrendo pelo afastamento deles:

Esse tipo de cliente, de produtos naturais, eles tem uma visão muito aguçada. No começo, eles vieram atrás de mim. Mas aí eles perceberam que não era o ambiente deles, e muitos se retiraram. Inclusive, lá fora, eles falam para mim, porque que eles não vem aqui... Que se um dia a gente tiver uma loja com a nossa energia, aí eles vão entrar de novo.

Busca declarou-se em conflito pelas estratégias não éticas utilizadas pela organização para reduzir custos, em função da repercussão na qualidade dos produtos ofertados aos clientes e das possíveis conseqüências em relação à saúde futura desses:

Quando eu entrei aqui, tinha muita coisa estragada. E eles usavam aquele... Fiquei abismada (...) Coisas velhas. Ele queria aproveitar, peneirar as coisas. Então fui botando na cabeça dele que não era bem assim para ganhar dinheiro. Não é por esse ângulo... Já ouviu falar naquele gás, que se usa no Japão para matar os bichos? Ele usava esse gás. Uma vez fiquei com dor no estômago e escutei falando de gás. Eu disse: 'Isso é um absurdo. Já imaginou uma criança usando isso, essa alimentação. Tu mata!'

Esperança, às vezes, se 'pega' questionando da validade de tentar fazer com que alguns colegas se predisponham a abertura ao outro, em função das resistências e do processo trabalhoso que essa atitude implica:

Não é muito fácil. Exige tirar as coisas que estavam no concreto, que as pessoas estavam acostumadas: 'Ah, eu fiz a vida inteira assim. Não é agora que tu vais querer mudar isso aí.' Então, às vezes, eu me questiono: 'Não é mais fácil falar para eles a 'receitinha'?' Mas, não! É um princípio de vida...

Até porque ela declara estar se sentindo incompreendida por alguns colegas de trabalho e chateada por não ter respeito destes colegas que não permitem um pensar diferente ou mesmo o espaço para a reflexão conjunta:

No conselho de classe, em discussão, senti que tinha mais compreensão dos próprios alunos do que dos meus colegas psicólogos, ou dos colegas professores. Isso me chateou, porque não teve, no mínimo, uma postura de parar e vamos pensar junto. Pode continuar pensando completamente diferente de mim e eu de ti, mas o respeito à individualidade... Acho que o curso tem que permitir isso, no mínimo, que possas pensar diferente.

Ou ainda, como no caso de Star Rover, que relata também estar **se percebendo excluído, deslocado, pelos colegas de profissão que trabalham com as técnicas convencionais, com a linha tradicional:** *"O pessoal gostou tanto da proposta que queria mais essa visão holística do que a ginástica laboral. Então acabou se criando um certo conflito entre a proposta laboral e a minha vivência. Eu percebi nas entrelinhas (...) Naturalmente acabei saindo da empresa. Me sentia assim meio deslocado."*

E, conforme Esperança, esse processo se estende aos clientes, quando declara estar **se desgastando com alguns clientes que, ao contratarem determinado serviço, esperam “fórmulas prontas”, resultados pré-definidos, e colocam em dúvida a competência profissional por não oferecer soluções rápidas:**

E, às vezes, o mais difícil é porque eles esperam de ti fórmulas prontas: ‘Chama a psicóloga. Como se faz isso?’ Agora estamos tendo dificuldades da adaptação de um aluno no exterior, cuja família está mais ansiosa do que o aluno. Eles falam: ‘Vai lá e conversa com a família. Diz como é que eles tem que reagir.’ Eu disse: ‘Mas eu não vou conseguir fazer isso.’ E eles: ‘Mas como? Tu não és psicóloga?’ - ‘Sou, mas vamos chamar eles aqui. Vamos ver com o que eles estão preocupados. Mas vocês vão estar junto comigo.’ – ‘Ah! Mas eu não quero me envolver.’ Digo: ‘Não, tu já te envolveste e nem sabe quanto.’ Então: ‘Não vem com essa idéia. Isso é pepino.’ Aquela velha linguagem da organização, aquelas coisas. ‘Senta aqui, que a gente pode resolver melhor juntos.’

Mais ainda, Esperança declara perceber que algumas pessoas, nas empresas, e **alguns clientes, desconfiam da sua capacidade de trabalhar múltiplas áreas além da sua especialidade, da sua capacidade de abarcar conhecimentos de áreas diversas:**

Nas empresas, funciona de várias formas (...) As pessoas, às vezes, te interpretam como mentira tipo: ‘Mas como ela entende de tudo isso? Porque ela está se envolvendo com tudo isso? Porque ela está pensando aquilo ali? Não é da área dela!’ Não é que fosse da área, mas a forma de pensar passava por outros setores, por outras instâncias. ‘Mas que ela fique por aí, no que ela tem que fazer.’ Puxa! Como é que eu trabalho o meu sentimento nisso?’

Esperança percebe **também** algumas pessoas sentindo seus espaços sendo invadidos, passando a idéia de que não respeita o que os outros pensam, de que é, **na linguagem comum, “muito metida.” Atualmente busca refletir sobre sua forma de se expressar; procurando explicar, para dar tempo de o outro entender:**

... mais um desafio. Tenho que mostrar para as pessoas que não estou invadindo o espaço de ninguém, que não estou buscando invadir o que o outro pensa, sem respeitar... Tive várias coisas bem nítidas assim, de ser ‘muito compreensiva’, de ser muito metida - na linguagem comum (...) No início, para mim, era duro. Até interrompeu muitos trabalhos. Tive que parar e ver se estava na minha forma de pensar, na minha forma de falar, na minha forma de expressar, na minha forma de atuar... Porque tem coisas que, às vezes, tu não explicas, já age. Já é o teu jeito, já incorporou. Nem parou para explicar. Até podes melindrar, porque achas que o outro compreendeu...

Guerreiro especificamente ressalta que **não se sente aceito, vinculado, nem pelos políticos da direita, nem pelos de esquerda. Com os primeiros, por discordar ideologicamente, e com os segundos, por cobrar coerência nas atitudes como pessoas em relação aos discursos como políticos:**

Não sou vinculado à ninguém e politicamente a direita me odeia e a esquerda também (risos) Ninguém sabe quem eu sou (...) Minhas posições são de esquerda. A direita vê que as minhas posições são de esquerda... E a esquerda porque não gosta de ser contestada. Lá tem um quadradinho, um restaurante de vidro, e o político almoça separado. Não admito que o pessoal da esquerda faça isso. Para mim, tem que estar almoçando junto. Pegar a bandeja junto comigo (...) E não vejo nenhum deles fazer! Faço crítica enorme ao comportamento deles: 'Olha, vocês, como políticos, são até bem diferentes da direita, mas, como pessoas, vocês entram no mesmo rol deles.'

Quando perguntados diretamente sobre como percebiam a sua qualidade de vida, emergiram categorias que evidenciam que todos sentem que estão no melhor caminho. Como, por exemplo, quando Yôgi nos fala que **entende que tomou a atitude certa porque “está muito satisfeito, com uma sensação de realização”**. Sente que *“o caminho de evolução pela frente é muito longo”*, mas que já deu passos significativos nos últimos anos. Se sentindo totalmente diferente de como era, pessoal e profissionalmente:

Eu tomei a atitude certa. Não sei se é a certa, porque... Eu tomei a atitude que deu certo. Não é que seja a certa. Porque eu poderia ter feito outra coisa que também poderia ter dado certo (...) (Muito mais satisfeito) absolutamente. (Sente) totalmente diferente. Vejo que o caminho de evolução pela frente é muito longo, mas que eu já dei muitos passos, assim, nos últimos anos (...) A primeira repercussão é um grau de satisfação pessoal, de realização incrível...

Conforme Star Rover, se sentia muito bem, de certa forma realizado, ao trabalhar com a holística. **Hoje está “conseguindo integrar (mais) essa visão holística no seu trabalho”**. Se sentindo entusiasmado por perceber oportunidades imediatas de ampliação dessa atuação:

... explicava antes (...) que visão de mundo era essa, diferente (...) do ser humano, uma visão integrada. Como nosso pensamento podia afetar nosso trabalho, nosso dia a dia (...) Quando eu começava a passar essas informações, eu me sentia muito bem, me sentia de certa forma realizado (...) Com o tempo eu consegui. Hoje em dia, estou conseguindo integrar essa minha visão holística com o trabalho. Não necessariamente dentro da Educação Física somente. Percebi uma brecha depois que fiz a pós-graduação em psicopedagogia para atuar com isso mais profundamente no meu trabalho.

Hoje, relata Esperança, **antes de aceitar fazer qualquer trabalho, analisa antes, conversa bem. O trabalho proposto tem que trazer satisfação, prazer**. Tem que dar vontade de fazer e não ser apenas para cumprir. Entende isso como a aplicação prática do conceito de qualidade de vida ao mundo do trabalho:

A gente pesquisa, estuda qualidade de vida, mas a gente precisa ser um sujeito tanto quanto de ação também: 'Então quem é essa que está no discurso e não está na prática? Está na prática dos outros e não esta para si.' Isso mexeu muito. Foi um momento que eu recuei para repensar e saber o que quero construir. Hoje, antes de fazer qualquer coisa, eu vejo, analiso, converso. Não que não fizesse antes, mas tem que ter uma relação um pouco diferente. Tem que ser uma coisa que me traga satisfação, prazer, uma vontade e não seja assim para cumprir (...) E a pessoa pode passar até por antipática: 'Ela não quer fazer parte.' As pessoas começaram a me ver diferente. Isso também é legal. Fui transmitindo assim: 'Vou trabalhar esse grupo de estudo, mas vou trabalhar tantas horas que é o que eu posso, e não vou mais andar de madrugada, para depois estar dormindo pelos cantos.' Então, não é que isso foi errado ou certo. É que não quero mais isso. Então foi muito legal trabalhar essas coisas. Acho que isso é qualidade para mim.

Para Jack, mesmo trabalhando nisso *"todo o santo dia, e todas as horas de lazer."* Mas ele mesmo questiona: *"o que é qualidade de vida para mim? Até que ponto isso não é qualidade de vida também? Olha, é... **Me sinto extremamente feliz por estar fazendo isso (...) Tudo isso é muito recompensador.**"* Recompensador do esforço por estar percebendo seu sonho se concretizando.

Na mesma linha, Yôgi nos fala **do entusiasmo, da excitação por ver o trabalho, vários trabalhos, se concretizando.** Ressalta **a vontade de querer continuar trabalhando**, de não parar, *"nem para dormir"*:

... é excitação. Você vê um trabalho pronto te excita. E como isso não é um trabalho, mas é uma obra, digamos assim, um monte de trabalhos e tal... isso vai excitando (...) Você chega no final da noite, você está excitado, você não quer dormir... se pudesse trabalhava mais, mas você tem que dormir, porque tem que acordar no outro dia. E você continua...

Sentindo-se estimulado pela descoberta de sua capacidade criativa, Yôgi fala do 'fantástico' poder de criatividade **no trabalho**:

Um processo criativo fantástico. Porque eu descobri que eu tinha criatividade. Minha formação de contábeis... Nunca pensei que eu fosse criativo prá alguma coisa. Os meus irmãos são todos artistas, pintam, fazem escultura. E eu sou um contador. 'Puxei' o meu pai que é bancário. E eu descobri que não. Eu tenho um poder de criatividade incrível, só que é prá outra coisa. Não é prá fazer obra de arte. Eu faço outras obras...

Cornucópia expressa que *"é **tão gratificante os abraços**"* carinhosos que recebe das pessoas das comunidades onde atua. E Esperança reforça se sentir **gratificada pelo sucesso dos seus alunos**:

Demorou um ano e meio... É extremamente gratificante quando vê eles assim (...) Gravação com mérito nas suas defesas. As empresas reconhecendo meus estagiários. Dos seis, quatro estão contratados. Então é parte dessa vitória, desse sucesso.

E Guerreiro Ecológico também **se sente realizado por entender que faz um**

grande trabalho, na sociedade, de conscientização em relação ao meio ambiente. Se sentindo extremamente útil, e em sintonia com pessoas super interessantes, no trabalho de preservação da vida no planeta :

Me vejo, na sociedade, com um grande trabalho que eu faço. Trabalho de alerta mesmo, de mostrar, de sentir, de olhar, de brigar, de inovar na sociedade. Vejo pessoas super interessantes para viver na sociedade, tentar contestar isso que está aí (...)Tento fazer um grande trabalho em relação aos animais, em relação à vida na Lagoa - peixe, siri, camarão, o extrativismo que está acabando com tudo. Então eu me sinto muito, mas muito, útil mesmo, em relação ao meio ambiente.

Yôgi declarou se sentir **“com boas perspectivas”, no futuro próximo, “de poder reduzir um pouco essa dispersão de energia”, de focar sua ação, sua energia e seu tempo, em trabalhar somente em projetos com abordagem holística.** E Star Rover **percebe as oportunidades de atuação se ampliando em função da maior demanda das pessoas por essa visão de mundo:**

Vejo que no atual contexto social, econômico, do mundo uma busca mais integrada das coisas. A minha visão de mundo, acho que ela fecha com esse lado. As pessoas estão buscando atualmente...

Yôgi também **com projetos futuros, “objetivos que ainda não foram atingidos, talvez o mais importante”, de escrever artigos e um livro, todos trabalhos relacionados a essa nova visão de mundo.** Esperança quer desenvolver uma tese de doutorado e que esse trabalho possa proporcionar prazer e realização ao escrevê-la. Ou seja, uma perspectiva de expandir seus trabalhos associados ao que acredita e que estejam em sintonia com essa abordagem holística:

Estou me preparando para um futuro doutorado. Acho que é um investimento na tua vida. Não pode ser uma coisa que não te dê prazer. Só prá dizer, carregar o título. Então não vou fazer (...) ‘Qual é o que eu gosto mais?’ Pois eu tenho tantas possibilidades de estudar um tema (...) Tenho que buscar aquele que me aproxima mais.

Em relação à **qualidade de vida como um todo, para além do ambiente de trabalho,** os sujeitos participantes passaram sensações e sentimentos elevados.

Cornucópia nos passou **a sensação de valorização das experiências da vida, percebendo o crescimento ao longo dela; sentindo a riqueza dessa vida e nos falando da quietude conquistada:**

E buscar lá, as experiências, ao longo do caminho, que você foi trilhando... Momentos de muita dor em que chorou todas as lágrimas... Mas de tudo isso, você tirou no seu caminho, a

possibilidade do crescimento, que é a coisa mais importante. De você poder olhar para trás e dizer: '(...) Mas aquelas lágrimas trouxeram hoje para o meu coração uma quietude, ou trouxeram para a minha vida uma riqueza.

Serenidade e “pacientação” trazidas pela maturidade que, para ela, não tiram a possibilidade de aventura. Pelo contrário, ainda **com muitos sonhos, de continuar se aventurando**, pois *“faz parte do ser humano”*, e *“ficar estático não combina com este ser que se propõe a ser um espírito livre, integrado ao universo”*. **De continuar viajando, conhecendo pessoas, trocando. Entendendo que “o melhor momento é aquele que se vive com plenitude”**:

Essa qualidade de vida? Cada vez melhor (risos) (...) Então vejo assim, que a maturidade traz para a gente, nesse ponto da vida, essa quietude. É uma ‘pacientação’... Mas não que essa pacientação tire a possibilidade da aventura. Muito pelo contrário, acho que a aventura faz parte do ser humano. Ficar estático, acho que não combina com este ser que se propõe a ser um espírito livre, que se considera integrado ao universo. Acho que tem que ser extremamente inquisidor, aventureiro... E eu sonho muito, sonho muito. Meu sonho é continuar viajando, conhecendo gente, trocando... Não diria especificamente que esse ou aquele período foram os melhores. Acho que o melhor é aquele momento que você vive, com plenitude. Aquele é o melhor.

Esperança se sente **“com mais condições de trabalhar suas inquietações, não mais colocando limitações nas situações em função de seus próprios preconceitos. Se sente mais centrada e mais satisfeita consigo mesma. Não achando que tem que dar conta de tudo. Se permitindo refletir sobre suas intenções e limitações”**, possibilitando uma reorientação pessoal e profissional:

Me vejo assim, mais centrada no que estou fazendo. Mais centrada. Não achando que eu tenho que dar conta de tudo, responder a tudo, saber de tudo. Porque tem a ver com a personalidade, mas também com a formação. E daí olha para cima e te vê num pedestal e acha que sabes tudo. E daqui a pouco vem o pedestal que cai e tu te machuca. São momentos de vida e eles ‘respigam’ em tudo, no teu plano profissional, no plano de vida. Mas eu me sinto mais centrada, mais satisfeita comigo mesma. Vejo até na relação com a família (...) Me permitiu poder dar uma parada e olhar: ‘Como é que queria levar a minha vida? Que formas eu queria dar a ela? Como eu iria trabalhar minhas limitações, minhas intenções de fazer as coisas no plano pessoal e no plano profissional?’

E Esperança detalha ainda mais quando relata que, para ela, **a qualidade de vida conquistada é o desacelerar das ações, o refletir, se permitindo um maior equilíbrio com as várias dimensões da vida, além do trabalho. Ter um tempo para si; ter um olhar que cuida de si mesma; se harmonizando com o lugar onde mora, com as pessoas do local, com a natureza a sua volta. Sem a “loucura da correria”, poder sentar e ler, caminhar; olhando, contemplando... Construindo um estilo de vida**

próprio, trabalhando a relação com a família, mantendo “um ritmo mais lento, mas muito mais comprometido em outra dimensão”:

Poder chegar num momento da minha vida e dizer que entendo que a qualidade de vida é desacelerar um pouco das minhas ações, trabalhar mais o meu pensamento, me programar mais para outras coisas da vida e me permitir dizer: ‘Vou curtir um bom sono. Vou curtir acordar mais cedo e fazer uma coisa que eu goste.’ Particularmente acho que eu não me permitia antes. Estava tão envolvida com o trabalho, trabalho, que eu nem parar e pensar sobre as coisas (...) Hoje, quero sentar e ler isso, trabalhar aquilo ali... E sei que tenho respaldo para isso. Estou ganhando de outras formas (...) Poder enxergar o tipo de vida que podes levar, o que podes construir. Como estava educando meus filhos... Podendo trabalhar a relação com o meu marido e ele comigo (...) Na linguagem comum, fui baixando a poeira. Mantendo um ritmo mais lento. Lento, mas muito mais comprometido em outra dimensão: ‘O quê eu quero? O que posso? Como vou fazer?’ Isso me custou muito. Não estava acostumada a fazer isso. Meu negócio era dar conta de tudo. E, de preferência, de tudo muito bem, que é meu nível de exigência (...) Acho que fui construindo isso a partir do que fui vivenciando, do que fui entendendo. Só com essa visão a gente pode compreender melhor (...) Então foi plano individual, profissional, de família...

Por fim, nas palavras de Cornucópia, **“a qualidade de vida proporcionada pela grande oportunidade de conviver e passar por experiências com pessoas que vivem essa abordagem holística”**: ecológica, comunitária, espiritualista. O intercâmbio **“com pessoas incríveis, que te atraem e que possibilitam a sensação de crescimento. E o perceber que não se está só, mas que, ao contrário, existem milhares de pessoas comungando dessa mesma visão de mundo. E a riqueza de vida que isso tudo junto proporciona”**.

6 REFLEXÕES FINAIS: síntese e sugestões

As imagens que surgem da ciência (...) indicam a natureza holística do universo. E indicam, também, o poder e a influência de cada parte do universo: nenhum indivíduo é tão insignificante que não possa dar uma contribuição. Disto surgem outros valores do novo paradigma: a sua orientação humanista, o seu compromisso com a ecologia, o seu estímulo a uma visão transcendental do mundo, o seu apoio à comunidade, às atividades que aumentem as relações entre as pessoas e que capacitam e dão poder ao cidadão, como uma maior descentralização política e econômica (SPANGLER apud CRANSTON, 1997, p.487).

O trabalhador com atitude holística no ambiente de trabalho é, antes de tudo, devemos ressaltar, uma pessoa com atitude holística em todas as dimensões da sua vida, um ser humano holístico 'orgânico'. Orgânico, pois, conforme Gramsci (apud PATRÍCIO, 1999), saiu do plano das idéias, deixou de ser apenas um holístico 'intelectual', e, pela práxis, pela prática cotidiana de suas idéias transformadas em ações, transformou-se num 'ser político' que transforma o mundo social-cultural e natural, com o qual se relaciona, no sentido da comunhão e da unicidade da vida. E, num processo de retroalimentação, é transmutado também por esse mesmo mundo. Inclusive, e fundamentalmente, pelas interações que ocorrem no ambiente de trabalho, em função da centralidade do trabalho em nossas vidas, contextualizadas numa sociedade ocidental capitalista.

Reverendo a análise dos dados relativos à origem da construção no cotidiano dos trabalhadores, quanto às causas que estimularam essa atitude holística em suas vidas, verificamos que nasceram, ou foram criados, junto à natureza ou passaram pela experiência de viver de modo alternativo; tendo uma reflexão inata, com uma infância marcada por questionamentos fortes; sendo influenciados pela religião da família; com uma inadaptação, uma inquietação, uma rebeldia que predispôs à mudança; tendo a coragem de mudar, vista como insanidade, e a iniciativa que demonstram a consciência, desde cedo, da responsabilidade pela elaboração de novas atitudes; encontrando, nas universidades, o espaço para expressão; com pioneirismo nas

atuações comunitárias; buscando a intensificação do contato com a natureza; desenvolvendo a espiritualidade pelo estudo e vivência de diversas religiões e filosofias orientais; buscando conhecimentos diversos na ciência, na nova ciência, em um processo inter e transdisciplinar; complementando a formação com terapias naturais e técnicas orientais; pelo contato com um mestre, com um professor, que exerceu uma influência extraordinária na percepção de mundo deles, tornando a visão mais clara; resignificando, conseqüentemente o seu trabalho, a sua prática profissional, por essa visão de mundo, diferenciada da cultura vigente, por esses diversos conhecimentos, percepções e vivências. Todos esses eventos influenciando na construção desse trabalhador com atitude holística.

Com relação ao que esses trabalhadores entendem como atitude holística nas dimensões consigo mesmo, com os outros e com a natureza, identificamos, na análise, a percepção de algo sagrado que permeia todo o universo e de um 'eu' espiritual, multidimensional; a busca do auto-conhecimento; a construção do sentido da vida considerando o todo; o expandir da consciência, ampliando a abrangência da visão de mundo, percebendo a interligação de tudo e atuando de acordo com o padrão da natureza, em rede e de forma mais ampla; o crescer em grupo; a moral e a ética construídas na prática da relação com o outro; o praticar a paciência, a compreensão e a caridade com o outro; a visão de unicidade da vida, onde a natureza, tudo, é uma coisa só; entendendo que fazemos parte da mãe terra e que o ser humano não está acima da natureza, mas integrado a ela; a contribuição para a sustentabilidade do meio ambiente por meio do uso mais efetivo dos recursos naturais; um estilo de vida mais calmo, mais equilibrado, inclusive na alimentação; o viver junto à natureza, longe da agitação das grandes cidades, como em uma comunidade orgânica; buscando a simplicidade e o libertar-se da cultura de concentração de dinheiro; compartilhando recursos e trabalho dentro do novo conceito de riqueza como satisfação e não o acúmulo de moeda; a qualidade de vida enquanto espiritual e não econômico; fazendo a sua parte para a mudança, com posição questionadora, agindo de forma coerente, consciente de sua responsabilidade de criar a própria história numa vida de possibilidades; atuando com criatividade e sendo inovador.

Nas práticas que os trabalhadores realizam, a atitude holística significa o local de moradia como um ambiente integrado com a natureza; uma dieta com produtos orgânicos ou alimentação vegetariana; consumir só o que necessita, sem acumular; contemplar as coisas do mundo, como um observador da vida e com reflexões diárias; permitir um tempo para si mesmo em uma maneira mais leve de levar a vida; praticar técnicas orientais de meditação e yôga para aumentar o equilíbrio emocional; conviver com o sagrado e o místico na vida diária, em agradecimento; praticar a relação sexual como um ato de união cósmica, numa percepção diferenciada do corpo; respeitar o outro, dando importância aos seus significados, ouvindo-o com mais atenção; ter amorosidade e carinho com o outro; descobrir a criança alegre que brilha no outro, cheia de sonhos, resgatando a parte boa desse ser; aprender com o outro, repensar com o outro, sabendo que sempre se tem algo a aprender com o outro; praticar a solidariedade e o companheirismo com a natureza, lutando, no bom sentido, pela conscientização das pessoas sobre a importância do meio ambiente.

Como poderia se esperar, a atitude holística que os trabalhadores desenvolvem no ambiente de trabalho segue, numa continuidade, aquilo que pensam, sentem e fazem nas outras dimensões de suas vidas. Eles percebem o trabalho como algo que, além da remuneração que garante a sobrevivência, integra prazer, função social e missão existencial; interligando essa atitude holística, que faz parte de sua identidade, no trabalho; buscam trabalhar somente naquilo que acreditam; com um estilo próprio de fazer as coisas, necessitando de liberdade e tranquilidade no trabalho para usar plenamente suas capacidades; têm uma necessidade de fazer bem por meio do trabalho e de agir como exemplo, de forma ética, em função de sua consciência; sentem segurança no que fazem e na sua capacidade de descobrir os caminhos para realizar os trabalhos; possuem a coragem de contestar o que acham que deve mudar na organização; conseguem repassar seus conhecimentos somente quando sentem sintonia e interesse das pessoas; promovem diálogos reflexivos com os colegas, estimulando questionamentos além dos conceitos pré-definidos; estimulam, nos alunos, leituras mais profundas e avançadas; se permitem vários olhares, aceitando a complexidade do ser humano e diversidade existente em cada indivíduo, com uma abordagem inter e transdisciplinar; orientam os colegas que buscam informações e

atuam também como terapeutas emocionais e físicos na organização; atuam proativamente, com iniciativa para novos projetos, inovando e se renovando com eles, com a energia e a auto-motivação no trabalho, como se fossem catalisadores para que as mudanças, no trabalho, ocorram mais rapidamente; estabelecendo uma relação de compreensão com os outros funcionários da organização, uma convivência sem atritos, procurando entender o ponto de vista do outro e aceitá-lo; valorizando as pessoas mais simples do ambiente de trabalho, olhando-as e cumprimentando-as; trabalhando de uma forma alegre, com brincadeiras, mais leve, possibilitando trabalhar com amor; deixando a criança interna vir à tona; dando um tempo para rir, para respirar, fazer uma ginástica, meditar e orar, trabalhando bastante, mas sorrindo; trabalhando em grupo, sem sair na frente ou ficar para trás; estando sempre junto, em grupo, em parceria, com companheirismo, com acolhimento e ajuda ao outro; com um relacionamento baseado no respeito, começando por si mesmo e desenvolvendo a atenção para o outro; comprometendo-se com a equipe, e o trabalho da equipe, e com tudo que está envolvido naquela atividade, pela responsabilidade com a comunidade e o ambiente em que ela está inserida; nos trabalhos junto à comunidade, se chegando nas pessoas, conversando, tocando, abraçando, beijando, numa relação de amigos, companheiros, com todas as pessoas, em um processo gostoso de viver em grupo, no coletivo; construindo um clima melhor com todos; a hierarquia se diluindo, em um grupo que todos trabalham juntos, participando de todas as etapas do trabalho, independente dos cargos ou títulos, como se fosse uma família; se respeitando o talento de cada um, buscando o que cada um entende que faz melhor; tendo o chefe como amigo, numa relação de colaboração, buscando ajudar; o chefe visto como parceiro, copartícipe, e não como alguém que está acima, mas apenas com atribuições diferentes; investindo na intenção de acertar do dono; despertando o ser holístico que existe dentro do gerente e possibilitando uma nova relação com aquele antigo gerente rígido; estimulando os colaboradores que vejam de uma forma diferente e, com o retorno desses, o descobrimento de soluções que não se tinha idéia antes do diálogo; trabalhando com o cliente como se fosse uma pessoa da família, numa relação pessoal, com entrosamento; tendo uma predisposição para ser verdadeiro e honesto com o cliente; fazendo os produtos como se fosse para si, como as pessoas merecem,

passando a sua energia, com simpatia; olhando, conversando e percebendo o cliente como pessoa; estimulando os clientes a participar da construção das possibilidades de solução, em um processo de construção conjunta; mantendo uma relação próxima com os fornecedores, conversando com eles, conhecendo eles; com consciência do efeito multiplicador de suas ações e com uma preocupação permanente das repercussões na comunidade com relação a possibilidade de manipulação do trabalho comunitário; ampliando a consciência das pessoas da empresa e da comunidade sobre as influências mútuas; sendo educador ecológico comunitário, num sentimento de amor e responsabilidade por trabalhar pela conscientização ecológica das crianças, dos demais trabalhadores e das comunidades com relação ao meio ambiente; atuando com iniciativas ecológicas na organização como a reciclagem do lixo orgânico, o reaproveitamento do material inservível e a construção de um jardim medicinal; esforçando-se para mudar a cultura do desperdício na organização.

Enfim, cada um dos trabalhadores busca, nas especificidades de seu trabalho, oportunidades de atuar holisticamente, fazendo a alimentação o mais natural possível; falando em aula sobre práticas orientais; construindo um sistema de intercâmbio de serviços embasado em uma economia holística; orientando as comunidades, empresários e trabalhadores sobre a possibilidade de compartilhar recursos e talentos.

Como pudemos perceber, na descrição das repercussões na qualidade de vida dos trabalhadores com atitude holística no ambiente de trabalho, foram relatados aspectos contraditórios. Um olhar minucioso nos mostrou os paradoxos envolvidos, como estímulo e a abertura para outras realidades, resultado de um processo dialético de construção da qualidade de vida desses trabalhadores. Se por um lado, questões internas de identidade, de inteireza e de equilíbrio emocional pareceram melhor resolvidas, depois de toda uma construção dessa abordagem holística em suas vidas pessoal e profissional, por outro, a dificuldade de entendimento desse novo paradigma pela maioria das pessoas com as quais convivem, seja, principalmente, no ambiente de trabalho ou fora dele, em função da pressão histórica da cultura vigente, transferiu, de certa forma, o local de ocorrência dos conflitos pessoais para o campo dos relacionamentos com as pessoas 'não-pares' dessa visão de mundo, quais sejam, a quase totalidade daqueles com quem seus relacionamentos são distantes como: o

chefe-do-chefe distanciado; a hierarquia que isola o gerente entronizado; o diretor que não possibilita espaço para diálogos; a exclusão da participação por medo do poder da contestação; o distanciamento dos políticos poderosos que não querem ser cobrados por suas atitudes incoerentes; o dono com visão eminentemente econômica; os colegas com formação limitada a técnica da disciplina e que não permitem um pensar diferente e que não estão dispostos a uma reflexão conjunta; a desconfiança de colegas e clientes que não gostam da proximidade e de ter alguém trabalhando com múltiplas áreas, pela insegurança gerada pelo desconhecido; a animosidade daqueles que vêem seus espaços profissionais, quais castelos, sendo invadidos pelos andarilhos aventureiros do conhecimento; alguns clientes que esperam fórmulas prontas e rápidas, e que não querem a responsabilidade que gera o compromisso com a solução e com as pessoas nela envolvidas.

E com isso os trabalhadores com atitude holística sofrem. Sofrem pelo esforço adicional necessário que uma visão mais comprometida com o outro e a natureza acarreta. Sofrem por querer que o desenvolvimento dessa abordagem holística em suas vidas fosse maior ainda, para que os prejuízos aos outros e a si mesmo, por suas ocasionais atitudes incoerentes com essa visão, pudessem ser minimizados. Sofrem porque sabem das suas capacidades que são tão bem aproveitadas pelos trabalhos voluntários que executam junto às comunidades e que não encontram possibilidades de utilização plena nos sistemas de trabalho e nas estruturas rígidas de algumas organizações. Sofrem por uma sociedade que ainda não desenvolveu um modelo econômico que permita a utilização plena do potencial humano sem ameaçar a própria subsistência, sendo necessária a manutenção de trabalhos que não oferecem motivação pessoal. Sofrem pela dedicação excessiva aos seus próprios ideais, pela carência de tempo para o lazer e o prazer complementar ao trabalho que motiva. Sofrem pelo afastamento de alguns antigos clientes, que eram como amigos, que procuravam serviços e produtos com uma energia especial e que, no momento, não é mais possível oferecer. Sofrem se questionando da validade do esforço necessário para fazer com que alguns colegas se predisponham a abertura ao outro.

Por outro lado, e entendendo esse processo dialético de crescimento, esse trabalhador holístico percebe também que está no caminho certo, quando, ao relatar

como significa o entendimento de como os outros percebem suas atitudes, afirma que percebe o reconhecimento profissional e vê suas idéias sendo implantadas; percebe a confiança do coordenador no seu trabalho e a amizade dele; chega a se sentir constrangido de receber tantos elogios da diretora; visto pelos colegas como alguém que tem bastante conhecimento de diversas áreas e poder de decisão, como um referencial para busca de esclarecimentos; valorizado pelos colegas e por todos os funcionários da organização, por criar um bom clima no ambiente de trabalho; elogiado por eles e com a confiança deles no seu serviço; sente que as pessoas se aproximam mais, que lhe procuram mais para conversar; percebe que gostam dele e que sentem algum carinho, um conforto com ele, que sua presença traz paz e reconforta; que o percebem como uma pessoa calma, tranqüila, compreensiva e com paciência; percebe o reconhecimento dos alunos quanto a sua forma de atuar, se sentindo gratificado por esses retornos; percebe as pessoas vibrando com as suas idéias e o seus serviços, recebendo muita atenção e percebendo o grande interesse das pessoas na sua proposta de trabalho; percebe os clientes estabelecendo uma relação pessoal, de abertura, com reciprocidade, como amigos, agradecidos e alguns sendo até seus seguidores; se percebe uma pessoa respeitada, muito valorizada e até carismática na atuação comunitária, com grande reciprocidade das pessoas das comunidades onde atua, onde todos manifestam vontade de participar, de estarem juntos.

A repercussão dessa atitude holística no ambiente de trabalho na qualidade de vida desse trabalhador vai além da percepção dos outros e abrange a satisfação e realização pessoal relatadas, como quando afirma que está muito satisfeito, com uma sensação de realização; sentindo-se totalmente diferente de como era pessoal e profissionalmente; extremamente feliz por estar fazendo esse trabalho; e que tudo é muito recompensador; sentindo entusiasmo e vontade de querer continuar trabalhando; estimulado pela descoberta de sua capacidade criativa; integrando cada vez mais essa visão holística no seu trabalho; aceitando somente trabalhos que tragam satisfação; sentindo-se extremamente útil na sociedade pelo grande trabalho de conscientização em relação ao meio ambiente e de preservação da vida no planeta; sentindo como gratificante os abraços e o carinho das pessoas; sentindo-se em sintonia com pessoas super interessantes; tendo boas perspectivas, no futuro próximo, de focar sua ação e

energia em trabalhar somente em projetos com a abordagem holística; percebendo as oportunidades de atuação se ampliando em função da maior demanda das pessoas por essa visão de mundo.

Em relação à qualidade de vida como um todo, para além do próprio trabalho, esse trabalhador com atitude holística relatou sentimentos elevados, ao explicitar a sensação de valorização das experiências da vida, percebendo o crescimento ao longo dela; de estar sentindo a riqueza dessa vida e a serenidade conquistada; com muitos sonhos e a vontade de continuar viajando, conhecendo pessoas, trocando, se aventurando; entendendo que o melhor momento é aquele que se vive com plenitude; sentindo-se mais centrado e satisfeito consigo; não colocando mais limitações nas situações em função de seus preconceitos; não achando mais que tem que dar conta de tudo; permitindo-se a reflexão diária sobre a vida, o desacelerar das ações, tendo um tempo para si, um olhar que cuida de si mesmo; sentindo um equilíbrio maior com as várias dimensões da vida, além do trabalho; harmonizando-se com o lugar onde mora, com as pessoas do local e com a natureza a sua volta; possibilitando uma reorientação profissional e pessoal; trabalhando a relação com a família; construindo um estilo de vida próprio, muito mais comprometido nas outras dimensões; percebendo a qualidade de vida proporcionada pela grande oportunidade de conviver e passar por experiências com pessoas que vivem essa abordagem holística – ecológica, comunitária, espiritualista – pessoas incríveis que o atraem e que lhe possibilitam a sensação de crescimento; percebendo que não está só, mas que, pelo contrário, existem milhares de pessoas comungando dessa visão de mundo, como na idéia da ‘conspiração aquariana’ de Ferguson (1994).

O olhar do administrador nesse estudo, segundo Angeloni (informação verbal)⁹, poderá gerar estratégias que levem à mudança do ambiente de trabalho, no sentido de melhorá-lo, possibilitando maior qualidade de vida no próprio trabalho, ou seja, a QVT nas nossas organizações.

Para este administrador seria necessário resgatar algumas categorias que emergiram da pesquisa, e que, conforme Angeloni (informação verbal), de outras maneiras já foram descritas em estudos das organizações, quais sejam:

⁹ Considerações da Banca feitas pela Prof.a. Dra. M. Terezinha Angeloni em março de 2003.

- o trabalhar em grupo, em parceria, com companheirismo, com ajuda ao outro; em um claro redirecionamento do individualismo para a cooperação;
- estimular os colaboradores à autonomia, ou seja, que eles próprios busquem as soluções, que decidam por si; possibilitando uma maior participação;
- viabilizando uma visão do gerente como parceiro, criando uma nova relação do trabalhador com o administrador; possibilitando momentos de diálogo, de discussão, sobre o próprio trabalho;
- com a valorização, pela liderança, das características subjetivas envolvidas no trabalho;
- ver o cliente e o fornecedor numa relação pessoal, com entrosamento, como parceiros;
- enfatizando os aspectos de responsabilidade social, envolvendo cidadania e a solidariedade com as pessoas e o meio ambiente.

O que queremos ressaltar, como pesquisadores, é que os gerentes, os administradores, não se dão conta do “micro” da quântica, da importância das micro relações para a satisfação no trabalho, para a maior produtividade e para a própria qualidade de vida no trabalho (QVT) que, os trabalhadores participantes da pesquisa, bem como outros estudos em administração nos últimos anos, estão destacando.

Refletindo a partir das contribuições de Angeloni (informação verbal), talvez possamos inferir que esses trabalhadores sejam os primeiros a vislumbrar a possibilidade de um novo mundo do trabalho. Talvez sejam eles os pioneiros a ajudar as organizações e sociedade em um processo de evolução organizacional para uma nova economia que propicie um mundo melhor. Talvez estejam apontando, através da sua atitude holística no ambiente de trabalho, possibilidades para se ter qualidade de vida no trabalho nas nossas organizações atuais, bem como possibilidades de evolução do gerenciamento destas.

Entendemos que estes trabalhadores com atitude holística são seres humanos que têm a ‘potência’, enquanto possuidores de uma vida de possibilidades de ser feliz e de possibilitar momentos de felicidade a aqueles com os quais se relacionam.

E, inferindo as causas desse poder, em função de todas as reflexões que foram possíveis ao longo desse estudo, e dos inúmeros momentos intuitivos, podemos talvez

supor que ele decorra da grande interação e da intensa relação que esses trabalhadores, antes de tudo seres humanos, têm com os outros e com a natureza. Quando pensam, pensam no mesmo sentido daquilo que privilegia os outros e a natureza; quando sentem e desejam, sentem e desejam aquilo que agrada aos outros e às forças da natureza; quando agem, o fazem em comunhão com as ações dos outros e dos demais seres da natureza. E com isso, num movimento harmônico, de sintonia, e em resposta a 'sincronicidade' proposta por Jung (apud FADIMAN, 1986), angariam todos, juntos, em um movimento coletivo poderoso de transformação social e cultural, e de preservação da vida no planeta. São poderosos porque objetivam o poder maior do amor e da paz, a potência da vida de todos os seres vivos, humanos e não-humanos, do grande ser Gaia e do cosmos como um todo.

Mas, segundo Assmann (informação verbal)¹⁰, não se pode afirmar que a pretensão de conhecer o todo seja uma coisa nova. Toda a história da filosofia, desde os gregos, é uma história do 'holismo'. Porque sempre a filosofia é um conhecimento, uma ciência, do todo (...). O 'holismo', segundo Assmann, seria uma coisa 'velhíssima', pois há sempre uma pretensão humana... E talvez sempre foram pessoas que, ao tentarem viver 'holisticamente', sempre foram minorias. E talvez, também, sempre foi uma forma de resistência a uma forma predominante de viver. E nunca se tornou - e não se sabe se um dia será possível se tornar - um modo predominante de viver, mesmo que alguns desejem que assim seja.

Retomando, porém, queremos lembrar que, no estudo, evidenciamos que essas pessoas com atitudes holísticas também, como seres humanos, sofrem. Sofrem com desilusões, com dissabores, com ansiedades, com suas brigas a seu jeito, com o testemunho das injustiças, com suas lutas no bom sentido, com seus questionamentos da validade do esforço, e com todos os demais elementos conflitantes que formam esse ser, humano.

Como pesquisadores em ergonomia, como estudiosos da relação do ser humano com o trabalho, queremos destacar, também, que não desconsideramos o avanço da tecnologia, que facilita a produção, nem a maior falta de possibilidade de emprego digno para boa parte da sociedade, desqualificada profissionalmente.

¹⁰ Considerações da Banca feitas pelo Prof. Dr. Selvino J. Assmann em março de 2003.

Entendemos, entretanto, que estamos propondo reflexões a aqueles que, conforme Krishnamurti (1992, pg.53), “não estão tão completamente compelidos, que não têm a necessidade imediata de um emprego e que, portanto, podem examinar bem o retrato, esses são os responsáveis (...) Entretanto, eles estão preocupados com sua própria expansão, com seu bem-estar, com seus divertimentos, com seus luxos. Eles têm tempo, mas o estão dissipando. E aqueles que têm tempo são responsáveis pela mudança da sociedade; os que não são imediatamente pressionados pela necessidade de ganhar a vida deveriam realmente se ocupar com todo esse problema da existência (...) Os que dispõem de tempo deveriam buscar a verdade, pois são eles que poderão produzir uma revolução no mundo, não aqueles cujo estômago está vazio.” É a esses, que podem fazer a mudança, que dirigimos os resultados dessa pesquisa.

E, aproveitamos esse momento para, como pesquisadores, darmos nosso depoimento do processo de transformação pessoal pelo qual passamos desde o início desse estudo.

Quando da apresentação da abordagem holístico-ecológica do estudo (capítulo 3), citamos que ela era transformadora. Entretanto, pudemos perceber que esse não é um processo transformador somente de idéias, mas também, e fundamentalmente, dos próprios pesquisadores como pessoas. Ao longo de todo esse processo e agora, ao final dele, pudemos perceber o quanto modificamos nossa visão de mundo e o nosso posicionamento em relação a ele e a todos os seres vivos e humanos, trabalhadores e das comunidades. A práxis vivenciada, em especial, pelo trabalho de campo - no contato com os trabalhadores, sujeitos participantes do estudo, em sua diversidade e complexidade - e que continuou em nossos contatos de devolução, entendemos ser a maior responsável por essa ‘transmutação’.

E podemos agora ratificar que esse método é transformador com todos os envolvidos no processo, ou seja, também com os participantes do estudo. Pois ao resgataremos algumas das falas dos sujeitos (Apêndice D), quando da etapa de devolução dos dados (item 3.3.3), apareceram categorias que evidenciam: uma maior identidade - *“Engraçado eu me ver aqui... Isso sou eu mesmo!”* conforme Cornucópia; uma re-significação de momentos passados - *“Consegui rever umas coisas muito importantes que me deixaram emocionada (...) A parte da discussão com os demais*

participantes (...) como ajudou a clarear coisas que não tinha claro...” conforme Esperança; de redescoberta de pertencimento a um grupo maior – *“Senti uma grande afinidade de idéias com as outras pessoas do estudo...”* conforme Star Rover; uma vontade de aproximação com os outros participantes – *“Gostaria, do fundo do coração, de conhecer estas pessoas...”* conforme Cornucópia; uma maior motivação – *“Isso dá uma empolgação de trabalhar mais...”* conforme Jack.

Por outro lado: *“mas como é que pode? E o pessoal lá fora falando em guerra...”* foram as palavras da nossa gerente e amiga, ao refletir lendo trechos do estudo com as falas dos trabalhadores. É exatamente a reflexão que fazemos ao nos questionar a respeito das conseqüências sociais do atual processo globalizante neoliberal da economia.

E, pensando holisticamente, daqui do nosso ponto da teia de relacionamentos e interações, se na inspiração final desse trabalho, pudéssemos dar nossa pequena contribuição em termos de sugestões para um mundo do trabalho, e fora dele, mais próximo desse anteriormente falado, gostaríamos de recorrer às considerações e sugestões do último Fórum Social Mundial realizado esse ano em Porto Alegre, em seu editorial (FÓRUM, 2003, p.3):

Ela perde a guerra todos os dias. Sem adversários (...) Os mais espúrios massacres são em seu nome; as intervenções são para garantir a tranqüilidade do planeta. Invocam-na gentes de branco; aqueles que clamam por penas mais duras contra os abomináveis seres dos escombros da cidade. Fazem campanha por elas os reios; os mesmos que se locupletam das barbáries cotidianas. A lógica da sociedade-sangue que a derrota faz questão de dizer que a constrói. É o espírito da paz como desejo; não como ação. Mas qual ação? Talvez começando pela incessante defesa do respeito às diferenças. Talvez pelo reconhecimento de que não há adversários absolutos e de que não se luta contra povos, países, gêneros, credos ou opções ideológicas. Talvez se convencendo de que não existe o Santo Guerreiro nem o Dragão da Maldade. Talvez... a construção da paz passe pela destruição das 'certezas' (...) Talvez não exista a paz, nem justiça. Mas há de existir sempre o pensar e o agir, propriedades do humano de que não se pode abrir mão (...) E ao desafiar a utopia, pode-se utilizá-la como guia (...) como princípio universal. Sempre, independente do lado e do objetivo.

As considerações mordazes de Galeano, escritor e jornalista uruguaio, presente ao fórum, nos são trazidas por Faria (op. cit., p.12): “ao contrário do que se supõe, não é nada fácil ensinar a matar o próximo. A educação para a violência que brutaliza o soldado, exige intenso e prolongado treinamento”, pois o homem não está naturalmente inclinado para a violência. Nos quartéis, inicia aos 18 anos de idade, fora deles “começa aos 18 meses, pois a televisão dita esses cursos à domicílio”.

Nesse sentido, a frase do jornalista Bucci, “alguém precisa contar a história do mercado antes que o mercado escreva o epitáfio da democracia”, foi citada por Faria (op. cit., p.20) para dar a dimensão das relações entre o poder econômico, mídia e valores democráticos no mundo atual. Segundo Ramonet, do jornal francês *Le Monde Diplomatique*, “o cidadão agora é oprimido pelo poder midiático”.

Será necessária, segundo o depoimento de Galeano, registrado por Faria (op. cit., p.13), uma errata da história; onde se diz: ‘Comunidade Internacional’, deve-se ler ‘líderes belicistas e grandes banqueiros’. E ressalta: “os cinco países que têm direito a veto no Conselho de Segurança da ONU são os principais fabricantes de armas”. E continua: “a Associação Americana de Psiquiatria publicou informe sobre a patologia criminal, com o traço típico dos delinqüentes cotidianos: a ‘inclinação para a mentira”. E pergunta então: “Mas não é esse o mais perfeito sinal de identificação do poder universal?” E enfatiza: “o que deve-se ler onde se diz ‘liberdade de trabalho’? E propõe: “direito dos empresários de arremessar ao cesto de lixo dos séculos as conquistas trabalhistas’, pois trabalha-se o dobro em troca da metade (...) As principais empresas multinacionais proíbem expressamente os sindicatos (...) No mundo de hoje, que castiga a honestidade e recompensa a falta de escrúpulos, o trabalho é objeto de desprezo”. E finaliza propondo ações conjuntas para capturar os terroristas: procuram-se os comerciantes de armas, que precisam da guerra como os fabricantes de agasalho precisam do frio; a banda internacional que seqüestra países e jamais os devolvem aos seus nativos, e ainda cobram resgates milionários que chamam de serviços da dívida; os delinqüentes que roubam comida em escala planetária, estrangulam salários e assassinam empregos; os violadores da terra, os envenenadores das águas e os ladrões dos bosques; os fanáticos da religião de consumo, que desataram a guerra química contra o ar e o clima desse mundo. Para o autor, o poder identifica preço, estipula valor. Mas, felizmente, há valores que não estão ao alcance de qualquer cotação, estão fora do mercado e por isso têm sobrevivido. Esses valores são a energia que move os “músculos secretos” da sociedade civil. Nesse mundo, que com “amnésia”, perdeu o sentido comunitário, “que é o pai do senso comum”. E o autor afirma que é necessário recordar as velhas e ancestrais “lições do senso comum”: de defendermo-nos juntos. Segundo o autor, a palavra que mais se escuta no mundo, em

todas as línguas, é a palavra 'eu'. Entretanto, o estudioso de línguas Lenkersdorf revela que a palavra mais usada pelas comunidades maias é 'nós': "para isso nasceu e cresceu o Fórum Social Mundial, para dizermos a palavra nós" (FÓRUM, 2003).

Entendemos que a antiga idéia proposta por Blavatsky de que a vida é universal e, na sua essência espiritual, impõe uma grande responsabilidade aos seres humanos no sentido de usarem de modo benéfico essa vida. Conforme Cranston (1997, p.500), no Fórum Global dos Líderes Espirituais e Parlamentares sobre Sobrevivência Humana, de 1990, em Moscou, os cientistas, entre eles dois ganhadores do Prêmio Nobel, disseram que "muitos de nós tivemos profundas experiências de admiração e reverência diante do universo" e afirmaram que "esforços para salvar e preservar o meio ambiente devem estar inspirados por uma visão do sagrado".

Pode haver um conceito mais bonito do que a idéia de que, desde as galáxias até os átomos, a vida consciente e inteligente é universal, e, não há, em parte alguma, matéria sem vida?

E que implicações essa concepção holística da vida pode ter em nossas mentes, sentimentos e ações? Entendemos que a primeira delas é que devemos passar do plano das idéias, para o da ação. E para explicitar melhor, resgatamos a importância do truísmo de Carlyle (CRANSTON, 1997, p.517): "A meta do homem é a 'ação' e não o pensamento, mesmo que este seja dos mais elevados". Parafraseamos, então, uma antiga definição de bondoso, como aquele que age bondosamente, para afirmar que: 'ser holístico' é 'agir' holisticamente.

E então nos questionamos sobre a importância do papel da educação nesse processo. No refletir de Vasconcelos (FÓRUM, 2003, p.26), "a educação deve ajudar a mudar e construir um mundo melhor ou virar um serviço nas mãos de uma multinacional de diplomas? Ensinar o bê-a-bá ou os cidadãos a viver e organizarem-se?" Segundo o autor, os desafios são imediatos, pois os países que fazem parte da Organização Mundial de Comércio – OMC devem entregar propostas à entidade para liberalizar seus sistemas de ensino até o fim desse mês. A educação passaria a ser tratada como qualquer outro serviço.

Portanto, é o momento para que os acadêmicos ocidentais reconheçam que a recente revolução do pensamento humano, provocada pela ciência, exige que a

educação mais uma vez passe a servir às convicções éticas, aos valores espirituais e a plenitude de sentido da vida. Conforme Sellon (apud LEMKOW, 1992, p.388), “o que os estudantes precisam é de um ambiente educacional imbuído do entendimento dos fatores comuns do conhecimento e da experiência, que os leve a ver a inter-relação e complementaridade de ciência, filosofia, arte e espiritualidade e que relacione a vida pessoal ao bem-estar social.”

Então refletimos sobre a importância da ampliação da consciência dos docentes de qualquer nível para as repercussões de suas ações junto aos futuros cidadãos dessa comunidade mundial. Sugerindo a adoção dessa abordagem holística na escola, em todos os níveis, para que os futuros trabalhadores e, acima de tudo, cidadãos, planetários e cósmicos, possam exercer em sua plenitude o seu papel de seres humanos.

Nesse sentido, Boaventura (op. cit., p.32), sociólogo português presente ao encontro, enfatiza que “precisamos fazer valer o multiculturalismo (...) o multiculturalismo emancipatório, que busque o reconhecimento das diferenças em um plano de igualdade de direitos (...) Isso só pode ser feito a partir do reconhecimento de que toda cultura é incompleta, que pode dialogar com outras (...) Queremos um diálogo que respeite os tempos e os temas de cada cultura”.

Entendemos, como Pelizzoli (1999, p.17), que é tempo da atitude na direção da transversalidade fundamentadora, ou seja, a necessidade de se implementar a postura holístico-integradora, com a necessidade de conjugá-la com a postura crítica que prioriza a promoção da alteridade – crítica ética ao ‘mesmo’ em vista da urgência do ‘outro’ – ruptura da totalização hegemônica (como do mercado) em nome da solidariedade.

Estamos talvez, conforme o autor, (re)descobrimo algo próximo ao que muitos povos pressentiram há muito: uma implicação e destinação global, da humanidade como um todo, uma co-responsabilidade pela vida.

E, como pesquisadores, com essa abordagem holística, nos perguntamos: será que, no mundo do trabalho, aprenderemos a respeitar aquilo que cada um tem para ofertar de melhor para a sociedade, seus talentos, sem que seja necessário sacrificá-lo com demandas que atentam contra a sua saúde criativa e a sua própria existência? E,

pelo contrário, saberemos como demandar os 'frutos' naturais de seu laborar prazeroso e que, por meio do trabalho conjunto, da troca e da interação com o outro, possibilita um desenvolvimento pleno e gratificante do indivíduo e da sociedade, respeitando a natureza? Deixamos a sugestão para reflexão...

REFERÊNCIAS

AMANA-KEY. **Quem somos**. Disponível em : www.amanakey.com.br Acesso em 13 Jun. 2002

BETTO, Frei. **A obra do artista**: uma visão holística do universo. São Paulo: Ática, 1995.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

BONAZINA, Maria Cristina R. **A construção do processo de trabalho dos gerentes nas relações do cotidiano de uma organização hospitalar**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1999.

CAPEs – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Dissertações e teses publicadas**. Disponível em: www.capes.org.br Acesso em 10 Jul. 2002

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix/Amana-Key, 1998.

_____. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1989.

CASAGRANDE, Jacir L. **A relação de práxis de comunidade orgânica nas organizações com a sua performance e a qualidade de vida de seus trabalhadores**: um estudo de caso numa empresa de Santa Catarina. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CHANLAT, J. **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1992.

CODO, Wanderley; SAMPAIO, José J.; HITOMI, Antônio H. **Indivíduo, Trabalho e Sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COLOMBO, Ciliana R. **A qualidade de vida de trabalhadores da construção civil numa perspectiva holístico-ecológica**: vivendo necessidades no mundo trabalho-família. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

CRANSTON, Sylvia. **Helena Blavatsky**: a vida e a influência extraordinária da fundadora do movimento teosófico moderno. Tradução Murillo Nunes de Azevedo. Brasília: Teosófica, 1997.

CREMA, Roberto. **Além das disciplinas:** reflexões sobre transdisciplinaridade geral. In: WEIL. Pierre; D'AMBRÓSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.

_____. **Introdução à visão holística:** breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **A transdisciplinaridade como acesso a uma história holística.** In: WEIL. Pierre; D'AMBRÓSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho.** Estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo: Cortez/Oboré, 1988.

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho:** fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1985.

DUARTE, Myrna D. B. **A dor nas costas e o processo de viver de trabalhadores da enfermagem na visão holístico-ecológica.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

ETHOS, Instituto. **Quem somos.** Disponível em : www.ethos.org.br Acesso em 09 Jun. 2002

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade.** São Paulo: Harbra, 1986.

FARIA, Terezinha Maria de Andrade de. **A qualidade de vida de profissionais de saúde no cotidiano de trabalho de uma maternidade hospitalar:** possibilidades e limites numa teia de múltiplas interações. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

FERGUSON, Marilyn. **A conspiração aquariana:** transformações pessoais e sociais nos anos 80. Rio de Janeiro: Record, 1994

FIALHO, Francisco F. P. **Introdução ao estudo da consciência.** Curitiba: Gênese, 1998.

_____. e SANTOS, Neri. **Manual de análise ergonômica no trabalho.** Curitiba: Gênese, 1997.

FÓRUM, Revista. **Fórum: outro mundo em debate** – Fórum Social Mundial em Porto Alegre, 2003. Editor Renato Roaí. no. 9 São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

GASPAR, Carlos A. F. **Qualidade de vida de trabalhadores que participam de práticas externas de cidadania empresarial**: possibilidades de transformações individuais e coletivas. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

GROSSEMAN, Suely. **Satisfação com o trabalho**: do desejo à realidade de ser médico. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 86-99, 109-169.

HAVIARAS, Consuelo C. **O processo de viver de trabalhadores dependentes químicos**: um movimento de 'busca de ser feliz'. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

KRAWULSKI, Edite. **Evolução do conceito de trabalho através da história e sua percepção pelos trabalhadores de hoje**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

KRISHNAMURTI, J. **Sobre o viver correto**. São Paulo: Cultrix, 1999.

KUHN, Thomas. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LEMKOW, Anna F. **O princípio da totalidade**: a dinâmica da unidade na religião, ciência e sociedade. São Paulo: Aquariana, 1992.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Quantitativo-qualitativo:** oposição ou complementaridade? Caderno Saúde Pública. Rio de Janeiro: jul/set. 1993.

MONTMOLLIN, Maurice. **A ergonomia.** Tradução de Joaquim Nogueira Gil. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

_____. **O método 3:** o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1998.

NICOLESCU, Basarab. **Manifesto da Transdisciplinaridade.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

PATRÍCIO, Zuleica M.; CASAGRANDE, Jacir L.; ARAÚJO, Marízia F. de. (Orgs.). **Qualidade de Vida do Trabalhador:** uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999.

_____. **Ser saudável na felicidade-prazer:** uma abordagem ética e estética pelo cuidado holístico-ecológico. Pelotas: Editora Universitária/UFPeI, 1996.

_____. **A Dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual-coletivo:** uma questão de bioética numa abordagem holístico-ecológica. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) - Curso de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

PELLIZZOLI, M. L. **A emergência do paradigma ecológico:** reflexões ético-filosóficas para o século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

POLITO, Fabíola M. **O significado da obesidade na qualidade de vida do trabalhador obeso:** vivendo preconceitos e buscando reconhecimento. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

PPGEP/UFSC - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. **Banco de teses e dissertações.** Disponível em : www.ppgep.ufsc.br Acesso em 17 Jul. 2002

PROQUEST, Umi Digital Dissertations. **Dissertações e teses disponíveis.** Disponível em : www.umiproquest.com Acesso em 12 Jul. 2002

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia Social.** Petrópolis: Vozes, 1976.

RODRIGUES, Marcus V. C. **Qualidade de Vida no Trabalho:** evolução e análise no nível gerencial. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHABBEL, Corina. **Redescobrimo – a Holística:** uma identidade que se perdeu. São Paulo: Iglu, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIPAZ-SUL – Universidade Holística para a Paz – Região Sul. **Quem somos**.
Disponível em : www.unipazsul.org.br Acesso em 18 Jun. 2002

WEIL, Pierre. **A mudança de sentido e o sentido da mudança**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.

_____. **A arte de viver em paz**. São Paulo: Gente, 1994.

_____.; D'AMBRÓSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. **Rumo à nova transdisciplinaridade**: sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.

WISNER, Alain. **A inteligência no trabalho**: textos selecionados de ergonomia. São Paulo: Fundacentro, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e a suas regras.** São Paulo: Loyola, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024:** numeração progressiva das seções de um documento: procedimento. Rio de Janeiro, 1989.

_____. **NBR 6027:** sumário: estruturação. Rio de Janeiro, 1987.

_____. **NBR 6028:** resumos: redação e apresentação. Rio de Janeiro, 1990.

_____. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BRANDÃO, Dênis M. S.; CREMA, Roberto (org.). **O novo paradigma holístico.** São Paulo: Summus, 1991.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **A era da consciência.** São Paulo: Fundação Peirópolis, 1997.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KURAMOTI, Matiko. **Uma abordagem holística para a excelência:** dez anos de vivência no ambiente profissional. São Paulo: Infinito, 2000.

PFEIFER, Adolfo K.; KRAWULSKI, Edite; BAIBICH, Maria Esther S. **Psicologia do trabalho e ergonomia:** buscando a complementaridade das dimensões sofrimento e prazer do ato de trabalhar. Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na Disciplina Ergonomia e Psicologia do Trabalho, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

RAY, Michel; RINZLER, Alan (org.). **O novo paradigma nos negócios:** estratégias emergentes para liderança e mudança organizacional. São Paulo: Cultrix-Amana, 1999.

SILVA, Andréa da. **O processo de trabalho de prostituição e a qualidade de vida de prostitutas de rua de Florianópolis:** as possibilidades e limitações no processo de viver. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

WEIL, Pierre. **Organizações e tecnologias para o terceiro milênio**: a nova cultura organizacional holística. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Carta-Convite

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Florianópolis, 26 de Setembro de 2002

Prezado Trabalhador,

Coordenadores e Professores de instituições que provêm uma formação holística em Santa Catarina, os quais conviveram algum tempo contigo, identificaram-no como um trabalhador com atitude holística no seu ambiente de trabalho.

Interessados na compreensão dessa atitude holística no ambiente de trabalho e na relação com a qualidade de vida do trabalhador, bem como nas possibilidades daí advindas para todos os seres humanos trabalhadores, nós, integrantes do TRANSCRIAR – Núcleo de Estudos Participantes do Processo de Viver e Ser Saudável - vimos, por meio desta, convidá-lo a colaborar com o estudo intitulado ***A Atitude Holística do Trabalhador no Ambiente de Trabalho e sua Qualidade de Vida.***

Esse estudo será desenvolvido observando os seguintes princípios éticos:

- como forma de resguardar os participantes, não serão divulgados nomes, sendo utilizados pseudônimos;
- as entrevistas serão realizadas conforme procedimentos previamente estabelecidos e informados aos participantes;
- a utilização de expressões, comentários ou qualquer outra referência direta aos participantes, só será realizada com a autorização expressa destes;
- a gravação dos diálogos, durante as entrevistas, estará vinculada ao aceite dos participantes.

Estamos desenvolvendo esta pesquisa em nível de dissertação de mestrado em Ergonomia (estudo da relação do homem com o trabalho) no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contamos com sua participação.

Um fraternal abraço,

Adolfo Kuhn Pfeifer
Mestrando PPGEP – UFSC
Integrante do TRANSCRIAR

Zuleica Maria Patrício, Dra.
Profa. Orientadora PPGEP - UFSC
Coordenadora do TRANSCRIAR

Participante da Entrevista
Consentimento Informado

APÊNDICE B – Formulário de Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Título do Estudo: A Atitude Holística do Trabalhador no Ambiente de Trabalho
e sua Qualidade de Vida

Pesquisador: Adolfo Kuhn Pfeifer **Orientadora:** Zuleica Maria Patrício, Dra.

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO DE PESQUISA

Sexo: _____ Estado Civil: _____ Idade: _____

Procedência: _____ Instrução: _____

Profissão: _____ Tempo de Atuação: _____

Trabalho Externo/Interno: _____ Com/Sem Clientes: _____

Pseudônimo: _____ Outras Informações (Autônomo):

CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO

Pública/Privada: _____ Micro/Macro: _____

Produção/Serviços: _____ Outras Informações: _____

CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DA ENTREVISTA

Local: _____

Horário de Início: _____ Horário de Término: _____

Características do Ambiente: _____

QUESTÕES DE APOIO:

1. O que você entende por Atitude Holística?
2. Como trabalhador(a), quais as atitudes holísticas que desenvolve no seu ambiente de trabalho? (Com seus colegas? Nas suas tarefas? Com sua gerência? No seu ambiente físico? Consigo mesmo? Com seus clientes e fornecedores? Com a comunidade? Com o meio ambiente e a natureza? Cite situações.)
3. Como você entende que as suas atitudes, no seu ambiente de trabalho, são percebidas pelos outros? (Seus colegas? Sua gerência? Seus clientes e seus fornecedores? Pela comunidade? Cite situações.)
4. Como se originou essa abordagem holística em sua vida? (Como você desenvolveu essa atitude holística no seu cotidiano?)
5. Qual a repercussão que essa atitude holística, no ambiente de trabalho, tem na sua qualidade de vida? (No presente. Na futura, pretendida ou imaginada?)

Procedimentos para a Entrevista:

1. Entrar em contato com o potencial participante e comentar sobre o Projeto de Pesquisa.
2. Verificar o interesse do potencial participante ressaltando a importância de sua participação, com destaque para a dificuldade de localização de trabalhadores com as características específicas da pesquisa.
3. Formalizar a entrevista apresentando a Carta-Convite do TRANSCRIAR - PPGEP/UFSC.
4. Negociar o melhor local e momento para a entrevista com o participante.
5. Rever com o participante os objetivos da pesquisa.

6. Reforçar a solicitação para que seja realizada gravação da entrevista em fita cassete, lembrando, dentre os princípios éticos, que o nome do entrevistado não será divulgado no artigo, bem como nomes de outros indivíduos ou instituições mencionadas.
7. Alertar sobre a possível 'invasão' da entrevista em assuntos de caráter pessoal, em função da profundidade requerida para o estudo, deixando-o à vontade para responder apenas o que considerar necessário.
8. Realizar a entrevista, procurando obter todas as respostas para o Formulário de Pesquisa (apêndice B), dentro do tempo limite proposto de aproximadamente 3 horas.
9. Deixar o participante livre para comentar e refletir sobre a entrevista.
10. Esclarecer que, estando o artigo redigido, haverá novo encontro para apreciação e validação pelo participante.
11. Finalizar deixando espaço para um possível retorno para nova coleta de dados.

APÊNDICE C - Instrumento de Registro e Análise de Dados das Entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Título do Estudo: A Atitude Holística do Trabalhador no Ambiente de Trabalho
e sua Qualidade de Vida

Pesquisador: Adolfo Kuhn Pfeifer **Orientadora:** Zuleica Maria Patrício, Dra.

REGISTROS DOS DADOS	ANALISE DOS DADOS

APÊNDICE D – Reflexões dos Participantes sobre os Resultados da Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Título do Estudo: A Atitude Holística do Trabalhador no Ambiente de Trabalho
e sua Qualidade de Vida

Pesquisador: Adolfo Kuhn Pfeifer **Orientadora:** Zuleica Maria Patrício, Dra.

Reflexões da Cornucópia

Achei muito forte as colocações do Star Rover. Bem interessante...

Você percebeu que o grupo que você escolheu, ele é, de uma certa forma, totalmente ligado. Nós não nos conhecemos. Exercemos profissões totalmente diversas. Mas, no contexto, você viu que as semelhanças são incríveis?! Impressionada. Porque é uma forma diferente de expressar, mas, na realidade, todos estamos falando a mesma coisa. É incrível. Porque você vê nas falas, no final, o significado é o mesmo. É uma forma diferente de você ver, porque cada um é cada um... Cada ser tem um pensamento especial seu, próprio, de experiências. Mas o contexto é o mesmo...

Vou te dizer, do fundo do meu coração, que eu gostaria de conhecer estas pessoas.

Essa colocação do Guerreiro Ecológico sobre o meio ambiente, sobre o homem não estar acima da natureza, eu gostei muito. Está muito especial...

O Yôgi tem um pensamento tão amoroso, uma visão filosófica, madura, pertinente...

Você realmente escolheu 'a dedo'. Incrível! Você tem pessoas maravilhosas aqui.

Olha essa Busca!

A gente faz uma reflexão de vida e percebe que muitas outras pessoas estão passando por esse momento. E aí você realmente começa a acreditar na 'teia' da vida. Nesta possibilidade real de que os pensamentos se encontram. Então aquele

pensamento, aquele desejo, aquela vontade, aquele sonho, aquela perspectiva é comum a muitas pessoas desde que estejam afinadas com aquele sentimento.

Eu fiquei assim... 'vidrada' ouvindo você falar (na apresentação). Disse: "Gente, que coisa mais linda! Quantas pessoas maravilhosas!" E todas nessa ilha. Imagina quantas mais que nós não conhecemos...

É muito interessante. Você teve a felicidade grande de buscar pessoas diferentes, em situações, ocupações diferentes, mas tendo em comum essa visão de mundo.

Você vê. É um ser falando. Um ser. Esta é a grandiosidade desse pensamento, dessa teia. Porque é um ser falando, por diversas bocas. Eu percebo assim... Percebi no seu trabalho. De eles poderem expressar...

E, outra coisa, você foi holístico do início até agora. Em nenhum momento você agiu diferente. Quando você trouxe de volta o material, para que a gente lesse, sentisse, percebesse... Você realmente está dando continuidade. Eu ainda não sei bem o que é, mas eu percebo que tem mais alguma coisa... Eu percebo que você está aí alavancando um processo que eu não sei se tem fim, mas ele tem uma continuidade... Percebo isso bem forte.

Você percebeu que todos não se acomodaram, no seu momento, no seu status, na sua vida, no seu meio. Foram todos buscadores, inquisidores... E você é um também.

Que interessante o relato da Esperança sobre aparecer alguém que fala sobre tudo aquilo que se estava pensando. E o processo de transformação...

(Risos) Engraçado eu me ver aqui... Isso sou eu mesmo...

Eu gostaria imensamente de conhecer esses seres. Você poderia fazer essa aproximação. Tornaria essa teia mais forte. Seria interessante, no grupo como um todo, para promover um fechamento dessas idéias. Podemos fazer muitas coisas juntos. Parcerias nesses trabalhos comunitários...

Está tudo integrado. É maravilhoso...

Teríamos que transcender para começar a atuar politicamente, na verdadeira política, a social, como um grupo que se propõe à transformação.

A questão de rede é importante. Esse trabalho está mostrando isso. De podermos estar em contato. Acho que é isso que ainda está faltando, essa integração, das diversas pessoas aqui da ilha...

Reflexões da Esperança

Gostei do profissionalismo e da postura ética. Obrigada pelo retorno.

Primeiro eu pensei: que confusão que ficaram essas minhas falas, a minha organização de idéias. Achei que você não iria conseguir aproveitar no trabalho. Mas eu me vi falando exatamente aquilo ali e refletia sobre o que eu estava querendo dizer.

Deu uma liga, de repente, quando eu vi essa parte categorizada... Gente! 'Costurou' tudo... Queria te dar mil parabéns pelo trabalho, pelo que eu pude ler até agora. Está muito bem escrito, muito bem definido os nomes que foram dados a todas as categorias... Da forma como foram agregadas as falas dos indivíduos... E como vocês chamaram tudo isso para dentro do contexto... Era 'eu' que estava ali!

Nossa! O que aquilo me propiciou... Eu estava louca para te falar... Incrível, o momento em que fui buscar isso para mim... Consegui rever umas coisas muito importantes para mim. Que me deixaram, em primeiro lugar, extremamente emocionada. Me comovi! Quando eu me vi, eu estava chorando... Era uma coisa muito emotiva, demais! Pensei, meu Deus! Como é bom poder olhar para isso de novo...

E quando foi para a parte da discussão com os demais participantes do estudo... Que leitura! Que coisa importante aquilo ali para a minha vida. Apareceram muitas coisas... Como ajudou a clarear coisas que eu não tinha tão claro. Foi comovente como é que eu me vi junto na discussão com os demais... Dá vontade de conhecer a vida dos outros também... Foi muito, muito gostoso!

E, você não tem idéia como isso entrou... Bom, eu me comovo cada vez que eu falo disso... Eu até guardei lá em um cantinho especial de casa, e, de vez em quando, pego de novo para reler certas partes: é isso aqui que eu preciso trabalhar; é isso aqui que eu estou legal... Repensando as coisas.

E acho que você, nós, não acabamos esse processo, mas ele continua e vamos até o fim...

Parabéns novamente pela capacidade de resgatar, a partir dos diálogos, com uma propriedade, as diversas categorias que estavam ali, em meio a confusão dos discursos... Escrevendo com uma linguagem clara e precisa... A estruturação e observância do rigor científico... Comparo inclusive com outros trabalhos que apareceram no Congresso Internacional sobre Interdisciplinaridade que estive no Canadá.

Reflexões do Guerreiro Ecológico

A questão do outro é mais complexa que somente o outro, pois é a relação com todo o ambiente. Não só o ambiente natural, mas também o construído e o cultural. O contexto holístico é muito mais abrangente do que uma relação pontual com o outro.

Muito legal. Acho que é isso aqui mesmo. É a criança, o respeito, o escutar... Sinto como se a gente estivesse vivendo uma poesia. Não pode ser diferente disso.

E é isso mesmo, desde criancinha... Não se constrói um ambiente assim, não tem mudança rápida para se chegar a ter uma pessoa boa. Se constrói esse holístico dentro da própria família, desde pequeno...

O mundo acadêmico ainda não nos ajuda a aprender sobre essa visão mais holística. E, por isso, ainda temos de buscar conhecimentos complementares em outras áreas. Porque o mundo não é feito dos especialistas, mas sim das pessoas que sabem um pouquinho de cada coisa. Que sentem, que vivem, que escutam um grilo cantar, que vêem uma borboleta voar, que sentem o perfume de uma flor: o mundo é esse aí...

É isso, o mundo do trabalho ainda é o mais complicado, pois o sistema capitalista nos ensina a ser competitivos, a acumular... Quando no mundo do trabalho deveríamos poder conversar mais, sentir mais, respeitar mais, espreguiçar mais... E não uma maneira competitiva de levar a vida. Tanto que as grandes empresas já estão repensando um novo trabalho, relaxando, fazendo exercícios, conversando mais...

O chefe tem que ser um pouco diferente. Ele tem que trabalhar com a gente em igualdade... Ele poderia comandar no mesmo nível... Uma nova liderança, numa relação mais próxima com as pessoas... Trabalhar junto.

“Trabalhar com o cliente como se fosse uma pessoa da família”, isso é tudo. Não devemos ter distância do chefe como não devemos ter distância do cliente. O cliente é uma pessoa igual que vem ali e quer ter uma relação boa. No olhar, na conversa, se cria uma boa relação... Trata-lo como pessoa.

A questão do entusiasmo é muito legal. O prazer incrível de se fazer aquilo que se gosta... Dentro do mundo do trabalho, a possibilidade de reorientar as pessoas nas organizações para atuarem naquilo que mais gostam. Conseguindo uma maior produtividade e melhor qualidade.

A gente cresce com os conflitos também. São os desafios. Não devem ser trabalhados como uma coisa negativa.

A qualidade de vida não pode estar somente centrada no homem. A qualidade de vida deve ser vista de uma forma mais ampla, abrangendo todos os seres, todo o planeta. Senão não existe qualidade de vida...

A aposta é ter gente como a gente que possa mostrar a possibilidade de um novo caminho para a humanidade. Então acho que somos importantes por isso.

Vejo como uma coisa maravilhosa essa grande revolução que está acontecendo na cabeça das pessoas... Se voltando para esse novo mundo: uma maior consciência ambiental.

Está lindo o trabalho. Acho que você deve publicar. Se for publicado um livro, acho que as pessoas vão ler com tanto prazer, pois está se falando de vivências poéticas mesmo. De uma nova sociedade que se está pensando... São milhares de pessoas que estão tentando fazer essa revolução. Fico empolgado com isso.

Já dei informações para muitos trabalhos na vida, mas este foi o que dei de forma mais prazerosa. Acho que entrou bem na linha do que eu sentia... Muito legal mesmo. Esse tipo de estudo fecha com o estilo do que venho fazendo.

Reflexões do Jack

Que legal. Os discursos são muito parecidos... Que interessante! Como as idéias são parecidas...

É isso. Está na hora de nós criarmos uma economia onde pessoas com essa visão, menos capitalista, possam se integrar. Tenham alternativas para fazer do seu trabalho a sua realidade. E não trazer a sua realidade, dos novos paradigmas, para o seu trabalho, que parece ser o foco que apareceu no estudo. Mas fazer do seu prazer o seu trabalho.

Essas relações... Isso dá uma empolgação de trabalhar mais porque você sabe que existe uma demanda reprimida pela possibilidade de atuar cada vez mais assim. Engraçado que a gente pensa que são poucos, mas, na verdade, não são. Às vezes, as pessoas estão muito perto de chegar a essas conclusões, mas as limitações da realidade, e do mercado, bloqueiam aquela percepção.

Olhando esse trabalho, você percebe que as pessoas estão muito próximas. Existe uma discrepância lingüística, terminológica, mas a essência é muito parecida.

Olha isso aqui que neural e super budista... Isso vai me ajudar muito para esclarecer alguns pontos do meu projeto sobre neuralidade.

Legal. Estou gostando das idéias desse outro participante... Que legal! Isso aqui que ele disse, sobre consumir só o que necessita, deveria ser implementado na economia mundial...

Que legal esse teu trabalho! Interessante trazer isso para dentro da academia... Isso era para ser mais divulgado, muito mais divulgado. Porque isso faz com que outras pessoas que estão querendo... Estimula. A questão do suporte. Da viabilidade de uma economia alternativa e intersticial. Porque isso aqui é 100% intersticial. Porque as pessoas estão inseridas na sociedade como ela se apresenta, ou seja, elas não fugiram para uma comunidade alternativa e elas conseguem materializar essa percepção diferente delas. Quer dizer, elas estão sendo alternativas dentro de uma sociedade 100% estacionária como a que a gente vive.

Isso aqui é aquela história de se empurrar a oferta em vez de puxar a demanda. Se você dá para lá, a coisa vai ter que cair em cima de ti, de algum jeito, do outro lado.

Agora quando se puxa a demanda, se está pedindo e daí a coisa já te pede também. E você não gosta de ser demandado. Você gosta de dar o que você quer dar. Numa economia neural, você faria aquilo que você faz melhor, porque você quer, porque você está fazendo com tesão de fazer. E você dá aquilo que você gosta de fazer. Então alguém que está fazendo algo que gosta muito de fazer também te oferece... Então se acaba recebendo coisas ofertadas pelo prazer. E não demandando coisas de outro que você está demandando 'na marra'. Que é estacionário.

Interessante esse negócio de aprender com o outro. A economia estacionária está num ponto que ela está esmagando a difusão cultural. Ao contrário do que pode parecer pelo que se fala da internet.

(Risos) Que interessante... É engraçado porque a gente não se percebe caminhando numa ordem outra, como diz o Eliphas Levy. A gente vai se criando... Você é obrigado a ser 'jungiano' mesmo, porque tem muita coisa que já vem de bagagem de outras...

A coisa do tesão. Tesão não se cria, né? É a coisa do despertar. E você se vê compelido a continuar... E aquilo é o que tem de mais forte em ti. Podem existir todas as dificuldades, mas aquele tesão não morre. Ele é o despertar do espírito.

Como o pessoal busca... É uma coisa comum entre todos.

Interessante como você está num nível e aparece o mestre certo para ti. Ele nunca está super, nem sub-qualificado para ti. Em um degrau imediatamente acima...

Que espetáculo como você conseguiu compilar o que existe de comum entre todo esse povo... Essa técnica... Isso aqui deve ser muito difícil...

Muito legal as idéias desse outro participante... Alguns participantes são mais da administração, uma outra é mais devocional.

Isso é fantástico... A gente está saindo da era do conhecimento. E criatividade todo mundo tem. Quem é valorizado é quem está criando. Os técnicos pelo contrário... O conhecimento é um complemento, mas já existem tantas fontes de obtenção dele.

É um caminho sem volta... A medida que você vai tomando conhecimento disso, você vai se tornando cada vez mais responsável pela coisa e começa a se sentir mal e começa a te pesar se fizer algo que contrarie aquilo.

Que legal esse trabalho, hein?... Bah! Que legal...

Isso aqui é o melhor feedback que a gente pode ter com esse trabalho. Sentir que tem mais gente que está no mesmo barco. E é uma revolução, uma conspiração intersticial. A gente está por aí... A gente é um exército forte que está fazendo a transformação. Está mudando... E, pela intersticialidade é mais forte ainda, porque como é que alguém vai combater? Aonde que vão 'atirar a bomba'? É uma questão de logística. Ninguém consegue destruir um exército intersticial. Ele está em todos os lugares. Altamente integrados, não hierárquicos, não localizados, conectados mentalmente...

Reflexões do Star Rover

Interessante a busca, dos diversos indivíduos, com diferentes modos de formação de vida, de tentar conciliar essa visão de mundo com o trabalho deles.

À princípio, tem algo que une a todos, mesmo que eles tenham caminhos diferentes. Buscam nessa diversidade encontrar uma certa unidade.

Aconteceu comigo também essa possibilidade de conciliação de um modo de vida alternativo com a sociedade e o mundo do trabalho em que vivemos, sem se isolar.

Me levou a refletir que, no passado, busquei me isolar para encontrar o equilíbrio. Ficou mais claro ainda, agora, que holística é encontrar o equilíbrio em qualquer ambiente, onde você estiver. Depende da nossa cabeça. A leitura dessa pesquisa me levou a essa reflexão. Isso me veio quando li o que os outros falaram...

Ao ler os relatos dos outros, e inclusive os meus, fui fazendo um paralelo com as várias situações da minha vida que me levaram então ao equilíbrio e que, até então, não tinha percebido de forma tão clara.

Senti uma afinidade de idéias com as outras pessoas do estudo.

Me levou a refletir também os conflitos que as pessoas, que se criaram com essa visão de mundo holística, têm com relação à sociedade atual e seus valores, no mundo do trabalho também, mas na possibilidade, com a maior maturidade, de encontrar o equilíbrio nas várias situações de vida. Estar em equilíbrio e contribuir para o equilíbrio dos outros.

É importante esse trabalho no sentido de levar as pessoas a compreenderem a si mesmas, no seu comportamento na sociedade, na busca de um equilíbrio, através dessa visão holística, da unidade.

Reflexões do Yôgi Empresário

Aqui... Interessante! Se perceber como um 'ser integrado': é óbvio demais para quem tem essa visão, porque não tem como separar trabalho de vida social, de prazer... Inclui tudo.

Não considero adequado 'deixar o ego de lado', mas, sim, 'adestrar' o ego. O que é bem mais difícil, do que suprimi-lo. Porque o ego nos faz realizar coisas, ele têm a força...

Interessante! Pois não existe outra forma de existir que não seja se relacionando com o outro... Não haveria o que se estar cogitando sobre relacionar-se com o outro. O problema é o não relacionar-se com o outro.

Interessante um trabalho como esse estar levantando a questão da importância do trabalho em rede ou da relação com o outro! Isso é o óbvio! Deveria estar se discutindo o caso daqueles que não fazem...

A função de educador, dessas pessoas que já despertaram a consciência para esse 'óbvio'. Expandir essa forma de visão para os outros... Incrível que a gente tenha que ensinar isso, não?! Ajudar a desvelar aquilo que todos já têm potencialmente.

Como os comentários se interligam. Realmente! Como a essência da forma de pensar, das várias pessoas com quem você conversou, têm a ver. Embora cada um siga a sua linha filosófica...

O inconformismo é tudo... O inconformismo é o que mantém as pessoas vivas! A não satisfação. Mas o que será que dá o 'start' do processo de mudança? Que momento terá sido fundamental para essa mudança na vida das pessoas? Essa é a diferença. E isso eu me pergunto...

Você descobre que você não é maluco quando você encontra alguém que diz 'tudo aquilo que você sempre pensou'...

A vida é tão mais leve quando a gente consegue manter viva a criança que existe dentro da gente. Eu deveria buscar mais esse tipo de atitude...

O toque... A sensorialidade é uma marca forte dessa ausência de limites interpessoais, de limites inter-materiais. Não existe separação entre nós todos. E o toque é a forma disso. Não existe barreira. Eu me aproximo... Estou vendo que outras pessoas falaram isso. E é uma característica desse tipo de comportamento. Você realmente está ligado, emocionalmente...

Depoimentos muito alinhados...

Aqui a participante fala da 'mãezona'. Eu tenho cada vez mais me comportado como um 'paizão'. Eu me sinto altamente responsável pelas pessoas que estão perto de mim. Cada vez mais... Até nas questões financeiras. De abrir mão de determinados ganhos para que o outro possa ganhar mais, se dar melhor, ser feliz. Felizmente estou fazendo isso porque eu posso fazer, não estou me prejudicando...

Tenho buscado cada vez mais compartilhar, permutar. Só não faço mais porque as pessoas não querem.

É muito bom a noção do dever cumprido. E fico feliz quando vejo que outras pessoas tem essa mesma visão...

Vários entrevistados têm mais de uma atuação. Aquela formal, de sobrevivência e a de realização. Seria interessante você acompanhar essas pessoas daqui a um tempo para verificar quantas conseguiram tornar a sua atuação de realização como de sobrevivência... Será que daqui um tempo eles vão conseguir completar o ciclo de transformação? Porque ele não está completo ainda. Já está melhor do que aquelas outras pessoas que nem têm isso. Mas ainda não está completo... Eu mesmo trabalho qualidade de vida e ainda não a tenho plena por esse ciclo incompleto ainda.

Fico bem feliz de saber que tem gente no mundo pensando assim. E que todos eles são multiplicadores. Nenhum deles, que está pensando nisso, está pensando em guardar para si. Têm várias pessoas pensando assim e que são pontos de multiplicação dessa idéia: formadores de opinião, educadores... Trabalham de alguma forma na disseminação dessa forma de pensar. Fico feliz de ler isso aqui.

É uma conspiração, independentemente do viés, do seu posicionamento em relação a algumas coisas... Mas, em essência, é a mesma idéia. De uma unicidade na diversidade. E isso te joga para cima... Que legal!